

Pólos Criativos de Colonialidad no Sul
Creative Hubs of Coloniality in the South

Laura Burocco





Laura Burocco

Pólos Criativos de Colonialidad no Sul

Creative Hubs of Coloniality in the South

Rio de Janeiro 2018

B967 Burocco, Laura.
Pólos criativos de Colonialidad no Sul: creative hubs of coloniality
in the south / Laura Burocco. Rio de Janeiro, 2018.
254.

Orientador: Giuseppe Cocco.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Cultura, 2018.

1. Desenvolvimento econômico – Aspectos sociais. 2. Renovação
urbana. 3. Gentrificação. 4. Cidades – Aspectos sociais. I. Cocco,
Giuseppe. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de
Comunicação.

CDD: 306.3

Foto de capa: Mauricio Hora www.zonaimaginarial.com

Foto de reverso: Laura Burocco | lburocco@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Laura Burocco

Pólos Criativos de Colonialidad no Sul

Creative Hubs of Coloniality in the South

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Comunicação e Estética da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Tecnologia e Estética.

Orientador: Prof. Giuseppe Cocco

Rio de Janeiro

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Laura Burocco

Pólos Criativos de Colonialidad no Sul

Creative Hubs of Coloniality in the South

Tese de Doutorado apresentada a Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro ECO-UFRJ

Aprovada no dia 28 de Março de 2018 Pela Banca Examinadora composta por

Prof. Giuseppe Cocco, presidente da banca, ECO UFRJ - Rio de Janeiro

Prof. Fernanda Sanchez, UFF - Rio de Janeiro

Prof. Amir Geiger, UNIRIO - Rio de Janeiro

Prof. Pedro Cunha Bocayuva, NEPP-DH, Rio de Janeiro

Prof. Gerardo Silva, Universidade Federal Do ABC, São Paulo

RESUME

BUROCCO, Laura. *Pólos Criativos de Colonialidad no Sul*, Tese (Doutorado em Tecnologia e Estética) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, p.252.

A promoção da economia criativa tem sido vista na Europa e nos Estados Unidos como um meio de recuperação econômica em resposta à crise financeira global. No Sul, a promoção desse modelo torna-se não apenas um possível revival econômico, mas também um instrumento de modernização e internacionalização de cidades e atores envolvidos nesse processo de renovação. A partir desse cenário dá-se foco a um estudo comparativo trans-regional, que coteja a transformação da vocação produtiva (da manufatureira à criativa) de dois territórios centrais do Rio de Janeiro e Johannesburg: o Distrito Criativo, no Rio, e o Maboneng Precinct, em Johannesburg. A observação concentra-se nos efeitos da mobilização econômica destes dois territórios, e suas implicações com as transformações em curso de duas sociedades pós-coloniais, ainda violentamente marcadas por uma profunda desigualdade econômico social e racial. Observa-se a inserção daquela que Florida chama de nova classe criativa dentro de países como Brasil e África do Sul que aterrissam no capitalismo cognitivo sem ter tido o tempo para desenvolver um capitalismo industrial próprio. O avento da economia criativa é analisado dentro de um contexto de relações produtivas locais e globais próprias do pós-fordismo. Se por um lado, a gentrificação é uma nova forma de uma velha prática de valorização imobiliária, observa-se como o agir desses novos sujeitos econômicos, que vem ocupando os dois territórios, contribui na criação de enclaves urbanos de consumo homogêneo tendo como resultado: localmente a pacificação, despolitização, e submissão do território; globalmente a criação de uma rede que alimenta fluxos de informações, transações financeiras, e disparidade econômica relacionando a criatividade à economia e, por sua vez, à governança. Questiona-se, se esses criativos, além de serem um elemento de gentrificação, tem a capacidade de se tornar uma potência coletiva constitutiva, capaz de criar uma resposta bio-política (Negri, Hardt) contra a condição de bio-poder exercida pela sociedade, pelo estado, e essencialmente pelo capitalismo cognitivo (Negri, Hardt; Vercellone; Fumagalli). O estudo é baseado num método de análise indutivo-qualitativo, articulado por meio de uma série de métodos complementares aplicados nas duas cidades. A metodologia assume como compromisso contribuir para uma literatura

oriunda do Sul sobre gentrificação e economia criativa, a fim de buscar uma abordagem que resgate as razões únicas que explicam a manifestação de tal fenômeno no contexto de duas cidades pós-coloniais. Nesse sentido a comparação é levada mais pelas diferenças e unicidades das histórias que levam a definição das duas sociedades aonde os casos de estudo se colocam, e uma revisão das teorias sobre gentrificação e economia criativa. Nosso objetivo é tentar contribuir desta forma às práticas de descolonização do conhecimento. Também nos propomos a ver o fenômeno da gentrificação, nesses dois territórios, como a manifestação do que Mignolo define como “lado(s) obscuro(s) da modernidade” na pós-modernidade, como a permanência de lógicas coloniais. Lógicas que, para ser superadas, exigem por em questão a própria “dependência” e as formas de colonialismo interno que, de forma diferente, definem a identidade das duas sociedades estudadas. Se é inegável que, até certo ponto, o Distrito Criativo do Rio de Janeiro e o Maboneng em Joanesburgo contribuem para a inserção de Joanesburgo e do Rio de Janeiro no circuito econômico global criativo, é necessário levantar uma preocupação pública sobre as relações de poder praticadas neste espaço. tanto em termos simbólicos quanto em termos de agravamento de uma desigualdade econômica já existente.

Palavras Chaves: Gentrificação, Capitalismo Cognitivo, Economia Criativa, *Decolonialidad*.

ABSTRACT

BUROCCO, Laura. *Creative Hubs of Coloniality in the South*, Thesis (Doctorate in Tecnology of Communication and Estetic) - School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, p252.

The promotion of the creative economy has been seen in Europe and in the United States as a mean of economic recovery in response to the global financial crisis. In the South the promotion of this model becomes not only a possible economic revival but also an instrument of modernization and internationalization of cities and actors involved in this process of renewal. Regarding this situation, we are going to focus on a trans-regional study in order to compare the transformation of the productive vocation (from manufacturing to creative) of two city centre territories: Distrito Criativo in Rio de Janeiro and Maboneng Precinct in Johannesburg. Our observations focus on effects of the economic mobilisation of these two territories and its consequences on the ongoing transformations of two post-colonial societies which both still violently suffer from deep social and economic inequalities. We will point out the insertion of what Florida defines as new creative class in countries like Brazil and South-Africa, which entered the cognitive capitalism without even going through the development of their industrial capitalism. The arising of creative economy is here analysed within a context of local and global productive relations in the post-fordism. Gentrification is a new form for an old practice of real estate valorisation. We observe that the action undertaken by “creatives” which came to occupy both these territories, contributes to the creation of urban enclaves of homogeneous consumption, resulting in: locally pacification, depoliticization, and territorial submission; globally the creation of a network that feeds information flows, financial transactions, and economic disparity relating the economy to creativity, and in turn to governance. We will question ourselves to figure out if these creatives, apart from being part of the gentrification, have the capability to turn themselves into a collective power, able to create a bio-politic answer against the situation of bio-power (Negri and Hardt) assumed by the society, the state and more of all by the cognitive capitalism (Negri and Hardt; Vercellone; Fumagalli 2015). The study is based on an inductive-qualitative analysis, making use of a series of complementary methods applied to both the

cities of Rio de Janeiro and Johannesburg. The methodology aims to contribute to a literature about gentrification and creative economy originating from the South, in order to establish an approach which would be able to point out the specific reasons for this phenomenon to arise in two post-colonial cities. In this sense, a comparison is undertaken through differences and singularities of the histories of two societies from which our two case studies arise. Our aim is to contribute to practices of decolonization of knowledge. This work will also contribute to a consideration of the gentrification phenomena in these two territories as a manifestation of what Mignolo calls the “dark side of modernity” in post-modernity, as remains of the logic of colonialism. In order to overcome this logic, it is necessary to put in question the “dependence” and the forms of intern colonialism which, in different ways, define the identities of the two societies we propose to study. If it undeniable that to some extent o Distrito Criativo do Rio de Janeiro e o Maboneng Precinct in Johannesburg contribute to the insertion of Johannesburg and Rio de Janeiro in the global economic creative circuit, it is necessary to raise a public concern about power relations practiced in this space both in symbolic terms and in term of aggravation of an already existing economic inequality.

Key Words: Gentrification, Cognitive Capitalism, Creative Economy, Decoloniality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa - Armazém Cultural do Porto, Rio de Janeiro, 2014

Figura 1 | Tabula Rogeriana, Muhammad al- Idrisi, 1154

Figura 2 | Empty Dream, Mariko Mori, 1995

Figura 3 | Logo e mapa do Distrito do Porto

Figura 4 | Reunião do Plano Habitacional de Interesse Social do Porto do Rio PHIS, 2015

Figura 5 | The Popular Tailor, Marshall Street, Johannesburg 2014 [Appendix I]

Figura 6 | Logo e mapa do Maboneng Precint

Figura 7 | Propaganda do passeio de bicicleta semanal organizado em Maboneng

Figura 8 | O GLOBO - Ator com roupa de Passos ao lado do prefeito, 201x

Figura 9 | Slogans propagandísticos usados no website de Propertyuity e Maboneng

Figura 10 | Internos de Craftmen's Ship e de Hallmark House, Maboneng, Johannesburg

Figura 11| Internos do Espaço Meu Porto, Rio de Janeiro, 2015

Figura 12 | Os museus MAR e MAM no Rio de Janeiro e o MOAD em Johannesburg

Figura 13 | Anúncio da prefeitura do Rio de Janeiro– Escola de Amanha

Figura 14 | #ULTRACONTEMPORARY#EMERGENCYART#AFRICA, MOAD Johannesburg, 2016

Figura 15 | Muro de vidro no térreo do Museu de Arte do Rio – MAR

Figura 16 | Inauguração do Museu do Amanha, Rio de Janeiro 2015

Figura 17 | A Economia Criativa: um guia introdutório, British Council, 2010

Figura 18 | Gustavo Speridião, 2015. www.speridiao.com

Figura 19 | Cartaz do evento Economia Criativa, Sustentável e Circular do Estado do RJ, 2015

Figura 20 | Imagens da mudança da vocação econômica das duas áreas

Figura 21 | criativos ao trabalho Rio de Janeiro e Johannesburg, 2015/16

Figura 22 | Sede do Goma, Rio de Janeiro

Figura 23 | Origins Café Maboneng, Johannesburg

Figura 24 | Gisele Xingu, Blog da Camiló

Figura 25 | Stevenson Gallery, Johannesburg, 2014

Figura 26 | August House, Johannesburg, 2014

Figura 27 | Gráficos dos Investimentos alemão da África e América Latina

Figura 28 | Dan Perjovschi, M^AC^O, Milano, 2015

Figura 29 | Lançamento do Distrito Criativo, Rio de Janeiro, 2015

Figura 30 | Barbearias na Rua da Assembleia, Rio de Janeiro

Figura 31 | Hallmark House, Propertuity website

Figura 32 | Imagem publicitaria do website de Maboneng e grafite, Johannesburg, 2016

Figura 33 | Gráfico da situação da propriedade em Maboneng, Johannesburg, 2010

Figura 34 | Gráfico da situação de locação em Maboneng, Johannesburg, 2010

Figura 35 | Imagem do Projeto de mapeamento fotográfico do VLT [Apêndice x]

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo privilégio que tive de poder manter a minha pesquisa através do contrato que assinei com a CAPES por três anos, assim como a possibilidade de aproveitar de seis meses de doutorado sanduíche no exterior (Johannesburg). Este período foi decisivo pela definição do conteúdo final da minha tese. Agradeço o pessoal administrativo da Escola de Comunicação da UFRJ, Thiago Couto e Jorgina Da Silva, pela assistência constante e carinhosa nos momentos que precisei. Agradeço o meu orientador, Prof. Giuseppe Cocco, para acreditar no meu trabalho, dar confiança aos meus longos silêncios, sempre responder as minhas repentinas questões, respeitando o tempo de elaboração dos meus pensamentos; nem sempre tanto lineares.

À confirmação da esquizofrenia entre ações e pensamentos dos meus últimos quatro anos, este trabalho foi escrito na Fazenda São João, uma fazenda colonial do café de 1856, que hospeda a Residência de Arte São João, um projeto artístico cultural na região serrana do Estado do RJ. Agradeço Antonio e Amanda, o pessoal do Pés no Chão – Maiana, Valentina e Hugo - os participantes da Residência Veraozão (especialmente Maira Mesquita pela generosidade em ler parte da minha tese) e todas as pessoas que para lá nesses meses passaram, para manter as minhas perguntas sempre vivas, os meus pensamentos sempre em questão, me impor uma continua revisão do tom da minha escrita, e me dar maior confiança na elaboração das minhas conclusões. “Gratigrama!”

Em particular agradeço Antonio e Benoit, pela doçura em me acolher na casa deles, e Sandra pelos cuidados que teve comigo. Observar Sandra, me fiz pensar que outras formas de viver, mais lentas, mais atenciosas ainda existem, e precisam ser valorizadas. Durante esses meses de escrita gozei da companhia inesperada de amigos de quatro patas. Max e Sansão foram uma escuta silenciosa, poliglota, e uma ajuda divertida para encontrar a calma necessária nestas horas de solidão, parada na frente do computador.

Agradeço as pessoas que cederam o próprio tempo para eu realizar as minhas entrevistas, e todos/as que ao longo destes quatro anos se interessaram e participaram das muitas ações que realizei durante o Projeto da Trilogia; assim como aquelas que me convidaram para

apresenta-las. As observações e detalhes que me ofereceram foram preciosos pela elaboração deste trabalho. Em particular agradeço Gilles Barro, presente desde o meu mestrado em Johannesburg com uma sempre renovada atenção, varias observações e indicações bibliograficas; a Prof Marie Huchzermeyer e o Prof. Aly Karam pela disponibilidade e carinho em me receber nas minhas voltas à *WITS University* em 2016 e 2017; Maria Fidel Rodrigues, para me convidar a realizar a primeira ação que deu vida ao projeto da Trilogia da Gentrificação em 2013, Braamopoly, e manter vivo o interesse nos seus desdobramentos; Pedro Victor Brandao, companheiro atento de subversões sempre; Sofia Trezzi para estar sempre próxima, apesar de distante, quando o humor não ajudava a pesquisa; João Da Matta, para seu acompanhamento; Antonio Cipriani e Valentina Montisci para me ajudar na realização do episodio n.2 da Trilogia em Milano; Andrea Fumagalli pelas respostas as minhas bizarras perguntas; a Prof. Giuliana Costa para me oferecer a possibilidade de passar uns meses na Italia depois muito tempo, no Dipartimento di Architettura e Studi Urbani DASTU do Politecnico de Milano, em 2015; a Prof. Noeleen Murray para ter me acolhido no *Wits City Institute* durante o meu *visiting research* in Johannesburg em 2017; Dwayne Kapula e Robert Machiri pela musica, que tantas vezes me acompanha; Donna Kukama e Katlego Disemelo para as conversas e os estímulos que eles me dão, até sem saberem, sobre post colonialismo, decolonização do conhecimento, negritude e decolonialidad, e ao *Fees Must Fall* para me ajudar abrir os olhos; Tanya Zack pela constante incitação no meu trabalho, e a ternura; todas as pessoas que me ofereceram as próprias casas nos seis meses que voltei a Johannesburg: Costanza, Garret, Saky, Russel, Ben, Molemo, Scott, Zaheer, Sophie, Tsepo, Jo, Tanya, Federica, Arianna, Connie. E por fim, Daniel Murgel, para me oferecer o seu espaço, para eu poder defender este trabalho coerentemente à contradição que ele representa, em um novo espaço criativo, no porto do Rio.

Sempre agradeço meus pais, por tudo. Especialmente pelo apoio à autonomia do meu ser. Minha irmã, meus sobrinhos, a minha família.

Dedico este trabalho a Alexandre, sem ele provavelmente não existira, o existiria de forma completamente diferente. O agradeço para estar, não foram anos leves.

São José do Vale do Rio Preto, Março 2018

" Esiste la bellezza ed esiste l'inferno degli oppressi, per quanto possibile vorrei rimanere fedele a entrambi" CAMUS

"O grande drama historico da Africa foi menos o ter sido tardiamente posta em contato com o resto do mundo, do que a maneira como o contato foi feito" CÉSAIRE

É como a 'critica da religião', a critica do espetáculo é hoje a primeira condição para qualquer critica" INTERNATIONALE SITUATIONNISTE N.9

" A decolonialidade, inquieta e desassossega. Convida a práticas desobedientes, a desprendimentos e a indisciplinas, a dar um giro, a virar a hegemonia ocidental e imperial que impôs uma ordem mundial à custa dos interesses de domínio e opressão "

BORSANI E QUINTERO

SUMARIO

Intro

- 18 | África do Sul / Johannesburg | Brasil / Rio de Janeiro
- 20 | Objeto
- 23 | Metodologia
- 25 | Decolonização do conhecimento como metodologia
- 29 | Dificuldades
- 33 | Conteúdo

I. Os polos criativos de Rio de Janeiro e Johannesburg e os dispositivos que neles agem

- 36 | Introdução
- 38 | Rio De Janeiro | Distrito Criativo Do Porto Maravilha
- 42 | Johannesburg | Maboneng Precinct
- 46 | Dispositivos de Controle das Subjetividades e Gestão do Território
- 48 | Realidade Distopica
- 59 | A Pedagogia do Museu

II. Economia Criativa | Capitalismo Cognitivo

- 69 | Introdução
- 70 | Economia Criativa | Origem
- 74 | Capitalismo Cognitivo
- 79 | Economia Criativa | no Sul
- 93 | Os clusters
- 97 | Os criativos
- 104 | Algumas Diferencias

III. Nova Globalização | Novo Colonialismo

- 111 | Introdução
- 114 | Nova Globalização
- 125 | Soft Power | Poder Suave
- 143 | Nuovo Colonialismo

IV. 'O lado obscuro da modernidade' chamado gentrificação

- 152 | Introdução
- 153 | Gentrificação no sul pós-colonial | pós-industrial
- 157 | Colonialidad do Conhecimento | Economia do Conhecimento
- 171 | Colonialidad do poder

V. Conclusões

- 177 | Introdução
- 182 | O sentido do desenvolvimento

Referencias | 185

Apêndices

- 211 | A – Trilogia da Gentrificação Johannesburg, Milano, Rio de Janeiro, 2013-2018
- 214 | B - Braamopoly, 2013
- 220 | C - Principles Of Design 3 | History Meaning - Decoding Constructs, UJ, 2013
- 223 | D - DASTU / Isola Art Center, 2015
- 226 | E - Mapping VLT, 2016
- 233 | F - Seminario Internacional Cidade Em Transe, Mam Rio De Janeiro, 2016
- 236 | G - Creative Control Round Table, 2016
- 239 | H - Oficina #3 – Como fazer junto? Auto-organização e dissidências criativas, 2016
- 242 | I – Circuito Futuristico, 2016
- 247 | J - Um Olhar Critico Sobre as Nossas Praticas, 2016
- 254 | K - Invisible Borders, 2017

Introdução

“Indeed, in traversing different boundaries, [...] I have embarked on research journeys characterized by a process of translation, or what Appadurai (1996: 90) terms “vernacularization”, which entails substituting the foreign for the familiar and vice versa. But such translations are never complete. They are always partial and error-strewn, thereby making more translations necessary. They lead us out to texts we did not think existed, to places we did not expect to go and to encounters we did not foresee. This creative process also makes it harder to speak of oneself, or to recognition that to do so is always in terms of two “Is”: one that belongs to us and our disparate histories (and geographies) and the other that belongs to someone else who eludes us but to whom we are nevertheless attached”¹ (Sidaway et al 2016:784)



Figura 1 - Tabula Rogeriana, the book of pleasant journeys into faraway land, Muhammad al- Idrisi, 1154.

A escolha de pesquisar e comparar Rio de Janeiro e Johannesburg é reflexo do nomadismo da minha experiência pessoal nos últimos sete anos e reflete um processo, definido como ‘vernacularização’ por Appaduraj (1996), que abrange três níveis: Brasileiro, Sul Africano e Italiano. São ‘três seres’ que se intercambiam continuamente e com

¹ Na verdade, ao atravessar diferentes fronteiras [...] embarquei em viagens de pesquisa caracterizados por um processo de tradução, ou o que Appadurai (1996: 90) define de "vernacularização", o que implica substituir o estrangeiro pelo familiar e vice-versa. Mas tais traduções nunca estão completas. Eles são sempre parciais e repletos de erros, tornando necessárias mais traduções. Eles nos levam para leituras que não pensamos que existissem, para lugares que não esperávamos de ir e encontros inesperados. Este processo criativo também torna mais difícil falar sobre si mesmo, ou precisa reconhecer que ao fazê-lo é sempre se fala em termos de dois "ser": um que nos pertence e pertence as nossas diferentes histórias (e geografias) e o outro que pertence a alguém que nos escapa, mas a quem ainda estamos ligados.

frequência “se enchem de erros ou de incompletudes”, mas, ao mesmo tempo, se constroem através de um processo de “devires”, que perpassa diferentes culturas, línguas e sociedades através da minha vivência. Trata-se de sair do próprio conforto e predispôr-se ao questionamento contínuo das formas assumidas pelas observações próprias e os próprios termos de referência, exigindo-se, assim, a aquisição da capacidade de olhar “o” outro em sua singularidade e especificidade. Esse estudo assume o compromisso de buscar novas formas de tratar o próprio caso de estudo e, discretamente, contribuir para a criação de referências ‘outras’ na tentativa de deixar falar ‘teorias que não viajam’.

África do Sul / Johannesburg | Brasil / Rio de Janeiro

África do Sul e Brasil tem muitas trajetórias em comum. O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão, em 1888. Já a África do Sul é marcada por uma longa história de discriminação racial, sendo o único país no mundo a ter instituído um regime racial legalizado. Os dois começaram seus processos de democratização em momentos próximos. A ditadura militar brasileira (entre 1964 e 1985) terminou paulatinamente na virada dos 1990; o apartheid sul-africano terminou em 1994². Os dois países hoje continuam compartilhando os maiores índices de desigualdade no mundo e, ao mesmo tempo, desempenham um papel importante enquanto novos países industrializados em seus próprios continentes e novas economias emergentes no contexto internacional (pensa-se nos BRICS - Brasil Rússia Índia China África do Sul e o menor IBSA - Índia Brasil África do Sul).³ Isso determina (ou explica) um paradoxo em seus regimes, entre a promoção de intervenções governamentais orientadas à correção dos notórios altos índices de desigualdade⁴ e a implementação de

² À luz da abordagem *decolonial* deste estudo, interessa também remarcar como a África do Sul foi colonizada no século XVII, com uma antecedência de mais de 200 anos em comparação à colonização europeia do resto do continente, mas em época parecida ao continente Americano que, em acordo com os estudos *decoloniais*, define o começo do colonialismo com a descoberta das Américas em 1492. Enquanto a maioria dos países africanos ganhou independência nos anos '60, o país teve o seu momento de descolonização nos anos '90 (Ferguson, 2012:16).

³ De acordo com a Declaração de Delhi "define-se BRICS - Brasil, Índia, China e África do Sul, a plataforma para o diálogo e a cooperação entre países que representam 43% da população mundial, para a promoção da paz, segurança e desenvolvimento em um multipolar, interdependentes e cada vez mais complexo, mundo globalizado" Fonte: <http://www.brics.utoronto.ca/docs/120329-delhi-declaration.html>.

⁴ Se pense no caso sul-africano no Programa de Reconstrução e Desenvolvimento (RDP), introduzido em 1994 para enfrentar os imensos problemas socioeconômicos resultantes do regime do apartheid <http://www.anc.org.za/show.php?id=234> ; No Brasil, um exemplo pode ser o Programa Bolsa Família, um

escolhas econômicas neoliberais organizadas em torno de privatização, liberalização e alto nível de competitividade, ao fim de alcançar a entrada na economia global. Na passagem da economia mundial, de uma fase produtiva manufatureira (que foi deslocada para a Ásia), à uma de maior valorização do conhecimento, inovação e circulação de serviços, Brasil e África do Sul aterrissam no capitalismo cognitivo sem ter tido o tempo para desenvolver um capitalismo industrial próprio e assim elegem as cidades como novo motor económico, tanto a nível nacional quanto internacional. Um dos mecanismos dessa tentativa acontece através do reforço e impulso da assim chamada “economia criativa”.

Enquanto São Paulo é o maior centro produtivo Brasileiro, se pense no ABC paulista⁵, nas últimas duas décadas o Rio de Janeiro ganhou ênfase no potencial de desenvolvimento do turismo e dos serviços destinados à cultura, entretenimento e criatividade. A ideia era também a de reforçar a competição entre as duas megacidades brasileiras. Ao mesmo tempo, a cidade de Johannesburg, nunca antes considerada um polo atrativo em relação aos setores da cultura e do turismo, âmbito econômico concentrado na cidade de Cape Town e nos parques naturais espalhados pelo país, inaugura a Municipal Tourism Agency (Agência de Turismo do Município) em 2013 e reforça um discurso político que coloca a área da cultura e da criatividade como motor de novas economias. A mesma inflexão, aponta duas trajetórias parecidas e distintas: o turismo, a cultura e os megaeventos se tornam importantes para o Rio e para Johannesburgo, sendo que a segunda (no âmbito africano) tem mais as características de São Paulo (de ser o pulmão econômico do País). As duas cidades são marcadas por graves indicadores de violência (Soares et al., 2006; UN-Habitat, 2013) que, apesar de se manifestar de formas diferentes, são reconduzíveis a uma mesma origem: a herança da escravidão e do apartheid em termos de extremas miséria e desigualdade de ordem econômico-racial na qual vive uma considerável parte das populações destas metrópoles. Neste contexto o fortalecimento de uma lógica de competitividade determina um aprofundamento da polarização social às custas de políticas inclusivas ou de iniciativas que possam reduzir a grave

programa de transferência direta de renda, introduzido em 2004, para famílias em extrema pobreza <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>.

⁵ “ABC Paulista é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, parte da Região Metropolitana, porém com identidade própria. A sigla vem das quatro cidades, que originalmente formavam a região, sendo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C)”. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_do_Grande_ABC.

segregação territorial. Assim, depois desse ciclo de políticas, a clivagem que separa pobres e ricos continua enorme ou maior, inclusive pela emergência de uma certa camada de trabalhadores “criativos” no marco da permanência, e até extensão, o da configuração espacial violentamente desigual das duas cidades.

Objeto

A partir desse cenário dá-se foco a um estudo comparativo trans-regional, que coteja a transformação da vocação produtiva de dois territórios centrais do Rio de Janeiro e Johannesburg. O projeto define como casos de estudo o Distrito Criativo, no Rio, e o Maboneng Precinct, em Johannesburg, para analisar a transformação da economia da área (da manufatureira à criativa) e como essa transformação afeta tanto o ambiente físico, quanto social desses dois territórios. A observação concentra-se nos efeitos da mobilização econômica destes dois territórios, e suas implicações com as transformações em curso de duas sociedades pós-coloniais, ainda violentamente marcadas por uma profunda desigualdade econômico social e racial. Trata-se assim de apreender também como funcionaria a inserção daquela que é chamada nova classe criativa (Florida, 2000; 2005, 2008) dentro de um contexto de relações produtivas locais e globais. O projeto concentra-se no território assim como nos sujeitos que, chegando nele, o transformam.

Em relação ao território, o estudo pretende tratar o tema da gentrificação⁶ não a partir da teoria do “rent gap”⁷ que frequentemente é usada nos estudos das violações consequentes à remoção forçada de pessoas originárias das áreas “gentrificadas” estudadas⁸. O interesse concentra-se na origem e dinâmica deste fenômeno nos dois territórios estudados, a partir

⁶ A expressão da língua inglesa *gentrification* foi usada pela primeira vez pela socióloga britânica Ruth Glass, em 1964, ao analisar as transformações imobiliárias em determinados distritos londrinos. Entretanto é o geógrafo britânico Neil Smith que analisando o processo em profundidade em seu trabalho de 1996, consolida o termo como indicador de um fenômeno social presente nas cidades contemporâneas.

⁷ Teoria de Smith (1996) baseada na diferencia entre a lucratividade atual e potencial dos territórios e imóveis.

⁸ Durante o meu período de *visiting* no Politécnico de Milano em 2015 foi levantada a questão sobre a impossibilidade de considerar as transformações ocorrentes nestes territórios sem apresentar os que estão sendo (ou já foram) removidos. Uma das críticas contra o trabalho foi o fato que a decisão de omitir os excluídos é condicionada à dificuldade do pesquisador de se aproximar deles. Neste sentido acho importante lembrar o meu trabalho de dez anos em uma Organização Não Governamental brasileira ao lado de numerosos movimentos sociais de luta pela moradia no Rio de Janeiro; o meu mestrado *MBE-Master em Building Environment* em Johannesburg específico em *Housing Rights* e uma breve experiência de trabalho também na África do Sul com movimentos sociais de lutas urbanas locais. Este histórico me aparelhou de uma série de conteúdos, experiências e observações diretas que se tornam úteis na análise deste doutorado.

das características dos sujeitos recém-chegados e dos dispositivos utilizados nestas áreas. Nos interessa também relacionar estes fenômenos ao debate sobre economias em transformação, capitalismo cognitivo e sociedade pós-industrial. O fenômeno da gentrificação nos parece ser a expressão de continuidade de uma das formas de colonialismo interno (Atkinson, Bridge: 2005). O estudo quer apreender as especificidades desses processos no Sul e isso na medida em que o entendemos como uma determinação capitalista responsável de ‘um movimento de capital, mais que de pessoas’ (Smith, 1979).

A gentrificação é analisada como:

“Uma produção social do espaço urbano no plano das lutas de interesses e objetivos de classe; ou seja, como produto social de um modo específico de produção, marcado pela reestruturação econômica que é característica do capitalismo tardio e avançado, particularmente condicionado por um regime de acumulação de capital mais flexível” (Smith, 1979, citado em Mendes, 2010:22).

Remarcando a importância do elemento espacial na reprodução das relações sociais de produção:

“A produção das relações sociais de produção não ocorre somente na fábrica, nem tampouco numa sociedade como um todo, mas no espaço como um todo” (Lefebvre, 1991)

Ao fim de:

“Analisar realmente os violentos processos capitalistas de remodelação urbana que ocorrem no nível planetário, ver como a gentrificação é uma ferramenta útil para entender a mudança urbana como um processo de crescente desigualdade sócio espacial e ser atento à construção cotidiana da polarização social e políticas públicas de conflito econômico espacial. A gentrificação é um conflito fundamentalmente político.”⁹ (Lopez Morales, 2015:567)

Se por um lado, pois, a gentrificação é uma nova forma de uma velha prática de valorização imobiliária, os casos que visamos estudar apresentam uma intervenção por meio de investimentos públicos mirados (Rio) e particulares (Johannesburg). Ambos os casos sustentam a especulação capitalista, tendo na base uma mobilização considerada cooperativa

⁹ To really look into the violent capitalistic processes of urban reshaping occurring at the planetary level, to see how gentrification is a useful tool for understanding urban change as a process of growing social spatial inequality, and to be sensitive to the everyday construction of social polarization and state policies of spatial economic conflict. Gentrification is a fundamentally political conflict

- para os que a apoiam - conflituosas segundo o nosso ponto de vista. Políticas públicas – ou permissões de intervenções privadas – sempre mais frequentes, evidenciam a existência de um conflito sobre o território urbano que leva, de um lado os moradores tradicionais dos bairros a serem gentrificados, de outro os trabalhadores (ou classes) “criativas” a estabelecer novas ilhas de colonialidad no centro de cidades do sul.

Em relação aos novos sujeitos que vem ocupando esses territórios, e animando essas economias, observa-se como o agir desses ‘criativos’ contribui na criação de enclaves urbanos de consumo homogêneo tendo como resultado: localmente a pacificação, despolitização, e submissão do território; globalmente a criação de uma rede que alimenta fluxos de informações, transações financeiras, e disparidade econômica relacionando a economia à governança. Como Atkinson e Bridge (2005:9) remarcam:

“O que está acontecendo a uma escala global está sendo articulado em pequenas áreas urbanas, transmitido por grupos sociais chave que cresceram seletivamente como resultado de uma mudança para serviços pessoais, financeiros e de informação e impulsionado pela negociação gratuita e seletiva à escala global”¹⁰

Questiona-se, se esses criativos, além de serem um elemento de gentrificação, tem a capacidade de se tornar uma potência coletiva constitutiva que se manifesta em formas alternativas, capazes de criar uma resposta bio-política contra a condição de bio-poder exercida pela sociedade, pelo estado, e essencialmente pelo capitalismo cognitivo (Negri, Hardt, 2001). A minha hipótese é que não. Estes novos sujeitos econômicos ditos “criativos”, nas sociedades que observei, ainda marcadas por graves desigualdades econômico-sociais e uma forte herança escravista e colonialista, não conseguiram ainda desenvolver uma plena capacidade de ver “o” outro e reproduzem, nas contemporâneas relações de poder, lógicas que eram próprias das elites coloniais¹¹. O pertencimento a esses espaços parece estar condicionado a partilha de um modelo estético específico, e de certos parâmetros econômicos, que contribuem para a criação de uma rede local, caracterizada pela exclusividade: redes de patrocínio; relações de poderes hierárquicas e clientelistas. Essas

¹⁰ what is happening at a global scale is being articulated in small urban areas, transmitted by key social groups who have selectively grown as a result of a shift towards personal, financial and information services and boosted by both free and selective trading at the global scale

¹¹ Lógicas que Quiano (1989) define de *colonialidad*.

redes locais tornam-se fundamentais na inclusão do Sul dentro do circuito internacional de inovação e circulação criativa requeridas pelo atual capitalismo cognitivo global. Para concluir, na minha abordagem, a gentrificação é mais uma forma de continuidade do colonialismo por outros meios – responsável, localmente, pelo agravamento da desigualdade; e, no âmbito global, pela criação de círculos de elites privilegiadas.

Metodologia

No projeto dá-se foco a um estudo comparativo trans-regional¹², baseado num método de análise indutivo-qualitativo, articulado por meio de uma série de métodos complementares (Philip, 1998:264). Esses estudos constituem um cenário difícil, pois requerem um profundo conhecimento de culturas, línguas e sociedades de mais de uma região do mundo (Hoffman, 2015:114), além de suas respectivas conexões globais. Sem deixar de reconhecer a minha maior proximidade com o contexto brasileiro – vivo no país desde 2004 - e o meu maior domínio da língua portuguesa, acredito que seis anos de estudos, com foco em Johannesburg, três anos vividos na cidade, frequentes idas e vindas e a manutenção de contatos regulares com “agentes criativos” que nela residem e trabalham, me proporcionaram instrumentos suficientes para abordar esse estudo comparativo com certa confiança.

Fontes primárias foram recolhidas no Rio de Janeiro através de 15 entrevistas semiestruturadas, de cerca de quarenta cinco minutos, ao longo de 2015 com representantes do Distrito Criativo (3 homens e 2 mulheres, responsáveis pelas próprias empresas), Daniel Kraichete, porta voz do Distrito, e três artistas, que atuam há alguns anos na região portuária do Rio; 6 representantes de instituições culturais anteriores ao Distrito (uns deles, mais de uma vez). Em 2016, durante o primeiro período de observação direta, morando por um mês em Main Street Life, realizei 55 entrevistas espontâneas de curta duração (entre 5 e 10 minutos), com: 7 residentes; 9 visitantes/usuários; 5 turistas; 11 profissionais criativos (designers, fotógrafos, modelos músicos, galeristas, arquitetos, artistas etc.); 5 trabalhadores

¹² Entende-se por comparações intra-regionais (*intra regional*): as que comparam entidades dentro de uma área específica; comparações trans-regiões (*cross regional*): as que comparam casos de diferentes regiões do mundo; comparações inter-regionais (*Inter-regional*): as que consideram as regiões do mundo como um todo e como uma unidade de análise, explorando as diferenças entre as mesmas.

em empresas não relacionados à indústria criativa, com sede na área anterior a criação do precinct; 12 responsáveis de pequenas lojas e restaurantes, 3 comerciantes informais, 2 seguranças particulares e 1 policial. Oito entrevistas semiestruturadas, de cerca de meia hora de duração, foram realizadas com responsáveis de Propertuity¹³: 4 corretores de venda e locação de espaços comerciais e residenciais; 3 gerentes dos departamentos de marketing, vendas e planejamento da empresa; Aaron Kohn, então diretor do MOAD Museum of African Design. Também entrevistei Gerald Garner, responsável pelos primeiros walking tours no CBD de Johannesburg, começados em 2010; Laura Vercueil, então representantes da Joburg Tourism Agency. No começo de 2017, pouco antes da mudança da gestão municipal, entrevistei no Rio Alberto da Silva, então diretor executivo da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP) e, durante o meu programa de doutorado sanduíche no exterior (março/outubro 2017) em Johannesburg, Jonhatan Liebman, CEO - Chief Executive Officer de Propertuity. Os dois podem ser considerados os responsáveis pela maioria das intervenções urbanas realizadas nas duas áreas. Também entrevistei o Prof. Ivor Chipkin do Public Affair Research Institute – PARI. Em 2017, em Johannesburg, voltei a entrevistar alguns dos criativos que, durante o ano, haviam transferido os seus negócios para outros bairros da cidade, ou os tinham fechado; no Rio voltei a entrevistar Daniel Kraichete. Dois grupos focais foram realizados: um em 2016, na Room Gallery, Johannesburg, com a participação de 11 pessoas, dentre as quais artistas, galeristas, arquitetos e pesquisadores (ANEXO E); e um outro no Rio em 2017, durante o 4º encontro dos programas de pós-graduação em artes visuais do Estado do Rio de Janeiro, na Casa França Brasil, com a participação de 4 artistas e uma galerista/curadora convidados (ANEXO H).

Através do uso de técnicas típicas da psico-geografia situacionista, observação direta foi conduzida por meio de caminhadas ao interno do precinct assim como do distrito. O resultado dessas derivas¹⁴ são mapeamentos fotográficos e cartográficos que realizei em diferentes momentos no Rio de Janeiro e em Johannesburg durante Maio 2016 e no semestre

¹³ <http://propertuity.co.za> - A empresa privada responsável pela gestão de Maboneng.

¹⁴ A deriva é uma técnica utilizada pela psicogeografia que consiste em caminhadas sem trajeto nem horário. Utilizada pelo grupo *Internationale Situationniste* 1957-1972 liga a psique e o ambiente, estimulando uma visão crítica do desenvolvimento e uso do espaço urbano que é visto como uma coerção por parte das classes dominante em relação aos cidadãos. Veja-se: IS, São Paulo, 2003

da minha volta em 2017. Também participei de diferentes eventos seja no Rio de Janeiro seja em Johannesburg. Devido ao meu lugar de moradia, o número de eventos no Rio é maior daquele em Johannesburg - dado, porém, compensado por um número superior de entrevistas realizadas na África do Sul.

Fontes secundárias foram coletadas por meio da análise dos vídeos promocionais nos sites de Propertuity , Maboneng precinct¹⁵, Porto Maravilha¹⁶ (de responsabilidade da Prefeitura do Rio de Janeiro) e do Distrito Criativo¹⁷ (desativo desde final de 2015) assim como nas páginas Facebook do Distrito e do Maboneng Precint. A intenção era observar a linguagem utilizada nesses meios, bem como o perfil das pessoas que interagem com eles. Ao longo dos anos, foram também recolhidos artigos de jornais online, referentes à promoção das duas cidades no âmbito internacional (NY Times, The Guardian, The Economist, entre outros) e local (Mail&Guardian, The Daily Maverick, O Globo, etc.).

Decolonização do conhecimento como metodologia

A metodologia e abordagem deste estudo foram moldadas a partir de duas constatações, que por sua vez foram influenciadas pelo movimento estudantil sul africano Fees Must Fall¹⁸: a primeira diz sobre o fato de que a maioria da literatura sobre gentrificação e economia criativa é resultado de estudos de caso realizados com cidades do Norte (em particular, Nova Iorque, Londres e, mais recentemente, Barcelona, Berlim e Lisboa) existindo uma mínima literatura sobre estes temas originária de cidades do Sul (Bang Shin, López-Morales, 2017; Ghertner, 2015; López-Morales, Shin and Lees, 2016, Walker, 2008). A segunda diz sobre o fato de que estudos comparativos urbanos se encontram, não raro, emoldurados por uma imaginação desenvolvimentista, onde a “terceira parte” do comparativismo fundamenta-se num modelo abstrato universalizado – na maioria das vezes, baseado em cidades ocidentais

¹⁵ <http://www.mabonengprecinct.com/>

¹⁶ <http://portomaravilha.com.br>

¹⁷ <http://www.districtocriativo.com.br> - website não mais em funcionamento desde 2016

¹⁸ O *Fees Must Fall* é um movimento estudantil que desde 2015 se propagou nas maiores universidades sul africanas. O movimento demanda pela eliminação das taxas universitárias, melhorias das condições trabalhistas dos trabalhadores terceirizados nos campus universitários. Contemporaneamente mobilizou uma intensa demanda pela revisão e descolonização dos currículos escolares, assim como o reconhecimento da existência de ‘línguas africanas outras’, diariamente utilizadas pelos estudantes negros, mas não reconhecidas dentro da academia aonde fala-se só inglês, como um elemento central a ser considerado na intenção de descolonizar o conhecimento. Veja-se <https://en.wikipedia.org/wiki/FeesMustFall>

(Jacobs, 2012:905): no Sul somos sempre os casos das teorias e modelizações do Norte, mesmo quando os estudos são realizados aqui. Nosso estudo tem, portanto, como objetivo contribuir para uma literatura oriunda do Sul sobre gentrificação e economia criativa, a fim de evitar visões homogeneizantes dos processos urbanos ao redor do mundo e buscar uma abordagem que resgate as razões únicas que explicam a manifestação de tal fenômeno nos dois contextos citados. Nosso objetivo é, pois, tentar contribuir desta forma às práticas de descolonização do conhecimento. Também nos propomos a ver o fenômeno da gentrificação, nesses dois territórios, como a manifestação do(s) “lado(s) obscuro(s) da modernidade”¹⁹ na pós-modernidade, como a permanência de lógicas coloniais.

Em termos comparativos, interessa ao estudo não tanto levantar semelhanças como resultado de um processo acabado, e sim, observar as particularidades de cada caso e identificar os chamados “imaginários comparativos” (Nijman, 2007; Ward, 2010; McFarlane, 2010; Robinson, 2011), ou seja, “pensar as cidades através de outros lugares” (Robinson:2015), através de “geografias inesperadas de comparação” (Jacobs:2012) ou “comparações ilegítimas” (Abu-Lughd:1975) através de um processo no ‘devir’ mais que no ‘ser’. A proposta é desfazer a ideia de atraso, para além da noção progressiva – linear, cronológica - de desenvolvimento/modernização. Planeja-se seguir a sugestão de Jacobs de utilizar a fórmula de Deleuze e Guattari²⁰, (n-1): “trabalhar com múltiplos (muitas cidades, outras cidades, cidades ordinárias), não como um adendo (+1 caso estudo de uma cidade para construir teorias urbanas), mas como uma subtração (n-1), interpretando diferenças urbanas à procura de futuros alternativos para os estudos urbanos”²¹ (Jacobs 2012:906).

As diferenças entre o Rio de Janeiro e Johannesburg refletem histórias distintas, que, por terem sido negadas pelo Estado de forma autoritária (a máquina de guerra do colonialismo²²) ou espetacular (no extremo positivismo da sociedade do espetáculo²³), devem ser resgatadas, a fim de desnaturalizar o discurso homogêneo sobre globalização (Peck, Theodore e Brenner,

¹⁹ Mignolo, W., 2011. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke UP

²⁰ Deleuze e Guattari, (1995:31)

²¹ Working with multiples (many cities, other cities, ordinary cities) not as addition (one more city case in a project of building general urban theory) but as subtraction (reading urban difference in the name of producing alternative futures).

²² Deleuze e Guattari, 1997.

²³ Debord, 1992.

2009), que reproduz as narrativas eurocêntricas do século XVIII. Torna-se necessário livrar-se do olhar viciado por definições moldadas a partir de referências teóricas, estéticas e espaciais, ocidentais, que continuam se referindo ao Sul como algo incompleto, inadequado, que ainda não alcançou um nível aceitável de urbanização (Simone,2004; Robinson,2006) e, aprender novas formas para descentralizar e ampliar o conhecimento, criando uma nova literatura, própria e independente, que se alimente da vivência desses lugares e ponha em prática um processo de desmonte de verdades dadas como certas (process of untrusting, Jacobs, 2012:907). Exercita-se um processo de “comparação individualizadora”, sem negar as teorias existentes²⁴, mas utilizando uma tática comparativa generativa²⁵, que questione e examine a aplicabilidade dos conceitos, em relação à especificidade dos casos de estudo (Robinson, 2015:16). Como sugere Spivak (1988) citada em Landry, McLean, (1996:28), “desconstrução não quer dizer que não há assunto, verdade, história. Simplesmente questiona o privilégio da identidade de quem acredita possuir a verdade”²⁶.

Por esta razão o estudo decide não utilizar categorias como “cidades africanas”, “cidades globais” e especialmente a definição Sul Global/Global South. Esta escolha baseia-se na constatação de que, apesar do termo ser amplamente utilizado na linguagem de políticos, acadêmicos e das Nações Unidas, na linguagem comum não existe entendimento do que realmente seria o Global South. Existe um consenso geral de que o termo seja melhor que os anteriores, “terceiro mundo” ou “países em desenvolvimento”, mas também se observa que o seu uso está limitado às pessoas do ‘Global South’ que se beneficiam da expansão de relações econômico-culturais Sul-Sul. A definição Global South tem origem na academia anglo-saxã, no Norte e, como os estudos de áreas associados à época colonial, procura estabelecer similaridades homogeneizando a visão do Sul. Neste sentido quer se afirmar que o Sul é mais complexo que o Sul Global. Os países têm especificidades próprias que os torna

²⁴ Até porque no estado atual do discurso de de(s)colonização do conhecimento seria impossível, ou prefere-se dizer, está ainda impossível, como remarcado entre as dificuldades deste estudo.

²⁵ Robinson (2015:16) define como “tática comparativa generativa” que seleciona casos com características compartilhadas, no intuito de gerar e revisar conceitos. É possível ocasionar e enriquecer um campo virtual de conceituação levantando diferentes singularidades ou casos cotejando-os e fazendo com que dialoguem, concentrando-se, assim, em gerar e inventar conceitos, entendendo os processos mais como um devir do que um ser.

²⁶ Deconstruction does not say there is no subject, there is no truth simply questions the privileging of identity so that someone is believed to have the truth.

diferentes culturalmente, economicamente, socialmente: “Agrupar países e regiões em uma categoria tende a obscurecer relações específicas (históricas) entre diferentes países e / ou regiões, especialmente quando se trata de saldos de energia desiguais”²⁷ (Magallanes, 2015). Em termos de desenvolvimento econômico, as economias de muitos desses países (por exemplo, China ou Índia) não são economias periféricas, no sistema econômico global. Balibar (2004:14) remarca que “A linha de demarcação entre norte e sul, áreas de prosperidade e poder e áreas de desenvolvimento e subdesenvolvimento, não é na verdade desenhada em uma forma estável”²⁸. Os processos do capitalismo contemporâneo “com seu crescente estresse na flexibilidade, liquidez e desregulamentação, encontrou novamente uma recompensa inexplorada em antigas colônias, onde os estados pós-coloniais, ansiosos para obter renda descartável e muitas vezes precisando desesperadamente de moeda “forte”, abriram-se para o negócio; especificamente aquele das corporações”. Como resultado o Sul torna-se um laboratório onde o capital testa os ‘limites externos de suas operações financeiras’ e exporta estes limites de volta à Europa e Estados Unidos. No Norte, por sua vez, onde o

“mercado de trabalho se contrai e o emprego se torna precário, a manufatura é mobilizada para o Sul; as grandes empresas buscam coagir os estados para desmascarar as leis ecológicas, reduzir salários mínimos, subsidiar os gastos das sua infraestrutura através de fundos públicos e protegem-se da perda, da responsabilidade e da tributação; onde os governos de centro-direita reduzem as despesas públicas, as instituições públicas e os empregos do setor público; muitas vezes, sob protestos da sociedade civil silenciados”²⁹ (Comaroffs, 2012:17)

Torna-se mais comum experimentar tipos de insegurança e instabilidade por muito tempo características das relações econômicas e trabalhistas no No-West (The Rest). Portanto o termo não pode ser assumido literalmente como se o equador dividisse o mundo em dois, reproduzindo aquela divisão, própria do pós-guerra fria, entre o mundo dos beneficiados

²⁷ the idea of grouping together a large variety of countries and regions into one category. This, he argues, tends to obscure specific (his- torical) relationships between different countries and/or regions, especially when it comes to unequal power balances

²⁸ The line of demarcation between North and South, zones of prosperity and power and zone of development or underdevelopment, is not actually draw in a stable way

²⁹ Is now experiencing those practical workings ever more palpably as labor markets contract and employment is casualized, as manufacture moves away without warning, as big business seeks to coerce states to unmake eco-laws, to drop minimum wages, to subsidize its infrastructure from public funds, and to protect it from loss, liability, and taxation, as center-right governments cut public spending, public institutions, and public sector jobs; this, often, over unavailing protests from civil society.

(primeiro) e das vítimas (terceiro) do globalizado regime de economia capitalista neoliberal. Uma alta polarização sócioeconômica entre norte e sul não é mais atual no mundo contemporâneo. Como Comaroffs remarcam “Tem muito sul no Norte, e muito norte no Sul, e muito de ambos para vir no futuro³⁰ (2012:21).

Para concluir essa introdução, assumindo que a definição Global South atende a interesses ocidentais, seu não uso visa se opor à “tendência histórica da divisão de trabalho no âmbito das ciências sociais na qual o Sul Global fornece experiências, enquanto o Norte Global as teoriza e aplica” (Connell, 2012). Como Césaire (1971:67) já lembrava: “Gobineau dizia: ‘só há história branca’. Por seu lado, o sr. Caillois constata: ‘só há etnografia branca’. É o Ocidente que faz a etnografia dos outros, e não os outros que fazem a etnografia do Ocidente”. A sua definição, exclusivamente em oposição ao Norte, abre também o discurso sobre a convergência entre o que se entende por Norte e o que se entende por Ocidente (Boatcă, 2015) atualmente utilizados por muitos como sinônimo³¹. No entendimento deste estudo, o que se torna global, no sul global, é o fato destes países compartilharem um passado colonial, sendo ex-colônias do Império.

Dificuldades

Inserindo os pesquisadores (nacionais ou internacionais) entre as figuras de trabalhador cognitivo – mobilizador de economias criativas locais e parte de circuitos internacionais – que analiso no meu estudo (Rofe, 2003; Bridge 2007) tive que constantemente observar criticamente a minha própria figura profissional, como parte da classe criativa que estudo. A situação agrava-se ulteriormente por eu não ser apenas parte de uma cosmopolita elite de knowledge workers, mas também ser “alguém do Norte” pesquisando “o Sul”. Como Comaroff (2012:115) afere “a universalidade subentendida no liberalismo ocidental não se baseia no fato de que os seus valores (direitos universais) são tratados como universais, no sentido de serem válidos para todas as culturas, mas, de modo muito mais radical: no fato de

³⁰ There is much South in the North, and much North in the South, and more of both to come in the future

³¹ O discurso sobre “The West and the Rest” (Ferguson, 2011; Hall, 1996) tem múltiplas interpretações, desde a época medieval aonde a divisão era representada para civilizados/bárbaros até a Guerra fria e a aliança Atlântica aonde os critérios baseados na linguagem, religião, cultura fizessem que as ex-colônias, fossem incluídas ao Ocidente. Nesta perspectiva Brasil e África do Sul pertenceriam ao Ocidente.

que indivíduos se consideram eles mesmos universais”³² A lógica do “ponto zero” é euro-centrada, e “presume a totalização da gnose ocidental, fundada no grego, no latim e nas seis línguas modernas imperiais europeias” (Mignolo, 2007, p. 29, citado em Ballestrin, 2013:104). “Trata-se, então, de uma filosofia na qual o sujeito epistêmico não tem sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua, nem localização epistêmica em nenhuma relação de poder, e produz a verdade desde um monólogo interior consigo mesmo, sem relação com ninguém fora de si” (Grosfoguel, 2008, p. 64-65, citado em Ballestrin, 2013:104). Ativa-se um questionamento sobre a influência da “terceira parte” (Robinson, 2006), seja nas minhas formas de olhar o objeto de pesquisa, seja em relação a universalidade do conhecimento euro-centrado. Apesar do pleno reconhecimento da necessidade e urgência de se desmontar essa universalidade, a profundidade que ela atinge na formação da identidade ocidental reflete-se na minha forma de olhar para o mundo (Escobar, 1996) e torna-se uma constante preocupação no trabalho.

Também ao longo do inteiro processo de pesquisa, tornou-se clara a severa dificuldade em utilizar acadêmicos não apenas “do”, mas também “no” Sul. Como Harney e Moten (2013) remarcam “Os estudiosos [Africanos] foram forçados a suplementar o ensino com trabalho de consultoria ou, sempre que possível, migrar, geralmente para a Europa e a América do Norte. Em cinco anos, de 1985 a 1990, 60.000 intelectuais e profissionais africanos emigraram para o oeste. Na sua ausência, o treinamento profissional foi colocado nas mãos de organizações internacionais não-governamentais, agências doadoras, universidades estrangeiras e, em primeiro lugar, negócios estrangeiros”³³. Não diferente foi na América Latina. Confirma-se assim algo que já Grosfoguel (2008) apontou como um dos motivos de desagregação do Grupo M/C, que pode ser definido como a resposta latino americana ao grupo de ‘Estudos subalternos’ asiático: o fato de que os pesquisadores, apesar de serem latino-americanos, viviam nos Estados Unidos e reproduziam, em suas pesquisas, a

³² The universality presumed by Western liberalism “does not reside in the fact that its values (human rights, etc.) are [treated as] universal in the sense of holding for all cultures, but in a much more radical sense: it lies in the fact that individuals relate to *themselves* as ‘universal’

³³ Scholars were forced to either supplement teaching with consultancy work or, whenever possible, migrate, usually to Europe and North America. In five short years, from 1985 to 1990, 60.000 African intellectuals and professionals emigrated to the west. In their absence, professional training was placed in the hands of international non-governmental organizations, 'donor' agencies, foreign universities, and, first and foremost, foreign business.

epistemologia dos estudos regionais estadunidenses. Se a promoção de novas economias criativas no Sul se vê associada a um paradigma colonial, em termos de disponibilidade de recursos e compartilhamento dos benefícios, o mesmo se verifica na produção acadêmica, onde o mundo [acadêmico] parece estar voltado a si mesmo, correndo-se o risco de que se reproduza o que Foucault (1966) denunciava como um dos principais obstáculos à história do conhecimento ocidental: “a volta infinita à semelhança condena o saber a conhecer sempre à mesma coisa”.

A revisão da literatura não vem sem dificuldade. Identificamos um movimento de hibridização no que diz respeito à adoção de metodologias outras para as pesquisas que tem um intuito de descolonizar o conhecimento. Segundo Borsani (2014:165) “não há um protocolo metodológico decolonial; porque a metodologia decolonial é, uma reconstrução ‘a posteriori’ da investigação que somente pode ser explicitada uma vez terminada a investigação”. Por esta razão, já que não há uma fórmula ideal, não há a certeza absoluta sobre o método. Além da ausência de uma metodologia própria comprovada, o que já existe em termos de adaptação das metodologias do Norte, como a entrevista, a pesquisa documental, desenhos, entre outros, utilizados pelas pesquisas de abordagem qualitativa, é prevalentemente aplicado em relação à questão indígena, ou saberes ancestrais, mas nada se refere a estudos urbanos, assim levanta-se um questionamento: o que significa decolonizar o conhecimento urbano?³⁴ Como pode se levantar um olhar decolonizado sobre um fenômeno, como aquele da gentrificação, que, além de ser urbano, é frequentemente associado as dinâmicas sócio espaciais da cidade pós-industrial e de políticas neoliberais ocidentais?

Não encontrando uma literatura de referência que originasse realmente de casos de estudos do Sul³⁵ e, me reconhecendo como parte interna ao sistema criativo, paralelamente ao meu projeto de doutorado, venho desenvolvendo desde 2013 um projeto chamado “Trilogia da Gentrificação: Johannesburg, Milano, Rio de Janeiro” (APÊNDICE A). O uso da Trilogia na metodologia, especialmente no que concerne ao conteúdo das observações durante os

³⁴ Nota-se que, enquanto *decolonial/decoloniality* se refere à superação da construção social derivada da lógica colonial (*colonialidade/coloniality*) - *descolonial/decolonization* se refere ao fim da ocupação forçada das terras nativas por parte das forças imperiais estrangeira, quando a cidade, vem se definindo em uma fase sucessiva.

³⁵ Também em compilações como “Gentrification in a Global Context” de Rowland Atkinson e Gary Bridge, dos 16 casos de estudos, apenas um é no Brasil, um em Kyoto, um em Istanbul. Ainda mais interessante sendo que o subtítulo do livro é ‘The new urban colonialism’.

debates públicos, torna a pesquisa uma *active research* (Reason & Bradbury, 2001) cuja intenção é a de criar um questionamento entre as pessoas que entram em contato com ela principalmente através dos debates e ações do projeto, estimulando a assunção por parte deles/as de uma visão autocrítica.

O projeto começou com a exposição Braamopoly (APÊNDICE B) resultado do meu Master in Building Environment MBE-Housing na School of Architecture and Planning da WITS University. Teve um segundo episódio em 2015 durante um período de visiting research no Dipartimento di Architettura e Studi Urbani DASTU do Politécnico de Milano com a colaboração com o centro de arte Isola Art Center (APÊNDICE D). O projeto se divide em 3 episódios que ligam a pesquisa acadêmica com prática artística local. Cada episódio inspira-se no anterior, e enriquece-se de novos componentes e novas colaborações, auspiciando se concluir com uma exposição final que reunirá as três experiências e que se considera como um desdobramento conclusivo do projeto de doutorado. Apesar dos projetos serem distintos e a Trilogia também se estender à cidade de Milano, os dois se alimentam um ao outro, criando um diálogo constante entre teoria e prática e alimentando um constante questionamento sobre as relações de poderes que interessam os territórios urbanos. Em cada cidade são propostas ações que estimulem uma posição crítica em relação às transformações urbanas de bairros escolhidos nas três cidades, entre elas mapeamentos, vídeos e entrevistas. Uma das ações do projeto que se repete em cada cidade seguindo o mesmo formato, é o convite a participar de um debate público – com gravação de áudio – direcionado a artistas e operadores da área cultural cujo trabalho lide com espaço público e questões urbanas (seja pela localização ou pelo conteúdo). O resultado final será um áudio em três línguas – português, inglês e italiano – que relata um debate ao redor do mundo sobre este mesmo tema: o nosso agir como artistas, curadores, acadêmicos, criativos dentro da realidade urbana onde vivemos. Gravações já aconteceram em Johannesburg, Room Gallery (2013-2016) – APÊNDICE G; Milano, Piano Terra (2015) – APÊNDICE D; Lisboa, Conferencia Arte e Política Reloaded (2015) – APÊNDICE H; Rio de Janeiro, Capacete (2016) – APÊNDICE E e Indisciplinas, IV Encontro de pós-graduação em Arte na Casa França Brasil (2016) – APÊNDICE J e durante o seminário ‘Cidade em Transe’ que organizei no Museu de Arte Moderna MAM do Rio de Janeiro em Abril de 2015 - APÊNDICE F. Neste intuito de ‘decolonizar o

conhecimento' o utilizo do material do projeto Braamopoly, como parte do material didático do curso de Principles Of Design 3 – History Meaning, Decoding Constructs, da University of Johannesburg | FADA Department of Architecture, em 2013 – APÊNDICE C, pode se considerar uma primeira contribuição.

Do ponto de vista da língua, o trabalho é redigido em português e, portanto, para poder acolher observações e comentários durante os períodos de visiting em Johannesburg, teve que ser traduzido sempre, impossibilitando um engajamento direto do leitor com o meu trabalho, salvo através da minha tradução. Esta última, por sua vez, requer muito tempo, de que nem sempre disponho. Para minimizar esse problema, durante os meus períodos de visita, organizei cinco apresentações públicas; entretanto, nunca consegui ter um co-orientador que acompanhasse continuamente o meu trabalho. Torna-se evidente que a contínua troca linguística, durante a leitura como durante a escrita, requer maior concentração, maior capacidade de adaptação e um trabalho contínuo de reconstrução sintática e desmonte de conteúdos, o que Appadurai (1996) chama de “vernacularização: a substituição do estrangeiro pelo familiar” (Sidaway, 2012:784); isso requer, inegavelmente, um maior investimento de tempo e energia, o que, na prática, raramente é valorizado no âmbito do imperialismo inglês na produção acadêmica.

Todas as traduções do inglês para o português são traduções livres de minha autoria.

Durante o meu trabalho de campo houve em ambas as cidades mudanças na administração municipal. No Rio de Janeiro em 2016, logo depois do término das Olimpíadas, o então prefeito Eduardo Paes, que foi responsável e fortemente apoiador das transformações pela qual a cidade passou, foi substituído por Marcelo Crivella, ligado à Igreja evangélica e de orientação conservadora. Em Johannesburg, pela primeira vez desde o fim do apartheid, em 2016, com a eleição de Herman Mashaba, o município passou da administração do ANC African National Congress ao do DA Democratic Alliance, partido maioritariamente branco e conservador. No Rio, onde o poder público tem mais implicações, esta mudança determinou uma situação de estagnação e imprevisibilidade sobre os rumos futuros das obras e das intenções e, em Johannesburg, deu início a uma política ainda mais excludente socioeconomicamente.

Conteúdo

O Capítulo I pretende familiarizar o leitor com os dois territórios onde este estudo se situa, o Distrito Criativo do Porto do Rio de Janeiro e o Maboneng Precinct em Johannesburg, entendendo os dois territórios como imaginários. Apresenta também uma série de dispositivos (Foucault, 2008:27) utilizados nos dois territórios tendo por fim o controle e a manipulação da percepção e desejos dos indivíduos que neles circulam. Uma estratégia que acomuna os dois casos são os investimentos destinados à aparatos culturais dos museus que se tornam ‘ferramentas sócio pedagógicas’ (Yudice: 2013). Por fim, evidencia-se as diferenças dos dois tipos de intervenções e as influências que estas diferenças têm em relação às estratégias de promoção e reprodução dos dois territórios. O Capítulo II pretende introduzir o conceito de economia criativa e de capitalismo cognitivo a fim de entender os processos econômicos em curso dentro dos polos criativos analisados no primeiro capítulo. Abre-se com uma explicação do que se entende por economia criativa a partir da sua origem no mundo anglo-saxão, e como vem sendo interpretada dentro dos dois contextos no Sul que o estudo analisa. Ligando-se à apresentação dos dois territórios do Capítulo I, analisaremos o discurso que esta por trás da promoção dos assim chamados clusters, e dos específicos profissionais que os criam, que chamaremos de “criativos”, em acordo às definições dadas a eles por alguns autores como Florida (2002), Howkins (2001) e Sklair (2001). Estas definições serão colocadas em relação às definições que os mesmos criativos do Rio de Janeiro e de Johannesburg atribuem a eles mesmos. No final apresentaremos o conceito de capitalismo cognitivo (Corsani, 2003; Fumagalli, 2016; Moulier Boutang, 2003; Vercellone 2005), entendido como a definição de novos processos de acumulação capitalista que criam valores através da conectividade, circulação de conhecimento individual, e inovação constante, assim como elaborado por um grupo de pesquisadores ítalo/franceses no final dos anos noventa. O Capítulo III trata da inserção do mercado criativo do Sul nos mercados globais da economia da cultura e/ou criativa. Apresenta-se uma nova globalização que, seguindo as novas formas do capital cognitivo, torna a cultura e a subjetividade dos indivíduos que a produzem, o valor a ser explorado pelo capitalismo, e as divisões entre norte e sul se diluem sempre mais dentro da financiarização do mercado e da convergência dos interesses das elites. O exercício da força conquistadora é substituído pelo exercício de soft power, através de parcerias

internacionais entre representantes da cultura e criatividade, instituições universitárias e representantes estrangeiros da cultura que, tornando doravante a diplomacia cultural, um elemento central da gestão de relações de poder entre norte-sul e entre as elites locais, e os 'subalternos', objeto de uma dupla exploração. Assim estas redes de elites de profissionais globais (Rofe, 2003; Sassen 2000b) parecem dar vida a novas formas de colonialismo, que se reproduzem nas mesmas formas clientelistas fechadas, explorando não matérias primas, mas idéias e novidades vindas do Sul. O Capítulo IV pretende evidenciar as semelhanças entre formas de poderes ligadas ao colonialismo e formas contemporâneas de poderes próprias do se difundir do fenômeno da gentrificação em cidades do Sul. Destacam-se as semelhanças entre os círculos de elite de profissionais, reunidos localmente e conectados internacionalmente, e a elite colonial do passado. Usando como ponto de partida o trabalho do Proyecto Modernidad / Colonialidad, pretende-se lidar com o tema da gentrificação como resultado da manutenção de uma lógica colonial - a colonialidad do poder (Quijano 2000) - interligada com um ideal moderno. Nesse sentido, a modernidade não pretende superar a colonialidad, mas sim a barbárie ou os comportamentos presumidos incivilizados, responsáveis por adiar o avanço das oportunidades de mercado global e estilos de vida. A ocupação colonial contemporânea evidencia como o processo colonial e as relações de poder têm, como uma das suas matrizes, o questionamento de identidades, dando vida a uma concatenação de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico (Mbembe,2003).

Capítulo I – Os polos criativos de Rio de Janeiro e Johannesburg e os dispositivos que neles funcionam

“O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que por principio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio de aparência”. G. Debord, 1992: n.12



Figura 2 - Figura 1 - Empty Dream, Mariko Mori, 1995

Introdução

Esse capítulo pretende familiarizar o leitor aos dois territórios aonde este estudo se situa, o *Distrito Criativo do Porto* do Rio de Janeiro e o *Maboneng Precinct* em Johannesburg, seja em relação ao espaço físico aonde os indivíduos criativos agem, seja em relação aos dispositivos utilizados dentro destes territórios imaginários³⁶. Trata-se de espaços inventados, aparelhos midiáticos e simbólicos criados ao fim de atender ao marketing mobilizado em prol ou pelas exigências das novas formas de produção e valorização destes dois novos territórios. No caso

³⁶ O dispositivo é entendido por Foucault (2008:27) como uma “série de práticas/regimes de verdade que forma um dispositivo de saber-poder que marca efetivamente no real o que não existe e submete-o legitimamente a do verdadeiro e do falso”. Continua “O equívoco de todos esses dispositivos, que poderíamos chamar de “liberogenos”, destinados a produzir a liberdade e que, eventualmente, podem vir a produzir exatamente o inverso” (2008:93).

de *Maboneng*, cujo perímetro está claramente definido, de acordo com o site do *precinct* chega-se à definição de um horário de funcionamento de 9hs as 22hs estabelecendo uma plena correspondência entre o bairro e a empresa que o gerencia, *Propertuity*. Contrariamente à *Maboneng*, ao Distrito Criativo do Rio falta uma real definição do perímetro, assim como evidencia-se uma certa nebulosidade na definição da proposta. Não tanto surpreende o desconhecimento da existência do mesmo por parte dos transeuntes interrogados nas ruas ao redor da praça Mauá, quanto as confusões relevadas durante as entrevistas com os membros do Conselho Cultural do Porto, uma organização da sociedade civil – anterior ao Distrito - atuante na área da cultura na região portuária e, mais gravemente ainda, entre os mesmos membros do Distrito.

Nos dois territórios, encontramos também instrumentos destinados ao controle e à manipulação da percepção e desejos dos indivíduos que neles circulam. No caso carioca³⁷ utilizam-se técnicas distópicas que atingem as esferas subjetiva e física dos destinatários/as influenciando a relação entre realidade e promessas, tempo presente e futuro. Tais exemplos foram particularmente visíveis no dia a dia carioca durante a preparação e realização do biênio de megaeventos esportivos (2014-16) assim como em dispositivos da prefeitura, como por exemplo o espaço ‘Meu Porto Maravilha’ (não mais em funcionamento). Em Johannesburg, estas técnicas são incorporadas dentro da própria estratégia de marketing utilizada por *Propertuity*, seja on-line, seja nos inumeráveis folhetos publicitários, em relação à criação da *Maboneng Community* assim como da exaltação da experiência de vida urbana. Também o dia a dia do *precinct*, durante os dois meses de período residencial em *Main Stret Life* em maio 2016 e 2017, me ofereceu ocasiões de amostra das relações de força que agem naquele território. Uma estratégia que iremos remarcar, e que acomuna os dois casos, são os investimentos destinados à aparatos culturais dos museus: o Museu do Arte do Rio – MAR³⁸ e o Museu do Amanhã³⁹ no Rio de Janeiro, e o *Museum of African Design MOAD*⁴⁰ em Johannesburg (não mais em funcionamento). Apesar do polo dos museus cariocas ter um investimento muito maior e o seu impacto no território ser incomparável com aquele do

³⁷ Indica-se com carioca algo ou alguém que tem origem do Rio de Janeiro.

³⁸ O Museu de Arte do Rio - <http://www.museudeartedorio.org.br> - foi inaugurado em março de 2013.

³⁹ O Museu do Amanhã - <https://museudoamanha.org.br> - foi inaugurado em Dezembro de 2015.

⁴⁰ *Museum of African Design* - <https://www.facebook.com/MOAJHB/> - Foi inaugurado em Dezembro 2013.

MOAD, os três museus parecem seguir uma finalidade parecida que os torna ‘objetos informantes’ do poder assim como, acompanhando uma tendência que se abriu nos anos ’70, tornam-se ‘ferramentas social-pedagógicas’ (Yudice: 2013). Por fim, evidencia-se as diferenças dos dois tipos de intervenções e as influências que estas diferenças tem em relação às estratégias de promoção e reprodução dos dois territórios.

Rio De Janeiro | Distrito Criativo Do Porto Maravilha

O porto do Rio de Janeiro recebeu ao longo dos anos diferentes propostas de melhorias e revitalização por parte do poder público (em particular desde a elaboração do Plano Estratégico em 1994), nenhuma delas porém conseguiu ser implementada⁴¹ até que a conjuntura política favorável (a aliança PT e PMDB nos níveis federal, estadual e municipal), e a indicação da cidade como sede da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016, criou as condições para que alguns projetos fossem retomados na cidade. Principalmente o do ‘Porto Maravilha’ que, de forma bastante impactante, mudou a paisagem carioca. Dentro desta intenção transformadora da cidade, a Prefeitura decidiu estrategicamente direcionar a maioria dos investimentos e das ações à área portuária na intenção de torná-la um centro turístico e cultural/criativo. Numa entrevista ao jornal *O Globo* o ex-gerente de Desenvolvimento Econômico e Social da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro CDURP⁴² Alberto Silva declara que “a região portuária tem uma vocação criativa desde a sua origem” (Boeckel, 2015). Afirmação que tem alguns fundamentos, mas esta vocação criativa até agora nunca tinha despertado interesse e ao fazê-lo, curiosamente se direciona quase que exclusivamente aos novos empreendimentos criativos e aos mais recentes equipamentos culturais. Nenhuma relevância foi dada às organizações mais antigas que explicam a originária vocação criativa da região portuária. Os coletivos e instituições mais ligados à cultura popular brasileira, ao samba, à identidade negra, ao carnaval, não tiveram nenhum papel e foram até removidos pela revitalização. As palavras da diretora do Instituto

⁴¹ Uma análise destas propostas segue no capítulo III.

⁴² A CDURP <http://www.portomaravilha.com.br/cdurp> é a empresa público-privada criada pela Prefeitura do Rio, responsável pela gestão da Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha, ou seja, o projeto de revitalização do porto do Rio. É responsável pela gestão das relações entre entidades públicas e privadas e a Concessionária Porto Novo (o cartel das três empreiteiras OAS, Odebrecht e Carioca) que detêm o monopólio da execução das obras e prestação dos serviços dentro dos 5 milhões de metros quadrados da área envolvida no projeto de revitalização.

Pretos Novos⁴³ são explícitas: “Não conheço as pessoas do Distrito Criativo, nem sei que querem fazer. Parece que a gente não tem criatividade nenhuma aqui, temos carnaval e não tem ninguém que valoriza isto” (entrevista, 2015). A existência de uma relação conflituosa entre ‘os atores culturais’ que já estavam e, como tais, se sentem legitimados em permanecer e finalmente poder gozar de algum benefício do renovado interesse pela região, e os novos chegados, ‘os criativos’, é algo palpável que emerge das entrevistas. A própria relação da prefeitura (através da CDURP) com ambos os sujeitos, do Distrito Criativo e do Conselho Cultural do Porto é extremamente ambígua.



Figura 3 - Logo do Distrito e mapa fonte Sebrae/RJ

O Distrito Criativo do Porto no Rio de Janeiro nasceu de uma iniciativa privada de cinco empresas, que se agruparam sob o nome ‘Coletivo do Porto.’⁴⁴ Em 2010, essas empresas transferiram seus escritórios da Zona Sul (a área mais rica da cidade) para o porto⁴⁵: e isso porque a região portuária tem uma forte atração, pois fornece propriedades a um preço mais acessíveis do que a Zona Sul (ou ou Centro da Cidade). Além disso, existem grandes galpões industriais que podem ser adaptados ao uso comercial (escritórios e espaços de *co-working*).

⁴³ <https://pt-br.facebook.com/ipn.museumemorial>

⁴⁴ As empresas são: Piloti Mobile&Internet; 32Bits; FGuaraná Comunicação Estratégica; Ampliativo Design Related; eConecta Consultoria de Marketing http://www.coletivodoporto.com.br/nos_somos.php

⁴⁵ A área do Porto Maravilha equivale a quase um terço do centro da cidade. De acordo com o Censo de 2010, em sua imensa maioria os habitantes da zona portuária são de baixa renda: dos 10.098 domicílios da região, apenas 611 possuem renda maior que três salários mínimos. Entre as favelas, a mais antiga do Brasil, o morro da Providência, reúne a maior parte dos moradores, concentrando 1.237 domicílios. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, apesar de ter escritórios e centros administrativos, registra os índices mais baixos de desenvolvimento humano na cidade. A reportagem do jornal *O Globo* – Cidade em transe, decidido as transformações urbanas que vem acontecendo na cidade do Rio de Janeiro afirma que em ‘2000, os moradores com ensino superior completo correspondiam a apenas 6,9%. Em 2010, passou para 17,8% com um aumento de 158%’ (Belísario, 2016).

O Coletivo do Porto, quanto a ele, foi uma das primeiras de uma série de iniciativas da indústria criativa que se mudou para a área portuária, contribuindo por um processo de transformação da realidade socioeconômica pré-existente. Desde sempre a intenção do Coletivo foi de juntar-se a outras empresas da indústria criativa e formar, sob o nome de Distrito Criativo do Porto, um grande centro que reúna artistas, representantes da indústria criativa e da cultura local. No site do Coletivo é possível ler que

"O Distrito será maior do que o Coletivo. Através dele poderemos divulgar as empresas que já têm a sua sede na área, e fortalecer iniciativas, tais como mercados e eventos. Queremos criar uma ponte que nos ligue aos produtores e à cultura da região"⁴⁶

Em agosto de 2015, através da parceria do Coletivo e algumas outras empresas criativas com a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro (CDURP) e o apoio financeiro da FIRJAN⁴⁷, SEBRAE⁴⁸, Light⁴⁹ e Porto Novo⁵⁰, o Distrito, contando com mais de 250 profissionais associados, foi inaugurado em um evento no Museu de Arte do Rio – MAR (outra grande infraestrutura recém construída no âmbito de uma valorização mais geral de toda a região portuária). Contudo, depois de dois anos o Distrito Criativo do Porto, associação sem fins lucrativos, ainda é uma entidade em construção, sem personalidade jurídica registrada, cuja comunicação é limitada à página *Facebook* do próprio com links das empresas que fazem parte dele. O website www.districtocriativo.com.br, apesar de ter sido apresentado em 2015 como “um ambiente colaborativo, onde iremos discutir ideias, tirar dúvidas e sugerir estratégias para tornar esse crescimento possível”⁵¹ não resulta acessível a pelo menos dois anos. Desde a sua origem o Distrito Criativo do Porto nasce como uma iniciativa cuja participação resulta "limitada a empresas ou indivíduos que fazem parte da indústria criativa, interessados no desenvolvimento econômico e social da região" (antigo website citado acima). Os residentes que não têm habilidades para aproveitar ativamente das plataformas de participação baseadas em mídia e novas tecnologias da informação e comunicação, são excluídos automaticamente. Não há uma consulta pública organizada fora da rede e, apesar

⁴⁶ Daniel Maia, sócio da Piloti no site <http://portomaravilha.com.br/materias/ponto-em-comum/p-e-c.aspx>

⁴⁷ <http://www.firjan.com.br>

⁴⁸ <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>

⁴⁹ <http://www.light.com.br>

⁵⁰ <http://www.portonovosa.com>

⁵¹ Assim se apresentava o site, não funcionando desde 2016.

de sempre remarcar os laços com atividades artísticas culturais originárias da região, nenhuma prioridade ou ênfase é dada à participação dos residentes e grupos locais, feita exceção por três artistas cujos ateliês se situam no morro da Conceição. Esta área, originariamente, de residência popular desde o 2002 promove o *Projeto Píer Mauá*, uma iniciativa autônoma dos artistas residentes na região, que atualmente tem uma pequena parceria com o Museu de Arte do Rio – MAR. Resulta, portanto, que o processo de “desenvolvimento econômico e social da região” esteja sendo exclusivamente atribuído aos agentes ligados às atividades criativas, excluindo qualquer outra capacidade exercida por outros residentes que, apesar de não “criativos”, vivem e trabalham na região portuária.



Figura 4 - Reunião do Plano Habitacional de Interesse Social do Porto do Rio PHIS, Agosto 2015. Foto, LB

Os critérios que definem a adesão no Distrito também são bastante confusos uma vez que, durante uma entrevista com um desses artistas do morro da Conceição pareceu que nem ele sabia ter sido incluído nas atividades criativas mapeadas pelo Distrito. Também, surpreendentemente, associações culturais que já existiam no Porto bem antes do mesmo tornar-se Porto Maravilha, algumas históricas, como o grupo Afoxé Filhos de Gandhi⁵², não estavam citadas em nenhuma das redes sociais operadas pelo Distrito no seu começo. Nota-se, contudo, que, com o passar do tempo, houve uma maior integração destes grupos culturais originários da região. Foi principalmente estimulado por parte de um movimento da Prefeitura, que começou a investir mais no desfrute econômico do potencial turístico ligado à herança e identidade afro-brasileira que caracteriza a região portuária; sucessivamente por causa do maior conhecimento da área por parte dos criativos recém-chegados que viram a

⁵² <https://pt-br.facebook.com/Filhosdegandirjoficial>

possibilidade de também se beneficiar das oportunidades locais, não apenas econômicas quanto de visibilidade oferecidas por esta tendência comercial impulsionada pela prefeitura.

Johannesburg | Maboneng Precinct

À sudeste do *Central Business District* CBD⁵³ de Johannesburg encontra-se o bairro histórico de Jeppestown. Estabelecido como um dos primeiros subúrbios residenciais, tornou-se gradativamente mais comercial até, em tempos posteriores, se desenvolver como uma área industrial e sediar muitos dos assim chamados *hostels* para homens negros que trabalhavam na cidade⁵⁴. A heranças deste passado está ainda hoje visível em muitos dos antigos edifícios que, antes fábricas ou *hostels*, abrigam agora migrantes vindos do continente africano inteiro à procura de melhores condições de vida. Andando pelos pórticos de *Marshall e Main streets*, pode-se deparar com uma mistura de lojas entre as mais novas vendendo mercadorias baratas e de pouca qualidade, e os antigos estabelecimentos, muitos deles de alfaiates cuja atividade se liga à época quando na área existiam várias fábricas de tecidos. As calçadas também abrigam um intenso comércio informal de venda de comida e mercadoria de baixo custo.

⁵³ O centro de Johannesburg, até ser construído Sandton, no final dos anos '90, era sede dos principais escritórios da cidade, dos bancos, agências de seguros, importantes companhias de mineração, teatros e cinemas assim como era lugar de moradia de pessoas ricas e brancas. Numerosos são os prédios senhoriais residenciais ainda visíveis. Veja-se Beavon; 2004, Chipkin, 1993, Chipkin 2005.

⁵⁴ *The Natives (Urban Areas) Act* de 1923 define as áreas urbanas na África do Sul como "brancas" e exigia que todos os homens africanos negros nas cidades e nos vilarejos tivessem que carregar um "passe" considerado como um verdadeiro passaporte interno em todos os momentos. Qualquer pessoa encontrada sem um passe seria presa e enviada para uma área rural. Foi substituído em 1945 pelo *Natives (Urban Areas) Consolidation Act*, que impôs o "controle de fluxo" dos homens negros, e também definiu as orientações para a remoção das pessoas que eram consideradas vivendo uma vida ociosa em áreas urbanas. Este ato determina que homens africanos tinham que ter "qualificação" para residir legalmente em áreas metropolitanas brancas, esta qualificação coincidia com um vínculo de trabalho e permitia de se hospedar nestes *hostels*. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Pass_laws



Figura 5 - *The Popular Tailor*, Marshall Street, Agosto 2014, foto LB [Appendix K]

A área é também conhecida por ter numerosos pontos de coleta para catadores de papelão e materiais recicláveis que circulam incessantemente pelas ruas da cidade, instalados nas ruínas de edifícios incendiados que, apesar de ter desabado, nunca foram removidos e que proporcionam terrenos baldios utilizado como deposito pelos catadores.⁵⁵ Diversas oficinas mecânicas também caracterizam as atividades econômicas da região. É neste contexto que *Propertuity* começou a sua obra de revitalização do *downtown* Johannesburg.

**THE
MABONENG
PRECINCT**
integrated | urban | neighbourhood
MABONENGPRECINCT.COM

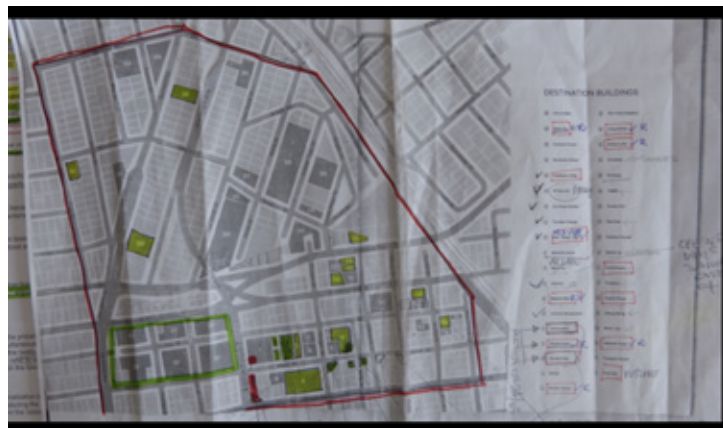


Figura 6 - Mapa do Maboneng Precinct utilizada no trabalho de campo.
Fonte: *The Unfinished city book*, foto:LB

Lançada em 2008, a empresa *Propertuity* começou a desenvolver o *Maboneng Precinct* em Jeppestown para depois sucessivamente se estender a Doornfontein. As duas áreas apesar de centralmente localizadas, de forma parecida com a região portuária do Rio de Janeiro, sofrem de baixos índices de desenvolvimento humano, infraestrutura precária, vários edifícios

⁵⁵ Veja-se no documentário *'Jepes on a Friday'* de Arya Laloo e Shannon Walsh, <https://vimeo.com/61605524>

ocupados para moradia informal e altos níveis de criminalidade⁵⁶. Seguindo o slogan revanchista "*Take Back the City*" (Smith, 1996) *Maboneng*, que em Sotho significa "lugar de luz", é o novo nome que *Propertuity* deu a uma parte das áreas industriais de Jeppestown e Doornfontein, tornando-a um enclave desconectado da realidade do território circundante. Conforme descrito por Mbali Phala (2016)

"*Maboneng* se apresenta como um bairro urbano onde moradores, empresas e turistas fazem parte de uma crescente tribo que liga o coração da cidade de Joanesburgo. Um espaço social integrado com uma série de restaurantes artesanais, lojas de varejo de alta qualidade e *lofts* com preços excessivos, onde os hipsters passeiam nos fins de semana, o *precinct* abriga todas as coisas criativas, incluindo uma galeria de arte e um cinema independente. A meio quilômetro de distância, a trabalhadora independente Ntombekhaya Njiyela vive em uma sala de 3mx6m com seu marido e cinco filhos no que costumava ser um prédio da fábrica em Janie Street. A maior parte da sala está ocupada por um guarda-roupa e uma cama de três quartos equilibrada em quatro baldes reutilizados. O prédio de três andares da Janie Street foi separado por frágeis cartões em 170 apartamentos, oferecendo pouca privacidade aos moradores, com menos de sete banheiros e uma torneira"⁵⁷

Maboneng Precinct, juntamente com Braamfontein, outro bairro central de Johannesburg objeto do meu mestrado (2013), é um dos principais centros criativos de Johannesburg. *Propertuity* a empresa privada responsável pelo desenvolvimento e administração de *Maboneng Precinct* é de propriedade de um único investidor: Jonhatan Liebman.⁵⁸

⁵⁶ *Region F*, aonde Jeppestown e Doornfontein se encontram, é definida no site da *City of Joburg* como uma área de contraste aonde se encontram alguns dos mais antigos subúrbios da classe trabalhadora de Johannesburg. A composição racial da Região pode ser assim calculada: Negros (89%), coloured (um grupo étnico multiracial) (3.6%), Indianos (2%), Brancos (3.5%). Fonte: http://joburg.org.za/index.php?option=com_content&task=view&id=178&Itemid=168

⁵⁷ The Maboneng precinct markets itself as an urban neighborhood where residents, businesses and tourists are part of a growing tribe connecting the heart of the city of Johannesburg. An integrated social space with a string of artisan restaurants, high-end retail stores and overpriced lofts where the hipsters come out to play on weekends, the precinct is also home to all things creative, including an art gallery and an independent cinema. Half a kilometer away, self-employed Ntombekhaya Njiyela lives in a 3°—6-metre room with her husband and five children in what used to be a factory building on Janie street. Most of the room is filled with a wardrobe and a three quarter bed balanced on four repurposed buckets. The three-storey building on Janie Street has been separated by flimsy cardboards into 170 flats, offering very little privacy to residents, with less than seven toilets and one tap.

⁵⁸ Da mesma forma *Play Braamfontein*, a empresa que, juntamente com *South Point* administra boa parte do bairro de Braamfontein é propriedade de uma única pessoa: Adam Levy. A concentração de capital nas mãos de poucos e poderosos investidores é representativa da situação de graves disparidades econômicas existentes no país.



Figura 7 - Propaganda do passeio de bicicleta semanal com saída de Maboneng cada quinta feira a noite

O *precinct* se desenvolve em torno de dois eixos principais: um para uso comercial e de entretenimento, o outro para uso residencial. *Arts on Main*, o edifício que deu início ao projeto em 2009, é uma coleção de galerias de arte, estúdios de artistas, escritórios e lojas de *fashion designers*. Todos os domingos hospeda o *Market on Main*, um mercado de comida gourmet e de marcas de designers locais. Recentemente um mercado de rua que vende artesanato, roupas *vintage*, cartões postais antigos e óculos de sol 'made in China' acontece também na rua em frente, alimentando a imagem de Maboneng como um espaço "para todos", mais democrático e igualitário em termos sociais e econômicos. O *Main Street Life*, o primeiro edifício da área que foi utilizado para uso residencial, oferece 194 soluções de moradia entre estúdios, apartamentos e coberturas, bem como uma academia de boxe e um espaço para eventos no terraço do prédio⁵⁹. É também lar do Cinema independente, *The Bioscope Cinema* e do *Popart Theatre*. O *Museum of African Design* – MOAD foi inaugurado oficialmente no final de outubro de 2013, representa o primeiro museu no continente Africano dedicada ao design.⁶⁰ Uma série de novos edifícios residenciais com nomes evocativos foram desenvolvidos entre 2012 e 2015: *Revolution House* (A Casa da Revolução), *Artisan Loft* (O Loft do Artesão), *The Craft Loft* (O Loft Artesanal), *The Main Change* (A Grande Mudança), *The Craftman's Ship* (A Nave do Artesão); mais recentemente (2016-7)

⁵⁹ Diversas foram as reclamações por parte dos residentes no prédio em relação ao uso do terraço por eventos nos finais de semana. A mais recorrente foi a superlotação dos elevadores e a demora na espera dos mesmos. Experiência que durante o mês de observação participante morando em Main Street Life pude experimentar diretamente.

⁶⁰ O Museu está fechado desde junho de 2017.

Hallmark House (Casa Distinta) e, ainda em construção, *Aerial Empire* (Impero Aéreo) e *Dual City* (Cidade Dupla).

A aliança entre *Propertuity* e artistas conhecidos, uma técnica usada repetidamente pela empresa, contribui para criar um ambiente urbano homogêneo cuja monotonia é evidente ao navegar no site da empresa. Todas as soluções residenciais seguem o mesmo modelo de "apartamentos independentes e espaçosos com acabamentos exclusivos e artesanais, com varandas e terraços com vistas espetaculares." A opção de habitação mais comum é aquela do *loft*, um apartamento de grandes dimensões sem divisórias entre cômodos, mais adaptado a inquilinos solteiros e jovens: um dos exemplos é a configuração do banheiro como parte do quarto. Em muitos apartamentos, a banheira faz parte do mobiliário do quarto e, às vezes, o chuveiro representa a divisão entre a sala de estar e o quarto. O que pode ser deduzido da análise de investimentos imobiliários atuais e futuros é a tendência de *Propertuity* em expandir seus negócios além de Fox Street, o originário coração do empreendimento, em direção não apenas a Doornfontein, aonde já foram transferidos os seus escritórios, mas também em direção ao CBD – Gandhi Square e o Carlton Center, nó nevrálgico de comércio do centro de Johannesburg (naquela direção vai o megaprojeto futuro chamado *Dual City*). Além disso é clara a vontade de criar um “*progressive, distinctive urban space*” através de perímetros urbanos cujos muros, até agora apenas simbólicos, definem termos claros de acessibilidade com base em parâmetros sociais e estéticos aos quais a estratégia de marketing da empresa faz referência contínua: progressiva, distinta, inspiradora, vibrante e moderna.

Dispositivos de Controle das Subjetividades e Gestão do Território

Apesar da definição dos perímetros simbólicos dos territórios do *Maboneng precinct* e do *Distrito Criativo* ser muito diferente - no Rio aparecem vagos enquanto em Johannesburg tem uma clara demarcação - os dois lugares definem espaços imaginários. Assim como definido por Castoriadis (1987:3) “o imaginário é a criação inteira de um mundo por si mesmo”, Glissant (1997) o define como “a construção simbólica mediante a qual uma comunidade (racial, nacional, imperial, sexual, etc.) se define a si mesma”.

Em geografia humana, um “imaginário geográfico” representa uma construção mais ou menos inconsciente envolvendo fronteira e ordem: a divisão hierárquica do globo, por exemplo, representada pelas oposições entre norte/sul, urbano/rural, dentro/fora, cultura/natureza. Acontece que essas divisões frequentemente funcionam como valorizações implícitas (“civilizadas”/“primitivas” “seguro”/“perigoso”) que derivam não só do funcionamento cognitivo da razão, mas também das estruturas subjetivas (Gregory, 1994, Harvey 1992). São estas valorizações implícitas que foram por longo tempo desfrutadas pelos colonizadores para garantir a própria salvaguarda e a exclusão dos povos indígenas. De forma parecida dentro dos perímetros do território do *Distrito*, assim como de *Maboneng*, opera uma construção simbólica que define aquele espaço como “progressivo, modernos, criativos” cuja acessibilidade é condicionada a uma série de parâmetros sociais, econômicos e estéticos (Burocco, 2015) reproduzindo uma situação similar à do colonialismo: a criação de fronteiras e estabelecimento de diferenças baseadas em excessos ou faltas. Os dispositivos utilizados para alimentar esta imaginação e relações de poder são diferentes, assim como diferentes são os dois contextos urbanos analisados. Olhando o dispositivo como “relação entre os indivíduos como seres vivos e o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder” (Agamben, 2005:10) como observa-se não apenas cada elemento singular, mas à rede que se estabelece na junção dos mecanismos que permeiam as relações de poder existentes nestes territórios. Assim, através da técnica psico-geográfica da deriva que, em acordo com a definição de Debord (1956), “trata dos efeitos que o ambiente geográfico opera sobre as emoções e o comportamento dos indivíduos; e estimula uma visão crítica do desenvolvimento e uso do espaço urbano, visto como uma coerção por parte das classes dominantes em relação aos cidadãos” andei pelos dois territórios objeto do meu estudo à procura de elementos físicos, subjetivos e mediáticos que demonstrassem estas relações de poderes desequilibradas.

Realidade Distópica



Figura 8 Ator com roupa de Passos ao lado do prefeito, do governador e do vice-prefeito.

*Fonte: **Tristao**, O Globo*

Algo que aparece imediatamente evidente, em ambos os casos, é a polarização existente entre as realidades físicas e concretas dos dois lugares e as propagandas utilizadas para representá-los.

Os habitantes da cidade do Rio de Janeiro viveram por alguns anos numa cidade que era um canteiro de obras muito malcuidado e agora abandonado, tendo que conviver com incontáveis desconfortos; ao mesmo tempo eram/são alvo de uma ostensiva propaganda de uma cidade espetáculo, aonde tudo aposta em um futuro de sucesso. Esses desconfortos afetaram particularmente o dia a dia dos moradores da área portuária e levaram muito deles a perder a própria rotina, a própria casa ou o lugar de trabalho. É o caso por exemplo de diversos comércios que se viram na obrigação de fecharem atividade devido às condições pelas quais as obras do VLT – Veículo Lento sobre Trilhos - foram conduzidas (ANEXO D). Não apenas estas pessoas, tendencialmente aquelas com poderes aquisitivos não suficientemente altos para exigirem um maior cuidado por parte dos órgãos públicos, são afetadas pelas obras mas, em geral, as condições de vida na cidade do Rio de Janeiro vêm há alguns anos piorando para todos os moradores.⁶¹ Os novos chegados ao Porto lamentam de infraestrutura precária (vários dos entrevistados lamentaram da péssima qualidade do sistema de internet, do sistema de esgoto, do trânsito devido às obras) e a falta de segurança na área. Apesar desta ser a realidade, existe uma intensa ação de propaganda conduzida pela Prefeitura através dos

⁶¹ Artigos reclamando das condições de vida no Rio aparecem sempre mais frequentemente, veja-se por exemplo as pesquisas do jornal O Globo: Rio é uma das grandes cidades do mundo com pior qualidade de vida (O GLOBO, 2017); mais da metade dos cariocas tem vontade de sair do Rio (Rouvenat, 2015).

seus próprios canais, assim como em parceria com o maior veículo de mídia oficial, o jornal *O Globo*, que por meses publicou artigos elogiando as obras⁶².

De forma parecida, a intensa estratégia propagandística e de marketing conduzida para *Propertuity*, muitas vezes através do uso de vídeos promocionais aonde o proprietário único da companhia aparece como protagonista principal explicando o sucesso do *precinct* e da nova experiência urbana da *Maboneng Community*, não correspondem exatamente à realidade⁶³.

O website de *Propertuity* se abre com a frase

" Re-energizar a cidade exige mudança, inovação e otimismo extremo. *Propertuity* observa a regeneração urbana como um motor de desenvolvimento econômico, melhoria ambiental e progresso social. Através da inovação e da colaboração, *Propertuity* investe em modelos inovadores de transformação urbana, tendo as pessoas como núcleo fundante da sua visão."⁶⁴

E continua

" *Maboneng* é agora uma comunidade próspera a pleno título, que abriga negócios independentes, restaurantes e locais de entretenimento, apartamentos, lofts, escritórios, hotéis, um museu e espaços manufatureiros criativos localizados em um ambiente urbano conectado"⁶⁵

Jonhatan Liebman declara no site:

"Esta não é uma rua isolada que está sendo obstinadamente ocupada por alguns vendedores de café corajosos e um par de *urbanites* tentando nitidamente acreditar que estão em Londres / Nova York / Paris. Este é um bairro de pleno direito."⁶⁶

Incontáveis são os exemplos encontrados no site de *Propertuity/Maboneng*.

⁶² Importa aqui reparar nas relações do Jornal *O Globo* com a *Fundação Roberto Marinho*, e as parcerias que esta última tem com o polo dos museus da Praça Mauá. Veja-se mais a frente neste capítulo.

⁶³ Veja-se por exemplo: *Place of Light - Maboneng Precinct*, 2014 https://www.youtube.com/watch?v=WrlZ1_TMhzw

⁶⁴ Re-energizing the city requires change, innovation and extreme optimism. *Propertuity* looks at urban regeneration as an engine of economic development, environmental improvement and social progress. Through innovation and collaboration, *Propertuity* invests in innovative models for urban transformation, putting people at the centre of their vision.

⁶⁵ *Maboneng* is now a thriving full-service community, home to independent businesses, restaurants and entertainment venues, apartments, lofts, offices, hotels, a museum and creative manufacturing spaces located in a connected urban environment.

⁶⁶ This is no alone street that's being doggedly occupied by some brave coffee vendors and a couple of *urbanites* wistfully trying to make-believe they're in London / New York / Paris. This is a full-fledged neighbourhood.



Figura 9 Alguns dos slogans propagandísticos usados no website de Propertyuity e Maboneng
 Fonte: LB

Não só a ideia da comunidade em *Maboneng* é bem planejada, há também uma grande hipocrisia em sua reivindicação de serem eles a criar uma nova vida urbana (*a new urban life*) longe dos muros de alta segurança que caracterizam os subúrbios da classe média de Johannesburg, assim como em relação à *walkability* (a possibilidade de caminhar) que o distrito oferece. Leia-se no website de *Propertyuity*

" *Maboneng* é uma área para todos e acho que muitas pessoas ficam surpresas quando vêm aqui ao ver o quanto é diversificado. É realmente o modelo futuro para a África do Sul. Mudou a forma como as pessoas escolhem viver, as suas intenções em relação aos seus movimentos e espaço" (Aaron Kohn, diretor do site MOAD - Maboneng)⁶⁷

⁶⁷ Maboneng is an area for everyone and I think a lot of people are surprised when they come here to see how diverse it is. It really is the future model for South Africa. It's changed how people choose to live, their intentions in their movement and space.

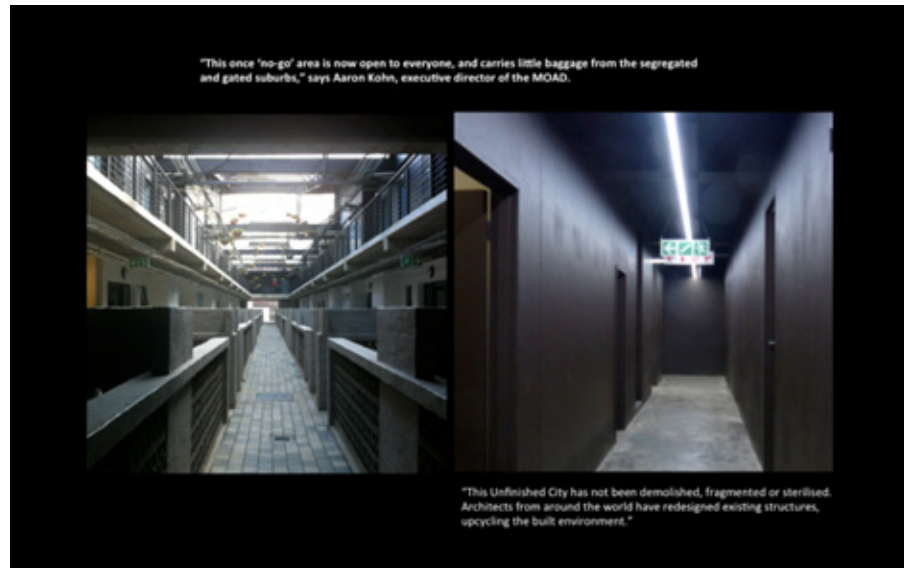


Figura 10 - Internos de *Craftmen's Ship* (esquerda) e de *Hallmark House* (direita) - fotos LB

No entanto, a presença de guardas de segurança privadas em cada esquina das ruas, bem como numerosas câmeras, acesso aos prédios através de controle da impressão digital para os moradores e submissão de documentos de identificação para visitantes, reproduz os mesmos padrões familiares de vigilância e segurança que vemos nos bairros da zona norte de classe média / alta de Johannesburg. Esses novos "inquilinos urbanos" simplesmente trocam os muros de cinta eletrificados das suas casas para apartamentos hiper-vigilados, passando de comunidades muradas nas ricas periferias residenciais à apartamentos igualmente fechados no centro da cidade. Entretanto a comunidade pré-existente de Jeppestown percebe os guardas de segurança como uma 'entrada autorizada'.

A experiência urbana de 'caminhar' desconhecida à classe rica da sociedade Sul Africana, e sempre destacada pela propaganda de *Propertuity*, é na realidade circunscrita à bem-vigilada Fox Street, onde a maioria dos bares e restaurantes estão localizados. Após a abertura da *Hallmark House*, uma nova opção residencial de classe alta que faz parte do portfólio da *Propertuity*, localizada na área de Doornfontein, e o deslocamento dos escritórios administrativos da empresa em frente a ela, um serviço de transporte começou a conectar a área central de Maboneng, a partir de Fox Street, a esta nova área em desenvolvimento. Assim como remarcado por uma entrevistada anônima que trabalha em uma empresa localizada em Doornfontein, "O *shuttle* funciona das 8h às 18h40, durante o dia, exatamente quando é seguro caminhar pelo *precinct*. É clara a falta de um real interesse de *Propertuity*

em promover o hábito de caminhar no bairro”. Além disso, apesar do fato de Maboneng afirmar ser "para todos", o ônibus é usado exclusivamente por pessoas que trabalham para *Propertuity* ou que vivem, ou estão hospedadas, em Hallmark House. Um dos motoristas entrevistado me disse: "É para todos, exceto as *mamas*⁶⁸, não o usam porque não sabem disso. Elas pensam que devem pagar para o serviço, e assim não esperam o ônibus nas estações”.

Essas características de segurança e controle, em uma escala infinitamente menor lembra o Centro de Controle de Operações - CCO da Região Portuária um sistema de segurança que monitora os 5 milhões de metros quadrados da operação urbana Porto Maravilha através do uso de 290 pessoas e 78 câmeras distribuídas por pontos estratégicos funcionando 24h por dia, 7 dias por semana. Segundo o site do Porto Maravilha “Além dos funcionários em campo e das 55 câmeras, as informações também vêm da população, que entra em contato com a concessionária por telefone gratuito que recebe em média 30 ligações com pedidos, sugestões e reclamações por dia (0800 8807678).”⁶⁹ As câmeras observam os padrões corporais das pessoas e pretendem capturar um índice por vir de um comportamento reconhecido como irregular. A finalidade principal delas é perseguir a manutenção da ordem social através de territórios homogêneos mais facilmente controláveis, a partir de critérios que define a irregularidade não mais na base de um parâmetro criminal, mas por um parâmetro comportamental e estético, que claramente subentende um índice econômico. Em Johannesburg o uso de segurança privada é a norma; no Brasil, em recorrência do biênio do megaeventos esportivos (2014/16), segundo o jornal *O Globo*, em quatro anos aumentou a contratação de oito a dez mil profissionais, tornando-se o uso de guardas particulares muito mais comum em 2017.

Na hora de se aprofundar nas dinâmicas dos processos de transformação desses dois territórios ambos os casos demostram como, atrás de uma intensa propaganda, existe uma grande nebulosidade das informações. Como Virilio (1988:52) afirma “Quanto mais cresce o

⁶⁸ O termo *mamas* – mães é uma forma informal de se referir às senhoras. Principalmente usado entre pessoas negras.

⁶⁹ Segundo o conceito de Janet Jacobs (1992) dos “olhos da rua” que defende que a manutenção da segurança não é feita apenas pela polícia, que também é necessária [...] mas pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados.

saber, mais aumenta o desconhecido, ou melhor, quanto mais se precipita a informação-número, mais nos conscientizamos, normalmente, de sua essência fragmentada e incompleta”. No caso Brasileiro, uma série de nomes são utilizados de forma alternativa por definir cada programa/projeto/intervenção ou operação. No final o uso de tantos nomes diferentes dificulta, ou torna impossível, criar uma sequência lógica entre ação – conteúdo e responsabilidade pela sua implementação, seja física ou financeira. De forma similar, no caso Sul Africano, várias vezes aparecem nomes que não correspondem a *Propertuity* mas que não poderiam não ser ligados diretamente à empresa. Às vezes também relevei a falta de coincidência entre o que vem sendo apresentado nas publicações como ‘portfolio da empresa’ e o que os *Ambassadors*⁷⁰ de venda/aluguel residencial/comercial apresentam para você, criando assim um estado de completa confusão. É o caso por exemplo que tentei sem sucesso investigar em Maio de 2017, quando um anúncio indicando um leilão apareceu nas portas dos dois únicos prédios destinados à pessoas de baixa renda parte do Portfolio de *Propertuity*⁷¹. No folder do leilão os dois prédios resultavam de propriedade de ‘*Artisan Trust*’ quando na verdade ao interrogar um dos responsáveis de venda de *Propertuity*, ele declarou que eram de propriedade de *Propertuity*. Interrogando os residentes dos dois prédios também ninguém sabia de nada a não ser um ‘responsável da administração do prédio’ que, em troca de uma quitinete aonde morar, exerce esta função de zelador em nome da empresa. Ele me diz que *Propertuity* garantiu que eles não iriam sair do local. Parece curioso alguém comprar um prédio em umas das áreas mais valiosas do momento imobiliário de Johannesburg, para manter pessoas pagando um aluguel entorno de Rand 1500/2000,00 por mês (R\$375/500). O mesmo aconteceu na entrevista com Jonhatam Liebman, que evitou a minha pergunta. Parece, portanto, que existem uma série de empresas laranjas (que emprestam os nomes) que, apesar de responder ao mesmo proprietário, tem definição legal autônoma permitindo manter o controle sobre o território sem precisar que este seja demasiadamente evidente.

⁷⁰ *Sale Ambassador e Rent Ambassador* é o nome dado aos agentes de venda e de aluguel que trabalham por *Propertuity*.

⁷¹ Sandhill House – Mixed Use Building Auction <https://www.broll.com/results/mixed-use/for-sale/johannesburg/maboneng/building/18896/>

Também, em ambos os casos, apesar de uma intensa produção de material informativo, ao examiná-lo, nota-se claramente que nada mais é que o mesmo material de vídeo ou impresso reapresentado com layouts diferentes.

No Rio uma grande confusão emerge também das entrevistas com alguns dos empreendedores do Distrito Criativo, que desconhecem várias realidades presentes no Porto, assim como a maioria dos trabalhadores do Conselho Cultural do Porto, ou moradores entrevistados, não sabem da finalidade do Distrito, alguns até nem sabem da existência dele.

Nas palavras de Emily Pirmez do Armazém da Cultura:

O Distrito é uma galera que vem de fora e botou no jornal que tomavam conta do calendário de eventos da região. Chegaram com dinheiro e subsídios e nós ficamos sem entender o que é este distrito porque eles vão fazer atividades culturais pelas quais nunca nós fomos chamados.

A impressão é que sejam os entrevistados dos novos grupos criativos, sejam os dos grupos anteriores, a figura da Prefeitura do Rio de Janeiro foi substituída pela da CDURP (em parte com fundamento, já que vários serviços de responsabilidade da Prefeitura estão agora nas mãos da Porto Novo), e o presidente da CDURP pelo Prefeito. “Não é possível que a CDURP comande a cultura da região. Quem é responsável é a Secretaria da Cultura” (Emily Pirmez, Armazém da Cultura).

No caso de Johannesburg, Jonhatan Liebman é onipresente até sem precisar estar fisicamente. Tem um entendimento geral e aceitação de que tudo o que se move em torno do *precinct* depende dele. Impressiona como qualquer pessoa entrevistada por mim, que trabalhe ou viva no Distrito, conheça-o e tenda a falar dele de forma descontraída, como fossem íntimos, especialmente os trabalhadores mais humildes, ou com um certo grau de ressentimento em relação a sua ‘arrogância’ - expressão utilizada por muitos dos empresários que entrevistei que já estavam em Jeppetown antes de *Propertuity* chegar. Apesar disto, existe um consenso geral em reconhecerem à *Propertuity* o feito de ter tornado a área mais segura, feita exceção por um dos entrevistados que conseguem ter um discernimento entre o significado de segurança com vigilância. A lógica de administração do distrito requer que *Propertuity* mantenha o controle curatorial do bairro inteiro.

“Os espaços comerciais são alugados. Nós mantemos os espaços comerciais porque queremos manter o lugar de uma certa maneira. Imagine se alguém decide mudar o tipo de negócio. É de propriedade dele, assim pode fazer o que ele quiser. E eles podem decidir abrir um sexy shop porque podem, e vamos ter que encarar um sexy shop no nosso *precinct* [literalmente recinto], isso não é para famílias e pode ser desconfortável, ou mesmo em termos da religião poderia ser controverso. Eles podem abrir uma igreja, nós não queremos lidar com isso, de modo que os espaços comerciais são apenas alugados na base do negócio que estão promovendo”⁷². (Sale Ambassador Propertuity, 2016)

Feita exceção pelo portfolio residencial que, sendo à venda acaba fugindo deste controle, tudo o que é de uso comercial precisa da aprovação da empresa. Já em 2017 o mesmo Liebman parece se interessar menos no controle curatorial do bairro, e declara durante a sua entrevista que “Tudo está à venda!”, explicando-me, porém, como a companhia consegue manter umas participações mínimas dentro das *body corporates* (administrações condominiais) a fim de manter sua voz nas últimas decisões. Menos claro parece como este controle pode ser feito em seguida à venda de imóveis inteiros para outros construtores, é o caso por exemplo do *Maverick Corner*, um ponto comercial inaugurado em maio de 2016, que em menos de um ano estava em completa decadência. De acordo com um dos entrevistados - foi vendido para uma outra companhia, informação confirmada por um dos agentes de venda de *Propertuity*, e pelo mesmo Liebman, que acrescenta “não podemos ser donos de tudo”.

O fato da Prefeitura do Rio estar completamente envolvida na transformação do Porto disponibiliza valores econômicos superiores daqueles investidos em *Maboneng* na construção deste imaginário distópico, um exemplo destes investimentos é representado pelo espaço *Meu Porto*, que curiosamente, após um investimento considerável, foi imediatamente demolido ao encerramento dos Jogos Olímpicos alegando-se a desculpa de uma infiltração de água⁷³. O Espaço construído para ser uma resposta por parte da Prefeitura às críticas pela

⁷² Commercial spaces are rented. We keep the commercial spaces because we want to keep the place in a certain way. Imagine if someone decides to change the kind of business. I own so I can do whatever I want, and they can decide to open a sexy shop because they can, and we are going to have a sexy shop in our precinct, that is not family friendly and it is not comfortable – or even in terms of religion should be controversial. They can open a church. We do not want to deal with this at all so commercial spaces are just rented on the base of the business they are promoting

⁷³ Conversa particular com uma das pessoas envolvidas na realização do projeto.

falta de informações sobre as obras previstas no projeto, era assim apresentado no site do Porto Maravilha

“Em 283 m² a sala da exposição interativa explora o conteúdo usando alta tecnologia de forma inovadora e intuitiva. Na maior tela multi-toques do Brasil, com 22 metros, o visitante acessa o conjunto de transformações da região por meio de mapas, infográficos, fotos e vídeos das obras e perspectivas futuras. As ações são apresentadas por temas, como sistema viário e meio ambiente. O software da grande tela contém uma camada de partículas gráficas dinâmicas que acompanha os movimentos do visitante”. (Website www.portomaravilha.com. Não mais online)

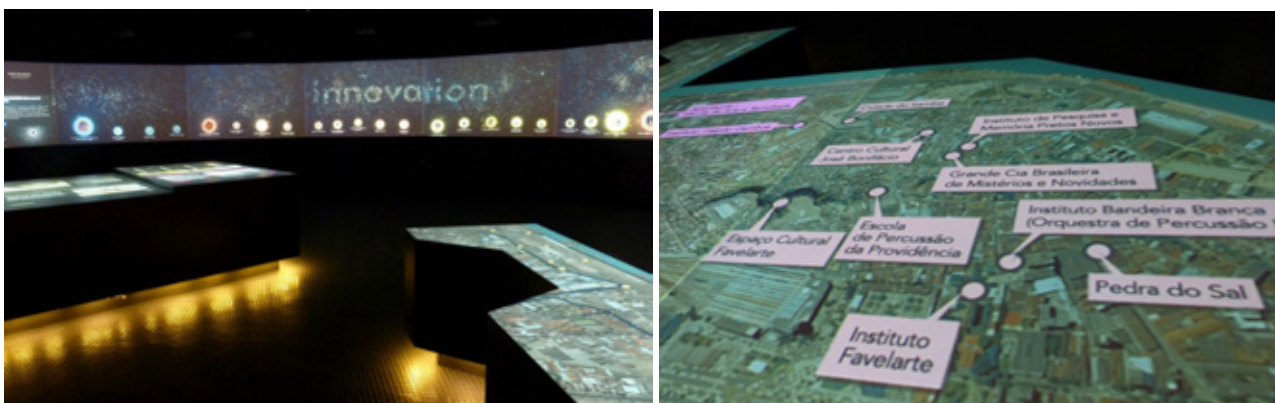


Figura 11 - Internos do Espaço Meu Porto, 2015 - foto LB

Trata-se não apenas de uma distorção das informações, por exemplo o Instituto Favelarte (foto acima) do Mauricio Hora já em 2015 não existia mais e tinha mudado de nome e transferido de sede, mas também de uma manipulação da experiência corporal. Um exemplo de bio-poder, segundo a definição de Foucault (2003) como poder sobre a vida e/o corpo, exercitado sobre os visitantes a partir da manipulação dos estímulos que as condições do espaço causam nas respostas sensoriais do espectador. Assim como Virilio (2000:75) nos lembra “o corpo reage de forma fotossensível e vem influenciado pela velocidade das imagens e das ações, o manejo desta materialidade e imaterialidade da luz sobre os corpos é vinculado a manipulação da vida” A temperatura da sala é muito baixa, a luminosidade reduzida, tornando possivelmente desagradável a permanência no espaço por muito tempo. Também existe no espaço um continuo chamado à mobilidade, à inovação, à modernidade, à qual é dada ênfase através da velocidade como as imagens reproduzidas. Na maior tela multi-toques do Brasil as informações, além de serem limitadas, passam muito rapidamente, sem deixar tempo para armazená-las. E no caso de, ao querer refletir sobre elas, tentarmos pausar para fixar uma informação, estaremos forçados a voltar ao ponto de começo da

apresentação, num movimento que lembra uma punição de um jogo de tabuleiro. Evidencia-se, portanto um direcionamento da forma de ver (e pensar) das pessoas dentro mecanismos de poderes exercitados sobre as subjetividades dos visitantes. Trata-se de indivíduos continuamente atingidos por imagens e que, na verdade, conseguem ver muito pouco dentro dos inumeráveis mecanismos que especialistas e técnicos criam para dirigir o olhar deles. O resultado é a criação de uma audiência domesticada, autônoma e passiva (Adorno, 2002; Debord, 1992, Ranciere, 2014).

Este chamado à velocidade remanda remete também à singular relação que se cria com o tempo. Observado as imagens de propaganda direcionadas aos cariocas, parece existir uma disfunção entre o presente e o futuro, e uma desconsideração pelo passado. No caso Sul Africano existe um real problema em lidar com o passado que, tendencialmente se prefere evitar. Ao perguntar aos transeuntes em Fox Street o que eles entendiam por modernidade, a resposta frequentemente era “que agora não é mais como antes” sem querer fazer menção direta ao que seria aquele antes. Os fluxos de pessoas que entraram e saíram da cidade com o final do regime do apartheid em 1994, são muitas vezes descritos de forma vaga, quase como se faltasse uma real intenção de se aprofundar nas relações econômico-raciais que determinaram este momento, a existência e o término do regime racial. Parece que simplesmente ‘de repente’ os negros entraram no centro da cidade e os brancos fugiram dela. “A noção da cidade do apartheid (*Apartheid City*⁷⁴) não era simplesmente uma abreviatura para descrever a segregação racial como se manifestava espacialmente. Em vez disso, o termo falou com uma economia política urbana que reproduzia cidades brancas ricas ao mesmo tempo que subdividia áreas negras”⁷⁵ (Chipkin, 2005:91). Chipkin explica como o declínio do centro da cidade de Johannesburg não pode ser simplesmente explicado em termos de raça e de declínio físico dos prédios sujeitos a superlotação. Precisa olhar mais acuradamente as razões, que obviamente tem uma influência racial, mas que mostram uma realidade bem mais complexa de um fluxo de fuga e de uma ocupação ilegal. A abolição do

⁷⁴ Smith, 1992

⁷⁵ The notion of the apartheid city was not simply a shorthand to describe racial segregation as it manifested itself spatially. Rather, the term spoke to an urban political economy that reproduced wealthy white cities while simultaneously underdeveloping black areas.

*'Pass Control'*⁷⁶ em 1986 fez com que inquilinos negros com um melhor poder econômico se sentissem mais seguros em procurar moradia no centro. As lógicas do mercado imobiliário em meados da década de 1980 fizeram com que as taxas de imóvel 'brancas' aumentassem; assim como as altas taxas de juros durante a década de 1980 e início da década de 1990 tornaram os pagamentos hipotecários dispendiosos. Nesta situação os proprietários (brancos), ao invés de reduzir os aluguéis para refletir novos níveis de acessibilidade, permitiam a superlotação como forma de manter a renda real. Não pode, portanto, se explicar a mudança como uma 'invasão ilegal do centro', assim como é frequentemente explicada, nesta situação "o conflito com o proprietário foi visto por alguns residentes como uma extensão da luta contra o apartheid" (Chipkin, 2005:94). Outro elemento que raramente se menciona na sempre citada 'Transferência do CBD para Sandton' é a falta de estacionamentos no centro da cidade que, acompanhada pelo aumento do uso do automóvel, foi elemento significativo da transferência dos escritórios tradicionalmente localizados no CBD. Inclusive, este é ainda um elemento fortemente presente nos comentários das pessoas em relação à 'volta ao centro da cidade'. Assim como Goga, citado em Chipkin (2005:96), repara "as decisões de investimento não foram conduzidas pela chamada racionalidade do mercado. Elas demonstram, ao invés, o caráter do setor financeiro: que é dominado por oligopólios (várias empresas grandes e dominantes) que operam sob condições do que ele chama de "concorrência falsa"⁷⁷. Não estamos longe de situações parecidas no desenvolvimento da mesma lógica de 'take back the city' à qual assistimos na contemporânea Johannesburg.

No Rio de Janeiro mais que a redescoberta do passado o que se torna interesse principal da Prefeitura é a sua obra de modernização e não por acaso o prefeito Eduardo Paes (2009-2017), responsável pela implementação da maioria das obras do Porto Maravilha, ama comparar a sua administração com aquela civilizatória do prefeito Pereira Passos nos primeiros anos do século XX (Nunes de Azevedo, 2003). A forma de tratar a história confirma a afirmação de Debord (1992:178) segundo a qual "quem vende a novidade tem todo o

⁷⁶ Ver nota 116 CapII.

⁷⁷ Investment decisions were not driven by so-called market rationality. They testified, rather, to the character of the financial sector: that it is dominated by oligopolies (several large and dominant companies) that operated under conditions of what he calls "false competition".

interesse em fazer desaparecer o meio de aferí-la. O fim da história é um agradável repouso para todo o poder presente. E' garantia absoluta de todos os seus empreendimentos“.

A Pedagogia do Museu

Uma estratégia que acomuna os dois casos são os investimentos destinados à aparatos culturais dos museus: o Museu do Arte do Rio, MAR e o Museu do Amanhã, MDA no Rio de Janeiro, e o *Museum of African Design*, MOAD em Johannesburg (não mais em funcionamento). Apesar do polo dos museus carioca ter um investimento muito maior e um impacto no território incomparável com aquele do MOAD, os três museus parecem seguir uma finalidade parecida que os torna 'objetos informantes' do poder assim como, acompanhando uma tendência que se abriu nos anos '70, se tornam 'ferramentas social pedagógica' (Yudice: 2013).



Figura 12 - Os museus cariocas (MAR e Museo do Amanhã) e o MOAD em Johannesburg

A revitalização do porto do Rio promovida pela Operação Urbana Porto Maravilha leva à assunção por parte da Prefeitura do Rio de Janeiro (e seus investidores privados) de uma política econômica-cultural que define o Porto Maravilha como o novo centro cultural e turístico da cidade e, através da parceria com a Fundação Roberto Marinho – FRM, centraliza (e privatiza) os investimentos públicos em duas instituições culturais: o MAR e o MDA. Através da análise dos contratos públicos que remetem aos programas educacionais para o ensino público (especialmente a Escola do Olhar do MAR) e através da concepção e realização

dos aparelhos culturais recém-construídos o relatório “Quem são os donos da educação e da cultura no Rio de Janeiro?” (Lopes Pinto, Nasra, Santon 2016)⁷⁸ afirma que:

“A Fundação Roberto Marinho - FRM exerce uma espécie de monopólio na produção cultural da cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista seu domínio sobre o planejamento e o gerenciamento dos museus recém construídos neste contexto de obras olímpicas”

O Museu de Arte do Rio é uma realização do Ministério da Cultura e do Governo Federal (por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura) cuja concepção e realização é a cargo da Prefeitura e da Fundação Roberto Marinho - FRM. Conta com o apoio do BNDES para exposições; patrocínio da BG Brasil⁷⁹ e copatrocínio da Souza Cruz⁸⁰. O Grupo Globo, instituição atrelada à Fundação Roberto Marinho, resulta como mantenedor do museu. A FRM também tem ingerência no programa educativo do museu - a Escolar do Olhar⁸¹ - que tem o intuito de contribuir com a rede pública de ensino através do estabelecimento de parcerias com instituições educativas públicas.⁸² O programa educativo tem apoio da Dow e da Brookfields para as visitas e também da UNESCO. A Braskem - por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio de Janeiro – apoia o programa MAR na Academia que também recebe apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Contrariamente ao entendimento difuso, a gestão do MAR não está nas mãos da FRM, mas de uma companhia privada chamada Odeon que em 2012 assinou um contrato de gestão com a CDURP e a Secretaria Municipal de Cultura por um valor de R\$ 24 milhões. Em 2011 a Escola do Olhar recebeu um financiamento de R\$ 32.364.179,00 pela Secretaria Municipal de Educação, no mesmo ano a Secretaria Municipal da Casa Civil direcionou à FRM 25% do seu orçamento (num valor de R\$ 30.519.071,00). Estes dados evidenciam como “a Fundação Roberto Marinho recebe quantia significativas do orçamento público destinado às contratações assinadas com dispensa ou inexigibilidade de licitação”.

A realização do Museu do Amanhã também foi destinada à Fundação Roberto Marinho através de uma parceria com a Prefeitura (Instituto Pereira Passos - IPP) que repassou R\$

⁷⁸ Os dados a seguir são todos originários do relatório.

⁷⁹ <http://www.ibg.com.br>

⁸⁰ <http://www.souzacruz.com.br>

⁸¹ <http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/educacao/escola-do-olhar/cursos>

⁸² Vale a pena remarcar a já significativa influência que a Fundação Roberto Marino exercita na educação pública através dos próprios programas e métodos utilizados nos Telecurso-Telesalas.

29.658.100,00 ao museu para seu desenvolvimento, implementação e manutenção. O banco Santander S/A também investiu R\$ 35.000.000,00 na fase de projeto e implementação da museografia. A gestão do museu é de responsabilidade do Instituto de Desenvolvimento e Gestão IDG, organização social sem fins lucrativos parceria da FRM, através do contrato de gestão assinado com a CEDURP por um valor de R\$ 31.169.014,00. No total a Fundação Roberto Marinho acumula uma receita de R\$ 65milhoes pela implementação do Museu do Amanhã e a sua proposta museográfica, utilizando em 2010 o 53% do orçamento do Instituto Pereira Passos. Sem querer entrar nas problemáticas relativas à participação da FRM em contratos de licitação de obras que fogem ao mandato estatutário da Fundação,⁸³ ou os casos de dispensa ou inexigibilidade das licitações, temas que estenderiam demais esta apresentação sobre os polos dos museus cariocas. Interessa evidenciar como a relação entre poder público e privado determina: o monopólio da Fundação Roberto Marinho na construção, implementação e manutenção dos dois museus; assim como uma forte ingerência no âmbito da educação pública. O monopólio torna-se evidente na implementação de programas culturais financiados pela Secretaria Municipal de Educação com objetivo de repassar aos professores do sistema público formas de ensino que serão, por sua vez, transmitidas aos alunos. A Escola do Olhar do MAR é um deste programas e recebeu em 2011 cerca de R\$ 32 milhões para a implementação das próprias atividades. Evidencia-se como, através destas fórmulas o Grupo *O Globo* difunde uma específica identidade estético produtiva. Como o relatório destaca

“O acesso às salas de aula do ensino público pode servir como mecanismo de criação/fidelização de público para os produtos do próprio Grupo O Globo [...] Não se trata, no entanto, exclusivamente de uma barreira contra os concorrentes no segmento audiovisual, mas é também contra outras formas de construir o pensamento, contra a autonomia da Escola e dos educadores, uma barreira discursiva.”⁸⁴

⁸³ Por exemplo os contratos assinados entre a FRM e a Secretaria Municipal de Obras e o consorcio Pier Novo formado por empreiteiras que também participam do consorcio Porto Novo.

⁸⁴ A Fundação Roberto Marinho pertence à Rede Globo de televisão radio e jornais. Por mais info: <http://www.frm.org.br/a-fundacao/>



Figura 13 - Anúncio da prefeitura do Rio de Janeiro
 fonte REDAÇÃO Carta Capital, 2014.

Explica-se assim a função destes dois museus como “objetos informantes” que, segundo Sibylla Pires (2012:196) “servem para contar uma historia sobre algo ou alguém, geralmente sob o prisma do poder que os institui, que os dotou desta capacidade de fala”, reproduzindo a gestão de poder colonialista, e que por sua vez pode também servir como instrumentos silenciadores de realidades que - os gerentes do poder - querem assombrar. Em Johannesburg, seguindo uma lógica pedagógica parecida, em 2011 um prédio aonde funcionava uma garagem mecânica foi adquirido para Propertuity e transformado no *Museum of Africa Design*— o primeiro museu de design do continente africano que abriu no final de 2013. O espaço hospedou algumas exposições e ironicamente, encerrou as portas em julho de 2017 com a exposição ‘*Unfinished City*’⁸⁵ uma exposição que pretendia traçar o histórico do desenvolvimento da cidade de Johannesburg, mas acaba em um novo projeto egocêntrico do comitente Jonhatan Liebman (proprietário do museu e do *precinct*) focando quase que exclusivamente no ‘renascimento’ da cidade promovido pela fundação de *Maboneng*. Os três museus parecem acompanhar uma tendência que se abriu nos anos 1970 quando na sociedade do consumo os museus se tornaram importantes dispositivos capazes de contribuir para desenvolvimento social. O uso comum de museus dentro de projetos de revitalização

⁸⁵ <https://www.artsy.net/show/museum-of-african-design-moad-unfinished-city>

urbanas, demonstra que, assim como a arte deixa de ser um objeto: os museus deixam de ser simples contentores dos gostos das elites para se tornar ferramentas social-pedagógica, dispositivos de saberes e de subjetivação (Sybilla Pires, 2012). Esta tendência aparece nas escolhas curatoriais do MAR que desde a sua inauguração com a exposição “O Abrigo e o Terreno: Arte e Sociedade no Brasil”⁸⁶ não se coíbe de apresentar temas conflituosos ao fim de neutralizar e desviar à atenção do público em relação ao papel que ele mesmo assume nestes conflitos no porto. Vale a pena também citar a exposição “Zona de Poesia Arida” de 2014, que além de levar ao Rio uma série de projetos de coletivos de São Paulo realizados nos anos noventa sobre gentrificação do centro da cidade, compra as obras para inseri-las no próprio acervo⁸⁷. De forma parecida age a proposta da exibição ‘*Ultracontemporary Emergency Art Africa*’⁸⁸ de um coletivo formado por um artista e uma curadora dinamarqueses que desenvolvem um trabalho colaborativo voltado a levantar um olhar crítico ao mundo das artes, e ao uso dela, dentro de contextos urbanos gentrificados como - segundo as palavras do mesmo artista - “fosse um aspirador de pó dentro de casas sujas ”⁸⁹.



Figura 14 - #ULTRACONTEMPORARY#EMERGENCYART#AFRICA, MOAD Johannesburg, 2016

⁸⁶ Segundo o site do museu a exibição “reúne [reuni] artistas e iniciativas de diversas regiões em torno de uma questão que, dadas as reformas urbanísticas que hoje transfiguram o Brasil, se faz urgente: as concepções de cidade e as forças que se aliam e se conflitam nas transformações urbanísticas, sociais e culturais do espaço público/privado” - <http://museudeartedorio.org.br/pt-br/exposicoes/o-abrigo-e-o-terreno>

⁸⁷ Leia-se no catalogo da exposição “A incorporação desse conjunto à Coleção MAR oferece as bases para a discussão em torno de processos de circulação pública e institucional da arte – e de modo geral, das praticas de criação e Resistencia da sociedade – debate essencial que exige das instituições uma renovada capacidade de avaliação” - <http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/node/2263>

⁸⁸ <http://www.copenhagenbiennale.org/ultracontemporaryemergencyartafrica/>

⁸⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=bxJMBJOXOZ4> - Ação realizada na Bienal de Atenas 2017, aonde se pergunta: “Are Artists Used As Vacuum Cleaners? ”

Desde os anos '30 museus debatem sobre a própria relação com educação, público e participação até chegar nos anos '80 a assumir aquele que Yúdice define como “imperativo social do desempenho” (2013:135). Trata-se da “necessidade argumentativa de enfatizar os valores investidos e a expectativa de retorno social do projeto, tornando os produtores - seja físicos (artistas) que jurídicos (instituições) da cultura, gerenciadores sociais” (Yúdice 2013:30) responsáveis pela reconstrução do tecido social muitas vezes de acordo com a vontade do poder. Neste sentido este *modus operandi* das instituições (e dos artistas) pode ser lido ou como uma forma de conferir poder a terceiros, ou de determinar a cooptação deles através do exercício de formas de *soft-power*⁹⁰ que agem de forma tanto delicada quanto tortuosa. Acredito que a segunda opção seja a mais frequente. Os museus tornam-se assim uma espécie de bônus compensatório ao urbanismo segregado cuja magnificência obscura, ao olhar externo, os conflitos atrás deles.⁹¹



Figura 15 - Muro de vidro no térreo do Museu de Arte do Rio - MAR, foto LB

Depois de ter observado como os museus se tornam dispositivos educativos e de controle e - no caso carioca - de evidente especulação financeira, observaremos o simbolismo da presença física dos dois museus cariocas ao interior do território do Porto Maravilha. Junto à derrubada do viaduto da Perimetral (concluída em 2014) estas duas grandes obras,

⁹⁰ Segundo Nye (2004) *soft power* (poder suave) é "a capacidade de atingir objetivos através da atração ao invés de coerção".

⁹¹ Este aspecto será aprofundado no capítulo III

localizadas uma em frente a outra na Praça Mauá, criam um novo marco zero na cidade, aparecendo como o símbolo do renascimento da moderna cidade olímpica, e definindo o ponto de entrada ao novo Distrito Criativo do Porto.

Analisando o processo de gentrificação como um processo visual capaz de encher a paisagem de significados simbólicos, o MAR com os seus muros transparentes que separam o museu da rua, e o Museu do Amanhã com o seu candor tornam clara a existência de um conflito entre raças e classes em relação ao pertencimento no território do porto.



Figura 16 - Inauguração do Museu do Amanhã, 2015. Foto, LB

Este espaço higienizado e pacificado tem um papel central na operação de venda de um ambiente de aparente efervescência cultural e modernidade contrastante com a paisagem originária, semiabandonada, ligada à economia portuária e a trabalhos e lazeres que frequentemente encontram um questionamento moral.⁹² Szaniecki (2014) e Szaniecki e Silva (2010) apontam os dois museus como ferramentas utilizadas no processo de justificativa da gentrificação e espetacularização do porto do Rio, tornando esta transformação física causa-efeito das mudanças sócio econômicas que estão acontecendo na região. A gentrificação do porto do Rio não pode ser atribuída exclusivamente aos dois museus, mas o MAR foi o primeiro projeto importante que começou a funcionar dentro da Operação Porto Maravilha

⁹² Os antigos moradores da área portuária entrevistados ao longo do meu trabalho, descrevem o tecido social da região nos anos oitenta como constituído por trabalhadores de renda meio/baixa: estivadores, sindicalistas, marinheiros, profissionais do sexo, malandros, bicheiros, trabalhadores ligados à indústria gráfica, às atividades do Moinho Fluminense e da Radio Nacional que tinha sede na Praça Mauá. Os entrevistados levantaram críticas em relação à postura do prefeito Eduardo Paes que, na inauguração da Praça Mauá em dezembro de 2015, falou do lugar como “um lugar de malandros” denunciando o preconceito do mesmo prefeito em relação à antiga área portuária e as atividades econômicas que a caracterizavam (lícitas e ilícitas).

e, talvez até por esta razão, tornou-se a representação física de um processo de exclusão e violações que estava há uns anos se desenvolvendo na região (Burocco e Tavares, 2011). Se o MAR tem um forte referencial à questão da exclusão urbana e da violação de direitos à moradia central e digna por pessoas de baixa renda; o Museu de Amanhã concentra as críticas em relação à negação da memória e da identidade negra da região portuária e do Brasil inteiro surgindo em cima do píer, local de desembarque dos escravos vindos da África. Nota-se como projetos de revitalização urbana, frequentemente ligados ao uso da cultura e do turismo como elementos de renascimento econômico do território, fazem amplo emprego de um imobiliário urbano homogeneizante caracterizado por equipamentos culturais como galerias de arte, restaurantes, bares, lojas de design, assim como de intervenções de grande porte, assinado por arquitetos de fama mundial, os assim chamados “*archistar*”. Francesco La Cecla (2008:78) define estes arquitetos de fama internacional responsáveis por projetos milionários ao redor do mundo como:

“Aqueles que têm na cabeça a ideia de transformar a cidade colocando, nas áreas nas quais são chamados a intervir - à convite de governos, associações, museus, públicos e privados - a própria assinatura/marca. Produtores de uma arquitetura pronta para catálogos de exposições e revistas de arquitetura, capaz de agir como uma caixa de ressonância continua do próprio ilustre nome. Arquitetura, no entanto, que deixa no chão, na paisagem urbana, "lugares espoliados do lugar" em um excesso de "intenção de vitrine e de plastificação”

Assim fez o Porto Maravilha, que coloca ao centro das próprias intervenções o Museu do Amanhã, inaugurado em 2015, assinado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava e construído no mesmo lugar aonde alguns anos antes foi vetado o Guggenheim Museum.⁹³ Igualmente em Maboneng o projeto de restauração de *Hallmark House* foi realizado pelo arquiteto de origem galiana britânica, David Adjaye, conhecido internacionalmente e que, pela primeira vez trabalhou na África Austral.

Para concluir, antes de analisar o tipo de economias que estão sendo implementadas nos dois polos criativos parece importante resumir umas diferenças fundamentais na base das duas intervenções. No Rio de Janeiro o esforço se concentra principalmente na aliança entre as três esferas do poder público (municipal, estadual e federal), um cartel de empreiteiras, e uns

⁹³ Sobre os ocorridos que vetaram a construção do museu veja-se mais a frente no capítulo III

investidores criativos privados escolhidos que, através de Parcerias Público-Privadas, PPP agem na redefinição do porto como atrativo turístico e cultural. No caso de Johannesburg trata-se de uma intervenção exclusivamente privada de um único investidor que, apesar do apoio de algumas companhias de empréstimo financeiro e bancas, concentra em si o total controle da área. No Rio o interesse da Prefeitura se direciona ao potencial econômico turístico e cultural da região acompanhado por um interesse – também em parte suportado pela Prefeitura – dos novos dos empreendedores recém-chegados na região em estabelecer um centro de atividade criativas/colaborativas; não existe, porém, por enquanto, um interesse em voltar a ocupar a região por uso residencial. A maioria dos entrevistados do Distrito dizem que a região ‘ainda é carente da infraestrutura básica necessária para pensar de morar na região’. Uma realidade, especialmente quando o termo de comparação é a Zona Sul do Rio de Janeiro. No caso de Johannesburg, o que começou como um incentivo à arte e à cultura e à retomada de espaços públicos se tornou um investimento imobiliário de grande escala promovido através da intensa propaganda da “Maboneng Community”. O tamanho do investimento, e a completa ausência da *City of Joburg*⁹⁴, faz que se encontre apenas uma mínima e desorganizada resistência por parte dos moradores irregulares dos prédios adquiridos e esvaziados⁹⁵. Assim a fala de um dos moradores de um prédio esvaziado “Aceitei os Rand3000,00 porque já sabia que iam me remover então, melhor pegar o dinheiro e sair antes deles me remover sem nada” reflete a mesma lógica que leva moradores da zona portuária a aceitar injustas compensações. Contudo, este fenômeno na África do Sul assume um nível superior de impunidade e de naturalidade, comprovada pelo número sempre maior de remoções forçadas no centro de Johannesburg. Remoções tácitas que nem comportam o uso da violência e nem resistência e que, a exemplo da nova administração da *City of Joburg*, pode-se prever que irão piorar. Diferentemente no caso do Rio, apesar do desenvolvimento promovido pela prefeitura na região atender prevalentemente aos interesses dos novos empreendedores criativos, existe, porém, algum tipo de resistência por parte dos atores

⁹⁴ A municipalidade de Johannesburg.

⁹⁵ Lembra-se uns artigos que apareceram na imprensa em 2014 quando os moradores de um prédio foram removidos pouco antes do Natal e inteiras famílias permaneceram dias abaixo do viaduto que marca a entrada de Maboneng. Também houve em 2016 uma revolta dos catadores que tomaram Fox Street em seguida à remoção forçada deles de um dos prédios na rua. Mas trata-se apenas de esporádicos acontecimentos, sem continuidade, o que também dificulta o trabalho de organizações – como *SERI Socio Economic Research Institute* – em manter um acompanhamento dos casos.

originários da área, também ativos dentro do sistema da indústria criativa (principalmente do entretenimento). Em 2015 houve uma tentativa desses artistas, produtores culturais, agentes culturais e prestadores de serviço em cultura operantes na região de se reunirem com o objetivo de criar um fórum para discussão das políticas culturais, fomento e apoio às experiências e ações em cultura na zona portuária. O Conselho de Cultura da Zona Portuária do Rio de Janeiro não teve continuidade devido a conflitos internos, em parte relacionados às definições dos diferentes graus de legitimidade em se definir como agentes 'do porto', em parte pela ambiguidade da relação que algumas das instituições participantes tinham com a Prefeitura, mas pelo menos eu consegui alcançar alguns resultados.

Capítulo II – Economia Criativa | Capitalismo Cognitivo

“O desejo de criar coisas que vão além da dimensão pragmática (coisas que são bonitas ou que comunicam um valor cultural através da música, teatro, entretenimento e artes visuais ou, ainda, que comunicam uma posição social através do estilo e da moda) é tão antigo quanto a humanidade. Sempre existiram e existirão pessoas com a imaginação e os talentos necessários para consegui-lo, assim como pessoas que pagarão por ele. Esta é a base da economia criativa” John Newbiggin, (2010:13)



Introdução

Esse capítulo pretende discutir os conceitos de economia criativa e de capitalismo cognitivo a fim de entender os processos econômicos em curso dentro dos pólos criativos analisados no primeiro capítulo. Começaremos com uma explicação do que se entende por economia criativa a partir da sua origem no mundo anglo-saxão e como vem sendo interpretada dentro dos dois contextos no Sul aqui mobilizados. As definições do conteúdo da economia criativa não são unívocas, sequer entre os especialistas, escolhi a da *United Nations Conference on Trade and Development UNCTD* (2008); a de John Howkins (2001), e também a utilizada pelo governo do Reino Unido na unidade de economia criativa do *British Council*. A seguir apresentaremos o conceito de capitalismo cognitivo, assim como elaborado por um grupo de pesquisadores ítalo/franceses no final dos anos noventa.

Este capítulo não pretende esclarecer as diferenças entre as várias definições de economia criativa, economia do conhecimento, sociedade da informação, trabalhador cognitivo, criativo, etc. A intenção é a de esclarecer o que se entende por economia criativa no Brasil e na África do Sul. Para tal fim pretendemos dar uma panorâmica das políticas e dos contextos econômicos locais que impulsionaram a criação do Distrito Criativo do Porto do Rio de Janeiro e do *Maboneng Precinct* como dois novos pólos de economia turística, cultural, criativa (ou imobiliária). Uma atenção particular é dada a como esses temas foram recebidos pela mídia. Ligando-se à apresentação dos dois territórios do Capítulo I, analisaremos o discurso que esta atrás da promoção dos assim chamados *clusters*, territórios de encontro e de colaboração não apenas físicos, mas também virtuais, funcionais ao desenvolvimento destas economias localmente, mas também à inserção dos próprios atores locais em mercados globais da economia da cultura e/ ou criativa (tema do Capítulo III). Estes territórios também são o resultado da concentração de um específico tipo de profissionais, que chamaremos de “criativos” em acordo às definições dadas a eles por alguns autores como Florida (2002), Howkins (2001) e Sklair (2001), que colocaremos em relação com as definições que os criativos do Rio de Janeiro e de Johannesburg atribuem a eles mesmos. Conclui o capítulo uma apresentação das diferenças da aplicação do conceito de capitalismo cognitivo, e dessa economia em contextos do Norte e do Sul. Assim como remarcado na introdução, a intenção é a de evidenciar a necessidade de se criar uma literatura que trate destes temas, não apenas a partir de um contexto ocidental, considerando os diferentes históricos sociais que caracterizam cada país e cada sociedade. Estas diferenças serão aprofundadas nos capítulos seguintes.

Economia Criativa | Origem

A primeira revolução industrial dos XVIII e XIX século transferiu a produção de valor da direta aplicação do trabalho laboral (físico) das mulheres e homens, a novos ativos tangíveis baseados no uso dos maquinários. Em um momento sucessivo uma segunda revolução (pós-industrial) transferiu a natureza e criação de trabalho dos ativos tangíveis (mecânico) aos intangíveis (intelectuais e imateriais) movendo os centros de produção de valor na direção da indústria criativa (Florida, 2002; Howkins, 2001) e de conhecimento, ou seja, aquelas em que a criação de valor é baseada em atividades especializadas, não repetitivas (Malecki, 1984)

chamadas de trabalho imaterial (Lazzarato, Negri, 2001). Neste contexto, as indústrias criativas deixaram de ser um fator menor e novo na economia mundial para se tornarem uma chave das economias nacionais, e um atrativo para quase todos os governos do mundo resultando na passagem do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo. Este movimento levou à substituição de produtores disciplinados que fabricavam objetos dentro das fábricas por consumidores controlados que oferecem serviços dentro de empresas onde “os gerentes abundam e os operários tendem a desaparecer” (Sibila, 2002:36). Em 1969, Peter Drucker cria o termo 'trabalhador do conhecimento' (*knowledge worker*) e começa a quantificar o conhecimento, dando vida também ao conceito de "economia do conhecimento" (*knowledge economy*). Trinta anos depois Manuel Castells (1996), dando continuidade ao discurso de Bell (1974), apresenta o argumento que o conhecimento como geração, processamento e transmissão de informações em rede global suplantou a terra, o trabalho e o capital como fonte fundamental de produtividade e poder (Guile, 2008:614). O conhecimento resultou em um novo paradigma econômico, o da economia "informacional", cujas características centrais são a crescente demanda, produção e troca de informação.

O termo economia do conhecimento, às vezes utilizado erroneamente como sinônimo de “sociedade da informação”, em tempos mais recentes, alarga os próprios horizontes no campo das artes e da criatividade, assim como na indústria do entretenimento e se aperfeiçoa na “economia criativa”. Esclarece-se, portanto, que sociedade da informação tem um alvo maior daquele da economia do conhecimento, que por sua vez representa um termo de definição mais amplo daquele de economia criativa (British Council, 2010). Pode se dizer que a economia criativa é um dos eixos da economia do conhecimento dentro da sociedade pós-industrial da informação e do conhecimento. O que caracteriza a economia do conhecimento não é o papel central do conhecimento (sempre foi importante no capitalismo) mas o fato que hoje o conhecimento não é mais meio de produção de bens materiais, mas de conhecimento. O conhecimento produzido pelo conhecimento (Corsani, 2003). A promoção da economia criativa na Europa e na América do Norte é o resultado de processos de transformações produtivas, econômicas e sociais que tem origem no final dos anos sessenta. No fim da primeira década de 2000, com a crise econômica mundial, houve um novo interesse ao assunto, especialmente no Reino Unido, onde a indústria criativa é vista como

um possível instrumento de retomada econômica, em resposta à depressão da economia nacional consequente à transferência da indústria manufatureira em direção aos países asiáticos. A partir do final dos anos 90 o governo Blair apoiou um discurso político na base do qual estava a ideia que as indústrias que tinham sua “origem na criatividade individual, habilidade e talento” possuíam grande potencial para “riqueza e criação de empregos através da geração e exploração da propriedade intelectual”. Em 2010 O relatório da *The Work Foundation UK* chega a afirmar que “a indústria do entretenimento apresenta o dobro do crescimento, em comparação com a economia em geral”. Institui-se assim um *Creative Industries Task Force* com a intenção de definir o tamanho e as finalidades da indústria criativa dentro da economia nacional abrindo um debate, pela verdade nunca fechado, sobre quais setores deveriam ser incluídos (Gregory, 2015:1).

Até o final dos anos ‘90 o termo “indústria criativa” é entendido como um sector amplo que envolve múltiplas interações entre conhecimento, cultura, economia e tecnologia. O *Creative Economy Report* da *United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD)*⁹⁶ chega a um consenso a definindo como:

“Os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como insumos primários; constituem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento, focadas, mas não se limitando às artes, gerando potencialmente receitas de comércio e direitos de propriedade intelectual; incluem produtos tangíveis e serviços intangíveis intelectuais ou artísticos com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado” UNCTAD (2008:13)⁹⁷

Assim a define John Howkins, autor do livro *The Creative Economy* (2001):

“A Economia Criativa não é sobre informação e sociedade da informação. Trata-se de assuntos mais básicos, o que os humanos queremos e o que somos bons. Gerenciar pessoas criativas será fundamental para o sucesso comercial no próximo século”⁹⁸

⁹⁶ www.unctad.org

⁹⁷ The cycles of creation, production and distribution of goods and services that use creativity and intellectual capital as primary inputs; constitute a set of knowledge-based activities, focused but not limited to arts, potentially generating revenues from trade and intellectual property rights; comprise tangible products and intangible intellectual or artistic services with creative content, economic value and market objectives.

⁹⁸ The Creative Economy is not about information and the information society. It is about more basic matters, what we humans want and what we are good at. Managing creative people will be fundamental to business success in the next century.



Figura 17 –A Economia Criativa: um guia introdutório, British Council, 2010

O Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DCMS em inglês) do Reino Unido elenca treze setores da atividade britânica cultural e econômica: artesanato, arquitetura, artes cênicas, artes e antiguidades, cinema, design, editorial, moda, música, publicidade, software, software interativo de lazer (videogames), televisão e rádio (British Council, 2010).

De acordo com Yúdice (2013:34) “a cultura está se expandindo como nunca antes para as esferas políticas e econômicas” e através da economia criativa o valor econômico se concentra na produção de conhecimento por meio do conhecimento (Corsani, 2003) conferindo maior importância ao trabalho intelectual, aos seus agentes produtivos (Caves, 2000; Scott, 2000), ao consumo cultural definindo, conseqüentemente, novos parâmetros estéticos e de comportamento. Trabalha-se em casa, em cafés, em restaurantes em qualquer lugar que ofereça uma conexão de internet. A produção sai da fábrica para ocupar a cidade inteira; antes preso no horário da fábrica o trabalhador, agora chamado de *freelancer*, entrega-se a um trabalho, agora chamado de serviço ou projeto, cujo tempo é ilimitado, corroendo as fronteiras entre tempo livre e do trabalho, de vida e trabalho. Ao mesmo tempo em que requer um alto nível de especialização individualizada, baseia-se em *networkings* colaborativos que levam à criação de *clusters* em que os trabalhadores imateriais se reúnem criando um ambiente físico e virtual onde existe uma paradoxal coincidência entre

competitividade e colaboração definida por Fumagalli (2015:7): “Uma hierarquia complexa, que muitas vezes resulta no controle social do espaço em que se desenvolve”⁹⁹.



Figura 18 - Gustavo Speridião, 2015

Capitalismo Cognitivo

Entende-se como capitalismo cognitivo o capitalismo resultante da transformação da produção depois da crise do capitalismo industrial fordista e o advento da globalização (internacionalização do mercado financeiro). A crise social do fordismo determina a aceleração do processo de subsunção real do trabalho pelo capital, pela inversão do que antes era a negação da dimensão subjetiva do trabalho (afirmação de uma atividade mecânica e repetitiva) e hoje é sua característica fundamental. O conceito de capitalismo cognitivo foi elaborado no final dos anos '90 por um grupo de pesquisa ítalo-francês que reunia pensadores como Yann Moulier Boutang, Antonella Corsani, Andrea Fumagalli, Bernard Paulré, Carlo Vercellone.

Se no capitalismo industrial (no taylorismo), as características pessoais do trabalhador eram desconsideradas, o seu conhecimento não reconhecido, a sua qualificação não requerida e a sua subjetividade dispensada, no capitalismo cognitivo, acontece exatamente o oposto: o trabalho só ganha sentido no interior da dupla especificidade do conhecimento e do sujeito que o produz. Demanda-se ao trabalhador que seja criativo, flexível, colaborativo, tenha

⁹⁹ A complex hierarchy, which often results in the social control of the space within which it develops.

capacidade de inventar e produzir novas formas de colaboração e de realizar múltiplas tarefas e faça da comunicação com os outros um recurso permanente. Assim, o conhecimento não é uma mercadoria como as outras, não é sujeito ao esgotamento por seu uso, pelo contrário: evolui de acordo com o seu uso. A troca não comporta perda nem sacrifício, pelo contrário: o valor do conhecimento depende da sua troca, ele só tem valor quando é usado e trocado com outros (Corsani, 2003).

O que caracteriza esse novo capitalismo é a transformação do regime de acumulação:

“De fato a passagem do fordismo ao pós-fordismo pode ser lida como a passagem de uma lógica de reprodução a uma lógica de inovação, de um regime de repetição a um regime de invenção [...]. As transformações em curso não constituem mutações no âmbito do paradigma do capitalismo industrial. Elas põem em evidencia a passagem do capitalismo industrial a algo que poderíamos denominar de capitalismo cognitivo” (Corsani, 2003:15)

Vercellone remarca como a crescente importância do conhecimento e a sua difusão requerem mais altos níveis de educação e a expansão do conteúdo do trabalho imaterial e intelectual:

“A maior transformação que, após a crise do fordismo, marca uma saída do capitalismo industrial, encontra-se precisamente no forte retorno da dimensão cognitiva e intelectual do trabalho” (Vercellone, 2005: 20)

Os conhecimentos produzidos e valorizados no capitalismo cognitivo são conhecimentos científicos, técnicos, artísticos, ideológicos, caracterizados por dois elementos: se produzem em locais exteriores ao da fábrica (é a vida social, intelectual e afetiva que se tornou produtiva); se transformam em ferramenta de trabalho e produto de consumo ao mesmo tempo (Rullani,2000); não podem funcionar independentemente dos conteúdos ligados à subjetividade do indivíduo produtor do conhecimento por conhecimentos. Segundo Corsani o capitalismo cognitivo além de ser o fato da passagem a uma economia do conhecimento, evidencia uma mudança nas formas que o capital agrega valor, ou seja, de uma criação de valor ligada a bens homogêneos e reprodutivos se passa para uma onde a inovação é o principal fator de valorização.

Essas características estão modificando não apenas a função produtiva das atividades imateriais (Lazzarato, Negri, 2001), mas também a relação entre trabalhador e trabalho.

Assim Fumagalli (2007:7) resume as características que ligam o trabalhador intelectual ao trabalho imaterial:

Reflexividade. Por "trabalho cognitivo-relacional", queremos dizer o trabalho que é investido por sua própria reflexividade;

Relacionalidade. Obviamente, implica atividade relacional, como ferramenta para transmitir e decodificar o conhecimento acumulado ao longo do tempo. Depende da subjetividade do trabalhador individual: é um biocombustível;

Espacialidade e rede. Para permitir que o trabalho cognitivo-relacional se torne produtivo, ele precisa de "espaço", ou seja, desenvolver uma rede de relacionamentos. Seu desenvolvimento é interno aos nós simples dentro das diferentes redes. Esta é uma hierarquia complexa, que muitas vezes resulta no controle social do espaço em que se desenvolve;

Educação e aprendizagem. Este tipo de trabalho exige um aprendizado cognitivo-relacional e treinamento

Coordenação. O trabalho cognitivo-relacional exige, como mencionado, a inclusão em uma estrutura reticular (virtual ou real), onde a rede entre nós é uma comunicação altamente simbólica e linguística. As formas de coordenação dependem do tipo de interações e relações existentes entre os seres humanos e, portanto, podem dar origem tanto a formas de hierarquia como a formas de cooperação, ao mesmo tempo.

O tempo de trabalho não se baseia mais em um tempo objetivo de repetição, mas depende do tempo subjetivo do indivíduo na criação e da sua capacidade de fazê-la circular. A circulação torna-se mais importante que a produção, assim como a inovação é mais requerida que a reprodução.

Em relação ao capitalismo cognitivo torna-se importante lembrar o que já o operáismo italiano¹⁰⁰ - de onde vem esses autores que lançaram o conceito de capitalismo cognitivo - remarcava:

Um aspecto importante para a compreensão do sistema capitalista é a sua habilidade para absorver parte das críticas que seus opositores lhe fazem, incorporando-as em suas práticas, bem como em seu *ethos* e discursos (Boltanski e Chiapello 2002 – citados em Pires 2002:215)

100 Operáismo ("operatism"), também conhecido por "marxismo autonomista", se refere a uma corrente política e teórica do pensamento marxista que surgiu na Itália no começo dos anos 1960. Veja-se Mezzadra, 2009.

Na sua concepção originária o capitalismo cognitivo encontra origem em um poder constituinte mais forte que o poder destituente, animador de uma vontade de desenvolvimento que vai muito além da criação de riqueza porque é baseado na criação de um novo capital cognitivo, que se baseia não apenas na visão da mercadoria como geradora de capital único, mas no reconhecimento que o conhecimento, as relações e a informação (competências cognitivas e relacionais) seriam as principais fontes de geração de valor (Lazzarato, 2003) a serem trocados livremente. Nesta originária visão o capitalismo cognitivo se apresenta como uma retomada da antecipação marxista do *General Intellect* entendido como livre circulação do conhecimento dentro da sociedade como espaço comum. Assim a concepção do capitalismo cognitivo, como originariamente formulada, entendia a individualidade do trabalhador como uma possibilidade bio-política de resistência:

Sob a hegemonia qualitativa do trabalho imaterial (Lazzarato e Negri ,2001), tendo em sua base o conhecimento, a comunicação e a cooperação, faz emergir uma outra subjetividade que, ao mesmo tempo em que é requerida pelo capital, preserva a sua autonomia e é portadora de emancipação.

Acaba na verdade se esvaziando deste elemento bio-político para se reduzir a reorganização do capital através da captura das lutas operárias contra o trabalho fabril. Por isso, Vercellone esclareceu que a abordagem em termos de capitalismo cognitivo (2005:8) é “uma crítica radical a apologética visão das mudanças econômicas embebidas das novas teorias neoliberais da economia do conhecimento”¹⁰¹ e isso porque :

1. É o trabalho e não o capital que é cognitivo, mesmo que a acumulação de capital venha cada vez mais do controle e da exploração do produto intelectual do trabalho e da transformação do conhecimento em uma mercadoria: no capitalismo cognitivo há, pois, um novo tipo de exploração.
2. A lógica do capitalismo cognitivo, de acordo com o modelo anglo-saxão, é um obstáculo para o desenvolvimento de uma economia com base no conhecimento, e na livre circulação do conhecimento por meio da tutela da propriedade intelectual, como condição-chave para o seu desenvolvimento, porque – pelo contrario – se organiza através da construção de novas barreiras (novas *enclosures*)

¹⁰¹ [cognitive capitalismo is] a radical critique of the apologetic vision of the actual mutation entailed by the new liberal theories of knowledge-based economy

Se o capitalismo industrial explorava o excedente de tempo de trabalho o capitalismo cognitivo explora a excedência de subjetividade, de formas de vida, determinando um capitalismo bio-cognitivo (Fumagalli, 2017), que controla a subjetividade do trabalhador enfraquecendo a sua capacidade de criar uma resposta bio-política. Assim, no Sul como no Norte, a exploração investe nas redes metropolitanas, juntando a precariedade dos pobres (no Sul) e dos migrantes e refugiados (no Norte) àquela do próprio trabalho intelectual e do trabalho em geral flexibilizado pelos novos métodos de gerenciamento. “O capitalismo contemporâneo, não apenas explora a força individual do trabalhador assalariado na empresa, como procura capturar a cooperação em rede de trabalhadores autônomos na metrópole” (Szaniesski, Silva, 2010:18) tornando-o explorador de si mesmo.

Dentro do sistema meritocrático, chega-se a uma supervalorização da individualidade que acaba se transformando em individualismo que frequentemente se traduz em uma exclusiva colaboração entre pares e, no Sul, pode dar continuidade as regras classistas que caracterizam o ordenamento da sociedade. O que se apresenta como uma aparente positiva flexibilidade e mobilidade por poucos; torna-se para a maioria uma condição de precariedade internalizada pela subjetividade do trabalhador. Assistimos ao aperfeiçoamento das técnicas de controle que passam da disciplina da fábrica (Foucault) ao controle social (Deleuze) a um autocontrole dos *freelancers*; em uma interferência direta sobre a própria subjetividade do trabalhador.

“Diferentemente do controle taylorista do trabalho, mecanismos centrados no controle da própria subjetividade dos trabalhadores podem ter lugar. Este é um dos aspectos centrais da passagem de sociedades disciplinares a sociedades controladas” (Vercellone, 2005)

A subjetividade do indivíduo é afligida por culpa, medo e baixa autoestima – três sentimentos interligados – como consequência das três condições associadas à vida do trabalhador precário: dívida (Lazzarato, 2017), insegurança e meritocracia como forma de organização do trabalho (Fumagalli, 2016).

Maurizio Lazzarato, autor de “O governo do homem endividado” (2017), assim descreve em uma entrevista:

“A sucessão de crises financeiras levou ao aparecimento de uma figura subjetiva, que agora ocupa todo o espaço público: a do homem endividado. Pois o fenômeno da dívida não se reduz às suas manifestações econômicas. Ele constitui a pedra angular das relações sociais em regime neoliberal, operando uma tripla desapropriação: a desapropriação de um poder político já fraco, concedido pela democracia representativa; a desapropriação de uma parte cada vez maior da riqueza que as lutas passadas tinham arrancado da acumulação capitalista; e a desapropriação, principalmente, do futuro, quer dizer, da visão do tempo que permite escolhas, possibilidades” (Lazzarato, 2012)

A precariedade torna-se condição existencial em uma situação onde não existe mais divisão entre trabalho e vida. Não existem mais sábado ou domingo, férias ou trabalho. A disponibilidade 24/7, uma vez atribuída apenas a categorias específicas de profissionais, parece agora ter se tornado a regra através de aparelhos móveis e sua hiper conectividade sempre ativa. Em relação ao pagamento, antes chamado salário, a ilusão do trabalhador flexível de ganhar mais, aparece apenas como uma distorção da realidade. É verdade que às vezes os pagamentos podem ser mais altos, mas não compensam os benefícios trabalhistas que estão em acelerado desaparecimento: pensa-se, por exemplo, na situação de mulheres com filhos, ou nos efeitos na empregabilidade de mulheres “em risco” de engravidar (Burocco, 2014). Frequentemente estes “projetos” nem tem contrato, abrindo um caminho de informalidade profissional que deixa uma voz mínima ao indivíduo que, devido à precariedade da sua condição, vê-se forçado a aceitar condições que não teriam que ser aceitas. Parece um traslado da pergunta de Spivak: “pode o subalterno falar?” Onde o subalterno não tem mais uma conotação geográfica e de raça. Em acordo com a visão de Mbembe, a transformação do mercado de trabalho faz que “um dos efeitos do neoliberalismo é o de ‘universalizar’ a condição negra” (Mbembe em Fargeau, 2013) fazendo que hoje em dia o negro venha definindo toda a humanidade subalterna.

Segundo Byung-Chuil Han (2015), a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas “uma sociedade do desempenho” na qual os seus habitantes são empresários de si mesmos, se tornando empregado e empregador ao mesmo tempo. A sociedade disciplinar é uma sociedade de negatividade e, ao contrário, a do desempenho é caracterizada por uma positividade do poder, da ilusão da liberdade. Assim, a requerida capacidade de realizar múltiplas tarefas não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa caracteriza o mundo dos animais selvagem, em que o contínuo estado de alerta

não permite concentrar-se em uma única atividade; esta a razão da incapacidade contemplativa dos animais. “A preocupação pelo bem viver [...] cede lugar cada vez mais à preocupação para sobreviver” (Han, 2015:33). Se, na época fordista a armadilha do medo funcionava em relação à pobreza e à incapacidade de entrar no mercado do trabalho formal, agora, o primeiro entusiasmo pela liberdade que a flexibilidade aparentemente oferece é substituído pelo medo que a precariedade (consequência desta flexibilidade) proporciona em relação às próprias necessidades de vida básicas. Os conceitos tratados remetem ao que Foucault (1999) define como bio-poder, ou seja, o controle exercido não apenas sobre as ideologias e a consciência, mas também sobre o corpo dos indivíduos.

Em relação à meritocracia ela age de forma que minhas capacidades, meu caráter, minha inteligência ou beleza precisa ser reconhecida e valorizada para permitir que a minha subjetividade seja reconhecida em um sistema de valores onde o reconhecimento e o sucesso implicam em ter mérito. Em oposição, quem não tem reconhecimento de mérito, não tem valor (Fumagalli, 2015)¹⁰². Trata-se de um mecanismo psicológico perverso, que subjuga os “não merecedores” a uma contínua cobrança interna para alcançar este mérito, desenvolvendo um individualismo extremo porque cada um se pensa a si próprio como o um empresário.

A inserção de uma massa de profissionais qualificados precários, portadores das características acima elencadas, dentro de sociedades que já se caracterizam pela presença de um número grande de trabalhadores informais, não pode deixar de nos fazer pensar sobre as suas consequências.

Economia Criativa no Sul?

No Sul, a promoção deste modelo representa não apenas uma oportunidade de possível desenvolvimento econômico de áreas de produção até agora pouco explorada, mas também assume um valor simbólico como instrumento de modernização e de internacionalização dos seus mercados, assim como dos atores envolvidos nestas economias em mudança. Este trabalho prefere usar o termo “economias em mudança” no lugar que o mais usado “novas

¹⁰² Fala de Andrea Fumagalli na Conferência Capitalismo Criativo e Criatividade Multitudinária – dia 25/09/2015 IBICT, UFRJ

economias” porque aquela que é implicitamente definida como “antiga economia”, ou seja a economia industrial, não foi substituída por uma economia pós-industrial no Norte, e ainda menos no Sul, aonde se colocam os meus casos de estudo (Pochmann, 2013, Schwarz, 2014). O que pode se observar são transformações no mercado do trabalho, nos canais de distribuição que vem se sobrepondo aos existentes hábitos econômicos.

Rio de Janeiro

A estratégia de *marketing* urbano conduzida pelo prefeito Eduardo Paes, baseada no relançamento da imagem da cidade maravilhosa em vista aos Jogos Olímpicos 2016, não representa uma novidade nos programas de gestão do Rio de Janeiro. Ela tem precedentes antigos que podem remetem à época do prefeito Pereira Passos, no começo do século XX, a qual Eduardo Paes sempre gostou de fazer referência; assim como, em tempos mais recentes, a administração de Cesar Maia, nas décadas de 80 e 90, quando o modelo de gestão urbana, chamado de Plano Estratégico foi amplamente utilizado (Lopes, Frangalle, 2016). Essa estratégia, que requer o uso de parcerias público-privadas (PPP) com o objetivo de construir ou modificar a imagem da cidade para promovê-la dentro do mercado seja nacional que internacional (Borja, Castells 1997) vem se repetindo desde aquela época. Entretanto, houve uma aceleração e intensificação deste processo na sequência de dois fatores. Primeiro, a descoberta em 2006 do *pré-sal*,¹⁰³ uma bacia petrolífera nas costas do Estado de Rio de Janeiro, que engrossou enormemente e rapidamente a economia nacional, em especial àquela da região sudeste do país, onde a cidade do Rio de Janeiro se encontra. Segundo, pela primeira vez, houve um alinhamento das três linhas de poderes (municipal, regional e nacional) que levou o projeto de *city marketing* a se desenvolver plenamente. Para completar o quadro, ou como consequência dele, a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014 e do Rio de Janeiro como cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2016, foi também condição/ causa favorável à expansão deste projeto (Lopes, Frangalle, 2016). O que muda, entretanto, é o tipo de estratégia econômica que vem sendo utilizada – se na primeira fase o modelo de cidade que estava sendo relançado era aquele da cidade empresa (Vainer, 2000) agora, acompanhando as mudanças das tendências internacionais, adota-se o modelo de

¹⁰³ Veja-se: <http://encyclopedie-energie.org/articles/descoberta-do-pré-sal-e-mudanças-do-marco-regulatório-na-indústria-brasileira-do-petróleo>

cidade criativa, cuja figura do prefeito Paes, descontraído e apoiador da Portela, uma das maiores escolas de samba carioca, adaptava-se perfeitamente.

Assim, em 2013, a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMIRJ) descrevia o renascimento econômico do Rio de Janeiro:

Com investimentos de R\$ 15,9 bilhões previstos somente para obras da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, fora os aportes que virão do petróleo extraído da camada pré-sal e de outros negócios, o Produto Interno Bruto (PIB) fluminense deve crescer até 2016 a taxas superiores (entre 4% e 5%) às do PIB brasileiro, o que já ocorreu em 2011 e 2012. (Vasconcellos, F., Tabak, F., Natanael D. e de Mello, P., 2013)

De um lado houve o excepcional crescimento econômico do país, através dos tradicionais recursos econômicos extrativistas – petróleo e gás, assim como o agronegócio – e de outro, um interesse novo naquela que vinha sendo apresentada como a economia urbana do futuro: a economia criativa.

Em 2008 um estudo realizado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN) aponta que, no ano de 2006, as indústrias criativas correspondiam a 2,4% dos empregos formais e 17,8% do PIB do estado, fazendo do Rio de Janeiro o estado no qual tais indústrias têm o maior peso econômico (Reis, 2012). No ano seguinte, o então prefeito, Eduardo Paes, insere a economia criativa em um dos cinco setores estratégicos do Governo Municipal. Também em 2009 o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) realiza um estudo que, junto com a Relação Anual de Informações Sociais (Reis, 2012), aponta a participação considerável da economia criativa na cidade do Rio de Janeiro, representando 11% dos empregos e 10% da massa salarial gerada naquele ano, apresentando uma tendência à concentração espacial das atividades ligadas à economia criativa na capital do estado. Assim em 2010, a Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro (SEC/ RJ), em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, criaram o Projeto ‘Incubadora Rio Criativo’ a “Primeira incubadora do Brasil focada exclusivamente nos setores da economia criativa” (Rio Criativo, 2016). O Rio criativo oferece “cursos, consultorias e eventos de sensibilização, que visam à disseminação da cultura empreendedora e à qualificação em planejamento e gestão para os empreendimentos criativos e iniciativas culturais no Estado, com o intuito de fortalecer o ambiente de negócios e de inovação para o setor” (SEC, 2016).

O discurso entre os governos federal, estaduais e municipais, ao longo do país inteiro, veio se reforçando tanto ao ponto de ser criada, em 2012, a Secretaria de Economia Criativa do Ministério da Cultura (MinC) que, dentro das diversas mudanças ministeriais que ocorreram com a crise política do atual governo, acabou sendo extinta em 2015. Tal aposta é antecipada pela fala do então superintendente de Cultura e Sociedade da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Marcos André Carvalho que, em uma entrevista ao jornal O Globo declarou:

A economia criativa é uma nova possibilidade para pensarmos numa política de desenvolvimento econômico e social que vá além da indústria do petróleo, que é finita e poluente. A criatividade, matéria-prima dessa nova economia, é limpa, abundante e está no nosso DNA (...). Temos que pensar grande nesta, que é a economia do futuro. A economia criativa abrange 19 setores, mas qualquer empreendedor, seja ele um vendedor de pregos, precisa entender a nova lógica de mercado. Não estamos mais na era do tangível, estamos no tempo da criatividade. O mundo inteiro está mudando (Carvalho, 2011)¹⁰⁴

O Rio, em plena fase de embelezamento, na expectativa dos megaeventos esportivos, tornaria-se, portanto, o lugar certo para embarcar neste novo “caminho para o desenvolvimento”. Em acordo com o site do Porto Maravilha:

O Brasil vem apresentando um crescimento consistente nos últimos anos. O Rio de Janeiro dá claros sinais de uma nova dinâmica econômica, impulsionada pelos grandes eventos que vão ocorrer na cidade nos próximos anos. A Operação Urbana Porto Maravilha está preparando a Região Portuária, há muitos anos relegada a segundo plano, para integrar este processo de desenvolvimento

É importante questionar qual é a ideia de desenvolvimento que está atrás destas transformações no Rio de Janeiro assim como em Johannesburg, e quais são os atores e agentes dele.

Assim a descoberta economia criativa parece representar a natural vocação produtiva do Rio de Janeiro:

Com 26 mil empresas e 96 mil trabalhadores, o Rio também ganha destaque em comparação ao resto do Brasil. No país, a indústria criativa gira anualmente R\$ 110 bilhões, apenas 2,7% do PIB. Os dados foram compilados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN). Especialistas destacam a força dessa

104 Entrevista ao Fórum permanente de desenvolvimento estratégico do estado, em 03/10/11, citada em Teixeira, 2013:76.

indústria para o Estado do Rio, com peso 50% maior em relação ao resto do país (Rosa, 2012)

Segundo uma entrevista com a pesquisadora Teixeira (2013) Leandro Figueredo, fundador do Núcleo de Economia Criativa da ESPM, chega a definir o Rio como uma cidade ‘naturalmente pós-industrial’:

O Rio de Janeiro é uma cidade muito à frente do seu tempo. A cidade sempre foi pós-fordista, pós-industrial em um momento em que se valorizavam os complexos industriais. Isso explica o declínio do Rio, principalmente após a perda do papel de capital do Brasil. (Figueiredo, citado em Teixeira, 2013:71)

Explica ainda Figueredo:

A cidade do Rio sempre teve efervescência cultural, assim como um modelo de desenvolvimento econômico muito associado à ideia de conhecimento e cultura. No entanto, para ele, no século XX, o desenvolvimento possuía caráter industrial, “tanto que o espaço urbano se desenha para ser um espaço de fabricação e, nesse sentido, é plausível que haja uma aberração como a perimetral cruzando a cidade porque a lógica era a de fluidez de produtos. [...] A pós-modernidade traz outra concepção de cidade, que valoriza também o estético. O pesquisador percebe nos agentes institucionais do Rio de Janeiro um esforço de se transformar esse “espaço de fabricação” em um “espaço de criação”, mesmo com toda a polêmica, falta de diálogos, conflitos e outras rupturas. O pesquisador afirma que “o tempo e o espaço urbano da cidade do Rio se encontraram com o tempo do mundo”. Agora, segundo ele: com as mudanças de produção, consumo, e de atribuição de valor da produção para a criação, parece que chega o momento de o Rio despontar com seu modelo de desenvolvimento e há um esforço de agentes governamentais e instituições em afirmarem a cidade do Rio como uma cidade criativa (Figueredo, citado em Teixeira 2013:72)

Existe um paradoxal entendimento, e certa distorção do conceito, entre o que é internacionalmente reconhecido como economia criativa – economia do conhecimento que concentra a criatividade e o capital intelectual como principal meio de produção – e o entendimento brasileiro que utiliza e distorce o sentido de cultura.

Os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como insumos primários; constituem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento.¹⁰⁵ (UNCTAD, 2008:17)

105 The cycles of creation, production and distribution of goods and services that use creativity and intellectual capital as primary inputs; constitute a set of knowledge- based activities

Atividades nas quais a criatividade e o capital intelectual são a matéria prima para a criação, produção e distribuição de bens e serviços.¹⁰⁶ (John Howkins, 2001)

A cultura como instrumento de ascensão social é para todo mundo; não há pobre nem rico. O desafio é como se pode fazer para as pessoas se apropriarem disso e perceberem que possuem riquezas culturais e podem usufruir disso (Figueiredo, citado em Teixeira, 2013:72)

Hipocritamente volta-se a atribuir a palavra “cultura” um significado antropológico, quando na verdade o discurso da indústria criativa esvazia o significado de cultura como expressão de identidade coletiva para se tornar uma mercadoria a ser adaptada as exigências do mercado. A falta de um único entendimento sobre o que compõe o setor das indústrias criativas, se reflete no contexto brasileiro no uso, como se for sinônimo, de expressões como economia criativa, economia solidária, indústria cultural, cultura e criatividade, artesanato e design. Este nível de confusão, por exemplo, aparece no título do evento “Economia criativa, sustentável, solidária e circular no estado do Rio de Janeiro” organizado na Assembleia Legislativa do Rio em novembro 2015.



Figura 19 - Cartaz do evento " Economia criativa, sustentável, solidária e circular no estado do Rio de Janeiro", 2015

106 Activities in which creativity and intellectual capital are the raw material for the creation, production and distribution of goods and services

O evento juntava empreendimentos que variavam daqueles de designers da Associação Goma (coletivo de empresas parte do Distrito), projetos sociais de costura das favelas do Rio e até artesanato local. Não quer aqui se dizer que estes últimos não merecem ser tratados como um dos elementos da economia criativa brasileira, mas questiona-se a aplicação das mesmas estratégias em relação a associações de trabalhadores informais de áreas periféricas da cidade, e empresas de profissionais especializados concentrados no Distrito Criativo do Porto. A relevância do artesanato enquanto setor da economia criativa é também reconhecida pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e Município que, em 2011, por meio da Secretaria de Patrimônio, Arquitetura e Design do Município, propõe a Praça Tiradentes e a Lapa como *clusters* criativos e inaugura o Centro Carioca de Design (Santos, 2017)¹⁰⁷. A mesma praça abriga o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro – CRAB¹⁰⁸ do SEBRAE, definido no próprio site como “uma plataforma mercadológica para o reposicionamento e a qualificação do artesanato brasileiro, transformando-o em objeto de desejo e consumo e, conseqüentemente, aumentando seu valor de mercado”. Observando as peças expostas e à venda nos dois espaços não resulta clara qual seria a diferença entre design e artesanato, a não ser o fato do primeiro ser um instituto municipal e o outro nacional. Evidencia-se também uma certa confusão na definição do que seria um *‘cluster’*, já que a prefeitura inaugura *clusters* criativos que se estendem da Praça Tiradentes à Lapa, até a Fábrica Bhering, no Santo Cristo (uma fábrica em desuso transformada em ateliê de artistas) para completar-se no “Polo Cultural da Zona Portuária”. Segundo o Plano Estratégico de 2013-2016:

“O Polo já compreende o Museu do Amanhã no Píer Mauá e o Museu de Arte do Rio (MAR) na Praça Mauá, o Centro de Referência Afro-Brasileiro no Centro Cultural José Bonifácio, a Cidade do Teatro nos Galpões da Gamboa, o Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Memória Africana (incluindo Cemitério dos Pretos Novos, Pedra do Sal e o Cais do Valongo) e fomenta as iniciativas culturais de parceiros sediados na região” (Prefeitura, 2013, p.103).

107 Curiosa a relação que interliga estes institutos com os vários órgãos da prefeitura do Rio. Ao procurar o website do espaço encontra-se a página da Prefeitura do Rio <http://www.rio.rj.gov.br/web/irph/ccd> que direciona à página do *Facebook* do Centro <https://www.facebook.com/cariocadesign/?fref=ts> que por sua vez, na área de contatos, direciona ao site do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH, este último praticamente inativo desde o final de 2016.

108 <http://www.crab.sebrae.com.br/o-crab#sobre>

Johannesburg

Segundo Joffe e Newton (2012) pouco se conhece da indústria criativa no continente Africano, feita exceção pela África do Sul onde tem um crescente interesse e reconhecimento político. Mesmo assim existe uma falta de pesquisas acadêmicas sobre economia criativa e os seus efeitos em relação às transformações da paisagem urbana, assim como em relação aos seus efeitos sócios-econômicos¹⁰⁹. O mesmo pensamento é confirmado por Jenny F. Mbaye (2012), quando afirma que:

“As pesquisas relacionadas com economia criativa têm um foco geográfico predominantemente direcionado ao hemisfério norte e existe uma necessidade de por em relação à economia criativa africana com um projeto de desenvolvimento integrado das sociedades africanas ao redor do continente. Isso levaria a identificar conexões, oportunidades e potenciais relacionamentos com as economias criativas do Norte e Sul, Sul e Sul, mas particularmente do contexto pan-africano.”¹¹⁰

A *African Creative Economy Conference*¹¹¹, organizada pelo *Arterial Network*¹¹² desde 2011 em diferentes capitais africanas, atende esta exigência fornecendo uma plataforma para especialistas e pensadores africanos no âmbito da economia criativa africana para compartilhar suas ideias e perspectivas. O *Arterial Network*, criado em 2007 na Ilha de Goree (Senegal), é constituído por organizações não-governamentais, companhias da indústria criativa, festivais e artistas individuais envolvidos no setor da criatividade no continente Africano. Entre as questões em discussão na conferência encontra-se o estado atual das indústrias criativas e o modelo africano; as contribuições culturais e econômicas dos festivais artísticos; as atuais e potenciais cidades criativas africanas e as diversas vias para o desenvolvimento sustentável de formas de cooperação Sul-Sul e Sul-Norte na área dos mercados criativos. Também houve fóruns de discussões sobre questões atuais no mundo das artes africanas, como os direitos de propriedade intelectual, a visão da União Europeia e o

109 Esta falta é confirmada pela escassez de pesquisa sobre gentrificação. Apesar do processo de gentrificação acontecer ao todo o país, os poucos casos estudados se concentram em Cape Town (Garside, 1993; Kotzé e Visser, 2008). Visser (2002) declara uma falta de pesquisa sobre gentrificação em Johannesburg.

110 Contemporary research on the creative economy has a clear Northern geographical bias in its focus. There is also a need for relationships among the African creative economy and the integrated development of African societies cross continent, region and country to be examined rigorously. This will lead to identifying links, opportunities and potential relationships with the creative economies of the global North and South, South and South, but particularly pan African.

111 <http://creativeindustriesafrica.com/>

112 <http://www.arterialnetwork.org/>

apoio ao setor criativo na África, assim como a relevância dos BRICS para a economia criativa africana.

Segundo Visser (2014), na África do Sul, a ideia de usar a criatividade através das indústrias culturais foi estabelecida há mais de uma década, em 1998, quando o *Department of Arts, Culture, Science and Technology* publicou *Creative South Africa*¹¹³, uma estratégia nacional para perceber o potencial da indústria cultural e ajudar o crescimento econômico e urbano. Em 2007 o *Department of Labour* comissionou uma atualização do estudo e publicou o *The Creative Industries In South Africa Report* organizado por três centros de pesquisa: *Human Sciences Research Council HSRC*; *Development Policy Research Unit DPRU*; *Sociology of Work Program-SWOP*. Durante os tardios anos noventa Dirsuweit (1999) avaliou o desenvolvimento dos setores culturais e da informação na região metropolitana de Johannesburg e introduziu o conceito de "cidade criativa" nos debates sul-africanos. Mesmo assim, encontro-me em acordo com os pesquisadores antes mencionados, sobre a insuficiência de estudos e literatura em relação a economia criativa no país. Apesar da cidade de Johannesburg estar passando por uma evidente fase de *marketing* internacional, faltam dados sobre o número e o tipo de investimentos, e claras políticas públicas que expressem uma real vontade política em investir neste setor econômico. O que existe são numerosos artigos de revistas especializadas em turismo ou moda anunciando a cidade de Johannesburg como novo destino internacional¹¹⁴. Registra-se, portanto uma tendência em investir na criatividade, cultura e arte como forma de relançar as cidades do Sul no panorama global, porém não acompanhada por uma real intervenção no âmbito de políticas econômicas que ajudem este mercado a se desenvolver.

A promoção de uma "estratégia de recuperação do centro" é um *leitmotiv* da cidade de Johannesburg. A partir de 1999 com a *Inner City Economic Development Strategy* (1999), *Inner City Spatial Framework* (1999) seguidos em 2000 pelo *City Centre Development Framework* (2000); no início dos anos 2000 foi dada maior urgência a regeneração do centro da cidade e em 2001 foi criada a *Johannesburg Development Agency* (JDA, Agência de Desenvolvimento de Johannesburg); em 2003 foram lançados o *Inner City Regeneration*

113 http://www.dacst.gov.za/arts_culture/culture/industries/index.htm

114 Este tema será desenvolvido no capítulo III – Nova globalização | Novo colonialismo

Strategy e o *Inner City Regeneration businesses plan* em 2004. Seguiram o *Urban Regeneration Charter* (2007), o *Spatial Framework* (2008), o *Integrated Development Plan* (2015). A maioria destes planos, contudo, concentram-se no resgate do centro da cidade da situação de colapso em termos de moradia; condições precárias na coleta do lixo e saúde pública; transporte; violência e crime (Rogerson and Rogerson, 1995, 1997, 2015). A Johannesburg pós-apartheid tem que lidar com a herança de décadas do *apartheid planning*¹¹⁵ e a atual contradição existente entre políticas voltadas para a criação de uma nova imagem urbana, que procura elevá-la a cidade de classe mundial (*The World Class African City*) e as demandas de atender às necessidades básicas da maioria que vive em extrema miséria (Murray, 2008, 2011). As iniciativas do poder público que poderiam ser incluídas no eixo econômico da cultura foram as da JDA que, no início dos anos 2000, promoveu uma série de projetos de regeneração urbana ligados a atividades culturais como: *Constitution Hill*¹¹⁶, *Fashion District*¹¹⁷ e a construção do icônico *Nelson Mandela Bridge* que, apesar de ser uma obra de infraestrutura, permitiu a consolidação do polo cultural de Newtown especialmente em função da Copa de 2010 (Garner, 2011; Taitz, 2013). Outro fator importante para estimular o investimento do setor privado no centro da cidade foi a introdução – de forma parecida ao Porto do Rio – do incentivo fiscal do *Urban Development Zone*, (UDZ, Zona de Desenvolvimento Urbano) em 2004. Aproveitou-se, também como no Rio, dos investimentos municipais, estaduais e federais destinados à cidade para as obras de infraestrutura prevista pela Copa do Mundo de 2010. O megaevento esportivo ofereceu a possibilidade da África do Sul, depois de anos de boicote internacional, de voltar a ser incluída no panorama global tornando-se um destino turístico cada vez mais explorado. Não só mais apenas as belezas naturais (safari) a atrair os turistas, mas também o turismo urbano que coloca Johannesburg como um novo centro de referência em competição com Cape Town.

115 *Apartheid planning* foi uma política de planejamento altamente espacial formalmente adotada na África do Sul em 1948, embora formas de *apartheid planning* informal era visível antes de 1948. A justificativa para o apartheid foi a presunção de que o contato entre grupos raciais teria levado a conflitos e que as relações harmoniosas só podem ser alcançadas minimizando os pontos de contato. A segregação racial operava em três níveis distintos: '*Apartheid Petty*' (segregação social detalhada, incluindo seções separadas para brancos e não-brancos); o apartheid urbano (como as áreas urbanas foram moldadas de acordo com the *Group Areas Act*) e '*Grand Apartheid*' (a criação de pátrias" independentes "para cada um dos grupos étnicos africanos). Fonte: https://www.impulscentrum.be/south_africa/mod3_city/theo3.asp

116 <https://www.constitutionhill.org.za>

117 <http://www.fashiondistrict.co.za>

No entanto, apesar da série de estratégias públicas apresentadas, a maior transformação de Johannesburg está nas mãos de iniciativas privadas. Algumas de tipo individual, como passeios pelo centro da cidade organizado por amadores e guias locais, cuja perseverança se tornou um elemento-chave para fazer com que as pessoas perdessem, ou desafiasse, o medo de ir ao centro da cidade,¹¹⁸ e também levaram a criação da agência de turismo municipal. São um exemplo dessas ações os *tours* da cidade que começaram a ser organizados por Gerald Gardner em 2011 e foram seguidos por outros grupos¹¹⁹. Outras estratégias são grandes investimentos de tipo empresarial que respondem à tendência em definir o centro da cidade como área criativa, a começar de Braamfontein, onde Play Braamfontein concentra-se na criação de um polo criativo, ao mesmo tempo em que South Point se torna mais interessante ao mercado imobiliário estudantil favorecido pela proximidade ao bairro das duas maiores universidades. Do tempo do meu mestrado (2013), que focava sobre o projeto de regeneração de Braamfontein, até esta minha última visita em 2017, parece que o projeto de “*studentificação*” do South Point foi mais bem-sucedido do que aquele de criatividade, sendo que muitos dos espaços que abriram na época não apenas estão agora fechados, mas vazios, indicando que nenhum empreendimento está os reocupando. Juta 70, um minúsculo pátio interno com lojas, estúdios e um café, que na época do meu mestrado se apresentava como o equivalente de Fox Street em *Maboneng*, está agora deserto. Atualmente, o desenvolvimento criativo concentra-se mais na área sudeste do CBD onde Propertuity continua na expansão do *Maboneng precinct*, uma iniciativa completamente particular objeto desse estudo.

As políticas nacionais assumem o discurso da intenção de transformar a economia em uma economia baseada no conhecimento, resultando em um crescente reconhecimento político das indústrias criativas a nível nacional, provincial e local. Em 2013 o então Ministro das Artes e Cultura, Paul Mashatile, declarou:

‘A África do Sul nos últimos anos tem sido impulsionada principalmente por recursos minerais ... "Eu disse às pessoas:" No século 21, nossa economia será impulsionada

118 Muitos dos participantes a estes *tours* que entrevistei não voltavam a andar a pé no centro da cidade (CBD) desde o fim do apartheid (1994) uns nem mais vieram de carro, assustados pelos índices de violência e por um certo terror psicológico que ocupa as mentes dos habitantes de Johannesburg.

119 Veja-se <http://www.joburgplaces.com/tours/> ; Braamfontein Neighborhood Network, *tours* in Braamfontein; <https://www.dlalanje.org> tour in Hillbrow.

por indústrias culturais e criativas ". Este é o nosso novo ouro, a *Mzansi Golden Economy* (MGE).¹²⁰ (Cronje, 2013)

Mzansi Golden Economy (MGE) é uma estratégia para reposicionar as indústrias culturais na África do Sul. A estratégia da MGE abre o setor de artes, cultura e patrimônio para contribuir efetivamente e de forma abrangente para o crescimento econômico e a criação de emprego. Mashatile, o então Ministro das Artes e Cultura, declarou 2013 como o ano da MGE. Alguns dos projetos que o *Department of Art and Culture* iniciaram e foram implementados são eventos Culturais, empresas de *sourcing*, arte pública, touring ventures, Art Bank, NACISA, observatório cultural e artes nas escolas¹²¹. A base para esta estratégia econômica foi estabelecida na cúpula nacional sobre o papel das artes, da cultura e do patrimônio na economia, realizada em 2011 pelo *Department of Art and Culture*, e procurou canalizar investimentos de grande escala para o setor para reforçar a construção da nação e o empoderamento econômico. O ministro acrescentou que o setor das artes tem o potencial de impulsionar a criação de emprego e estimular as pequenas empresas. Também se torna crucial para a indústria do turismo, pois não poderia haver "turismo sem arte, cultura e patrimônio".

Esta visão exclusivamente economicista da cultura é confirmada no artigo *'Can creativity fix South Africa?'* (Britten, 2012) O artigo apresenta o *Culture Shift Program*, um programa de idealização e mentoria globalmente promovido e financiado pelo British Council ao redor do mundo (prevalentemente no Sul). O evento aconteceu em Johannesburg em 2012 e desafiava o público com a pergunta: "Porque fazer dinheiro em América quando você pode fazer a diferença em África?"¹²² e continua:

Os políticos argumentam sobre o significado da palavra "refugiado", enquanto os desempregados crescem cada vez mais impacientes para que os empregos se materializem do éter. Agora, mais do que nunca, precisamos de pensamentos frescos e novas ideias. É onde a criatividade e a inovação do tipo promovidas pela *Cultura Shift* entra em cena. Não é possível competir com o Extremo Oriente em preço ou

120 South Africa in past years has been driven primarily by mineral resources ... I said to people: In the 21st century our economy will be driven by cultural and creative industries. This is our new gold, the *Mzansi Golden Economy* (MGE)

121 <http://www.dac.gov.za/content/what-mzansi-golden-economy-mge#>

122 "Why make money in America when you can make a difference in Africa?"

produtividade; é na qualidade das ideias que concebemos e executamos, que a liberdade econômica reside.¹²³

Em 2014 o departamento de artes e cultura criou um comitê para estabelecer a Federação das Indústrias Criativas SACIF (*SA Creative Industries Federation*) para formalizar o setor criativo como uma indústria e atribuí-lhe um papel importante na economia. Além disso, espera-se criar um ambiente que permita o crescimento do setor e facilite os financiamentos. O departamento de artes e cultura concederia ao comitê interino um orçamento operacional de 5 milhões de rands e um secretariado para assegurar que ele desempenhe suas funções de forma eficiente. Mashatile afirma que

"Era necessária uma federação que fosse uma entidade legal com um escritório, um endereço, uma gestão financeira apropriada e programas que atendessem às necessidades do setor. O governo não tem intenção de gerenciar a federação, estamos apenas ajudando o setor a se organizar para que ele possa ocupar o lugar legítimo na economia e na sociedade em geral. Esta federação não será um governo"¹²⁴ (SAPA, 2014)

Desde 2000, houve um aumento significativo nos produtos culturais do comércio mundial, o que apoia o argumento de que as indústrias culturais poderiam abrir a porta para que as economias africanas participem efetivamente no mercado mundial. No entanto, a contribuição relativamente marginal da África (menos de 1%) para a exportação mundial de bens culturais evidencia como o talento sozinho não é suficiente para construir uma economia criativa competitiva (Mbaye, 2012). Deve haver uma interação institucional, bem como política, mas esta intervenção parece não ir além de declarações dos representantes do governo às quais não se acompanham efetivas ações. Pelo contrário, evidencia-se que o aporte maior dos investimentos direcionados à cultura e criatividade no continente africano vem de investidores privados ou institutos de cultura estrangeiros. Assim Toussaint Tiendrebeogo, produtor cinematográfico do Burquina Faso e consultor em políticas

123 Politicians argue about the meaning of the word "refugee" while the unemployed grow increasingly impatient for jobs to materialise out of the ether. Now, more than ever we need fresh thinking and new ideas. Which is where creativity and innovation of the kind promoted by Culture Shift come in. It is not possible to compete with the Far East on price or productivity; it's in the quality of the ideas we conceive and execute that economic freedom lies.

124 A federation that was a legal entity with an office, address, proper financial management and programmes that address the needs of the sector was needed. Government has no intention to manage the federation, we are merely assisting the sector to organise itself so that it can take its rightful place in the economy and society at large he said. This federation will not be a government.

cinematográficas e de audiovisual da Organização Internacional da Francófona OIF¹²⁵, na última edição de 2015 da *African Creative Economy Conference*, expressa preocupação sobre o facto que

"Após 30 anos de apoio da comunidade internacional para o setor cinematográfico, facilitou mais produções, mas pouco foi alcançado em termos de infraestrutura e educação formal (...) devido ao apoio internacional, os governos africanos se desviaram bastante no financiamento e no financiamento dos setores cultural e criativo"¹²⁶

Também Molemo Moiola, diretor do Vansa - *The Visual Arts Network of South Africa*¹²⁷, no artigo "The Art of Public Space" (Gedye, 2015), revisando o livro "*The Art of Public Space: Curating and Re-imagining the Ephemeral City*" (Gurney, 2015), nos alerta para o fato que:

"O setor de arte sul-africano precisava explorar até que ponto as forças econômicas o capturaram. Afirmar que a arte pública está disponível para todos é negar o elitismo da prática e negar o fato de que os artistas são cúmplices dessa visão de uma cidade africana de classe mundial, referindo-se a uma linha que muitas vezes é arrasada por funcionários da cidade ao descrever ambições para a maior cidade da África do Sul"¹²⁸

Os clusters

Ao mesmo tempo em que estas economias em transformação vêm se difundindo, amplia-se o discurso da relevância do território na organização da produção e a ligação entre economia criativa e cidade criativa torna-se mais próximo (Porter, 1998). As evidências provenientes de cidades ao redor do mundo apontam para o fato de que:

"Um ambiente cultural rico e variado – não apenas em termos das artes formais, mas também da existência de cafés, bares, clubes, espaços públicos não construídos, e uma diversidade de estabelecimentos de ensino – são tão importantes para gerar um

125 A Organização Internacional da Francófona (em francês: *Organisation internationale de la Francophonie ou la Francophonie*), cujo acrónimo é OIF, é uma organização internacional que congrega países em que a língua francesa é oficial ou tem um status privilegiado.

126 After 30 years of support from the international community for the film industry has facilitated more productions, but little has been achieved in terms of the infrastructure and formal education. (...) Because of international support, African governments have quite disengaged in funding and financing the cultural and creative sectors

127 <https://vansa.co.za/>

128 The South African art sector needed to explore the extent to which economic forces have captured it. To claim that public art is available to all is to deny the elitism of the practice and to deny the fact that artists are complicit in this vision of a world-class African city, referring to a line that is all too often hauled out by city officials in describing ambitions for South Africa's largest city.

ambiente fértil para as empresas criativas quanto o transporte público e um espaço de trabalho acessível”. (British Council, 2010)

Quanto mais diversa for a cultura de uma comunidade, mais atraente será para as pessoas criativas, o que, por sua vez, atrai outras pessoas criativas. Gerald Raunig (2011), citado em Szaniecki (2012:182), afirma que:

“As indústrias criativas não se organizam como grandes empresas de comunicação e de entretenimento e sim como redes de pequenos negócios de produtores de comunicação, moda, design e cultura popular e, preferencialmente, produtores aglomerados em *clusters*”.

Pequenas empresas criativas convidam outras empresas que trabalham em áreas afins, fenômenos que geram os chamados *clusters* autossustentáveis que transformam áreas urbanas em territórios de *networking* entre pessoas, informações e capitais.

A tendência dos criativos se reunirem em um território específico se tornou particularmente visível em várias cidades europeias e norte-americanas em fase pós-industrial. Os edifícios anteriormente ocupados por fábricas apareciam agora disponíveis e mais acessíveis seja em termos de localização ou de preços. Igualmente acontece nos dois casos analisados. A área portuária do Rio, cuja função portuária se perdeu, oferece vários galpões a preços acessíveis que se prestam para serem convertidos em espaços de *co-working*. Em Johannesburg, Jeppestown foi uma área principalmente industrial que ainda preserva várias fábricas ociosas oferecendo um ambiente ideal para estes espaços de atividades criativas.¹²⁹

Estas concentrações territoriais de atividades criativas se apresentam como clusters físicos locais, organizados ao entorno de *working spaces* compartilhados, úteis seja ao novo modelo de produção baseado na colaboração, seja ao reforço do senso de “comunidade” que está na base da proposta destas economias em mudanças (Porter, 1998). Porém, além da demarcação de territórios exclusivos dentro da cidade, estes *clusters* são também humanos, criadores de redes globais fechadas, cuja comunicação fica reservada entre alguns criativos eleitos com base à capacidade de mobilizar recursos, audiência das elites locais, e

129 Algumas delas estão sendo utilizadas para moradia informal, principalmente por migrante de outros países africanos chegados a Johannesburg em busca de trabalho e de melhores condições econômicas. Ver o documentário de Reymond Mapakata ‘*Into The Shadows*’ <http://vimeo.com/65599513>

reprodutibilidade das redes nos circuitos internacionais, ou seja, aqueles retornos, não sempre econômicos, que se esperam destas parcerias (Burocco, 2018). O *cluster* pode se formar espontaneamente, incentivado por investidores particulares (Keane, 2009; Zheng and Chan, 2013), ou ser planejado e incentivado através de formas subsidiadas pelo estado através investimentos em infraestrutura cultural e nas artes (Foord, 2008; Mommaas, 2004; O'Connor and Gu, 2010). A aplicação deste modelo nas cidades do Sul levanta dois problemas: o primeiro em relação ao papel do Estado em apoiar e promover esses enclaves de riqueza; o segundo em relação à composição desses círculos de elite de profissionais reunidos localmente e conectados internacionalmente.

Em relação ao papel do estado os dois casos agem de forma oposta. No caso do Distrito Criativo do Porto, a concentração de criativos na área portuária foi planejada pela Prefeitura, como estratégia de modernização da cidade. Aproveitou-se da conjuntura favorável, seja localmente (crescimento econômico do Brasil e convergência de interesses políticos) seja internacionalmente (visibilidade dada ao Brasil pelos megaeventos esportivos 2014-2016). O megaprojeto de revitalização urbana do Porto Maravilha conduzido pela prefeitura através de parcerias público-privadas com empreiteiras locais, com estritos laços políticos e econômicos com os governantes, garantiu que aqueles equipamentos urbanos se tornassem a área mais atraente. Por exemplo, o VLT, veículo leve sobre trilhos, que junta o aeroporto Santos Dumont com a Rodoviária Novo Rio, ou a construção do *Boulevard* Olímpico, resultado da derrubada do viaduto da Perimetral, que oferece um novo espaço público bastante utilizado. Também a prefeitura ofereceu descontos fiscais (abatimento do IPTU)¹³⁰ pela reforma de imóveis antigos que incentivou a transferência de empresas da Zona Sul ao porto e a constituição do Distrito Criativo do Porto, assim como a venda de Certificados do Potencial Adicional de Construção, os CEPACs¹³¹.

130 O Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) é um imposto brasileiro cobrado das pessoas físicas e jurídicas que possuem uma propriedade imobiliária dentro da zona urbana do Município.

131 Funcionando como um título financeiro, autorizam a construção além dos limites definidos pelo zoneamento da cidade. Quanto mas a área é valorizada, mais caros esses títulos se tornam, os recursos daí advindos são repassados para a Concessionária Porto Novo (a maior parceria público-privada do país, orçada em R\$ 7,3 bilhões) – empresa formada pelas grandes empreiteiras OAS Ltda., Norberto Odebrecht Brasil S.A. e Carioca Christian-Nielsen Engenharia – designada para administrar, por 15 anos (havendo a possibilidade de prorrogação em até 30 anos) e em regime de concessão administrativa, os serviços públicos municipais de

No caso de *Maboneng Precinct* trata-se de uma iniciativa exclusivamente privada, externa a qualquer tipo de política pública da municipalidade de Johannesburg volta à revitalização do centro da cidade como, por exemplo, o polo cultural de New Town sede do *Market Theatre* e de outras instituições culturais.¹³² A única intervenção pública registrada foi aquela da *Johannesburg Development Agency JDA*, agência parte da *City of Joburg*, que participou economicamente na reforma do asfalto do *precinct*. Como resultado da falta de investimento público foi criado um *CID – City Improvement District*, um instrumento amplamente utilizado na gestão urbana na cidade de Johannesburg.¹³³ O CID atribui a gerência do bairro a uma empresa particular mediante o pagamento de um valor arrecadado através de um percentual pago para as várias empresas e atividades comerciais, que se encontram no *precinct*.

“Sendo que Propertuity não possui todos os edifícios dentro do *precinct*, o CID é visto como uma proteção para impedir que outros investidores adquiram propriedades e alterem o tema criativo do entorno` (Entrevista anônima com um dos *Sale Ambassador* de Propertuity).

Em uma entrevista com Jonathan Liebman (2017) ele reclamou que o CID não existe porque ninguém paga a cota de participação, tornando, portanto, o CID e Propertuity coincidentes. Configura-se uma situação onde a Prefeitura não apenas é completamente ausente e condescendente à criação de uma situação de privatização da cidade, assim como utiliza o território revitalizado privadamente de Maboneng como cartão postal a ser mostrado a possíveis investidores.

operação e manutenção, além das obras de requalificação da Área Especial de Interesse Urbanístico (AEIU).Veja-se Fix, 2000.

132 Esta iniciativa, que nunca foi realizada, tinha a intenção de criar um arco cultural que ligasse o polo universitário de Braamfontein, com o com o polo cultural de Newton. O projeto lembra o plano de ligar os *clusters* culturais da Lapa-Tiradentes-Porto no Rio de Janeiro, que tampouco se concretizou.

133 Veja-se Burocco, 2013.



Figura 20 - Imagens da mudança da vocação econômica das duas áreas, foto LB

Torna-se claro como a maior parte dos investimentos, tanto públicos como privados, têm o objetivo de fortalecer as economias cidadãs exclusivamente, ou principalmente um específico setor de economia urbana. Trata-se principalmente do setor relativo à produção de serviços e tecnologias, que estão na base da economia criativa, cujo fim é aquele de atrair no mercado local empresas multinacionais ou parcerias internacionais, fundamentais pela inserção da cidade num circuito econômico global.¹³⁴ As atividades econômicas preexistentes, muitas vezes de caráter informal, que são a única forma de sustento de trabalhadores mais pobres, acabam sendo ignoradas ou pior, eliminadas. A polarização social entre trabalhadores pobres e profissionais ricos se reflete na configuração espacial do território da cidade.

Os criativos

Em relação à composição desses círculos de elite de profissionais, reunidos localmente e conectados internacionalmente gostaria de esclarecer como, ao longo da minha pesquisa, observei estas aglutinações para além do limite dos perímetros do Distrito Criativo no Rio e do Maboneng Precinct em Johannesburg. Estes dois territórios acabaram se tornando quase que uma representação de redes de pessoas que se estendem além dos muros simbólicos estabelecidos por estes *clusters*, expandindo-se em círculos protegidos pelas cidades do Rio

¹³⁴ Este pode se afirmar com segurança no caso do porto do Rio de Janeiro onde Yahoo e Google, por exemplo, moveram as próprias sedes. No caso de Maboneng a participação de empresas maiores fica mais sutil e não tão visíveis, mas pode-se imaginar que atrás dos grandes investimentos de Propertuity tenha algumas parcerias maiores que não aparecem tão claramente como no Rio.

de Janeiro e Johannesburg, assim como pelo mundo. Assim, as observações a seguir sobre os criativos são o resultado, não apenas das entrevistas com agentes do Distrito Criativo do Porto, ou do Maboneng Precinct, mas baseiam-se também na minha experiência pessoal como trabalhadora do conhecimento (*knowledge worker*), membro da classe criativa, morando no Rio de Janeiro e em Johannesburg o que me favoreceu um contato com profissionais locais destas áreas praticamente diário.

O relatório do Fundo Nacional para a Ciência, Tecnologia e Artes do Reino Unido, *Beyond the creative industries: Mapping the creative economy in the United Kingdom*, confirmou existirem mais pessoas criativas trabalhando fora das indústrias criativas, do que dentro delas. Ao olhar, portanto, para a força de trabalho criativa mais do que para as indústrias criativas, o relatório concluiu que existem três grandes tipos diferentes de emprego no setor:

“Artistas, profissionais ou criativos que trabalham em indústrias criativas, pessoal de apoio naquelas indústrias (gerentes, administrativos, secretárias, contadores, etc.) e os criativos embutidos em ‘outras indústrias” (British Council, 2010)

Florida (2002:69) divide os criativos (por ele definidos de classe criativa), em três linhas gerais de atuação:

- Núcleo super-criativo: inclui uma ampla gama de ocupações com artes, design e meios de comunicação que formam um pequeno subconjunto. Aqueles que pertencentes a este grupo se envolvem plenamente no processo criativo criando produtos comerciais e bens de consumo. A principal função de trabalho de seus membros é ser criativa e inovadora;
- Profissionais criativos: esses profissionais são os trabalhadores do conhecimento clássico e incluem aqueles que trabalham em saúde, negócios e finanças, setor jurídico e educação. São trabalhadores cujo principal capital é o conhecimento;
- Além desses dois grupos principais de pessoas criativas, o grupo geralmente menor de boêmios também está incluído na classe criativa.

Por sua vez, Howkins (2001) os define como:

" Pessoas ocupadas em atividades nas quais a criatividade e o capital intelectual são a matéria prima para a criação, produção e distribuição de bens e serviços"¹³⁵

135 People engaged in activities in which creativity and intellectual capital are the raw material for the creation, production and distribution of goods and services

E Sklair (2001) em Bridge (2007:33) como:

“Profissionais globais, principalmente nas duas áreas de técnicas gerenciais e de ocupações relacionada a *intelligentsia* liberal, que formam uma fração da classe capitalista transnacional, uma elite de fornecedores de serviços e de consumidores que se reproduz em escala global”¹³⁶

O primeiro grupo – trabalhos de gerencia e técnicos - tem diplomas de ciências ou administração. O segundo grupo, a *intelligentsia* liberal, tem diplomas de artes, humanidades, mídias ou ciências sociais, tendendo a trabalhar com profissões criativas, em mídia ou educação. De ambos os grupos se nota o crescimento em escala global adquirida pela formação e reprodução desta classe de profissionais.

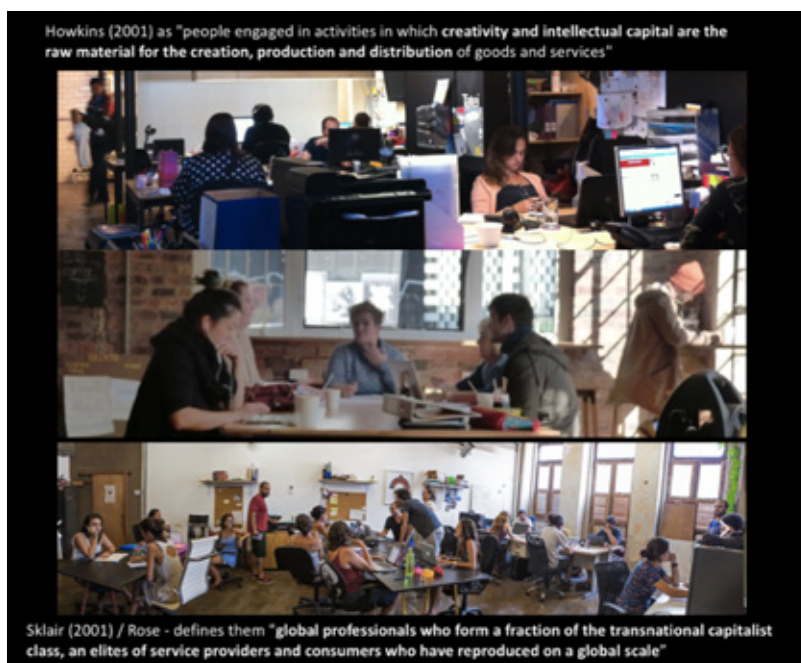


Figura 21 - Criativos ao trabalho no Rio e em Johannesburg, foto LB, 2015-16 e website Goma

Nos meus casos, em específico, trata-se de atividades relacionadas a design, arquitetura, marketing, novas tecnologias, cultura e sustentabilidade; música e produção audiovisual. As empresas são conduzidas por jovens profissionais com perfis plurais, como *freelancers*, empreendedores, artistas e professores, com idade variável entre 25 e 45 anos.

136 “Global professionals, especially in the areas of technical managerial occupations and occupations related to the liberal intelligentsia, who form a fraction of the transnational capitalist class, an elites of service providers and consumers who have reproduced on a global scale”.

Eles se definem, no site do Distrito do Porto:

“Um *networking* orgânico com forte potencial de transformar a cidade e agitar os negócios da área portuária”



Figura 22 - Sede do Goma - website Goma

Carolina Barbosa (2015), assim os descreve:

“Jovens que muitas vezes trajam bermuda e camiseta colorida. Em vez da poluição visual das zonas centrais do Rio, eles veem da janela a Baía de Guanabara. Descolados, pintam com cores fortes suas paredes, sentam-se em confortáveis poltronas em vez de usar cadeiras caretas, e alguns mantêm na sala até bonecos de plástico que lhes servem de mascotes” (Barbosa, 2015).

No site de Maboneng *precinct*:

“Uma tribo crescente de residentes, empreendedores e visitantes que está se conectando ao coração e à essência da cidade de Johannesburg”



Figura 23 - Origins Café, Maboneng , foto LB 2015

Juliet Pitman (2013) os descreve:

No centro de Johannesburg, no extremo leste da cidade, um grupo de jovens de vinte e poucos anos de idade estão administrando um bairro que transformaram de uma área ‘para não ir’ em uma comunidade urbana moderna e inspiradora. Olhe para cima e você verá apartamentos urbanos modernos e coberturas onde jovens profissionais,

criativos e empresários apreciam o pôr do sol sobre o horizonte da cidade. Tem galerias de arte, espaços de trabalho colaborativos, cinemas, e há uma mistura eclética de pessoas na rua: turistas internacionais, revolucionários, expatriados empresários, estudantes e artistas¹³⁷

O que os une é o fato de ambos se verem como inovadores sociais, transformadores das sociedades onde vivem; agem em um ambiente urbano; a maioria deles vem de famílias ricas ou de classe média alta; têm alto nível de educação (a maioria frequentou escolas particulares e muitos as mesmas escolas); por fim, a coincidência entre estes novos sujeitos econômicos e os chamados gentrificadores, ou seja, os impulsionadores do fenômeno de gentrificação.

A indústria criativa possui uma proporção excepcionalmente elevada de pessoas com ensino superior completo. Um estudo britânico oficial de 2005 revelou que 49% da força de trabalho das indústrias criativas possui formação em ensino superior, em comparação com 16% do total da força de trabalho do país. Reconhecendo, portanto, que o principal meio de produção nas indústrias criativas é a educação superior, em países como a África do Sul, o acesso restrito à educação, garante que os benefícios dessas economias permaneçam em mãos de poucos (Harney e Sealy, 2015, Burocco, 2017). O que a economia criativa exige são capacidades individuais, que podem ser utilizadas em conjunto, mas que não se desvinculam da pessoa como indivíduo. Na atual configuração da indústria criativa, não apenas brasileira ou sul-africana, mas mundial, trata-se principalmente de indústrias que requerem alta especialização e profissionalização, alto nível de educação mobilidade e conectividade. É preciso ser especializado, mas também conectado, móvel; a ideia do “cidadão do mundo”, do “*globetrotter*” de sucesso inserido nestes mercados pelo próprio cosmopolitismo.

Quando Figueredo (citado em Teixeira, 2013:72) afirma:

“Os benefícios não são distribuídos igualmente e nunca vão ser dentro de uma economia capitalista, mas a economia criativa tem um efeito distributivo para mais

137 In downtown Johannesburg on the Far East side of the city, a group of twenty-something-year-olds are running a neighbourhood that they've transformed from a no-go area into a hip, vibrant urban community. (Look up and you'll see modern urban apartments and rooftop hangouts where) young professionals, creatives and entrepreneurs take in the sunset over the city skyline. (There are art galleries, collaborative work spaces, cinemas,) and there is an eclectic mix of people on the street – international tourists and homecoming-revolution expats, business people, students and artists.

camadas da sociedade [...] A ascensão social dentro das atividades da economia criativa possui outros caminhos diferentes do funil da formação tradicional”

Não apenas negam-se os pressupostos necessários da alta profissionalização e mobilidade, mas tampouco se reconhece que estas conquistas são na sociedade brasileira e sul-africana altamente influenciadas pela origem econômica-racial do indivíduo. Dos 19 setores incluídos no âmbito da assim dita indústria criativa brasileira (artes cênicas, música, artes visuais, literatura e mercado editorial, audiovisual, animação, games, software aplicado à economia criativa, publicidade, rádio, TV, moda, arquitetura, design, gastronomia, cultura popular, artesanato, entretenimento, eventos e turismo cultural) raras são as oportunidades profissionais oferecidas que não dependam de um alto nível de profissionalização e estudo. Ainda mais em um ambiente altamente competitivo como o atual, onde a velocidade sempre maior dos ciclos de consumo e da circulação mudaram o tempo de trabalho, requerendo uma crescente agilidade e especialização para se tornarem atrativos dentro do mercado.

O pertencimento a esses espaços parece estar condicionado à partilha de um modelo estético específico, e de certos parâmetros econômicos que contribuam para a criação de um ambiente gentrificado caracterizado pela exclusividade, tais quais a existência de redes de patrocínio, relações de poder hierárquicas e clientelistas. Smith (1996) observa as simbólicas e práticas implicações do movimento de gentrificação com o movimento de colonização, seja na perspectiva do colonizador/ gentrificador, seja do colonizado/ ‘guetificado’. Aqueles que chegam a ocupar esses prestigiosos locais da cidade central frequentemente têm as características da elite colonial (Atkinson & Bridge, 2005). Esta afirmação levanta uma questão ainda mais problemática no caso sul-africano No Brasil a questão racial aparece de forma mais nítida: a maioria dos criativos/ as são brancos/ as. Pelo contrário, na África do Sul, encontra-se criativos branco, negros, indianos ou *coloured*¹³⁸, porém, todos de classe média alta ou alta. A questão racial que, apesar de representar um elemento que não pode ser desconsiderado dentro da realidade brasileira, torna-se ainda mais complexa no contexto da África do Sul. Se for inegável que a maioria da população excluída e carente é formada por negros nos dois países, existe na África do Sul uma pequena minoria não-branca rica assim,

138 Os *coloured* são um grupo étnico multirracial nativo da África Austral que possui ascendência de várias populações que habitam a região. Devido à combinação de etnias, diferentes famílias e indivíduos têm uma variedade de características físicas diferentes. Fonte <https://en.wikipedia.org/wiki/Coloureds>

mais facilmente do que no Brasil, representantes desta elite podem fazer parte dos círculos de criativos que o estudo analisa.¹³⁹ Historicamente Johannesburg foi, e de certa forma ainda é, uma cidade de várias fronteiras "uma cidade regulada de acordo com o princípio da proximidade e distância social" (Nuttall, Mbembe 2008:21) a transformação de territórios da cidade, consequentes a intervenção de regeneração urbana, nós mostra como as relações de poder, incorporadas na forma espacial da cidade, definem de forma mais violenta e clara quem e qual tipo de negócios são atraídos e rejeitados no processo de revalorização da propriedade. *The rainbow nation*, a nação multirracial que é o povo sul-africano, com a ajuda de políticas promovidas pelo governo do *African National Congress-ANC*, partido ao poder desde 1994, como a do *BEE Black Empowerment Economy*,¹⁴⁰ aponta a uma sociedade racialmente misturada, economicamente menos desigual e socialmente mais democrática. Mas a realidade ainda está muito longe de se aproximar deste resultado. O fenômeno mais evidente é o empoderamento econômico de uma minoria da população negra, e a manutenção da maioria negra, que ainda resta completamente excluída. Estes representantes da BEE ocupam posição gerenciais dentro de empresas com participação pública, a maioria das vezes por indicação política, e dentro de muitas empresas particulares cuja taxaço recebe alívios fiscais pelo fato de ser composta por um conselho de administração misto.¹⁴¹ O que acontece é que parte da população negra que até 1994 era quase completamente excluída do mercado está se aproximando dos privilegiados brancos, sem que este fenômeno de equiparação de acesso ao capital e ao consumo tenha uma efetiva transferência em relação à capacidade de criar vínculos de identidade comum.

As maiorias dos criativos negros entrevistados, parte da indústria criativa local de Maboneng, provêm destas famílias.

139 Durante as minhas entrevistas no Rio de Janeiro, tive a oportunidade de entrevistar apenas uma mulher negra. Ela mesma me diz ser a única pessoa não-branca, junto com a senhora responsável pela limpeza do local, dentro do espaço do GOMA.

140 *Black Economic Empowerment (BEE)* é um programa racialmente seletivo lançado pelo governo sul-africano para corrigir as desigualdades de Apartheid, atribuindo a certos grupos anteriormente desfavorecidos de cidadãos sul-africanos (negros, coloureds, indianos e chineses que chegaram à África do Sul antes de 1994) privilégios econômicos anteriormente não disponível para eles. Embora a raça seja o fator preponderante, são incluídas medidas também como preferência de emprego, desenvolvimento de competências, propriedade, gestão, desenvolvimento socioeconômico e aquisição preferencial. Foi definida em 2001, entrou em vigor em 2003. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Economic_Empowerment

141 Sobre este processo de transformação socioeconômica Bond:2000

Como Saskia Sassen, citada por Kuper (2013) observa:

“As cidades globais estão se transformando em vastas comunidades fechadas onde o 1% se reproduz [...] A elite fala sobre suas cidades em linguagem ostensivamente inocente, diz Sassen: "uma boa educação para meu filho", "meu bairro e suas lojas". Mas a verdade é a exclusão [...] "Essas novas geografias da centralidade atravessam muitas divisões mais antigas – regiões norte-sul, leste-oeste, democracias versus regimes ditadores. Assim, os setores corporativos e profissionais de alto nível de São Paulo começam a ter mais em comum com colegas em Paris, Hong Kong e outros que com o resto de suas próprias sociedades”¹⁴²

Algumas Diferenças

Ao tratar a aplicação do modelo de indústrias criativas em países do Sul enfatiza-se a necessidade de reconhecer os diferentes contextos onde este modelo vem sendo aplicado e, por consequência, a urgência de lidar com estas diferenças ao invés de, como frequentemente acontece, simplesmente não as questionar. Booyens (2012:52) observa como – à diferença que no Norte – a aplicação do modelo de economia criativa no Sul se impõe:

“Um imperativo a se relacionar com metas socioeconômicas como criação de emprego, redução da pobreza, estímulo a participação comunitária”

O mesmo entendimento do discurso da economia criativa ser ligado à políticas sociais, é confirmado no Brasil pela fala de Luciane Gorgulho, chefe de economia da cultura do BNDES, durante o evento ‘Diálogos de economia criativa entre o Brasil e o Reino Unido: tecnologia, arte e design nas sociedades contemporâneas’ promovido pelo *British Council* e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em 2014.

“No Brasil, políticas culturais eram entendidas como políticas de inserção de fracos, de oprimidos. Mas a Economia Criativa é muito mais abrangente e inclui políticas de inserção social, mas tratando de políticas macroeconômicas que dão resposta às mudanças macro de produção”

142 Global cities are turning into vast gated communities where the one per cent reproduces itself [...] The elite talks about its cities in ostensibly innocent language, says Sassen: “a good education for my child,” “my neighbourhood and its shops”. But the truth is exclusion [...] “These new geographies of centrality cut across many older divides – north- south, east-west, democracies versus dictator regimes. So top-level corporate and professional sectors of São Paulo begin to have more in common with peers in Paris, Hong Kong et cetera than with the rest of their own societies.

Por isso no Brasil a inserção do artesanato (e das experiências de economia solidária como aquelas antes mencionadas) como um dos setores criativos visa a estabelecer colaborações entre o Minc (onde a secretaria estava sediada), e a Secretaria de Políticas para as Mulheres para a formação e a qualificação de profissionais atuantes em empreendimentos do artesanato e o fomento às organizações associativas e cooperativas do setor.

Booyens (2012:60) ressalta como “muitos países da África incluindo a África do Sul se concentram na produção de bens e serviços e conhecimentos e seguem estratégias econômicas baseadas no conhecimento para alcançar o Norte global”. Mesmo assim percebe-se ainda uma grande carência no nível de pesquisa e de análise econômica pela introdução desde modelo de economia do conhecimento. Igualmente, como ao tratar o tema da gentrificação, releva-se a necessidade de uma literatura própria sobre economia criativa que não seja exclusivamente uma reprodução da literatura do Reino Unido, ou do Norte em geral, ou que em utiliza-a, faça o esforço de marcar as diferenças entre sociedades do Norte (os impérios coloniais) e sociedade pós-coloniais (das ex-colônias).

Uma das diferenças, por exemplo, que não pode passar desconsiderada são os níveis díspares de industrialização das sociedades do Norte (assim ditas industriais) e as sociedades do Sul com um nível de industrialização incompleto. Por exemplo, segundo Newbigin (2010:117)

“A defesa do conceito de indústrias criativas está vinculada, na Inglaterra, à intenção de explorar vantagens comparativas para melhor posicionar-se no atual trânsito da hegemonia, pressupondo a desindustrialização. Uma opção criticável, mas concebível nessa situação”

A situação é diferente quando se olha aos países do Sul, onde, assim como Pochmann (2013,160) afirma:

“O debate a respeito da mobilidade social no Norte (nas economias avançadas) parece diferenciar-se em relação ao curso de novos acontecimentos em diversos países, sobretudo os do Sul (não desenvolvidos). Isso porque (...) esses últimos, mesmo sem completar plenamente a sua industrialização, registram sinais de esvaziamento da produção de manufatura em meio à emergência da sociedade de serviços”

Explica-se assim a resposta que Jonathan Liebman deu a minha pergunta sobre a intenção de Propertuity continuar como estimulador de um polo de economia criativa em Maboneng:

“Em Johannesbugr existem talvez 10 pessoas que vivem da própria arte. Como poderia querer puxar uma atividade de economia criativa em um lugar que não tem mercado?” (2017)

A mesma questão é levantada para Luciane Gorgulho:

No Brasil não podemos abrir mão de industrialização, temos 220 milhões de habitantes, e uma quantidade grande de mão de obra desqualificada (...). O Reino Unido pode dar um rolé [não se preocupar com] à queda da manufatura com a economia criativa, mas o Brasil precisa manter uma parte de manufatureiro porque não tem nível de qualificação suficiente.

Para o Brasil, uma economia fechada e com industrialização tardia, assim como para a África do Sul, a opção da desindustrialização substituída por uma ainda insegura indústria criativa é impensável, pois não se trata do velho império com seu demasiado longo processo de decadência, mas de países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul), cujas economias emergentes representam (ou pelo menos representavam) uma referência regional e global.

A fala de um dos organizadores do *Culture Shift Program* do *British Country* em Johannesburg

“Não é possível competir com o Extremo Oriente em preço ou produtividade; é na qualidade das ideias que concebemos e executamos, que a liberdade econômica reside”¹⁴³

Faz eco nas palavras de Luciana Gorgulho

A gente só vai competir com a roupa barata da China, Vietnam, África, só se temos design [...] A única possibilidade de manter aqui a nossa indústria manufatureira reside em manter a nossa qualidade produtiva [...] deve ter uma qualificação adequada. Um estudo sobre a indústria de games, uma área econômica muito visada no mundo, diz que 70% da mão de obra tem diploma universitário, 30% doutorado em matemática e artes. Exige-se um forte incentivo a cultura na educação, cultura é intrínseco à economia, precisamos de uma nova forma de pensar a fábrica [...] através do design pensar como os velhos setores podem deixar de ser velhos através de novas culturas e novas bases educativas

Os dois discursos expressam as preocupações características dos mercados das duas economias emergentes onde os dois casos de estudo se inserem: a própria capacidade de ser

¹⁴³ It is not possible to compete with the Far East on price or productivity; it's in the quality of the ideas we conceive and execute that economic freedom lies

competitivos em relação às baratas produções dos mercados asiáticos; a falta de qualificação para entrar na competição do mercado dos jogos e software.

Igualmente poderia se questionar a transferência no Sul do conceito de *cluster* a partir da sua definição originária vindo do discurso teórico-acadêmico e modelo econômico do Norte. Segundo Porter (1998):

Clusters são concentrações geográficas de empresas e instituições interligadas em um campo particular. Os clusters englobam uma série de indústrias ligadas e outras entidades importantes para a concorrência. [...] muitos clusters incluem instituições governamentais e outras instituições, como universidades, agências de estabelecimento de padrões, grupos de reflexão, provedores de treinamento profissional e associações comerciais que oferecem treinamento especializado, educação, informação, pesquisa e suporte técnico.¹⁴⁴

Os dois casos de estudo do Distrito do Porto ou do Maboneng *precinct* representam uma estratégia local ineficaz, como fontes de crescimento econômico sustentável, porque carentes de intervenções políticas abrangentes e de longo prazo. Esta falta é evidente no caso do Maboneng Precinct, completamente não mãos de uma iniciativa privada, mas tampouco o do Distrito Criativo de Rio de Janeiro apoiado pela Prefeitura tem uma estratégia de longo prazo.

No caso de Maboneng, a maior concentração e clara definição territorial, permitem identificar vocações produtivas criativas, que estão na verdade camuflando o real investimento imobiliário de Propertuity. Essas atividades direcionam-se para moda, artes visuais, design e diversão. Numerosos são os ateliês de roupa de designers locais, frequentemente o local é utilizado como cenário de reportagem de moda, tem certa frequência de modelos, e mais recentemente foi aberta uma agência de modelos internacional; além disso, tem algumas galerias de arte, lojas de design de objetos, assim como tem um cinema e um teatro independente. Mesmo assim não existe uma específica vocação produtiva que o caracterize. No caso do Distrito, a falta de uma clara definição territorial e a nebulosidade da proposta faz que não exista também uma visível vocação

144 Clusters are geographic concentrations of interconnected companies and institutions in a particular field. Clusters encompass an array of linked industries and other entities important to competition [...] many clusters include governmental and other institutions – such as universities, standards-setting agencies, think tanks, vocational training providers, and trade associations – that provide specialized training, education, information, research, and technical support

criativa da área, a não ser em seu elemento de turismo cultural como meio econômico, através dos aparelhos dos museus. Pode ser também que exista uma forte identidade cultural da área, devido à presença de grupos culturais de longa data, algo que falta ao território de Maboneng pelo fato de Jeppestown ter se tornado um bairro semiabandonado há algum tempo, e isso se torna um maior obstáculo na ocupação do território.

Há, no entanto, um discurso geral sobre como a economia criativa pode ser um caminho para os países do Sul rumo à capitalização de seus recursos criativos para gerar riqueza e desenvolvimento. Esse discurso é confirmado nas falas do Fórum Internacional de Economia Criativa para o Desenvolvimento, que ocorreu no Rio de Janeiro de 2006:

“A economia criativa é capaz de criar empregos e divisas de exportação, gerar crescimento econômico e promover inclusão social, diversidade cultural e direitos humanos, entre outras coisas”. (Edna dos Santos, então chefe do Programa de Indústrias Criativas da UNCTAD)

“O desenvolvimento de pequenos empreendedores e de micro e pequenas empresas na área cultural é a chave para o fomento das indústrias criativas nos países em desenvolvimento” (Avril Joffe, então consultora especial do governo de Gauteng¹⁴⁵)

Falta um real entendimento da indústria e uma verdadeira vontade política em criar planos de longo prazo que prevejam colaborações voltadas para o reforço socioeconômico do setor (Santagata, 2002). Não existem programas que significativamente atendam às demandas de capacitação profissional de mão de obra; e a insuficiência de fundos públicos, junto a escassez de interesse do setor privado de investir nessas áreas expressam a incapacidade de enxergar esta nova economia como um efetivo meio de avanço socioeconômico (Cultura e Mercado, 2006). Pelo contrário, o que fica visível é o redirecionamento de fundos ou descontos fiscais por microempreendedores que já tem uma capacidade econômica (que seja própria ou de mobilização apta a capturá-la) para investir. Assim uma das sócias da Associação Goma, parte do Distrito Criativo do Rio, explica como a atividade surgiu:

“Foi um financiamento coletivo de 200 mil reais. Começamos numa parte pequena deste espaço, fizemos uma campanha de financiamento coletivo e conseguimos arrecadar R\$ 200 mil” (Anne Mello, de 28 anos).

145 A província (o equivalente do Estado no Brasil) aonde se encontra Johannesburg.

No Rio, a Prefeitura concentra-se no relance econômico do território e na definição dele como polo cultural, mais do que criativo. Houve um momento que a prefeitura também embarcou em uma atividade de apoio ao Distrito Criativo do Porto através da CDURP, mas assim como no caso do *Maboneng precinct*, o Coletivo parece ter servido apenas como cenário para o desenvolvimento de interesses outros, em um caso do poder público (Rio) no outro caso do poder privado (Johannesburg). Esse momento de apoio coincidiu no Rio com o momento de necessidade de *marketing* e de internacionalização da cidade no biênio dos megaeventos esportivos (2014-2016). Depois disto, com a mudança da administração da cidade (2015) e a crise econômica e política presente atualmente no país, esta prioridade já se perdeu, deixando visivelmente a área portuária em um estado de ‘espera’. No caso de Maboneng, a situação de privatização urbana da cidade de Johannesburg, já objeto do meu mestrado (Burocco, 2013), permite uma praticamente completa transferência de gestão e autoridade ao setor privado, ainda mais quando este último dispõe dos contatos e meios econômicos para atuar em uma série de melhorias das quais a mesma *City of Joburg* pode se beneficiar. Não por acaso os responsáveis das Agências de Turismo, seja municipal que estadual, expressam entusiasmo em relação ao *precinct* como meta turística. Assim depois de um inicial investimento na criação de uma comunidade e polo criativo, tornando-se o ambiente mais atrativo, Propertuity passou a manifestar mais interesse no mercado imobiliário do que naquele da criatividade.

Para concluir, existem ainda dois elementos que acredito que sejam importantes de serem observados, e que serão abordados de forma mais aprofundada no capítulo seguinte. O primeiro diz sobre a transferência do capitalismo cognitivo nos contextos brasileiro e sul-africano que este estudo trata. Devido às diferentes histórias e aos diferentes processos que levaram à definição das sociedades destes dois países, em comparação com o contexto europeu de onde o conceito traz sua origem, faltam as condições que determinaram o surgimento de um capitalismo cognitivo autônomo e portador de emancipação biopolítica, pelo menos no começo. Não houve na África do Sul e no Brasil um momento de desenvolvimento de educação de massa (*diffuse intellectuality*); nem uma expansão do salário social (pensão e subsídio ao desemprego); nem do bem-estar social (*welfare*) como teve na Europa, como resultado de lutas sociais próprias do final dos anos ‘70 (Vercellone,

2005). Como já mostramos, faltam políticas que incentivem efetivamente o desenvolvimento de um tecido social que permita um efetivo uso destas economias como instrumento de integração e desenvolvimento econômico e social. Em sociedades que nem chegaram a um pleno desenvolvimento industrial e entram diretamente em uma sociedade de serviços, o acesso a estas economias permanece reservado a poucos.

O segundo diz sobre a ligação entre a inserção da economia criativa no Sul e o exercício de específicas relações de poderes denominadas de *soft power*. Esta relação emerge no Sul de forma mais explícita que no Norte¹⁴⁶, por causa do maior desequilíbrio das forças, e será tratada de forma mais aprofundada no próximo capítulo. Uma ‘denúncia’ delas é a análise do *Soft Power* em sua relação com a cooperação internacional e o setor criativo africano, apresentada na edição de 2015 da *African Creative Economy Conference* realizada em Cameroon, para Ayoko Mensah, escritora franco-togolesa. Questiona-se o nível de conscientização dos africanos sobre o modo como questões políticas determinam, nos bastidores, os programas internacionais de cooperação cultural com a África, e a replicação de modelos e conceitos que não correspondem às realidades e metas africanas. Por sua vez, Joseph Gaylard, diretor do *Pro Helvetia* – instituto de cultura suíço – analisando os intercâmbios norte-sul, falou sobre como dinheiro e poder podem ser exercidos coercitivamente sobre as intenções artísticas, e como a responsabilidade pela mudança deve incorrer em atores culturais no Sul na defesa de políticas, instituições e mecanismos culturais domésticos de caráter significativo que os colocariam em pé de igualdade com o Norte.

146 Nos casos no hemisfério norte também existe o dilema sobre financiamentos, mais ou menos puros, frequentemente ligados a bancos ou empresas. Porém, diferentemente que nos casos do hemisfério sul, trata-se de financiamentos que sempre pertencem ao mesmo hemisfério. No Sul configura-se através da troca cultural e da diplomacia cultural, gestões de poderes que levam a novas formas de colonialismo, porque tem origem, desde o começo, de uma relação de poderes ímpar. Aprofundarei este argumento no capítulo seguinte.

Capítulo III - Nova Globalização | Novo Colonialismo

“Mesmo que as majorias continuem apreendendo (e construindo) as minorias como ameaças, de fato essa ameaça é hoje constituída pelo próprio mundo: um mundo cada vez menor” (Cocco, 2009:25)

“Colonial societies were complex formations, they entered into complex, unpredictable relations with Europe. Metropole and colony, after all, were co-constitutive elements in a rising world capitalist order” (Comaroffs 2012:116)



Introdução

Até 1989, com a queda do muro de Berlim, o mundo era dividido em dois blocos: o primeiro, dos países ocidentais industrializados do Norte; o segundo, do bloco comunista do Leste. Os “pobres” (Peter Worsley, in Hylland Eriksen, 2005:4) assim, eram vistos como uma sobra, um resto, um “terceiro mundo” que devia integrar-se ao norte, a um dos dois modelos. O movimento dos países não-alinhados começou a apresentar uma tentativa de romper esse esquema de dominação que ruiu com o final da guerra fria. Nos anos noventa esta visão do mundo, na base de ideologias políticas socialista/liberal, torna-se obsoleta e deixa lugar a um mundo totalmente dominado pela economia capitalista neoliberal dando começo ao que se define como globalização. Por isso, uma das obras mais citadas na virada do século foi o livro

que definia o mundo da nova globalização como a emergência de um *Império* (Hardt, Negri:2000): “um não lugar sem fora”.

Ao longo da década de 1990, a difusão das novas tecnologias da informação e da comunicação (bem como a modernização dos transportes terrestres, marítimos e aéreos) amplificou a tendência acelerando a circulação de informações, mercadorias e pessoas. Tudo isso contribuiu à formação de uma visão distorcida do mundo globalizado segundo a qual haveria uma divisão entre quem seriam os beneficiários da nova economia capitalista neoliberal (norte) e as suas vítimas (sul) quando a realidade da financeirização do mundo é que estamos assistindo a movimentos aonde as periferias vão ao centro e o centro às periferias, definindo um mundo que Comaroffs descreve como (2012, 24) “há muito sul no norte, muito norte no sul, e mais de ambos virão no futuro” ¹⁴⁷. No plano econômico a passagem de um regime de acumulação industrial organizado em torno da circulação, onde os serviços desempenham um papel central, ao passo que a produção industrial se muda progressivamente pelos países asiáticos, e onde as finanças desempenham um papel crescente de governança leva à necessidade de uma nova visão que perpassasse essa divisão geográfica, para se concentrar nas regiões e camadas sociais que se beneficiariam desse deslocamento: se a maioria estava concentrada no norte ocidental, elas mobilizam também as novas oligarquias daquele que, nesse caso pode se definir corretamente, Sul Global, ou seja, homogêneas elites do e no sul.

Ironicamente, durante umas das minhas primeiras entrevistas em Johannesburg com um dos agentes de venda de *Propertuity*, ele me descreveu os próximos passos necessários para desenvolver o megaprojeto chamado ‘Dual City’ que irá duplicar a extensão da área do bairro (*precinct*) desta maneira:

“ Os Diamond Dealers [uma empresa de diamantes] vão sair – eles receberam uma oferta do governo para a regulamentação do diamante para se mudar para Bedford.

147 Pensa-se no termo ‘Afrocapitalismo’ cunhado por Tomy Elumelu, bilionário Nigeriano, que assim o define: “trata-se de uma filosofia econômica e social em que o sucesso repousa sobre dois eixos; o engajamento do setor privado e a filantropia” (Plot, 2017). 2015 foi declarado por Elumelu o Ano do Empreendedor Africano. Para reforçar isso, lançou o ‘Programa para Empreendedores Tony Elumelu (TEEP)’, no valor de 100 milhões de dólares, e cujo objetivo é identificar, formar e financiar mil start-ups africanas anualmente – e ao longo dos próximos dez anos (Africa21, 2016).

Quando toda a empresa estiver lá, vamos quebrar o muro [o muro no perímetro da empresa] quase como o muro de Berlim, e o limite de Maboneng se tornará o meio de Maboneng”¹⁴⁸

Neste capítulo apresentaremos a dinâmica da nova globalização (consequente a 1989) como sendo o teatro da emergência de um novo regime de acumulação, chamado de “capitalismo cognitivo”. A tentativa é olhar as novas formas de produção e de criação de valor, e de exercício do poder, a partir de uma perspectiva do Sul. Nossa proposta aqui é de dizer que a difusão dos discursos sobre capitalismo criativo e das empresas criativas no hemisfério sul, moldadas no exemplo do Norte anglo-saxão, renova a subordinação do Sul e amplifica a sua polarização interna, ou seja, sua “colonialidade”. Ao contrário das divisões entre norte e sul que sempre se diluem dentro da financeirização do mercado e da coincidência dos interesses das elites cognitivas locais e internacionais, internamente as sociedades se tornam cada vez mais fragmentadas. O exercício da força conquistadora própria dos colonizadores do século XIX já tinha sido substituído pela presença de uma ausência típica do imperialismo (americano ou soviético) onde o poder militar era usado indiretamente (nos conflitos de libertação nacional e pela ameaça nuclear). Na fase de expansão da nova globalização, é mesmo o *soft power* (como mix de hegemonia financeira, cultural, técnica etc.) que passa a desempenhar um papel fundamental. Se multiplicam assim as parcerias internacionais entre selecionados representantes da cultura, criatividade e instituições universitárias e culturais estrangeiras e locais, tornando a diplomacia cultural e os megaeventos culturais e esportivos elementos centrais da gestão de relações de poder entre norte e sul. Ao passo que o Sul parece ser integrado ao Norte nos valores oriundos dos novos centros de poder (aqueles da colonialidade) que o atravessam e recolonizam, tanto de fora, quanto para dentro. Assim estas redes de elites de profissionais globais parecem dar vida a novas formas de colonialismo, que se reproduzem através de formas de dependência que atravessam e são atravessadas pelos tradicionais clientelismos e elitismos da *colonialidad do poder*. As novas formas de *colonialidad* investem nas configurações subjetivas, nas apropriações culturais e no desrespeito de direitos de propriedade intelectual das culturas originárias.

148 The Diamond Dealers [uma empresa de diamantes] will move out – they had a government offer for the regulation of the diamond to move to Bedford. When they move out all the company we will break down that wall [o muro no perímetro da empresa] almost like the Berlin wall, and the boundary of Maboneng it will become the middle of Maboneng

Nova Globalização

Após a transição das décadas de 1980 e 1990, abre-se o caminho para um novo regime de acumulação.

“Por um lado, o capitalismo contemporâneo aparece como um regime de acumulação global e pós-industrial, baseado na valorização dos elementos cognitivos da produção e do consumo [...] Pelo outro, o capitalismo cognitivo e globalizado não consegue articular [...] o novo regime de acumulação com um “modo” de regulação. Muito pelo contrário, a própria maturidade da acumulação de tipo cognitivo se apresenta como crise. A crise “financeira” aparece como crise do capitalismo contemporâneo em sua forma “clássica” de contradição entre desenvolvimento das forças produtivas (aquelas que produzem conhecimento diretamente dentro da circulação social) e as relações – capitalistas – de produção (aquelas que não reconhecem essa dimensão social do trabalho)” (Cocco e Vilarim, 2009:148)

A globalização define-se, portanto, como

“Um modo de um processo de transformação real que apenas acessoriamente constitui um deslocamento de uma ordem antiga. Seu aspecto substancial está ligado ao estabelecimento de uma nova base de valor, de novos critérios de avaliação da performance do capital [...] onde a sociedade torna-se um momento produtivo indispensável da empresa global” (Moulier Boutang, 2003:38)

O que parece significativamente novo desde a década de 70 é que uma mudança na concentração e no caráter dos fluxos financeiros (possibilitados por novas tecnologias de produção e comunicação) levou à combinação de novas formas de integração global com uma intensificada polarização social dentro das nações e entre elas mesmas. Apesar do discurso difundido afirmando que, devido aos avanços tecnológicos, a desigualdade esteja globalmente melhorando, na verdade o que pode ser visto é exatamente o oposto. Segundo Hickel, autor do livro *‘A Brief Guide to Global Inequality and its Solutions’* (2017): “Ao longo das últimas décadas, a desigualdade tornou-se tão grave que, em 2000, os americanos eram nove vezes mais ricos do que os latino-americanos, 72 vezes mais ricos do que os africanos subsaarianos e um 80 vezes mais rico do que os asiáticos do sul. Esses números nos dão uma sensação de quanto injustamente a economia global distribui a riqueza do nosso planeta.”¹⁴⁹(2016). Assiste-se também a um agravamento da desigualdade dentro dos países; assim

149 Over the past few decades inequality has become so bad that, in 2000, Americans were nine times richer than Latin Americans, 72 times richer than sub-Saharan Africans, and a mind-popping 80 times richer than

como a polarização, entre trabalhadores e profissionais especializados, existente ao interno dos dois polos criativos objeto deste estudo demonstra. Segundo Dirlík (2000, citado em Escobar 2005:63), “Nos discursos sobre a globalização [...] o global é igualado ao espaço, ao capital, à história e à sua agência, e o local, com o lugar, o trabalho e as tradições. O lugar, em outras palavras, desapareceu no ‘frenesi da globalização’ dos últimos anos, e este enfraquecimento do lugar tem consequências profundas em nossa compreensão da cultura, do conhecimento, da natureza, e da economia”. Nessa nova fase da globalização, pelo contrário, o local parece voltar a assumir valor em relação à organização da competitividade e do novo extrativismo. Em relação à competição, a configuração dos *clusters* locais é regida sobre um paradoxo: ao mesmo tempo que os mercados se tornam globais, a competitividade se baseia no local, na concentração de capacidades de tornar aquele lugar referência de uma produtividade específica. Essas novas economias funcionam produzindo competitividade e cooperação ao mesmo tempo, mas em níveis diferentes. A cooperação é de forma vertical e ocorre entre empresas em um determinado setor e instituições locais¹⁵⁰, a competição ocorre horizontalmente entre empresas pertencentes a diferentes centros e redes. “Os clusters representam uma espécie de nova forma organizacional espacial entre os mercados independentes, por um lado, e as hierarquias, ou a integração vertical, por outro”¹⁵¹ (Porter, 1998). Também o que caracteriza o cluster é uma localização em uma área dotada de uma boa infraestrutura de transporte para facilitar as conexões e mobilidade não apenas virtuais. A colaboração com a Prefeitura do Rio aparece portanto, atrás do investimento nas obras do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), depois muitos anos de propostas para a revitalização do porto do Rio, apenas durante a gestão do prefeito Eduardo Paes (2009-2017) que as obras começaram a ser aprovadas e implementadas¹⁵². Entre elas aquela do Museu do Amanhã, com um antecedente importante no começo de 2000, na época da Prefeitura de César Maia, quando surgiu a proposta de revitalizar a zona portuária através da construção da filial carioca do Guggenheim Museum exatamente onde o Museu do Amanhã está agora localizado. Assim como este último, o Guggenheim carioca era assinado por um arquiteto internacional (Jean

south Asians. These numbers give us a sense for how unfairly the global economy distributes our planet’s wealth.

150 Pensa-se o apoio que a Prefeitura do Rio atribui às empresas do Distrito Criativo através da CDURP.

151 Clusters represent a kind of new spatial organizational form in between arm’s-length markets on the one hand and hierarchies, or vertical integration, on the other.

152 Para maiores detalhes sugere-se a leitura de Werneck (2016)

Nouvel) e, segundo um artigo do jornal Folha de São Paulo, de 2003, teria custado aos cofres públicos do município do Rio R\$ 500 milhões, fora os US\$ 2 milhões que foram pagos pelo projeto arquitetônico de viabilidade da área. As motivações atrás da proposta são bem parecidas àquelas por detrás da construção do Museu de Arte do Rio MAR e do Museu do Amanhã, apenas 10 anos antes. Nas palavras do arquiteto: “Será o primeiro museu dessa importância no Hemisfério Sul e, fatalmente, um ponto de atenção internacional, atraindo turistas e especialistas em arte de todo o mundo para a Cidade Maravilhosa” (Reuters, 2003). O que houve de diferente foi a resposta por parte da sociedade civil que, naquela época, organizou uma resistência tão forte que, apesar do projeto ter sido iniciado, conseguiu suspendê-lo e vetá-lo através de um processo judicial contra o prefeito. Os moradores locais afirmaram que havia outras prioridades mais urgentes na Região do Porto, tais como a construção de uma escola e a melhoria dos serviços públicos. Apesar das prioridades da região portuária permanecerem as mesmas, e continuando sendo omissas por parte do projeto Porto Maravilha, a resistência aos novos museus foram muito menores. As razões que levaram a este enfraquecimento são múltiplas. Pelo lado dos representantes das camadas mais pobres residentes na área, a exaustão e a necessidade de uma vigília contínua enfraqueceu a resistência. É este o caso por exemplo do Fórum Comunitário do Porto, que não sobreviveu às orquestrações da Secretaria Municipal de Habitação (SMH), ou de alguns movimentos de luta pela moradia que ficaram desarticulados. Numa visão mais abrangente da sociedade civil carioca é preciso observar também a mudança da situação econômica do Brasil entre 2000-2010. O sucesso econômico do Brasil do final da primeira década dos 2000, representado em 2009 pela capa do *The Economist* mostrando o Cristo Redentor decolando do Corcovado como um foguete, espelha a imagem que a sociedade também estava tendo de si mesma. As motivações que sustentavam a importância do Guggenheim em 2000, “será o primeiro museu dessa importância no Hemisfério Sul e, fatalmente, um ponto de atenção internacional”, se tornaram em 2009 centrais e compartilhadas por boa parte das camadas sociais mais abastadas que acharam a construção do Museu do Amanhã um símbolo do sucesso econômico e do desenvolvimento da cidade olímpica. Estes investimentos tornam-se relevantes na arrumação do ambiente imaginário propício à criação de *networkings* culturais que dão ingresso à nova economia global criativa. Em relação ao novo elemento extrativista, se, voltando a Escobar (2005:63) “na globalização teve o desaparecimento do lugar vinculado

ao trabalho, às tradições, [...] às culturas locais” nas novas economias estes elementos, das culturas locais e tradições, se tornam valores a serem explorados. Estamos assistindo a uma segunda fase de exploração que, coerentemente aos valores requeridos pelo capitalismo cognitivo, se direciona às novidades, às bagagens culturais ‘exóticas’. Segundo Gorz, “Os trabalhadores pós-fordistas (...) devem entrar no processo de produção com toda a bagagem cultural (...). É seu saber vernacular que a empresa pós-fordista põe para trabalhar, e explora” (Gorz, 2005, p.19). Aplicando esta observação às sociedades pós-coloniais parece como uma segunda exploração ou “uma “exploração de segundo grau” (Moulier-Boutang, 2000 *apud* Gorz 2005, p.19), na qual o trabalhador passa a ser também um produto que continua a produzir-se a si mesmo” (Sibylla Pires, 2009:218). Explorados a primeira vez pelos valores materiais durante o colonialismo e, em tempos recentes, pelas suas bagagens culturais ‘exóticas’. A diferença é que agora os exploradores, não são mais apenas os colonizadores externos, mas também os representantes das elites internas que, coniventes com estes últimos, acabam se tornando os tramites dessas explorações contemporâneas. Se antes aqueles valores culturais, não tinham valor algum, ou até eram erradicados porque considerados primitivos ou incivilizados, agora tornam se fonte de inspiração do design de moda, acessórios, etc.¹⁵³



Figura 24 - Gisele Xingu, Blog da Camiló.
Fonte: blogdacamiloh.blogspot.com.br/2012/04/moda-x-indios.html

¹⁵³ Veja-se Corrigan, 2017; Pattel, 2016

O que caracteriza a globalização é que as novas tecnologias de produção e de comunicação determinaram uma mudança na concentração e no caráter dos fluxos financeiros e uma significativa perda da base dos Estados-Nação. Todavia, segundo Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein “um aspecto importante de ser mencionado é o fato de que a economia é global e afeta toda a humanidade, mas não é necessariamente planetária, ou seja, não abrange todos os territórios nem abarca todos os processos econômicos do planeta” (Sybilla Pires, 2009:217) e ainda menos consegue uma distribuição equalitária dos lucros. A mudança do desenvolvimento capitalista, sempre mais centrada no valor cognitivo, leva os direitos de propriedade intelectual no centro da luta distributiva em nível nacional e internacional. “Nessas condições, a criatividade e a inovação passam a fazer parte dos sistemas de planejamento e controle dos processos de trabalho nos diferentes setores da economia [...] A criatividade que se exige é uma criatividade controlada e limitada por modelos de produção bem definidos – a criatividade fica, dessa forma, limitada a uma estreita margem de liberdade, determinada pela própria dinâmica inovadora dos centros hegemônicos” (Bolano, 2011:370). Neste contexto, o conhecimento definido como valor para o mercado abre a um novo ciclo de lutas de classes e de conflitos sociais que vão se espalhando aos mais diferentes âmbitos, sejam econômicos ou subjetivos. É preciso manter um olhar atento das leituras instrumentais que alguns setores da indústria criativa brasileira fazem de afirmações como aquela de Viveiros de Castro (2007 em Cocco 2009: 61) “para o bem ou para o mal, a Amazônia virou o lugar dos lugares, natural como cultural” dentro de um momento onde no Brasil, alinhado com as tendências econômicas mundiais, está se dando um forte impulso à economia criativa, exploração das novidades locais que podem ser exportadas. “A cultura não tem dono” afirma um dos sócios da marca Tucum¹⁵⁴ do Rio de Janeiro na mesa “Design em dialogo: da imaginação coletiva ao processo criativo”¹⁵⁵ parte do seminário Entremeios realizado em 2016 no Centro Carioca de Design da Prefeitura. Singularmente, esta afirmação parece ter valor apenas quando referida à cultura ‘dos outros’ e abre para duas reflexões estritamente interligadas: uma relativa à tutela da propriedade

154 <https://tucumbrasil.com>

155 <https://www.facebook.com/entremeios.lada/photos/a.305550929603440.1073741828.292958654196001/684608711697658/?type=3&theater>

intelectual, outra sobre apropriação cultural¹⁵⁶. No discurso dele não existe apropriação cultural já que – ele diz – “os índios também usam o canudo de plástico nos trabalhos deles, ou seja: nós exploramos culturalmente reciprocamente” e conclui “a cultura é apropriação! O conceito de propriedade é nosso, não existem donos na floresta”. Neste discurso subentende-se a legitimação desta exploração, já que eles ‘não entendem’ o conceito de ‘propriedade’ como entendido pelos ‘civilizados’. Cria-se uma dupla problematidade: de um lado explora-se a cultura outra, do outro que não se reconhece ao outro a capacidade de entender o que se diz ao seu respeito, relegando-o indiretamente a uma posição subalterna. No mesmo evento na descrição de um dos produtos, outro sócio conta como, para atender as vendas, eles sugerem aos índios de utilizar determinadas cores, que parecem ser mais atrativas pelo mercado. “A estética – dizem – é fundamental”, mas quem a define, também é fundamental. A relação com a alteridade desses povos é completamente instrumental, “o fruto de uma atitude utilitarista e etnocêntrica que não dá aos outros o direito de existir senão na condição que possam nos servir para algo” (Viveiros de Castro, 2006:41-52 em Cocco, 2009:69). Esta atitude também nega o que John Newbiggin (2010), do British Council, representa como elemento central da indústria criativa: “Há um consenso sobre uma característica básica das indústrias criativas: a propriedade intelectual. A lei de propriedade intelectual é o agente catalisador que converte a atividade criativa em indústria criativa: proteger o direito de propriedade dos donos sobre as suas ideias” (p.17); “Sem o controle estrito da propriedade intelectual, a economia criativa deixaria rapidamente de funcionar” (p.19). Dentro das relações de poderes desequilibradas como aquelas que ligam designers profissionais organizados em empresas criativas e minorias portadoras de tradições e culturas populares, assim como demonstrado pela fala precedente, o conceito de propriedade intelectual não precisa ser tutelado já que ‘os incivilizados’ não o conhecem. Assim como indicado no Guia da Economia Criativa do British Council “O desequilíbrio entre produtor e vendedor afeta aqueles países que contam com setores criativos dinâmicos, mas não possuem grandes negócios de distribuição. Se a maior parte da receita vem das mãos de um distribuidor que

156 Em junho de 2017 grupos indígenas de todo o mundo apelaram às Nações Unidas para que apropriação de culturas nativas seja declarada ilegal. Delegados de 189 países, incluindo o Canadá, se juntaram em Genebra como parte de um comitê internacional especializado na Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), uma agência das Nações Unidas (Ongley, 2017; Bird, 2017).

tem sua sede num país diferente do da unidade criativa ou produtiva, existem menos incentivos para investir no desenvolvimento e o crescimento de talento na sua localização de origem. Em seu *Creative Economy Report*, de 2008, a UNCTAD alertou que os seus assuntos de propriedade intelectual devem abordar esta assimetria e ‘garantir que os interesses dos artistas e criativos em países em desenvolvimento sejam devidamente considerados’ (p. 29). Apesar desta alerta se referir a situação de produção (em países ‘em desenvolvimento’) e distribuição (em países ‘desenvolvidos’) o mesmo alarme pode ser levantado em situações, como aquela descrita, de produção e distribuição local, que também apresentam relações de poder desequilibradas, dando vida a situações de ‘colonialismo interno’ que será aprofundada no próximo capítulo.

De forma especulativa parecida age a contemporânea “redescoberta do continente Africano”. Observando a minha experiência pessoal em relação ao meu trabalho com direitos à cidade e direitos à moradia, voltando a 2010 – ano de realização da Copa do Mundo na África do Sul, do 5 *World Urban Forum* no Rio e da criação dos Comitês Populares brasileiros de resistência as violações consequentes ao megaevento Copa 2014 – naquela época lembro que ainda não existia um significativo interesse, nem dentro destes comitês, em olhar à realidade Africana em busca da troca de experiências para enfrentar problemáticas parecidas que estavam surgindo mais frequentemente. Tinha um intenso trabalho local, e alguns esporádicos episódios onde casos emblemáticos africanos eram levados à atenção¹⁵⁷. Em Fevereiro 2011 quando decidi passar um período no *Alternative Information and Development Centre – AIDC*¹⁵⁸ com sede em Cape Town com a intenção de investigar casos de remoções consequentes à realizada Copa do 2010 a minha viagem não suscitou grande interesse entre os meus colegas. Quando em janeiro 2012 me mudei por Johannesburg para atender meu mestrado em *Building Environment – Housing* na *School of Architecture and Planning* da *WITS University* já a situação tinha levemente mudado. Logo na minha chegada foi convidada para

157 O mais frequentemente citado foi aquele de Blikkiesdorp uma Temporary Relocation Area TRA (ainda existente em 2016) criado pelo governo Sul Africano ao fim de relocar pessoas removidas da área próxima do Internationa Airport of Cape Town durante os preparativos pela Copa 2010. Sobre o caso veja-se Burocco 2014b:70.

158 <http://aidc.org.za>

apresentar um artigo num evento chamado *Sport&City*. Devido ao fato de por muito tempo a África do Sul ter ficado alheia aos circuitos internacionais, existe no país uma faminta curiosidade a experiências do exterior; também tive a impressão que em dois anos o megaevento Copa do Mundo tivesse gerado um recíproco interesse, pelo menos acadêmico. Tal interesse foi também confirmado pela realização no Rio de Janeiro, por parte da IPPUR/UFRJ, da conferência internacional *Megaevents* em abril de 2014, alguns meses antes da Copa acontecer no Brasil; muitos foram os convidados Sul Africanos. O megaevento Copa aponta também para a aceleração de um processo de transformação que atingiu, de forma diferente, mas com elementos deflagradores parecidos, as cidades do Rio de Janeiro e Johannesburg seguindo (o Brasil é parte do originário e ainda reduzido BRIC desde 2009) ou antecipando (África do Sul se juntou oficialmente aos BRIC em 2011) a participação dos dois países ao acordo internacional BRICS (Brasil, Brasil, Rússia Índia, China e Sul África) que os posiciona dentro do mercado global. Apesar das dificuldades em definir se a realização dos dois megaeventos tenha sido o motor destas economias, influenciando a entrada delas no acordo internacional do BRICS ou se, ao contrário, o forte crescimento destas economias tenha favorecido a escolha dos dois países como sede de um dos maiores megaeventos esportivo do mundo, não há dúvidas que esta participação mudou a forma dessas economias e desses países se relacionarem no contexto geopolítico e econômico regional e mundial.

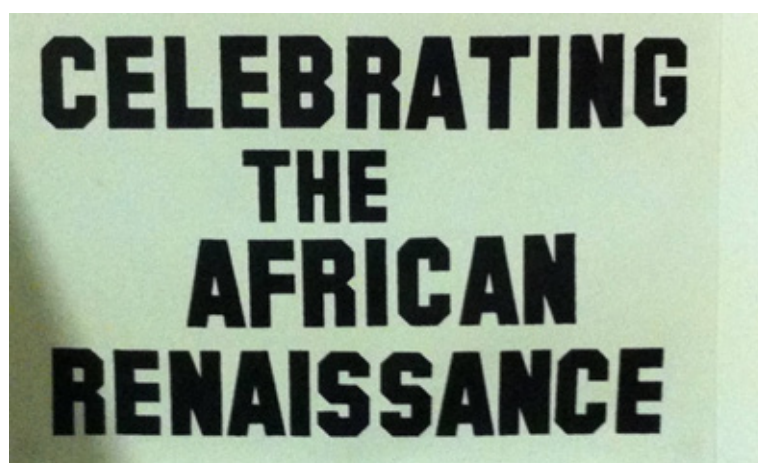


Figura 25 - August House, Fevereiro 2014, Johannesburg. Foto:LB

Desta forma também pode ser interpretado o recente crescimento de interesse em relação à história, aos hábitos e à identidade negra na cidade do Rio. Nos últimos cinco anos iniciativas culturais cujo tema relaciona-se com o continente Africano e a Diáspora Africana têm sido

frequentes, tanto no cinema, nas artes e em encontros acadêmicos¹⁵⁹. O interesse do consumo parece agora voltar-se à cultura e à identidade negra da cidade, depois de ter explorado comercialmente todas as formas culturais definidas como originárias das favelas do Rio. Pensa-se ao samba, o funk e o mesmo carnaval, transformado pela RioTur numa enorme receita pública que atinge agora não mais apenas a Marquês de Sapucaí (o Sambódromo), mas cada rua da cidade, fiscalizada e patrocinada por empresas privadas que assinam contratos com o município. Na área portuária esse interesse manifesta-se na criação do Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana¹⁶⁰, cuja celebração vem se definindo em acordo com os interesses prevalentemente econômicos da cidade. Esta tendência parece utilizar uma retórica semelhante àquela que caracteriza a promoção da economia criativa no Reino Unido. Incentiva-se o multiculturalismo através de um aparente reforço da diversidade para atingir – num estágio sucessivo – a tolerância requerida pela teoria de Florida (2008)¹⁶¹. As razões que levam a duvidar sobre o genuíno interesse da Prefeitura do Rio de Janeiro em valorizar e prestigiar esta componente da cultura e da identidade negra no porto, estão visíveis nos posicionamentos que a mesma assume em relação às instituições mais tradicionais do movimento negro. Aproveitando do estado de necessidade econômica delas, e fazendo uso de relações de poder desequilibradas, se impõem práticas que satisfazem muito mais os interesses particulares dos investidores da cidade – neste caso representada pela Companhia de Desenvolvimento CDURP a companhia responsável pela gestão da revitalização do porto – ao invés dos interesses das pequenas realidades originárias dos locais. O Instituto Pretos Novos – IPN, o Centro Cultural José Bonifácio localizados na rua Pedro Ernesto, e os Afoxé Filhos de Gandhi, associações culturais

159 Alguns exemplos: Conversation in Godwana <https://conversationsingodwana.tumblr.com>; Arte e processos transnacionais África-Brasil, Videobrasil <http://site.videobrasil.org.br/news/1776673>; Mostra Uhuru de Cinema Africano Pós-Independência em 2014, seguida em 2017 por Grandes Clássicos do Cinema Africano, os dois eventos hospedados na Caixa Econômica Federal; África-Brasil, ancestralidade e expressões contemporâneas, Centro Cultural Justiça Federal, 2011; Valongo: Cartas ao mar, Centro Cultural Justiça Federal, 2015; “Encontro de Cinema Negro Zóximo Bulbul – Brasil, África e Caribe” o evento tem 10 anos mas em 2017 diz o site ‘bateu recorde de inscrições’; em 2014 o MAR realiza o programa África Hoje e sucessivamente o evento África Diversa; Seminário Descolonizando as Relações Internacionais: Pós-Colonialismo e seus Fragmentos, no Departamento de Relações Internacionais PUC Rio, 2017.

160 <http://portomaravilha.com.br/circuito>

161 Richard Florida define a regra das 3 T (Technology –Talent – Tolerance). De acordo com esta regra "o crescimento econômico é alimentado por pessoas criativas (Talent) abertas a novas ideias e que preferem lugares etnicamente diversos (Tolerance). Este tipo de ambiente favorece as concentrações de "capital cultural" associado com novos produtos e processos (Tecnologia), o que leva ao surgimento de novas empresas, a geração de empregos e crescimento econômico" (em tradução livre) Florida 2008:28.

históricas da região portuária, recebem um apoio irrisório se comparado com o investimento dado aos dois Museus¹⁶². O IPN e o CC José Bonifácio, foram fortemente prejudicados nas próprias atividades pela forma que as obras do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) foram conduzidas há alguns anos. O Centro Cultural, depois de ter sido reformado, encontra-se agora quase inoperante. As únicas importantes intervenções da Prefeitura em relação à identidade negra foram as obras de recuperação do Cais do Valongo e da Imperatriz e a reforma do Jardim Suspenso do Valongo, sendo que o primeiro foi transformado num mirante turístico com pequenas placas informativas que tratam a história do local de forma extremamente simplista, enquanto o Jardim Suspenso do Valongo foi erroneamente incluído nas comemorações da herança africana. Diante a descoberta do Cais do Valongo e da Imperatriz o ex-prefeito Eduardo Paes anunciou: "Quando vi aquilo, fiquei absolutamente chocado. Vou fazer uma praça como em Roma. Ali estão as nossas ruínas romanas" (Daflon, 2011). Na mesma época a arqueóloga Tania Andrade Lima, responsável pelo monitoramento arqueológico do projeto Porto Maravilha, declarou que "Os escravos foram esquecidos e, mais que isso, foram deliberadamente apagados, ao se construir o Cais da Imperatriz sobre o Cais do Valongo, em um processo de superposição e de oposição fortemente simbólicos" (Daflon, 2011). Sobre o Jardim Suspenso do Valongo a historiadora Martha Abreu afirmou que "O Jardim foi algo feito sob inspiração europeia justamente para ajudar a ocultar a importância do Cais do Valongo. Isso deveria ser explicado ao visitante" (Daflon, 2016). As obras de recuperação destes dois sítios arqueológicos levantam também questões sobre o destino dos achados arqueológicos das escavações do Cais do Valongo. Mãe Celina de Xangô, presidente do Centro Cultural Pequena África, questiona: "A coleta desses artigos foi feita em 2011 e cinco anos depois ninguém sabe como e onde eles ficarão. Hoje o destino desses achados arqueológicos é conhecido por poucos. Eles estão no Galpão da Gamboa, no sopé do morro da Providência e bem próximo à Cidade do Samba, no centro. Segundo a assessoria de imprensa da prefeitura, os objetos já foram todos catalogados e estão embalados em contêineres" (Daflon, 2016). As mesmas questões podem ser levantadas em relação ao desaparecido acervo da biblioteca especializada nas temáticas africanas e afro-brasileiras do

162 É interessante ver o contraste entre a publicidade feita a estes espaços dentro do site do Porto Maravilha e as reais condições em que estas instituições se encontram.

Centro Cultural José Bonifácio. Existe uma legítima preocupação, entre os representantes do movimento negro do Rio, sobre o destino destes achados arqueológicos, assim como do acervo, ligada à preservação da identidade, história e cultura do local. Tampouco pode se desconsiderar a possibilidade de uma venda a colecionadores particulares, o que representaria uma ulterior – além da turística – forma de especulação financeira por parte da prefeitura. De qualquer forma precisa-se remarcar que, caso estes objetos estejam cuidadosamente guardados, não existe, todavia, nenhuma proposta, por parte da Prefeitura do Rio de Janeiro, de destinar um espaço que possa reunir estas peças e atribuir-lhe a importância (e respeito) que elas merecem, assim demonstrando um efetivo interesse em prestigiar a identidade e história africana do local.

Esta redescoberta do continente Africano não se limita ao Brasil. Aparece clara uma tendência global a relançar o mercado Africano, especialmente em relação a essas economias em transformação. O artigo titulado *'In South Africa, More Evolution than Revolution'* (Young, 2014) coloca atenção no mercado da moda em relação a importação “Mega marcas como Louis Vuitton, Gucci e Burberry abriram em Cape Town e Johannesburg nos últimos anos, principalmente através de lojas de acessórios em alguns shoppings de luxo, como V & A Waterfront, Cavendish Square e Sandton City, embora outras marcas de luxo como Prada, Chanel e Hermès estejam ausentes [...] Estima-se que o mercado de vestuário e calçado do país atualmente valha US \$ 15,6 bilhões, mas, em apenas quatro anos, o Euromonitor projeta que o tamanho do mercado sul-africano aumentará em US \$ 6 bilhões. A fatia de designers de prêt-à-porter do mercado crescerá durante o mesmo período, de US \$ 400 milhões este ano para US \$ 600 milhões em 2018.”¹⁶³. Em outro artigo, *“The Sartorialist goes to Johannesburg, and likes what he sees”*, Kohn, 2012 remarca a expansão do mercado do design de moda sul-africano. A música também encontra o seu espaço em *“Domus Mixtape #7: The Sound of Johannesburg”* (BLK JKS e Athi-Patra Ruga, 2011) assim como na realização do megaconcerto

163 Megabrands like Louis Vuitton, Gucci and Burberry have been planting flags in Cape Town and Johannesburg in recent years, mostly through accessories-only stores in a few upmarket malls like V&A Waterfront, Cavendish Square and Sandton City, although other luxury brands such as Prada, Chanel and Hermès are conspicuously absent [...] It is estimated that the country's apparel and footwear market is currently worth \$15.6 billion, but, in just four years time, Euromonitor projects that the size of the South African market will swell by \$6 billion more”

*AfroPUNK*¹⁶⁴ no réveillon do 2017 em Johannesburg. O show, escolhe uma data particular sendo que a cidade é notoriamente vazia da metade do mês de dezembro até a metade de janeiro. É evidente a intenção em redirecionar o turismo local e internacional de fim de ano, normalmente direcionado a Cape Town, à cidade. O mercado cinematográfico está em plena expansão assim como confirmado pela presença no panorama internacional de sempre mais produções cinematográficas africanas (*The Wound*, 2017; *Necktie Youth*, 2015; *The Sound of Animals Fighting*, 2017), assim como um interesse em produção cinematográfica Sul-Sul, pensa-se na realização do *BRICS Film Festival* em New Delhi em 2016, em China em 2017 e 2018 no Brasil (Vourlias, 2018). Na área de arquitetura e estudos urbanos a cidade de Johannesburg, assim como a maioria das cidades sul-africana devido à peculiaridade do planejamento do apartheid, é objeto de muitos estudos. Mais recentemente assiste-se a um interesse renovado, menos acadêmicos e mais aberto à colaboração entre estudos urbanos e praticas artísticas ("*Domus: Marlboro South*" (Le Roux, 2012); *Domus: (In)visible city revisited* (Krige, 2012). A cidade de Johannesburg também se torna uma nova meta turística e cultural (BBC: *Johannesburg: From no-go to gotta-go*, 2015. GQ Magazine: *Get Yourself To Johannesburg, New Cool Capital Of The Southern Hemisphere*, Carvel, 2015; *SoHo Style in Johannesburg*, Kaufman, 2010; *Restaurant Report: The Blackanese Sushi & Wine Bar in Johannesburg*, Khan 2013; *Seeing Johannesburg Through Artists Eyes*, Pitock, 2014; *36 Hours in Johannesburg*, Doyle 2012; *In Soweto, History From Those Who Live It*, Kugel, 2014; *Johannesburg Rises Above Its Apartheid Past*, Wines, 2006. No The Guardian, *The alternative city guide to Johannesburg, South Africa*, Lukerwarm, 2016 elegendo Maboneng como centro do interesse *Johannesburg's crime hotspot transformed to hipster hangout*, from Robyn Curnow and Oliver Joy, Crump, 2013; *Maboneng Project, South Africa: Johannesburg's neighbourhood of cool*, Munro, 2015; *The Urban Renaissance Of The Maboneng Precinct*, Lyn, 2016.

Soft Power | Poder Suave

No mundo contemporaneo as ocupações militares próprias da época colonial, que implicavam o utilizo da violência física através da ocupação e dominação dos territórios, são

164 <http://afropunk.com>

substituídas por formas de exercício de poder suave, *soft power*¹⁶⁵. Desta forma o Ocidente encontrou a forma de manter o controle da produção de desejos e de sonhos de consumo planetários, estabelecendo um novo regime discursivo, que nem mais precisa do uso da força física (HAM van, 2005: 50). Assim, na expansão da economia criativa e do capitalismo cognitivo nos dois contextos do Sul, objeto deste estudo, os instrumentos que observei serem utilizados para gerenciar o poder e se reproduzir em escala global são: o uso de diplomacia cultural, parcerias culturais criativas internacionais, e trocas acadêmicas.

Como lembrado por John Newbiggin do *British Council* (2010:39) o então presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, em 1918, “promoveu a nascente indústria cinematográfica considerando que “o comércio vai atrás dos filmes” tornando evidente a existência de interesses que vão além da produção cinematográfica e o lucro econômico imediato. Assim, “Alguns governos têm procurado proteger e promover aspectos particulares da sua cultura nacional, não por motivos de impacto econômico direto, mas porque constituem meios para projetar uma imagem clara e positiva de si mesmos no plano internacional, no que se denomina como a projeção do poder suave”. No caso do Reino Unido, considerado o epicentro e origem do modelo de economia criativa, Philip Schleisenger (2007) remarca a relação existente entre esfera política do Reino Unido, e a constituição de uma doutrina baseada no interesse do *New Labour* de Tony Blair, preocupado com a competitividade do país na chamada economia do conhecimento. Interessa remarcar como esta preocupação torna-se maior ao emergir dos países do Brics, entre eles os dois objetos deste estudo, dentro do panorama competitivo criativo.

“Diplomacia pública cultural” é um conceito que, apesar de contestado, encontra um consenso geral na definição de “atividades no campo da informação, educação, e cultura direcionadas a influenciar um governo estrangeiro, através da influência exercitada nos seus cidadãos”. Trata-se de um processo que nos anos 90, com o enfraquecimento do sistema de bem-estar público garantido pelo estado e o reforço da privatização dos serviços, levou artistas, criativos e instituições culturais a serem incluídos dentro de processos de

165 Segundo Nye (2004) existem dois tipos de poderes: o *hard power* (poder duro), ou seja, a capacidade de coação, através de ameaças e incentivos e o *soft power* (poder suave), que é "a capacidade de atingir objetivos através da atração ao invés de coerção".

“culturalização dos territórios” (Fessler Vaz, 2004) e gestão de conflitos e interesses sócio-econômicos, através de fórmulas de intervenção que utilizam a cultura como uma ferramenta de planejamento urbano e de normatização social. Nos anos 90 declara-se: “o velho modelo de apoio público as artes por parte do Estado, está morto. Os novos modelos consistem de parcerias com o setor público e com instituições financeiras internacionais” (Yudice 2013:32). Portanto o reforço do desenvolvimento de pólos criativos demonstra como “cultura, criatividade e patrimônio histórico-cultural” tornam-se ferramentas a serem utilizadas pelas estratégias de *marketing* e pelas políticas urbanas dos governos municipais ou nacionais, assim como no âmbito de relações diplomáticas. É nesses pólos territoriais, utilizados como vitrine para a internacionalização e a modernização das cidades, e dos sujeitos envolvidos nestes processos, que são frequentemente promovidos projetos culturais/ educacionais, resultantes de parcerias entre instituições culturais e empreendedores da área criativa, locais e internacionais.

Apesar do caráter filantrópico que estas iniciativas declaram, existem outros retornos – muitas vezes não apenas econômicos - que interessam aos investidores envolvidos¹⁶⁶. Estes retornos, em termos de visibilidade, conectividade e mobilidade, ou seja, os elementos que movem essas economias em transformação, são a razão mesma que sustenta a existência destas parcerias. São exemplos desta diplomacia parcerias internacionais nas áreas da cultura e criatividade; intercâmbios universitários; fundos estrangeiros destinados a cultura local através da participação de Institutos de Cultura Europeus *in loco*. Esta última é uma dinâmica muito recorrente em países africanos, aonde os governos locais têm um investimento muito reduzido no âmbito da cultura e criatividade,¹⁶⁷ mas é um fenômeno que nos últimos anos

166 Pode se voltar a pensar nas funções pedagógicas, de domesticar e pacificar, dos dois museus cariocas (MAR e MDA) e do MOAD em Johannesburg, descrita no primeiro capítulo; assim como no valor filantrópico do ‘afrocapitalismo’ de Elumelu (nota de rodapé 147 deste capítulo).

167 Uma das principais razões é a escassez dos recursos em geral direcionados à arte e cultura, mas também o Programa de Ajuste Estrutural do Banco Mundial nas universidades africanas nos anos oitenta reduziu ou encerrou os subsídios aos alunos; os salários acadêmicos foram congelados até a asfixia, os fundos para pesquisa foram eliminados e o investimento nas universidades em infra-estrutura foi drasticamente reduzida. Os estudiosos foram forçados a complementar o ensino com o trabalho de consultoria ou, sempre que possível, migrar, geralmente para a Europa ou a América do Norte. Em cinco anos, de 1985 a 1990, 60 mil intelectuais e profissionais africanos emigraram para o Ocidente. Segundo Issa Shivji: "O Banco Mundial estava dizendo a África que não precisa de universidades, que eram elefantes brancos. A universidade sofreu fome de recursos. A faculdade também começou a se mudar, encontrando pastagens mais verdes fora do país ou em

parece se estender também à América Latina, satisfazendo os requisitos de triangulação da cooperação Sul-Sul europeia. Os principais animadores desta diplomacia são universidades, institutos estrangeiros de cultura e *clusters* criativos famintos de novos contatos, ideias, projetos para poder continuar se reproduzir.



Figura 26 - Stevenson Gallery, Agosto 2014, Johannesburg. Foto:LB

A transferência do diretor do *Goethe Institut* de Johannesburg a São Paulo em 2013 influenciou de forma impactante o surgimento de uma intensa troca de projetos artístico-culturais entre Brasil e África do Sul (especialmente São Paulo e Johannesburg). Entre os exemplos podem ser citados a nomeação de Gabi Ngcobo, curadora sul Africana, como parte da equipe de curadores/as da 32ª Bienal de São Paulo em 2017¹⁶⁸. O projeto “Episódios Do Sul: Novos Pontos De Vista” representa um intercâmbio entre artistas e intelectuais sul-africanos, brasileiros e alemães. Assim descrito no site: ‘Cada episódio é dedicado a uma questão concreta, unindo os países da América Latina com a África do Sul e outras nações do Sul global’. O projeto apoiou um intercâmbio de professores e pesquisadores universitários da *Wits University* de Johannesburg, a maioria ligados ao instituto WISER, que vieram ao Brasil (Rio e São Paulo) e a ida à África de selecionados artistas brasileiros. Daniel Lima e

institutos de pesquisa, consultorias, think tanks, e assim por diante. A universidade foi transformada em uma fábrica para apoiar e responder às necessidades do mercado” (Harney e Moten, 2013).

168 A mesma Ngcobo foi novamente nomeada curadora-geral da 10th Bienal de Berlim de 2018.

Raquel Borges do projeto 'Novas Diasporas' foram em Senegal apoiado pelo Goethe Institute¹⁶⁹, Vivian Caccuri, depois de ter sido selecionada por uma viagem de pesquisa em Gana pelos curadores da Bienal de São Paulo, apresentou o projeto Tabombass na Bienal e depois voltou, a convite do Goethe Institut, na Nigéria para apresentar de novo a instalação sonora em Lagos¹⁷⁰. A ida da artista brasileira Celina Portella, com uma bolsa de residência artística de 4 meses no Bag Factory, em Johannesburg (com financiamento da Embaixada Brasileira e do Fundo Lotérico) também evidencia o crescimento deste fluxo; confirmado também pelo interesse demonstrado pelo Instituto de Cultura Suíço, Pro Helvetia, em abrir um escritório no Brasil.

William Kentridge¹⁷¹, artista de fama mundial que desde o começo de Maboneng demonstrou apoio ao projeto, abrindo o próprio atelier no precinct; assume uma voz crítica em relação a ajudas econômicas vindas de organizações não governamentais estrangeiras: "Quando organismos não-governamentais (ONGs) financiam projetos artísticos na África do Sul, o trabalho que resulta é sempre moldado pelas necessidades das ONGs e pelas demandas do que deve aparecer nas propostas das diferentes organizações, o que não é o caminho para arte acontece no seu melhor"(Ruiz, 2017)¹⁷².

O artista levanta esta observação em relação a fundos de NGOs, porém não consegue manter a mesma crítica em relação aos financiamentos vindos de instituições culturais estrangeiras. Estas últimas, especialmente no continente africano, representam a essência da diplomacia cultural e têm um valor geopolítico e econômico tão alto dentro das produções culturais locais, a ponto de raramente serem questionados entre os criativos que se beneficiam deles. Estamos de volta às diferenças entre a aplicação da economia criativa em contextos do Sul, onde não pode se perder de vista a análise crítica da geopolítica que está atrás desses financiamentos.

169 <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16280030.htm>

170 <http://www.viviancaccuri.net/TabomBass>

171 O artista em 2016 abriu o Centre For The Less Good Idea <https://lessgoodidea.com> tornando-se financiador único de uma iniciativa filantrópica que, segundo as reportagens na mídia sul-africana, direciona três milhões de Rand (USD 229,000) por ano por três anos à realização de projetos de jovens artistas, em relação a ajudas.(Ruiz, 2017).

¹⁷² When non-governmental bodies (NGOs) fund arts projects in South Africa, the work that is done is always shaped by the needs of the NGOs and the demands of what has to appear in the proposals of the different organisations, which is not the way a lot of art happens at its best.



Figura 27- Gráficos dos Investimentos alemães da África e América Latina. Apresentação de Ana Garcia (UFRRJ) na University of Witwatersrand, 18 Sept. 2017

As relações de poder desequilibradas que caracterizam as relações entre os profissionais estrangeiros – assim chamados ‘expats’ - e os locais, assim como o exercício de *soft power* por parte dos institutos estrangeiros de cultura, é descrita no artigo *“The Institute”* (März, 2015:36) de forma eloquente, mostrando como os institutos de cultura estrangeiros “são considerados instrumentos efetivos em política externa para qualquer Estado-nação que possa pagar por eles.”¹⁷³. O artigo descreve de forma explícita a relação entre o diretor do programa cultural (local) e o diretor do Goethe Institut de Abidjan:

173 Are considered effective instruments in foreign policy for any nation-state that can afford them.

“O diretor do programa cultural é do Norte [da Costa do Marfim] Ele trabalha aqui por quase duas décadas - muito mais do que o diretor, que chegou com um contrato local para ensinar alemão [...] naquela época, o diretor do programa cultural estava no mesmo cargo que ocupa hoje. Seus diplomas em alemão e antropologia da Universidade de Bayreuth nunca o elevarão nas fileiras. As regras não permitem que um local se torne o diretor de um ramo do instituto cultural alemão. Ao longo dos anos, o diretor do programa cultural acabou para aceitar o seu destino. O salário confortável e a estabilidade do trabalho, em uma economia agora desaparecida, não deixam muito espaço para queixa. Ele poderia dizer a seu chefe uma coisa ou duas sobre a crise política que ela agora está explicando para ele, talvez oferecer uma interpretação diferente dos eventos que a mídia expressou rapidamente "violência étnica" e xenofobia. Mas ela não o chamou para fazer uma discussão. Ela está simplesmente pedindo a implementação”¹⁷⁴.

Assim como continua explicando a interferência indireta dos institutos estrangeiros em questões de políticas locais através de formas de *soft power*:

“A situação no país ainda é um tanto precária [...] as próximas eleições prometem resolver este problema. Apenas não está totalmente claro quando elas acontecerão. Alguns dizem que isso acontecerá no próximo mês [...] enquanto isso o Centro Cultural Americano se mudou para o complexo de alta segurança sede da embaixada dos EUA. Os britânicos nunca pareciam interessados em se envolver no que tradicionalmente foi designado como uma esfera de influência francesa. Ninguém sabe o que o Instituto espanhol está fazendo aqui. E então há os chineses. Eles começaram a tomar o *soft power* mais a sério e estão ocupados criando institutos e aulas em todo o continente. Em breve, eles poderão se tornar uma séria ameaça ao papel privilegiado da França no país. O governo já expressou sua preferência por lidar com os chineses e eventualmente virar as costas para a Europa. Até agora, a posição relativamente segura do Goethe-Institut - por um lado atribuível à neutralidade com que os alemães são considerados em relação aos franceses e, por outro lado, devido à irrelevância do país em um cenário geopolítico geral - abriu-se um espaço no qual o diretor pode conceber a possibilidade de influenciar a atmosfera política da cidade

174 The director of the cultural programme is from the north [...] He has been working here for almost two decades – much longer than the director, who arrived as a local contract hire to teach German as a foreign language. [...] At that time the director of the cultural programme was in the same position as he is today. His degrees in German and Anthropology from the University of Bayreuth will never push him up the ranks. The rules don't allow a local to become the director of a branch of the German cultural institute. Over the years, the director of the cultural programme has grown to accept his fate. The comfortable salary and the stability of the job in a now defunct economy do not leave much room for complaint. He could tell his boss a thing or two about the political crisis she is now explaining to him, perhaps offer a different interpretation of the events that the media were quick to label “ethnic violence” and xenophobia. But she has not called him here to have a discussion. She is merely asking for implementation.

sob a cobertura da cooperação cultural. O conceito do festival para "as pessoas do Norte" é um exemplo disso¹⁷⁵.

De forma bastante perversa a publicação é financiada pelo mesmo *Goethe Institut* e *Kulturstiftung des Bundes*¹⁷⁶.

O *Goethe Institut* não é o único a utilizar estes poderes suaves, focamos mais nele pela causalidade da transferência do seu diretor, de Johannesburg a São Paulo, quase coincidindo com a duração do meu doutorado (o diretor que chegou em 2013 está saindo de São Paulo em 2018) o que despertou em mim maior atenção. Também pode se trazer como exemplo das relações ambíguas que ligam fundos estrangeiros de cultura a interesses políticos econômicos, o insólito acontecimento de, em Benin em 2012, terem ocorrido duas Bienais de arte (Cedric, 2013:22): uma (a oficial) *Biennale du Bénin*, com financiamento de 163.000 euros vindos do Institut Français, 73.000 do Governo do Bénin e 70.000 da Comunidade Europeia; a outra (a contra-bienal) chamada *Regard Bénin* com um budget muito menor financiada pelo *Prince Claus Fund* (Holanda) e *German Ministry of Foreign Affairs*. Os organizadores da contra-bienal escreveram uma carta ao presidente com título "Another way of selling this country"¹⁷⁷ aonde pedem às autoridades para prestar atenção nas formas neocoloniais que os atores culturais beninenses trabalham com o Institut Français. Também a quarta diretiva do Programa de Economia Criativa e Cultura do British Council explicita os interesses que estas trocas artístico-culturais têm em recuperar o papel do setor cultural na agenda global, e com isto poder interferir de forma mais discreta em questões que vão além

175 The situation in the country is still somewhat precarious [...] The coming elections promise to solve this problem. Just when they will take place is not entirely clear. Some say it will happen next month [...] in the meantime the American Cultural Centre has moved into the bulky high-security complex of the US embassy. The British never seemed to have any interest in getting involved in what has traditionally been earmarked as a French sphere of influence. No one knows what the Spanish Institute is doing here. And then there are the Chinese. They have started to take soft power more seriously and are busy setting up institutes and classrooms all over the continent. Soon they might become a serious threat to France's privileged role in the country. The government has already expressed its preference for dealing with the Chinese and eventually turning its back on Europe. Thus far, the Goethe-Institut's relatively secure position – on the one hand attributable to the neutrality with which Germans are regarded relative to the French, and on the other hand because of the irrelevance of the country in an overall geopolitical setting – has opened up a space in which the director can conceive of the possibility of influencing the political atmosphere of the city under cover of cultural cooperation. The concept of the festival for "the people from the north" is an example of this.

176 A Fundação Cultural Federal Alemã foi criada em 21 de março de 2002 pelo governo federal alemão representado pelo Comissário Federal de Cultura e Meios de Comunicação Social, financiado pelo Comissário Federal de Cultura e Meios de Comunicação Social do Governo Federal. Fonte: <http://www.kulturstiftung-des-bundes.de/cms/en/stiftung/>

177 Uma outra forma de vender o país.

das culturais: “Liderança e relações culturais: como uma agência de relações culturais, o British Council tem como objetivo colocar a nova geração de líderes culturais em contato com figuras importantes de todo o mundo para discutir e desenvolver estratégias comuns, com a finalidade de abordar questões culturais do mundo. A intenção é recuperar o papel do setor cultural na agenda global. O programa vai integrar também membros de diversos setores fora da esfera das artes (como a ciência, educação, esportes, etc.) para promover a colaboração conjunta e multidisciplinar” (British Council, 2010:109).

Do ponto de vista das forças que agem no nível local, os Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio de Janeiro tem um papel estratégico na promoção de parcerias internacionais que contribuam à inserção do Rio de Janeiro dentro do circuito das cidades criativas globais. Ao longo do trabalho de campo tive a possibilidade de observar os funcionamentos deste tipos de parcerias através da participação na edição carioca do concurso *Designing Politics: Designing Respect*¹⁷⁸ (APENDICE G), uma parceria entre *Theatrum Mundi*¹⁷⁹, Museu de Arte do Rio MAR, a ONG Spetaculu¹⁸⁰ e o *People's Palace Projects*¹⁸¹ realizada no Rio entre os meses de Junho e de Setembro 2016. Diversas são as observações resultantes desta experiência (Burocco, 2018). Escolhemos aqui evidenciar apenas aquelas que se relacionam com as fontes de financiamento; o uso diplomático/ político; as relações entre instituições gerentes e sujeitos proponentes.

Observando as comunicações que ao longo do processo chegaram da *London School of Economics LSE-Cities*, pode se ver que o projeto consta de dois parceiros fixos por cada edição que supostamente são também os apoiadores financeiros da edição carioca juntos com o

178 <http://theatrum-mundi.org/activities/designing-respect/>

179 “Uma rede de urbanistas e artistas de diferentes cidades. Fornece um fórum de discussão transdisciplinar sobre cultura e espaços públicos na cidade. O coletivo consiste de acadêmicos, arquitetos, planejadores, performers e artistas das artes visuais, com o objetivo de estimular debates sobre as formas de revitalizar a cultura urbana. Esta baseado em Londres” em tradução livre. <http://theatrum-mundi.org>

180 “Uma escola sem fins lucrativos fundada em 1999 pelo cenógrafo Gringo Cardia e pela atriz Marisa Orth. Oferece capacitação profissional nas áreas de Arte e Tecnologia e Artes Cênicas para jovens oriundos da rede pública de ensino e moradores de regiões de vulnerabilidade social do Grande Rio. Conta com o apoio da classe artística e tem dois importantes colaboradores na direção de suas atividades: o artista plástico Vik Muniz e a consultora de moda e arte Malu Barretto” <http://www.spectaculu.org.br/a-escola/>

181 People's Palace Projects do Brasil “é uma organização parceira da People's Palace Projects no Reino Unido, instituição artística baseada na Queen Mary, University of London que promove a prática e compreensão da arte para justiça social. Tem uma sede no Rio, a Casa Rio, que é um espaço multiuso da Secretaria de Estado de Cultura SEC/FUNARJ dedicado ao desenvolvimento de projetos ligados a arte, cultura e criatividade, com gestão da PPP do Brasil” <http://www.casario.rj.gov.br/pt/quem-somos/>

Deutsche Bank:¹⁸² a *Fondation Maison des Sciences de l'Homme*¹⁸³ e a *Global Cities Chair da Foundation's Collège d'études mondiales*¹⁸⁴. No Rio de Janeiro, os parceiros locais são – na primeira chamada de junho de 2016 – o Museu de Arte do Rio, o Museu do Amanhã, Spectaculu e *People's Palace Project*. Em um segundo momento a parceria do MAR desaparece, sendo que a logomarca do museu é retirada das comunicações. Interrogado sobre o papel da chamada “diplomacia cultural” no continente Africano, Achile Mbembe (2009) alerta sobre o fato que

“Poder e dinheiro tendem a falar a mesma língua em cada lugar. Agências de financiamentos europeias se juntam com governos Africanos na tentativa deles de instrumentalizar arte e limitar o poder e o significado de qualquer critica artístico e cultural”

Assim a geopolítica que move estes financiamentos torna-se particularmente relevante e demonstra como, desde os anos noventa, o mesmo raciocínio se repete em diferentes regiões do mundo não apenas no continente africano, onde fundos internacionais são o principal meio de financiamento à arte, cultura e projetos criativos. Nota-se como, o uso da diplomacia cultural está se difundindo cada vez mais assumindo uma relevância crescente proporcional ao crescimento do capitalismo cognitivo.

Na definição do próprio site do Itamaraty

“A diplomacia cultural é um instrumento importante de aproximação entre os povos, contribuindo para abrir mercados para a indústria cultural e para o estabelecimento de vínculos culturais e linguísticos. É, também, ferramenta para estimular os diálogos político e econômico, pois fomenta o entendimento mútuo e cria confiança, interesse e respeito entre as nações”

Evidencia-se um implícito interesse no uso destas parcerias culturais para abertura de novos mercados, não exclusivamente relacionados à economia criativa, assim como o uso diplomático ou, às vezes até apenas pela satisfação de interesses pessoais. É este o caso, por exemplo, que parece estar atrás da escolha do lugar onde a premiação do *Design Respect* foi

182 O apoio financeiro do Deutsche Bank aparece no logo da LSE Cities Center assim como na imagem que acompanha o convite via e-mail à apresentação dos projetos vencedores.

183 <http://www.fmsh.fr/en>

184 <http://www.college-etudesmondiales.org/> co-presidida por Richard Sennett e Saskia Sassen

realizada: a sede carioca do Studio-X¹⁸⁵. Aberto em 2011 representa a primeira unidade da América Latina de uma rede global criada em 2008 pela Faculdade de Arquitetura, Planejamento e Preservação da *Columbia University* de New York para pensar e planejar o futuro das cidades.

“A visão da rede Studio-X global é estabelecer um intercâmbio único de ideias e pessoas entre as principais cidades de liderança regional em todo o mundo em rápida evolução, oferecendo apoio ao mais alto nível de reflexão sobre as novas realidades das cidades.”¹⁸⁶

A unidade carioca foi fortemente apoiada pela Prefeitura do Rio que, no dia da inauguração, “destacou a importância do Studio-X para a transformação urbana da cidade na perspectiva da Copa do Mundo 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016”; com sua missão cumprida, o Studio-X Rio fechou as portas em setembro de 2017. Segundo a nota do seu diretor, Pedro Riveira: “Em 2017 novos planos se alinham. O Studio-X passa a ter um foco na América Latina, com programação e pesquisa acontecendo nas diferentes cidades do continente” (Pedrotti, 2017).

A visão do Studio-X espelha os esforços que vêm sendo aplicados ao redor do mundo no reforço e criação destes *networkings* de poderes; também convida a refletir sobre o papel que as universidades assumem no reforço destas redes. O objetivo “de estabelecer intercâmbios de ideias e pessoas entre cidades de lideranças regionais” encontra plena realização na designação do ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, como professor visitante na *Columbia University of New York*, mesma instituição criadora do Studio-X, tornando-se um claro exemplo de como estas parcerias internacionais podem tornar-se eficientes métodos de planejamento de carreiras particulares e de estratégias político-econômicas, locais e globais.¹⁸⁷

185 O site do StudioX Rio foi suspenso <http://www.studioxrio.org> - pagina Facebook <https://www.facebook.com/studioxrio>

186 <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1619784>

187 “Após deixar prefeitura, Paes trocará o Rio por Nova York” titula a versão online da revista *Veja* em novembro de 2015. Diz a matéria de Vera Magalhães “O plano do prefeito era ir como bolsista, mas recebeu convite da instituição [*Columbia University*] para ministrar cursos e palestras sobre o papel das cidades no desenvolvimento de um país — pelo que receberá salário”

Por fim, a relação entre instituições gerentes e sujeitos proponentes¹⁸⁸ tem como pressuposto que estes últimos, na sua maioria jovens negros de baixa renda, devem estar felizes e orgulhosos “por ter acesso ao Museu do Amanhã no dia da abertura da exposição”¹⁸⁹ assim como “por receber um reconhecimento internacional,” na forma de um prêmio que de fato não consistia em nada, exceto na visibilidade implícita em ter o próprio projeto exposto no Museu do Amanhã por um mês.¹⁹⁰ Existe uma forma paternalista de tratar os proponentes que, dentro de relações de poderes desequilibrados e de financiamentos externos, pode ser visto como expressões de relações coloniais atualizadas. O poder neutralizante destas experiências ficou evidente na participação do Quilombo da Pedra do Sal¹⁹¹ durante a premiação das propostas no Studio-X. O Quilombo, uma instituição de central importância nas lutas em relação à afirmação da identidade cultural negra da região portuária, assim como na denúncia da falta de uma política habitacional municipal direcionada aos residentes nas obras de revitalização do Porto Maravilha, em acordo com as palavras de um representante na hora de ser premiado, declarou-se “prestigiado” pelo feito de ter tido a possibilidade de ter acesso “pela primeira vez ao Museu do Amanhã.” Inverte-se o discurso: da luta para o reconhecimento do direito a ocupar o próprio espaço legítimo, ao agradecimento por ter obtido acesso ao espaço físico que por si torna-se representação das violações que o projeto Porto Maravilha leva consigo. Torna-se evidente a complexidade de encontrar formas de participação social e ação política que abram canais de diálogo com o poder constituído da cidade sem se tornar por sua vez “poder” constituído. O apelo determinado pela visibilidade oferecida pela participação em experiências como aquela do *Designing Politics: Designing Respect* parecem ter como resultado o enfraquecimento dos mesmos movimentos sociais que se encontram a ter que competir com estes novos

188 Entende-se como proponente os participantes ao concurso, ou seja, as pessoas que enviaram uma proposta.

189 Nota-se que o dia da abertura coincide com o dia da semana que o Museu tem direito a entrada gratuita.

190 Desde a sua chamada o projeto deixa claro que não terá verba envolvida na realização física de nenhuma das propostas: “Contudo, o projeto em si não será o produto final. Ele pode ser o meio através do qual se construirão relações comunitárias ou urbanas, espaços e organizações” leia-se na chamada do Design Respect 2016.

191 Os quilombos constituíram-se em locais de refúgio dos escravos africanos e afrodescendentes em todo o continente americano. A definição antropológica da Associação Brasileira de Antropologia de 1989 para esse agrupamento é: toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos, vivendo de cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>

“gerenciadores sociais” na tentativa de criar canais de escuta e diálogo com o poder público. Experiências como aquela do *Theatrum Mundi* tendem a direcionar-se sempre mais ao sul e, apesar de declarar de ter como objetivo “oferecer visibilidade a situações desfavorecidas” (Kaasa, em Pereira Guimaraes, 2016), mais que atingir este propósito parecem dar retorno as instituições parceiras que as propõem. Estas parcerias internacionais são um ótimo palco para reforçar os próprios *networkings* internacionais, tendo como efeito colateral a participação em dinâmicas que contribuem ao agravamento da desigualdade nos países do Sul onde operam. Entidades europeias (entre elas um banco alemão) financiam o *Designing Politics: Designing Respect* e atribuem aos parceiros envolvidos a responsabilidade pela reconstrução do tecido social, através da promoção de diversidade cultural e do resgate das camadas mais pobres da sociedade da própria invisibilidade. Pelo contrário, o que se torna claro é como os fluxos multiculturais gerados por estes tipos de trocas, agem localmente gerenciando pobres e atraindo hóspedes internacionais, e globalmente tornando-se dispositivos pela manutenção e alimentação de redes de criatividade globais. Segundo Richard Sennet, citado numa entrevista como um dos fundadores do *Theatrum Mundi*: “a globalização hoje não envolve mais negócios e dinheiro, mas negócios e lugares” (Pereira Guimaraes, 2016). Podemos, portanto, afirmar que estes *clusters* físicos de criatividade, criadores de enclaves humanos e territoriais excludentes, perseguem um comum interesse na promoção de “negócios e lugares” entre elites intelectuais e culturais conectadas globalmente. A confirmação da prática de criação dessas redes, o Studio-X está presente também em Johannesburg e abriu em 2014 a própria sede em Maboneng. Mpho Matsipa, em Jason (2014), responsável pelo laboratório Sul Africano do Studio-X, remarca a necessidade de mudar a forma de se pensar em cidades africanas não apenas como casos de estudo e a importância de experiências como esta para conseguir alcançar este objetivo.

" Os "experimentos" são experiências de produção e colaboração do conhecimento, ao invés de verem Johannesburg como um objeto de conhecimento – que tem conotações colonialistas preocupantes. O conhecimento sobre as cidades africanas precisa ser repensado"¹⁹²

Questionada sobre a escolha da sede do Studio-X ser em Maboneng ela responde:

192 The experiments are experiments in knowledge production and collaboration, rather than viewing Johannesburg as an object of knowledge – which has troubling colonialist connotations. Knowledge about African cities needs to be rethought.

" Gentrificação é uma manifestação da grande desigualdade e dos desenvolvimentos capitalistas globais, e Johannesburg não é diferente. Estou interessado em entender como a reconstrução urbana poderia prosseguir de forma a melhorar a qualidade de vida de todos os moradores urbanos. Talvez Maboneng possa ser o melhor lugar para fazer essas perguntas"¹⁹³

Iniciado em 2008, o Studio-X começou como um projeto piloto em Nova York onde, de acordo com seu site, criou uma reputação de inovação através de projetos de pesquisa, exposições, workshops, publicações e debates. Agora tem laboratórios em Istanbul, Beijing, Mumbai, Amman and Tokyo. O projeto, que tem um foco especial em cidades do Sul, vem recebendo críticas mesmo na própria cidade originária, aonde o *University's Student Coalition on Expansion and Gentrification Group* em Jason (2014) declara:

" Columbia é uma universidade principalmente branca que propôs a construção de um novo campus em um bairro cujos moradores são predominantemente negros. Os desenvolvimentos passados da universidade são em grande parte responsáveis pela transformação de [Harlem] Morningside Heights de um bairro racial e economicamente diverso para um branco rico"¹⁹⁴

Também Gal Wilson em Jason (2014), comentando a expansão do programa da *Universidade Columbia* em West Harlem em relação ao Studio-X nos alerta sobre como:

" Conhecimento e instituições não são nunca neutras. A produção de conhecimento sempre está ligada a circuitos de poder – isso é um dado. O Studio-X opera como uma plataforma experimental de intercâmbio que permite às pessoas cultivar produtivamente a criação de novas formas de conhecimento, criação [e] novos tipos de imaginários sobre a vida urbana que promovam transformações"¹⁹⁵

Outro exemplo deste tipo de diplomacia cultural pode ser dado pela primeira edição africana da conferência *Black Portraits III: Reinventions, Strains of Histories and Culture* organizada em Johannesburg em 2013. Segundo Pechman (2016)

193 Gentrification is a manifestation of gross inequality and capitalist developments globally, and Johannesburg is no different. I'm interested in understanding how urban redevelopment could proceed in a way that improves the quality of life for all urban residents. Perhaps Maboneng might be the best place to ask these questions.

194 Columbia is a mostly white university that has proposed building a new campus in a neighbourhood whose residents are predominantly people of colour. The university's past developments are largely responsible for the transformation of [Harlem's] Morningside Heights from a racially and economically diverse neighbourhood to an affluent white one.

195 Neither knowledge nor institutions are ever neutral. Knowledge production is always tied to circuits of power – that is a given. Studio-X operates as an experimental platform for exchange that allows people to productively nurture the creation of new forms of knowledge, creation [and] new types of imaginaries about urban life that promote transformations.

“A relação entre as cenas de arte americana e sul-africana tornou-se particularmente pronunciada com a nomeação de 2013 do Embaixador Patrick Gaspard, ex-presidente do Democratic National Committee DNC, que ajudou a promover a conferência *Portraitsures*”¹⁹⁶

O laço entre cultura e política torna-se manifesto.

As universidades também se tornam importantes peças desses planos geopolíticos, utilizando a cultura para justificar uma troca acadêmica que, frequentemente, atende mais aos interesses dos governos locais em melhorar o desempenho econômico, a produtividade e o consumo, do que buscar uma compreensão e troca entre diferenças culturais. A transformação da pesquisa acadêmica em uma troca econômica não é novidade. O que se torna novidade é a intensificação deste processo (Leydesdorf e Etzkowitz, 1998:281) dentro do capitalismo cognitivo. Em 2012 trabalhando por um centro de pesquisa da *City of Joburg*¹⁹⁷, tive a oportunidade de participar de alguns encontros do *Brics Academic Forum*¹⁹⁸. Apareceu evidente como os incentivos dos BRICS ao intercâmbio acadêmico estava/ está exclusivamente voltado às áreas de novas tecnologias e economia, com lucro imediato, deixando quase completamente esquecidas as áreas de ciências humanas. Não estamos longe das lógicas colocadas a serviço de interesses políticos e comerciais, que caracterizaram parte dos estudos de áreas, na época dos domínios coloniais (Hoffman, 2015:117; Sidaway, 2012:780). Pensando-se à origem do neoliberalismo, a *Sociedade Monte Pelèrin*, sustentada financeiramente por milionários, começou a espalhar a doutrina pelo mundo a partir de 1947 e aperfeiçoou a sua difusão através do que Daniel Stedman Jones descreve como “ ‘*Masters of the Universe*’: uma rede global de acadêmicos, homens de negócios, jornalistas e ativistas articuladores de *think-tanks* que iriam refinar e promover a ideologia. Entre elas estão o *American Enterprise Institute*, a *Heritage Foundation*, o *Cato Institute*, o *Institute of Economic Affairs*, o *Centre for Policy Studies* e o *Adam Smith Institute*. Também departamentos acadêmicos, particularmente nas universidades de Chicago e Virginia participaram dos financiamentos” (Mombiot, 2016). Nesse sentido, também voltando a pensar no caso da

196 The relationship between the American and South African art scenes became particularly pronounced with the 2013 appointment of Ambassador Patrick Gaspard, former chair of the Democratic National Committee DNC, who helped to foster the *Portraitsures* conference.

¹⁹⁷ Intende-se a prefeitura de Johannesburg.

198 O BRICS Academic Forum é uma plataforma para acadêmicos dos cinco países membros (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), com o intuito de deliberar sobre questões de importância crucial para os BRICS e apresentar ideias e recomendações. Este fórum é realizado todos os anos, antes da Cúpula dos BRICS.

difusão do Studio-X pelo Sul, torna-se importante questionar a geopolítica dos financiamentos que está por trás tanto do trabalho acadêmico quanto do trabalho criativo e, às vezes, da colaboração entre os dois (Jacobs, 2012:911). Se é verdade que as universidades têm o imperativo ético de criar fóruns e promover trocas intelectuais entre diferentes centros de estudos, é necessário frisar que “podemos, portanto, começar o trabalho de revisão desses órgãos de financiamento e começar a nos questionar sobre o que eles imaginam ser a utilidade de estudos de comparação intranacional ou internacional. Em suma, parte do trabalho de estudos urbanos comparativos pode ser interrogar a geopolítica do financiamento que está apoiando uma nova era de pesquisa urbana comparativa”¹⁹⁹ (Jacobs, 2012:911). No tocante aos fundos que sustentam a produção e divulgação acadêmica, é preciso também questionar como e através de que pessoas as teorias viajam. Trata-se não apenas, como em Said (1983), de questionar o significado político que essas teorias assumem – a partir de onde e como são “transportadas” – mas, em especial, o significado político por trás da escolha das pessoas encarregadas de fazer essas teorias viajarem. Estas escolhas são questionadas em relação à disparidade de acesso à mobilidade que, proporcionando contatos, torna-se fundamental pela plena participação no sistema do capitalismo cognitivo.

Em 2004 o Relatório Leitch²⁰⁰ do governo inglês, analisou a melhor mistura de habilidades do Reino Unido ao fim de maximizar o crescimento econômico, a produtividade e a justiça social e considerar o quadro de políticas necessário para apoiá-lo e argumentou que "Acima de tudo o sistema britânico de educação superior tem que estar em sintonia com as necessidades da economia e que era muito importante gestar alianças mais estreitas entre as universidades e as empresas". Isso responde ao mesmo intuito o conceito de Tripla Hélice (Triple Helix) cunhado por Etzkowitz and Leydesdorff (1996) que define as três hélices na interação entre Universidade, Indústria, Governo, como base da inovação do mundo contemporâneo. “A Triple Hélice torna-se cenário fundamental para a transformação de novas idéias nascidas na

199 We might therefore begin the work of looking back to such funding bodies and start to interrogate what they imagine intranational or international comparison serves. In short, part of the work of comparative urban studies might be to interrogate the geopolitics of funding that is supporting a new era of comparative urban research.

200 “O Leitch Review of Skills foi uma revisão independente encomendada pelo governo britânico em 2004, ao fim de identificar o melhor mix de habilidades do Reino Unido para 2020 para maximizar o crescimento econômico, a produtividade e a justiça social”. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Leitch_Review

academia, em produtos e serviços para o bem da sociedade." (Leydesdorff; L.; Zkowitz, H. 1998).

A literatura sobre globalização não se gerou na escala do bairro, mas no contexto como os que foram abordados até aqui, parece importante "para reconhecer que as escalas de bairro podem ser um lugar importante de concentração de profissionais e administradores em redes de diálogo e coordenação de governança estadual e para estadual. A vizinhança foi subestimada como local da reprodução de um conjunto mais amplo de relações de poder e contatos que operam a nível local, urbano, regional e internacional"²⁰¹ (Atkinson e Bridge, 2005:7). Trata-se dos 'clusters' tratados no capítulo II que, ao estabelecer conexões bairro a bairro entre localidade geograficamente distantes, evidenciam uma tendência por parte dos profissionais cosmopolitas à criação de uma rede internacional de referências (Sassen 2000a, 2000b, 1998; Rofe 2003). Da mesma forma Sennet, anteriormente citado, remarca como "a globalização hoje não envolve mais negócios e dinheiro, mas negócios e lugares" (Pereira Guimaraes, 2016).²⁰² O que caracteriza estes enclaves de pertencimento é a relação que os seus usuários estabelecem com o território: eles/ elas moram no bairro equivalente de uma cidade-estado, os tornando centro de poderes. Assim, ao conectar o tema da gentrificação com aquele da globalização, no sentido de acompanhar o crescimento de uma classe de elite de profissionais locais e internacionais, e os reabilitados enclaves que eles decidem colonizar dentro das cidades do Sul, alimentando uma série de questões que não pertencem apenas aos temas ordinários da discussão sobre gentrificação, levando a definir a expansão do fenômeno no Sul como um novo colonialismo urbano. Se este discurso está se difundindo em

²⁰¹ To acknowledge that neighbourhood scales may be an important locus of concentration of professionals and managerial groups in networks of dialogue and coordination of state and substate governance. Neighborhood has been under-recognized as the site of the reproduction of a wider set of power relations and contacts which operate at local, urban, regional and international levels

²⁰² Interessante a análise feita pelo Wacquant (2010) em relação ao papel dos pesquisadores e o se difundir do tema e do fenômeno da gentrificação: "Ao ressituar a gentrificação, Loïc Wacquant analisa que a inflexão do uso do termo esteja ligada à própria atuação da academia e à condução das pesquisas sobre o tema. Segundo ele, há um processo de "gentrificação da pesquisa sobre gentrificação" (2010:51), o que faria com que o processo ganhasse um ar de "renovação" local, como uma "'solução urbana' para os males da decadência socioespacial" (2010:54). Uma análise que confirma as questões apresentadas na Introdução, sobre as dificuldades em relação ao meu posicionamento como pesquisador internacional, trabalhadora do conhecimento, membro da classe criativa, que participa ao se difundir deste tipo de economia, e a análise crítica que pretendo manter neste estudo. Também Costa de Lima e Silva, 2017:100.

idades do Norte - ao meu parecer de forma inapropriada- ele torna-se mais verificável em cidades, e sociedades, com uma história colonial como Johannesburg e Rio de Janeiro.

Coronil (2005:50) sugere que “a globalização não é um fenômeno novo, mas sim a manifestação intensificada de um antigo processo de intensificação do comércio transcontinental, de expansão capitalista, colonização, migrações mundiais e intercâmbios transculturais”. Segundo Cocco (2009:49) existem duas dimensões temporais da globalização: uma linear, neste caso o mundo seria destinado a um futuro unívoco homogeneizante moldado nas representações abstratas do mercado; um outro rizomático, aberto à multiplicidade de mundos possíveis. A primeira visão da dimensão temporal linear remete àquela de Arendt sobre modernidade, entendida como “uma ideia retilínea do tempo característica da época moderna [...] a percepção da história como linear, progressiva, cumulativa que progride por várias etapas até chegar à modernidade considerada como desenvolvida [...] aonde o progresso coincide com o alcance da capacidade produtiva do modelo ocidental’ (Jardim, 2007: 18). É preciso que esta visão seja substituída por uma visão da modernidade não como algo estático, um estágio a ser alcançado, mas, em uma visão rizomática, criar as condições porque seja reconhecido que “A modernidade não é adequadamente entendida como um derivado ou uma contrafação, de um "original" euro-americano. Pelo contrário: exige ser apreendido e direcionado por direito próprio.”²⁰³ (Comaroff, 2012:7). O reconhecimento de múltiplas modernidades admite que existam tempos e características diferentes, sem precisar de uma linha contínua e progressiva de explicação que, assim fazendo, subentende-se um anterior (primeiro) e um atraso (dos outros). Desta forma é preciso abordar o tema da gentrificação do Distrito Criativo do Rio e do *Maboneng precinct* não apenas como uma natural extensão tardia de praticas econômicas neoliberais próprias do Norte, mas em referência às relações de poderes que caracterizaram a formação de sociedade pós-coloniais e que ainda parecem estar vigentes em processos em devir. Discutir de uma nova globalização alimentada por um regime de acumulação capitalista (capitalismo cognitivo) cada vez mais baseado no conhecimento e na circulação nos contextos Brasileiro e Sul Africano, significa discutir as implicações ligadas à transformação do trabalho

²⁰³ Modernity is not adequately understood as a derivative or a counterfeit, of a Euro-American ‘original’. To the contrary: it demands to be apprehended and addressed in its own right.

(de material a imaterial) e a transformação das economias (da manufatureira a de serviços) dentro da sociedade onde o capitalismo industrial, assim como entendido pela modernidade industrial, nunca chegou a ser completo. África do Sul entra no mercado global depois anos de exclusão através de sanções internacionais, apenas em 1995, ou seja, poucos anos antes do surgimento do movimento NO-Global de crítica ao sistema neoliberal. O ‘devir’ democrático sul-africano, desde o seu começo é fortemente marcado por uma impositação neoliberal onde o acesso ao consumo por uma minoria prevalece ao acesso a direitos civis pela maioria. O mesmo governo de Mandela (1994-1999) atuou em um amplo plano de privatização que se desenvolveu ulteriormente no sucessivo governo Mbeki (1999-2008). O desenvolvimentismo brasileiro, representando o lado reformista reunia “as novas forças sociais nascidas da expansão urbano-industrial do país, da qual faziam parte o crescente proletariado e o novo empresariado industrial, além da classe média (funcionários públicos, militares, intelectuais, entre outros) ” e era movido pelos interesses da industrialização; impulso do mercado através da intervenção do Estado; planejamento estatal (Dias Pereira, 2011:121). Afirma Schwarz (2014:28): “a coexistência do antigo e do novo é um fato geral (e sempre sugestivo) de todas as sociedades capitalistas [...], entretanto para os países colonizados e depois subdesenvolvidos, ela é central e é uma força de emblema”. É preciso que os métodos que caracterizam o desenvolvimento da indústria criativa no hemisfério norte, que especialmente ou prevalentemente utilizam o modelo anglo-saxão, sejam cuidadosamente aplicados em sociedades cujo desenvolvimento sócio-econômico é muito diferente. Precisa ter mais atenções às passagens que levaram o último país da América Latina a abolir a escravidão (Brasil) e o único país do mundo, em época moderna, a ter um regime de racismo legalizado (África do Sul) de um sistema escravista e racista, a um sistema de precariedade freelance.

Novo Colonialismo

A relação entre ex-capitais imperiais e ex-cidades coloniais ainda se mantém fortes e visíveis em várias influências, sejam elas arquitetônicas, culturais, de laços econômicos ou de circulação entre elas. Pensa-se simplesmente ao maior número de rotas aéreas que conectam Johannesburg e Londres, ou Rio de Janeiro e Lisboa. Junto a esse tipo de conexões existem também uma série de relações de poderes híbridos herdada do passado período colonial.

“Basicamente uma inteira parte do mundo urbano em ex-cidades coloniais é estruturado, e foi estruturado, em oposição ou continuação da herança colonial (Bogues, 2017)²⁰⁴.

Existe uma semelhança entre a forma que o novo capitalismo se organiza através de relações não mais produtivas, mas acumulativas. Como resultado do domínio do capitalismo financeiro, as acumulações são o resultado de transferência de patrimônio lembrando as formas acumulativas exploratória/ rentista que caracterizavam as economias coloniais. Ambos parecem se fundamentar em privilégios de classe que permitem a transferência e o crescimento do patrimônio (Doust, 2010). A ideia marxista de rentismo como uma “uma das praticas econômica de monopolização do acesso a qualquer tipo de propriedade (física, financeira, intelectual) e de lucro sem que seja preciso dar em troca nenhuma contribuição pela sociedade”²⁰⁵ é um fenômeno que, associado às classes sociais mais abastadas, consiste na escolha de simplesmente arrendar atividades ao invés de se engajar em atividades produtivas e de empreendimento (Pollin 2007, Semi 2016) O rentismo do capital contemporâneo, assim como definido por Cocco (2009:124), existe também na Europa, mas se manifesta de forma ainda mais radical dentro de sociedades cuja acumulação desequilibrada e representa a base da sua organização econômica (Cardoso e Faletto, 2008:7). A economia rentista, tem como pressuposto um capital precedentemente acumulado, não necessariamente por si, mas frequentemente pelo acúmulo familiar e de tipo parental, por isto que “na ausência de crédito do mercado apenas pessoas com disponibilidade econômica podem ter acesso a esta economia. Os ricos são natos dentro do sistema do rentismo” (Era Dabla Norris – Paul Wade (2001 IMF working paper).

Também o que caracterizava a economia colonial era a organização clientelista. Assim o Porto Maravilha, aonde o Distrito se situa, oferece um exemplo contemporâneo das diferentes camadas de poderes clientelistas que sustentam a sua funcionalidade econômica e política piramidais. A partir do topo da pirâmide, representada pela aliança dos três níveis de poderes municipal, estadual e federal; passando pelo meio das alianças dos três poderes com o cartel das empreiteiras; concluindo-se na base com as alianças entre os agentes menores

²⁰⁴ Fala de Antony Borgues na palestra ‘Did Someone say Decolonisation? Did Someone say Freedom?’, FADA, University of Johannesburg, 16 Agosto 2017.

²⁰⁵ Economic practices of monopolization of access to any (physical, financial, intellectual, etc.) kind of property, and gaining significant amount of profit without contributing to society.

representados pelos criativos. Sem querer entrar nos detalhes das relações dos três níveis de poderes, só isso requereria uma tese²⁰⁶. O desequilíbrio aqui observado é relativo: as macro alianças entre as empreiteiras e o município no monopólio das licitações das obras a elas destinadas pelos governo; as micro alianças entre as pequenas empresas do Distrito, com a municipalidade (por exemplo, através de descontos fiscais no IPTU), com as empreiteiras (por exemplo, a sede do Distrito encontra-se agora em um prédio de propriedade da Odebrecht, o Rio City Lab, agora Hub Rio) e entre elas na organização colaborativa/competitiva típica dos aglomerados criativos. Em relação ao macro alianças Lopes Pinto (Belisario, 2014) observa que

“O controle de base familiar é uma característica da formação do capital monopolista dos grupos econômicos constituídos. Embora isso não impeça a abertura de capital, esta é feita de modo a preservar sempre o controle acionário dos ativos mais rentáveis pelas famílias controladoras. Isso confere à estrutura societária desses grupos um formato piramidal, em que um controlador último controla toda uma cadeia de empresas”

Assim como as obras e o monopólio das empreiteiras garante o controle econômico e político em grande escala, a definição do Distrito Criativo como um *cluster* promove a concentração do consumo, da produção, da informação em uma escala menor, garantindo que a sua reprodução seja mantida dentro da organização piramidal das elites que formam a sociedade carioca.

Também, observando o desenvolvimento de Maboneng nota-se que a maioria dos artistas e dos empreendedores que transferiram ou abriram o próprio negócios no precinct tem fortes laços existentes com o único investidor que controla o território (Gregory, 2015). Pode-se citar como exemplo mais evidente o ‘*Cosmopolitan*’, um antigo hotel que depois da sua reforma, hospeda agora uma cafeteria, um centro estético, um restaurante exclusivo, uma galeria e uma agência de modelos. O empreendimento é de propriedade do artista Jonathan Freemantle, casado com uma modelo internacional escocesa bem conectada com o mundo da moda europeu, e Daniel Liebmann irmão do dono de Maboneng, Jonhatan Liebman.

Outra característica que, apesar de ter caminhos diferentes, acomuna as duas realidades estudadas são as relações entre capital e política. No Brasil, além do controle familiar estas

206 Em parte, este tema é tratado por Werneck (2016) na sua dissertação de mestrado.

empresas são as grandes financiadoras de campanhas políticas (Bellissario, 2014), na África do Sul frequentemente existe uma coincidência direta que permite o acúmulo de cargos empresariais e políticos. Pensa-se, por exemplo, em Cyril Ramaphosa, eleito durante a escritura desta tese (Fevereiro 2018) pela presidência do país, acionista da Lonmin, uma empresa mineradora que em 2012 foi responsável pelo massacre de trinta e seis mineiros durante uma greve onde estavam sendo reclamados os próprios básicos direitos trabalhistas²⁰⁷. Nos dois casos estas relações são o resultado de anos de ajuste entre diferentes poderes e caminhos que definiram a nação Brasileira assim como a Sul-Africana. Garcia Navarro (2015) explica como, no Brasil, uma das maiores desigualdades do mundo – em termos de distribuição das terras – ainda encontra legitimação em leis coloniais, ainda vigentes no atual sistema jurídico brasileiro. O estudo Perfil da Desigualdade e da Injustiça Tributária, produzido pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), mostra como um dos sistemas tributários mais injustos do mundo permite, no Brasil, que os mais ricos paguem proporcionalmente menos impostos do que os mais pobres, criando uma das maiores concentrações de renda e patrimônio do planeta. A revista Congresso em Foco, por exemplo, reporta a longevidade de um clã familiar dentro do Parlamento Brasileiro, que começou a sua trajetória parlamentar em 1821, ainda sob autoridade da Corte Portuguesa, em Lisboa, demonstrando como lógicas clientelistas regulam a vida econômica e política do país. A apropriação do Estado por uma “elite particularista e classista, que não transcende o individual e que tem por finalidade definir e perpetuar os ganhadores (poucos) e perdedores (a maioria) na sociedade” vê-se, também, amplamente descrita no trabalho de Fernandes

207 Ramaphosa era acionista, diretor não executivo e presidente do comitê de transformação da Lonmin quando ocorreu a greve de 2012 na empresa de mineração em Marikana. Na semana que gerou o massacre, quando a polícia sul-africana matou 34 trabalhadores mineiros em greve, dez outras pessoas foram assassinadas. Isso incluiu guardas de segurança, engenheiros mineiros em greve, mineiros não em greve e policiais. Após esses dez assassinatos iniciais, Ramaphosa usou suas conexões políticas e fez contato com os ministros da mineração e da polícia e enfatizou a necessidade de a polícia efetuar "ações concomitantes" para proteger a propriedade e as vidas na Lonmin [empresa]. Na Comissão Marikana, ele negou chamar a polícia para agir de uma maneira que levou ao assassinato de 34 mineiros. As terríveis condições socioeconômicas de Lonmin, especialmente a falta de habitação, foram uma das forças motrizes da greve de 2012. Durante o interrogatório na comissão de Marikana, Ramaphosa admitiu que, apesar de ser presidente do comitê de transformação da Lonmin, ele não havia supervisionado quando a Lonmin não conseguiu completar a construção de 5500 casas prometidas às famílias dos trabalhadores até 2011 como parte dos planos sociais e trabalhistas da empresa. Legalmente, isso significava que Lonmin poderia ter tido sua licença de mineração revogada pelo departamento sul-africano de mineração, mas nunca foi. (Niren Tolsi, troca de correspondência particular. Veja-se também <http://marikana.mg.co.za>)

(1975). Não surpreende que praticamente todas as empreiteiras do cartel Porto Novo tenham tido relações com o governo militar durante a ditadura militar (1964-1985) assim como, parte da *new black middle class* Sul Africana com o regime do apartheid²⁰⁸.

“As raízes do apartheid na África do Sul devem ser encontradas muito antes da vitória eleitoral de 1948 do National Party; eles mentem no projeto colonial que levou à criação de Joanesburgo meio século antes com áreas brancas e não-brancas. Isso foi muito mais explícito depois de 1948 - e isso chocou um mundo onde as ideologias raciais e o colonialismo estavam sendo desafiados e desmantelados. Mas o zelo segregacionista não disparou no vácuo; construiu um sistema existente de alocação de espaço que refletia as necessidades de uma elite imperial”²⁰⁹ (Nightingale,2012:250)

Neste sentido explica-se a manutenção de privilégios que não se findam de fato a superar porque os mesmos têm uma incidência visível no dia a dia, tornando a vidas destas pessoas, não apenas mais simples, mas mais valiosa²¹⁰. Remonta à definição de colonialismo interno “originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal (González Casanova, 2007). Com a controversa expressão colonialismo interno” procura-se juntar a luta de classe e a luta de libertação, combinando-as em nível nacional e internacional e como os Estados de origem colonial e imperialista, e as suas classes dominantes, conservam as relações coloniais com as minorias econômicas e raciais que se encontram no interior de suas fronteiras. A manutenção da regra de eficiência baseada no ‘muito por poucos e poucos por muitos’ continua se reproduzindo, apesar de estar aparentemente questionada, na contemporaneidade de (ex) sociedades escravocratas.

208 Situação esta que estava na base da organização social das colônias. Assim como Césaire lembra “A Europa fez boa política com todos os senhores feudais indígenas que concordaram em servi-la; ordiu com eles uma cumplicidade viciosa” (1971: 27)

209 The roots of apartheid in South Africa, are to be found much earlier than the 1948 election victory of the National Party; they lie in the colonial project which led to the creation of Johannesburg half a century earlier with white and non-white areas. This was made much more explicit after 1948—and this shocked a world where racial ideologies and colonialism were being challenged and dismantled. But segregationist zeal did not flare in a vacuum; it built on an existing system of allocating space which reflected the needs of an imperial elite.

210 Um exemplo da dificuldade em renunciar a esses privilégios poderia ser observado nas formas do movimento estudantil *Fees Must Falls* (2015) ter sido recebido nas universidades sul-africanas. Controversas foram as posições tomadas por alguns acadêmicos (uma das mais comentada e criticada foi aquela de Achile Mbembe) que, ao se colocarem ao lado do poder constituído (os reitores), significava (segundo os estudantes) não se opor a uma situação de permanência de privilégio de classe adquirido.



Figura 28 – Artista, Dan Perjovschi. Foto, LB, 2015, M^C^O, Milano

A desigualdade se reproduz em hábitos tão naturalizados a parecerem normais, por exemplo, a permanência do quarto de empregada nos fundos da maioria das casas brasileiras, que encontra um equivalente nos *cottages* dos jardins sul-africanos²¹¹, ou o facto do zelador de *Main Street Life* ter um quitinete cuja entrada é localizada na garagem do prédio, no lado do ponto de coleta do lixo do prédio. Assim não surpreende a afirmação de Thiago de Aragão, *intelligence director* da firma de consultoria Arko Advice, que questionado sobre o uso da expressão “abraços” para encerrar uma correspondência de trabalho diz “tratar alguém como parte da família [dentro de uma relação de negócios] e sinal de confiança” (Osborn, 2017). Esta afirmação remete à análise do Roberto da Matta (1998) ao descrever os diferentes níveis de significação e valores dados às relações individuais e sociais dentro da (ex) escravista sociedade Brasileira, e torna-se explicativa dos diferentes substratos que a definem. Tendo origem na reivindicação das lutas trabalhistas dos anos 70 para que fosse reconhecida a individualidade do próprio trabalhador, o funcionalismo do capitalismo cognitivo torna agora o trabalhador um empresário de si mesmo, levando o individualismo competitivo ao extremo disfarçado atrás de uma fachada colaborativa. É o acúmulo de experiências, de contatos e de conhecimento individual que criam aquele *surplus* que torna o sujeito profissionalmente mais merecedor dentro da competição. O acúmulo de melhores condições nessa competição entre

211 Esses cômodos são agora frequentemente alugados em Airbnb demonstrando uma logica de hiper acumulação.

‘empresários’ frequentemente tem origem no que a família teve a possibilidade de proporcionar para eles, seja materialmente ou simbolicamente. Em sociedades marcadas por desigualdade na circulação de oportunidades, e uma forte influência personalista, este elemento vem ainda mais se acentuando e acaba se refletindo na composição da classe criativa.

Ambos os casos parecem demonstrar o alcance da participação em novas economias, mas também, a manutenção de elites locais que não apenas ignoram a lógica colonial que está atrás da participação nestas economias, como tampouco querem se livrar dela – porque tal lógica atende aos interesses de “uma ordem social senhorial e escravista não completamente superada pela ordem social competitiva” (Oliveira e Vasquez, 2010:138). O que se afigura estar por trás de uma aparente nova onda colaborativa são enclaves globais de pertencimento, destinado a elites com poderes econômicos e sociais, que terminam reforçando divisões de classes em países já marcados por um histórico de grave desigualdade.

Com o termo “brasilização do mundo” define-se um processo de retrocesso generalizado – no sentido de perda de seguranças sociais (bem-estar social) e econômicas (precarização do trabalho). O termo foi cunhado pelo norte-americano Michael Lind em 1995 afirmando que com o termo não se entende ‘a separação das culturas pela etnicidade, mas a separação da etnicidade pelas classes’ (citado em Cocco 2009:29) apontando a plutocracia (governo dos ricos) como um dos grandes riscos para a América do futuro. No Brasil e África do Sul, acomunados pela manutenção de uma oligarquia branca que se mantém no poder por meio de uma sequência de conciliações e compromissos, este risco se apresenta ainda mais imperativo. O impulso de políticas públicas (no Brasil) ou a inércia dos representantes públicos na África do Sul podem ser vistos como uma das formas que estas conciliações econômicas (entre interesses internos e externos) e compromissos políticos (entre elites e representantes do governo) encontram uma nova expressão cujo resultado é a criação de ‘uma anarquia feudal (cujo capital se reproduz internamente) de alta tecnologia (profissional com alto nível de educação) articulada em um arquipélago (do local ao global) de brancos (e na África do Sul uma minoria de negros) privilegiados, sobre um oceano de pobreza negra, mulata e branca” (Lind, 1995 em Cocco, 2009:29).

O crescimento econômico fornecido por estas novas economias não se traduzirá em menor desigualdade e integração social até quando não forem postos em questão os fundamentos da identidade brasileira e sul-africana. Isto demanda o desmonte da identidade brasileira e sul-africana para impedir a continuidade da máquina do colonialismo interno que, como a teoria da dependência indica, se baseia na manutenção de elites e na defesa da soberania nacional, tema que iremos tratar no capítulo seguinte (Mignolo, 2010). Defesa da soberania nacional torna-se um fácil instrumento que as elites internas usam para distrair as atenções da sociedade civil das operações deles que atendem exclusivamente os interesses próprios as custas das majorias. Pode ser um exemplo no Brasil a campanha “O petróleo é nosso”, ou na África do Sul, posições radicais contra o *White Capitalism Monopoly* que ignoram como as contemporâneas explorações nem mais podem se exclusivamente limitar a uma questão racial, basta-se pensar aos mesmos escândalos financeiros que interessam diversos representantes do African National Congress ANC a partir do mesmo ex presidente Jacob Zuma.

Assiste-se a uma reprodução de relações similares àquelas que Cardoso e Faletto descreveram em 1970 como características da formação de economias dependentes na América Latina, onde, por meio de “uma tríade entre capital do Estado, capital nacional e capital internacional” (2008:11), vem definindo-se uma conciliação de interesses. Não estamos longe do que, o então presidente de Gana, Kwame Nkrumah (1960-66), definiu como “neo-colonialismo” no seu livro *Neo-Colonialism, the Last Stage of Imperialism* (1965). O termo vem sendo assunto pelas ciências sociais como a continuação do controle econômico e cultural da Europa sobre países africanos, também depois de ter conseguido a independência imediatamente depois do fim da segunda guerra mundial. O sistema neocolonial usa diferentes métodos para explorar países do Sul, sejam políticos, culturais, sociais e econômicos. Politicamente “através do estabelecimento de uma relação com a classe dominante. O neo-colonialista costumava estabelecer um bom relacionamento com a classe ao poder, assim como influenciar seu interesse através deles, por exemplo, na definição de tratados para realizar várias atividades econômicas, como as minas, o gás que lhes

beneficiavam”²¹² (Mgina, 2016). O mesmo Fanon levanta o problema da organização dos Estados-nação pós-independência que substituem os exploradores estrangeiros pelos exploradores nativos, relacionando o problema não mais às etnias, mas às classes (Fanon, 1986). Não surpreende que entre as zonas ou regiões nas quais se discutiu com mais profundidade o problema do colonialismo interno encontram-se a África do Sul. “O Partido Comunista Sul Africano (*South African Communist Party, SACP*) afirmou: ‘A África do Sul da população não branca é a colônia da população branca da África do Sul’ (SACP, 1970). Vê-se como o capital monopolista e o imperialismo combinaram-se com o racismo e com o colonialismo para explorar e oprimir territórios que vivem sob um regime colonial ou neocolonial (González Casanova, 2007:11).

212 Through establishing relation with rulling class. The Neo colonialist used to establish good relationships with rulling class so as to influence their interest through them for instance treaty to conduct various activities of economic such in mines, gas which are benefit to them.

Capítulo IV – ‘O lado obscuro da modernidade’²¹³ chamado gentrificação

“The very object of the critique: to show that, while modernization-as-Western-ideology might represent non-Western societies as just so many not-yet-modern outsiders, the capitalist imperium to which it is joined has no real exteriors, although it has many peripheries. Its exclusions and its margins, as critical theorists of various stripes have stressed, are a requisite condition for the growth of its centers”²¹⁴ Comaroff (2012:11)

“Transferidos em mascaram a mútua constituição da “Europa” e suas colônias, e do “Ocidente” e suas pós-coloniais. Ocultam a violência do colonialismo e do imperialismo, sob o manto embelezador das missões civilizatórias e planos de modernização. Em vez do euro centrismo dos discursos ocidentalistas anteriores, que opera através do estabelecimento de uma diferença assimétrica entre o Ocidente e seus outros, o ‘globo centrismo’ dos discursos dominantes da globalização neoliberal esconde a presença do Ocidente e oculta a forma pela qual este continua dependendo da submissão tanto de seus outros quanto da natureza” Coronil, (2005:51)



Introdução

O capítulo pretende evidenciar as semelhanças entre formas de poderes ligadas ao colonialismo e formas de poderes próprias do fenômeno da gentrificação em cidades do Sul.

²¹³ Mignolo, W., 2011. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke UP.

²¹⁴ O próprio objetivo da crítica: demonstrar que, enquanto a modernização - como a ideologia ocidental - pode representar as sociedades não-ocidentais como tantos outsiders ainda não modernos, o império capitalista ao qual está unido não tem exteriores reais, embora tenha muitas periferias. Suas exclusões e suas margens, como os teóricos críticos de várias listras enfatizaram, são uma condição necessária para o crescimento de seus centros.

O capítulo destaca as semelhanças entre os círculos de elite de profissionais, reunidos localmente e conectados internacionalmente, e a elite colonial do passado. Usando como ponto de partida o trabalho do *Proyecto Modernidad / Colonialidad*, pretende lidar com o tema da gentrificação como resultado da manutenção de uma lógica colonial - a *colonialidad do poder* (Quijano, 2005) - interligada com um ideal moderno. Nesse sentido, a modernidade não pretende superar a *colonialidad*, mas sim a barbárie - ou os comportamentos presumidos incivilizados - responsáveis por adiar o avanço das oportunidades de mercado global e de modernos estilos de vida. A ocupação colonial contemporânea evidencia como o processo colonial e as relações de poder têm, como uma das suas matrizes, o questionamento de identidades, dando vida, dentro de um novo regime de capitalismo cognitivo, a uma concatenação de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. Criam-se, assim, novas formas de expropriação, que seguem a necessidade do capital de encontrar continuamente novas fronteiras de acumulação. Não mais restritas à acumulação econômica direta, elas atingem também, de forma biopolítica, as subjetividades dos indivíduos, tornando-se expressão do agir contemporâneo da *colonialidad do ser*.

Gentrificação no sul pós-colonial [pós]-industrial

Ao abordar o tema da gentrificação, o estudo tem dois objetivos: primeiro revisar as teorias urbanas sobre o tema, buscando uma abordagem 'decolonizador do conhecimento', que resgate as razões únicas que explicam a expansão de tal fenômeno nos dois contextos citados. Segundo, se intende propor uma análise do fenômeno como expressão de um novo colonialismo interno (Atkinson, Bridge: 2005, Butler, T., 2007), que se manifesta através da reprodução, dentro de enclaves urbanas, de uma nova classe profissional, que localmente coloniza partes da cidade e globalmente se conecta, reforçando um excludente capitalismo global cognitivo.

Rio de Janeiro e Johannesburg compartilham uma radical diferença respeito às cidades do Norte mais comumente usadas como casos de estudo ao tratar o tema da gentrificação: ambas as cidades compartilham um passado colonial, como capitais das colônias do império português e inglês nos respectivos territórios, e ainda carregam as heranças desta construção de identidade nas próprias contemporâneas sociedades. A partir desta observação o

fenômeno da gentrificação vem sendo observado no Distrito Criativo do Rio e no *Maboneng Precinct* em Johannesburg, como um dos “lados (s) obscuro (s) da modernidade”, ou seja, como a permanência de lógicas coloniais dentro de um mais abrangente fenômeno de neoliberalismo econômico. Observa-se as transformações de ambas as cidades em meio a sociedades pós-coloniais, mas, não por isso, decoloniais; pelo contrário: nota-se como lógicas coloniais perduram, tanto no tocante a questões que envolvem disputas políticas e econômicas internas, quanto na relação entre Norte e Sul. O intuito é, por meio da observação de processos marcados pelo “tornar-se” ao invés do “ser” (Abu-Lughod, 1975), evitar a redução do discurso sobre gentrificação à simples unidade de efeitos do neoliberalismo e da globalização (Parnell, Robinson 2013), independentemente da análise histórica do contexto. Em fazer isto, é preciso, antes de mais nada, observar as diferenças existentes entre a colonização portuguesa e a anglo-saxã, que se refletem nas duas sociedades contemporâneas em questão, assim como na configuração de ambas as cidades.

Boaventura Santos – cujo texto ‘Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e interidentidade’ (2003) mobilizou o discurso sobre estudos pós-coloniais em língua portuguesa – afere que, na colonização anglo-saxã, a relação entre colonizador e colonizado é uma relação de polarização extrema, à diferença da portuguesa, baseada na prática da miscigenação. Para o colonizador inglês, o outro simplesmente não existe; o colonialismo português, pelo contrário, baseia-se na ambígua prática da miscigenação, que, ao mesmo tempo em que não produz formas menos racistas de convivência, faz com que “o outro colonizado pelo colonizador não seja completamente outro [...] há dois que nem se juntam nem se separam, apenas interferem no impacto de cada um deles na identidade do colonizador e do colonizado” (Santos, 2003:27). Santos também remarca como o colonizador português da mesma forma que coloniza o nativo, se sente por sua vez colonizado pelo colonizador inglês sensação que ainda pode ser percebida na relação entre os meus casos estudos. O facto da África do Sul ser uma ex-colônia inglesa anglófona, cria uma proximidade com a cultura anglo-saxã que, pela maioria das vezes, encontra um link implícito com a ideia de modernidade, da mesma forma que, por questões de língua, facilita as conexões globais requeridas pela contemporaneidade. No imaginário coletivo os países latinos (também os europeus, como a Itália ou Espanha, ou o mesmo Portugal) são representados como

‘atrasados’ comparados com o mundo, mas rápido, mais atualizado e contemporâneo anglo-saxão, que diretamente se referencia aos Estados Unidos, Reino Unido, ou mais em geral a Europa do Norte.

A África do Sul, também, tem uma peculiaridade, que a destaca de qualquer outro país Africano e que Ferguson (2012:16) assim descreve:

“África do Sul também é utilmente anômala. Como é comum observado, é um lugar que parece ser do Sul e do Norte ao mesmo tempo - As condições do Primeiro Mundo e do Terceiro Mundo estão uma ao lado da outra, e a colônia e a metrópole parecem curiosamente ter acabado, quase por engano, no mesmo país”²¹⁵

Voltando à distinção no tipo de colonização, essa determina uma abordagem diferente entre os estudos pós-coloniais, oriundos do mundo anglófilo; e o discurso *decolonial*, desenvolvido na América Latina, especialmente a partir do trabalho do *Proyecto Modernidad y Colonialidad*²¹⁶. A abordagem pós-colonial se desenvolve a partir de uma perspectiva culturalista, através de estudos culturais, linguísticos e literários, que buscam analisar sistemas de representação e processos identitários a partir do XVII século. Esses estudos se pautam em “um conjunto de práticas e discursos que desconstroem a narrativa colonial tal como foi escrita pelo colonizador, e tenta substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (Santos, 2003:26). Trata-se de um processo parecido com a máquina de guerra do Estado, que Deleuze e Guattari (1986) apontam como sendo responsável por contar uma história unívoca e sedentária. A abordagem *decolonial*, por sua vez, toma como ponto de partida a conquista das Américas (1492) e concentra a sua atenção na “lógica cultural do colonialismo” e nos tipos de heranças coloniais que persistem e se multiplicam, inclusive, quando o colonialismo já não existe mais. Concentra-se, portanto, mais na forma que o próprio colonizado se vê em relação ao colonizador, em uma perspectiva posterior ao momento da submissão e diferenciação própria do colonialismo. O grupo faz uma distinção

²¹⁵ South Africa is also usefully anomalous. As is commonly observed, it is a place that seems to be of the South and of the North at the same time—First World and Third World conditions lie cheek by jowl, and colony and metropole seem curiously to have ended up, almost by mistake, in the same country

²¹⁶ O *Proyecto M/C* foi um dos mais importantes grupos de pensamento crítico na América Latina durante a primeira década do século XXI. Compunha-se de uma rede multidisciplinar de intelectuais de varias gerações. O grupo durou cerca de dez anos e reuniu: Aníbal Quijano, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel, Agustín Lao-Montes, Walter Mignolo, Zulma Palermo, Catherine Walsh, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Javier Sanjinés, Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez, María Lugones e Nelson Maldonado-Torres.

precisa entre os termos colonialismo e *colonialidad* (coloniality em inglês) entendendo, com o primeiro, a ocupação militar e a submissão de um território por parte de uma força imperial estrangeira; e, com o termo *colonialidad*, a lógica cultural que esta ocupação implica. No cerne do pensamento do *Proyecto M/C*, está a ideia de que a lógica cultural do colonialismo (*colonialidad*) não se opõe ou precede a modernidade, estando implícita nela. Assim como o colonialismo europeu é fundamental para entender as principais instituições modernas do século XVI e XIX (capitalismo, ciência, arte, o Estado), de igual modo, todos os processos de modernização nas periferias foram mediados pela “lógica cultural”, como herança colonial (Mignolo, 2011). É a partir dessa suposição que o presente estudo busca tratar o tema da gentrificação nos territórios do Distrito Criativo e do Maboneng Precinct, como o resultado da manutenção de uma “lógica colonial” que está interligada com um “ideal” moderno, alimentando uma distorcida visão do progresso e da modernidade que parece levar a uma assimilação normativa de conceitos estéticos e subjetividades. Incentivos às novas economias e apropriações culturais, bem como a criação de polos econômicos criativos de elites locais e globais como aqueles a que se assiste nos polos criativos do Sul, podem resultar em novas formas de colonialismo, impulsionadas não só por exploradores externos (ocidentais ou multinacionais) como também por exploradores nativos, cujos interesses acabam coincidindo.

O conceito de “*colonialidad do poder*”, foi cunhado por Aníbal Quijano, em 1989; refere-se à permanência – apesar do colonialismo ter sido supostamente erradicado pela modernidade – de lógicas culturais coloniais, nas esferas política e econômica. Sucessivamente, crescem-se a estas, também, as esferas da sexualidade, do gênero e das subjetividades – *colonialidad do ser* –, assim como *a do conhecimento* (Maldonado-Torres, 2007). No que diz respeito a esses novos agentes criativos, a sobrevivente lógica do colonialismo parece atingir os três níveis: do conhecimento, do poder e do ser, uma vez que conhecimento produz poder, o qual, por sua vez, requer transformações do ser. No Sul contemporâneo a exploração do indivíduo pelo capital cognitivo age através de uma forma biopolítica que, da mesma forma que impõe um autocontrole seja produtivo seja de hábitos comportamentais, perpetua a *colonialidad do poder*, como permanência de uma subjetividade subalterna colonial.

Colonialidad do Conhecimento | Economia do Conhecimento

Nos estudos decoloniais entende-se com '*colonialidad do saber*' as influencias e os poderes (ocidentais) que agem na produção do mesmo (Mignolo, 2002; Boaventura Santos, Meneses, MP, 2009). Assim "o tratamento hegemônico do conhecimento, baseando-se numa epistemologia ocidental (Norte) que ignora o 'resto' do mundo (Sul) (Özkazanç-Pan, 2008) levou à produção e à disseminação do conhecimento "predominantemente pensado no Norte e para o Norte" (Ballestrin, 2013, p. 109), logo, a um processo de *colonialidad* epistêmica (Ibarra-Colado, 2006) " (Calderon, 2017:2). A criação de uma epistemologia do Sul apela para um novo processo de produção e valorização de conhecimento científico que seja externo ao pensamento ocidental. Como já Foucault (1966) alertava "a história das ciências não é a história da progressiva descoberta da verdade, relativa ao homem e às coisas, e sim, a história das diferentes formas de 'dizer a verdade' e dos princípios epistêmicos internos que regulam a produção discursiva nas diferentes áreas científicas" (Foucault citado em Bellusci, 2017). Se a epistemologia do Sul entende tratar dos implícitos poderes (ocidentais) que agem na produção do conhecimento, este estudo entende tratar dos implícitos poderes das elites locais que agem na produção do trabalho imaterial (fruto de conhecimento) no contexto da sociedade post colonial das cidades de Rio de Janeiro e Johannesburg, escolhendo os limitados perímetros (Distrito Criativo e Maboneng) como áreas preferenciais (mas não únicas) de observação.

A ***colonialidad do saber*** evidencia-se na relação entre conhecimento e economia criativa a partir da verificação de que o principal meio de produção da indústria criativa é o alto nível de educação. Em países como Brasil e África do Sul, onde o acesso à educação de qualidade é restrito a quem tem recursos econômicos, explicita-se assim o aperfeiçoamento de um novo dispositivo de perpetuação de privilégios de classe (Harney e Sealy, 2015, Burocco, 2017). Trata-se não apenas de se dispor dos recursos financeiros, para ter acesso ao nível de especialização requerida, mas também da possibilidade de manter nas próprias mãos a reprodução destes recursos dentro de espaços aonde as definições de 'empresário e empregado' não encontram mais claras definições, e a criatividade vem quantificada e compactada dentro dos valores do mercado. Se criam assim grupos 'colaboradores parecidos' cujo acesso é quase que impossível para 'pessoas outras', não diretamente relacionadas,

tendência confirmada em muitas das minhas entrevistas: “Comecei a trabalhar através de um companheiro de Universidade, ele fazia direção e me chamou para fazer arte no filme dele. Assim foi por diante. A gente da turma se chamava um com outro” (entrevistada anônima). E também reforçada por Fernanda Guaraná do Coletivo Meu Porto em uma entrevista “o cliente pode contratar cada serviço separadamente, mas há um vínculo muito grande entre as empresas do Coletivo, sempre indicamos uns aos outros” (O GLOBO, 2013). Este pertencimento a grupos fechados se reflete na incapacidade destes sujeitos de ver e reconhecer ‘o outro’ além de si, uma situação típica do colonialismo²¹⁷. As elites cosmopolitas, reunidas em enclaves urbanas (residenciais como produtivas), criam laços mais fortes com outras elites similares do que com outros residentes da cidade que os circunda (Atkinson, Bridge, 2005:9, Sassen, in Kuper 2013, Rofe, 2003). Esses laços fundamentam-se no compartilhamento de privilégios e interesses, que fazem com que essas elites sejam ou cegas em relação à existência do ‘outro’ ou, nas raras ocasiões em que conseguem vê-los, optem simplesmente por culpá-los pelo atraso de suas próprias existências modernas²¹⁸.

O evento Colaboramerica (www.colaboramerica.org), “um evento de inovadores sociais e digitais, cuja missão é promover mudanças sistêmicas e construir uma nova economia na América Latina” cujo objetivo “aquele de reunir empreendedores, líderes de negócios, *policy-maker* e cidadãos de todo o continente para repensar e propor à América Latina um modelo de desenvolvimento mais consciente” foi realizado em 2016 no espaço do *Rua City Lab* que se tornou a sede do Distrito do Porto²¹⁹. Observando os comentários ao evento na página

²¹⁷ ‘What should they know of England who only England know?’ [O que eles deveriam saber da Inglaterra, que apenas a Inglaterra sabe] (Kipling, 1891)

²¹⁸ Abre-se também a reflexão sobre a constituição de identidades híbridas que, em um mundo “cada vez menor” (Cocco, 2009:25), interessam migrantes Sul /Norte, mas, também, e cada vez mais, os/as do Norte/Sul (Hall, Gay, 1996; Hall, Held, Hubert, Thompson, 1996; Said, 1996; Bhabha, 1994).

²¹⁹ O *Rua City Lab* – em acordo com uma entrevista com Daniel Krachete - é um espaço que a Odebrecht cedeu ao Distrito: “Marina, responsável pelo sector de responsabilidade social da Odebrecht, procurou o Distrito e o ARTRUA tendo um plano de estratégia pelo território. Originariamente este espaço [no bairro do Santo Cristo, próximo à rodoviária NovoRio] estava destinado a construção de duas torres, mas o projeto foi parado então ofereceram o mesmo para ser sede do *Rua City Lab*. Passamos assim de uma mentalidade de simplesmente fazer negócios a uma de assumir responsabilidade com o entorno”. Desde a minha entrevista em Março de 2017, o espaço mudou de novo de nome, e agora chama-se HUB Rio <https://www.hubRJ.com> declarando na homepage : ‘Estamos aqui para gerar Impacto Social! Uma rede de negócios e de economia compartilhada (mudando de criativa à tradução do termo inglês ‘*sharing economy*’ economia compartilhada) Um local aonde tudo pode acontecer! HUB-RJ - Orgulhosamente criado por movierio.com.br”. Não teremos aqui mais condições de analisar esta nova mudança mas pode se dizer que em comparação com a precedente comunicação do Distrito ou do *Rua City Lab* houve uma melhoria no marketing do espaço.

facebook do mesmo, reparei na repetição de mesmos questionamentos em relação à diversidade, discriminação racial, discriminação de gênero, deficiência físicas, desigualdade econômica. O evento, de forma bastante hipócrita, tinha acesso gratuito todos os dias. Mas as palestras mais prestigiosas eram pagas: R\$ 130,00. Ou seja: Se finge de ser abertos a todos e todas, mas as palestras de experiências – práticas e troca de conhecimento consideradas mais valiosas - são pagas. A resposta dada a quem reclamava das dificuldades de acesso via de transporte público, se respondia “venha de bike!”, sem considerar que algumas dessas pessoas estavam se deslocando da região metropolitana da cidade, bem distante do centro. Diz um dos organizadores, também diretor de um dos empreendimentos do GOMA, que a comida não era cara (R\$ 20 a refeição), mas os participantes que quisessem passar o dia no local queixaram-se do preço. Este é um exemplo da incapacidade de realmente reforçar ações que incentive, de fato, a criação de espaços de diversidade. Obviamente, para quem está acostumado a comer na zona sul do Rio de Janeiro gastar R\$ 20 pode parecer pouca coisa. Mas pode ser diferente para quem não tem o mesmo poder aquisitivo ou, simplesmente, os mesmos hábitos. Estas pessoas são quase que automaticamente excluídas porque na verdade nunca existiu uma genuína vontade de incluí-las. Sobre a questão da participação e diversidade promovida no evento, tona-se interessante uma troca de comentários entre um dos organizadores e um dos participantes:

Organizador: “Estamos a mais de um ano promovendo reuniões abertas com uma quantidade sem fim de pessoas...”

Participante: “Se essa informação não chegou à periferia, não chegou aos surdos, não chegou para quem é fora do Rio, para quem ela foi disseminada? Para a rede que já existia? Ou para novas pessoas?”

Questiona-se como jovens, profissionais, com alto nível de aprendizado, seguidores das mais inovadoras formas de comunicação e tecnologia, continuam mantendo os mesmos problemas de inclusão social dos projetos de décadas passada. É mais provável que simplesmente estes networkings ainda se demostrem não abertos e intencionados a abrir-se.

Se nas relações de poder coloniais como consequência da lógica da exploração do trabalho, o corpo-máquina é passível de desumanização e aniquilamento, na contemporaneidade, segundo Mbembe (2003), o processo de exploração que se estabelece nas relações neoliberais opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar algum no sistema, tendo como objetivo não apenas o controle sobre as pessoas, mas a abertura do caminho aos interesses corporativos e financeiros. Criam-se assim “dominações racistas e classistas em funcionamento interseccionado”.

Segundo Enzo Traverso (2002) citado em Mbembe (2016:29) “o florescimento de um racismo baseado em classe traduziu os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais, acabou comparando as classes trabalhadoras e os ‘desamparados pelo Estado’ do mundo industrial com os ‘selvagens’ do mundo colonial”

“Nesta nova paisagem, o conhecimento será definido como conhecimento para o mercado. O próprio mercado será re-imaginado como o principal mecanismo para a validação da verdade. Um ciclo renovado de lutas de classes, os conflitos sociais crescerão”²²⁰ (Mbembe,2016)

Exploração e exclusão funcionam de forma complementar, seja no lado físico que simbólico. Assim escolhe-se realizar o lançamento do Distrito Criativo do Porto no terraço do Museu de Arte do Rio, invés que no térreo, também defendido por um vidro transparente, estabelecendo um simbolismo evidente. Marca-se uma distancia nítida, até física entre ‘eles’ e o mundo da região portuária. De certa forma antecipando a incapacidade das pessoas de lidar com o entorno daquela realidade local e se integrar com ela. Se reproduz também uma tendência comum em Johannesburg, aonde não existe contato com a rua, e a maioria dos eventos são realizados em *rooftops* (coberturas) como resultado de um histórico de separação e da perpetuação do medo. Os campos de batalha não mais localizados exclusivamente na superfície da terra, agem também na violência simbólica: o simbolismo do topo (quem se encontra no topo) é reiterado.

²²⁰ In this new landscape, knowledge will be defined as knowledge for the market. The market itself will be re-imagined as the primary mechanism for the validation of truth. A renewed cycle of class struggles, social conflicts will grow.

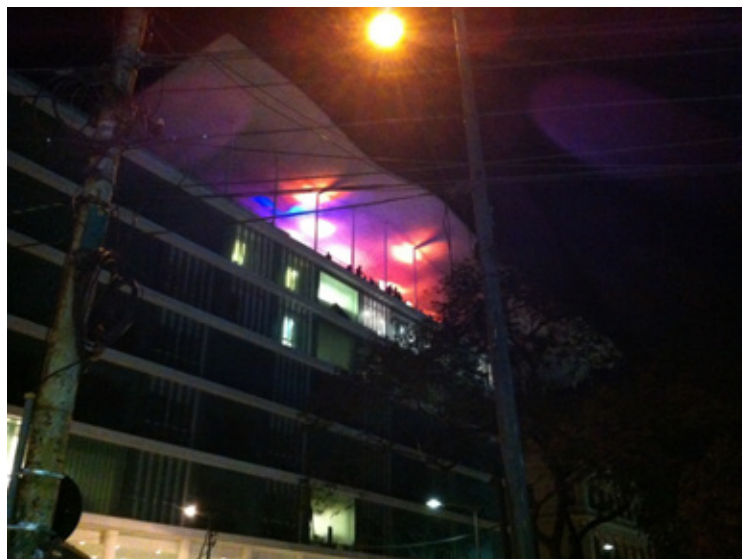


Figura 29 – Lançamento do Distrito Criativo, Agosto 2015, Rio de Janeiro. Foto LB

O discurso moralista de ‘salvação da cidade’ adoptado pelos novos empreendedores lembra a missão civilizatória e de desenvolvimento, própria da retórica da modernidade e fornece o contexto pela volta de uma tendência moralizante e higienista da paisagem urbana, que já marcou o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Através dessa tendência, destinada a satisfazer certo imaginário da modernidade, polos criativos produzem uma nova onda contemporânea de domesticação e de submissão a padrões de consumo e de trabalho, que se camufla por trás de uma falsa diversidade espetacularizada.

Ao falar da modernidade, Dussel (2000:49) a define como um “mito”, responsável por ocultar a *colonialidad* através de algumas das formas sob as quais o primeiro conceito foi desenvolvido: entre elas, o estabelecimento de uma marca de distinção entre “os que são dotados de superioridade” (sempre referida aos europeus, sustentando-se assim uma visão eurocêntrica do mundo) e “os mais primitivos, bárbaros, rudes”, que reproduz uma tendência clara do colonialismo: a criação de fronteiras. Aqueles que são dotados dessa superioridade são obrigados a contribuir para o desenvolvimento “dos outros”, tal fosse uma exigência moral, pois “para o moderno, o bárbaro tem uma culpa”, posto que se opõe ao processo civilizador. Desempenhando um papel civilizatório similar ao do colonizador, essas novas “elites de fornecedores de serviços e de consumidores, que se reproduzem em escala global” (Bridge, 2006:33, Rofe 2003, Sklair, 2001), retomam um discurso de ‘salvação’ de

determinadas áreas da cidade, típico de projetos de regeneração urbana, simplesmente para justificar a tomada de posse desses lugares.

Assim gentrificação aparece ser “parte da contínua obsessão do homem em conquistar, destituir, politizar e capitalizar outros indivíduos para seu próprio ganho [...] Embora o homem moderno possa argumentar que a civilização de hoje não está mais tendo colonização no sentido antiquado, a gentrificação é a versão moderna da obsessão do homem moderno com a aquisição de terras”(Wharton,2008:7)²²¹.

A modernidade, neste caso, não significa superar a colonialidade, mas sim a barbárie ou comportamentos incivilizados que se presumem ser responsáveis por atrasar o avanço das oportunidades de mercado global e estilos de vida. Para a satisfação desta função ‘social’ justifica-se a violência física (e simbólica) que se aplica. Assim como nas palavras do padre Muller em Césaire (1971:17) “a humanidade não deve nem pode suportar que a incapacidade, a incúria, e a preguiça dos povos selvagem deixem definitivamente sem utilidades as riquezas que Deus lhe confiou com a missão de as fazer servir para o bem de todos [...] uma espécie de expropriação pela causa da utilidade pública”.

A evidencia da atual fase civilizatória e de higienização pela qual o Rio de Janeiro está passando é manifesta no reforço da transformação dos hábitos das pessoas e mudanças dos padrões de comportamento que implicam também uma certa homologação dos gostos e estéticas.

²²¹ Part of man's continual obsession with conquering, disempowering, politicizing and capitalizing over other individuals for their own gain. While modern man might argue that today's civilizations no longer have colonization in the antiquated sense, gentrification *is* the modern version of modern man's obsession with land acquisition.



Figura 30 - Barbearias antes e depois na Rua da Assembleia, Rio de Janeiro. Foto:LB

Da mesma forma que os ‘favelados’²²² cariocas precisam se adaptar aos padrões de comportamento considerados “civilizados” da zona sul da cidade, os habitantes da zona sul da cidade, os mesmos que estão mudando os próprios escritório no Porto, precisam cumprir os parâmetros estéticos - e de consumo- considerados apropriados aos patamar do Norte e ser aceito no “circuito global”. Pode se dizer que o mesmo comportamento seja assumido pelos ex-residentes dos ricos subúrbios da zona norte de Johannesburg que, se esforçando de gostar de viver ‘a experiência urbana’ até agora desconhecida, se mudam pelo centro da cidade, lugar de pobreza e perigo. Por sua vez os que vivem em condição de extrema miséria e precariedade humana - desde a época daquela que é descrita como uma ‘selvagem invasão do post apartheid *Joburg Inner City*’ - são subitamente cercados pelos parâmetros “civilizados” da vida e do consumo dos novos vizinhos, parâmetros aos quais a miséria deles, nunca lhes permitirá aspirar²²³.

Não surpreende que no meu trabalho de campo seja na África do Sul que no Brasil, o feito de ser europeia e de ter um perfil “cosmopolita” ajudou no agendamento das minhas

²²² O termo é aqui usado para dar ênfase à violência do processo, sem querer dar alguma conotação negativa a ele.

²²³ Segundo Appadurai (2004) os pobres não têm capacidade de aspirar por três causas: estrutura social que leva eles a condições de vida que diminuem a dignidades deles, reforçam a desigualdade e agravam as faltas de acesso deles a bens materiais e serviços; a falta de voz necessária por eles poder participar nas decisões políticas que afetam a própria vida; e as limitadas oportunidades.

entrevistas. Frequentemente durante as entrevistas os/as entrevistados/as fazem referencia a um mundo “lá fora” aonde o fora esta se referendo à Europa ou Estados Unidos. O que me interessa questionar é se os criativos do hemisfério sul, “vitimas” da obsessão pela identidade moderna, podem ser considerados atores ou não sejam simplesmente agentes passivos, manipulados por quem efetivamente detém o poder.

“Se é fato que tanto o agente quanto o ator estão ligados ao agir, também é fato que o que os move, o ponto de partida, tem sentidos diferentes [...] aos atores relaciona-se o agir como fonte de um processo; a eles são atribuídas capacidades e intenções. Ao falarmos em atores, estamos nos referindo a jogos de poder, relações de força que põem em disputa conhecimento e estratégias, que constroem encadeamentos sociais e políticos. Os agentes, embora também se realizem no âmbito do agir, são passivos no que tange à definição de intencionalidades” (Ferreira, 2014:9).

Bourdieu (1994:69), citado em Ferreira, diz “os agentes são indivíduos considerados na prática e imersos na ação, agindo por necessidade”. Assim me parecem os criativos do Distrito e de Maboneng. Agentes cuja ‘intencionalidade’ está sendo direcionada por poderes superiores reproduzindo “a situação dos quem vivem na sociedade do espetáculo é a mesma dos prisioneiros amarrados na caverna platônica. A caverna é o lugar aonde as imagens são tomadas por realidade, a ignorância por saber e a pobreza por riqueza. E quanto mais os prisioneiros se imaginam capazes de construir de outro modo sua vida individual e coletiva, mais se enleiam na servidão da caverna” (Ranciere, 2014:45). Quanto mais se acham criadores da própria “*passionate*”, “*visionary*” *life*, padronizada dentro dos standards internacionais, quanto mais, na verdade, estão cumprindo o que a Prefeitura do Rio e *Propertuity* manda eles cumprirem, pelo retorno econômico de pouquíssimos atores efetivamente detentores do poder na esfera publica num caso, e privada no outro. Assiste-se assim a politicas urbanas vingativas que, concentrando o capital global interno, atraí elites que atuam como fossem ‘funcionários’ do capital global (Smith, 1996).

A ocupação colonial contemporânea evidencia como o processo colonial e as relações de poder têm, como uma das suas matrizes, o questionamento de identidades, dando vida, dentro de um novo regime de capitalismo cognitivo, a uma concatenação de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. “O Estado pode, por si mesmo, se transformar em uma máquina de guerra. Pode, ainda, se apropriar de uma máquina de guerra ou ajudar a criar uma. As máquinas de guerra incorporam novos elementos bem adaptados ao princípio

de segmentação e desterritorialização” (Mbembe, 2016:140). Entre esses novos elementos podemos considerar, por exemplo, os dispositivos analisados no capítulo II (os três museus, o espaço Meu Porto, a estratégia de *marketing* de *Propertuity*), dispositivos cujo fim é aquele de ser porta-vozes do poder, distorcer as realidades locais e manipular os interesses e os gostos do consumo. Um exemplo desta distorção da realidade é oferta pela fala de Jonathan Liebman (Smart, 2016) : “Nós nos orgulhamos de ser tanto um rendimento misto quanto um uso misto [...] sobre a renda mista [problema], só deixa que essas disparidades de renda, que são tão frequentes na sociedade sul-africana, começam a ser superadas”²²⁴. Continua Mbembe, “para bancar a extração e exportação de recursos naturais localizados no território que controlam, as máquinas de guerra forjam ligações diretas com redes transnacionais” (2016:140), por exemplo, as técnicas de *soft power* e parcerias internacionais analisadas no capítulo III. Estes mecanismos contribuem pela criação da identidade híbrida mencionada anteriormente (Hall, Gay, 1996; Hall, Held, Hubert, Thompson, 1996 ; Said, 1996; Bhabha, 1994)²²⁵. Ravi Sundaram (citado em Cocco, 2009:31) declara que “Brasil esta gerando uma cultura de elite híbrida, uma elite profundamente ligada ao Ocidente”. Assim também se pergunta Sejake (2016) na África do Sul: “Você acha que seja louco assumir que cerca de 55 anos depois que o Império Britânico retirou seu controle da África do Sul agora estamos vivendo sob outro tipo de colonialismo, o colonialismo de nossas lealdades/loyalties? [...] sujeito a uma "aprovação dos consumidores americanos", essas são marcas que associamos às vidas que aspiramos a viver e os passos que precisamos para chegar lá”²²⁶. Alimenta-se uma relação esquizofrênica entre o orgulho de ser africanos, ou brasileiros, e a busca contínua de tornar-se nova-iorquinos confirmadas pelas estratégias de marketing utilizadas, especialmente no caso de site de Maboneng: “Experimente o primeiro mundo, estilo de vida metropolitano na África do Sul!”²²⁷; “Um ex-ponto caldo do crime, agora o distrito no centro

²²⁴ We pride ourselves on being both mixed income and mixed use [...] on the mixed income [issue], it just lets those disparities of income, which are so rife in South African society, start being bridged.

²²⁵ Veja-se nota 215 deste mesmo capítulo.

²²⁶ Do you think it's crazy to assume that some 55 years after the British Empire withdrew its control from South Africa we are now living under another kind of colonialism, the colonialism of our loyalties? [...] subject to an 'American consumers' approval' these are brands that we associate with the lives we aspire to live and the steps that we need to take to get there

²²⁷ Experience the first world, metropolitan lifestyle in South Africa!

foi transformado em uma comunidade de criativos - pense na resposta da África do Sul para Williamsburg de Nova York e você terá a ideia do que ele é”²²⁸

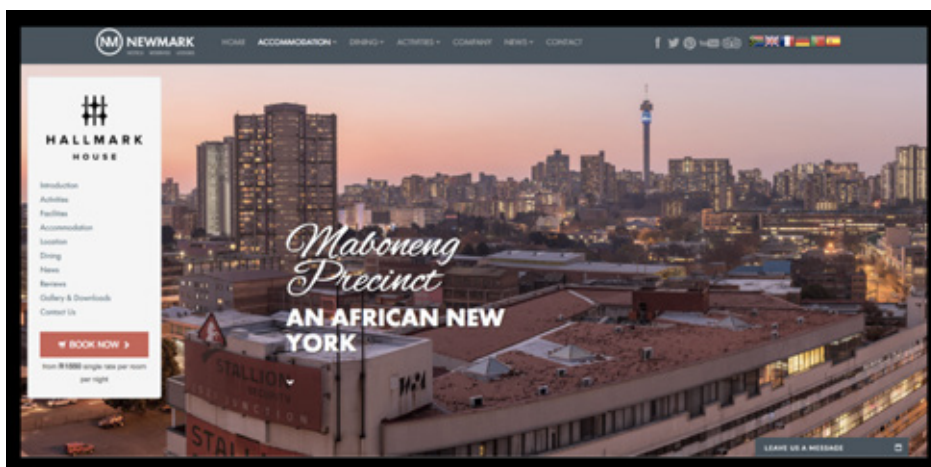


Figura 31 - Hallmark House, Property website

David Adjaye, arquiteto ganense responsável pelo projeto de *Hallmark House*, comentando o prédio declara: “Você vai olhar para este edifício e pensar que é em alguma outra cidade, e então você vai perceber que está em Johannesburg; está na África”²²⁹ (Frearson, 2015). Se reproduz assim a mesma visão deficiente (que se declara criticar) que posiciona o continente em um lugar problemático, atrasado e subdesenvolvido, que em acordo com o discurso do ‘Afro-pessimism’, precisa ser questionado e reconstruído (Widnerson III, F. Hartman, S., Martinot, S., Sexton, J, Spillers, H.J, 2017). Você pensa de estar em uma outra cidade, implicitamente em uma cidade do Norte, e descobre ser em Johannesburg, legitimando a impossibilidade de ter uma construção ‘moderna’ no continente Africano.

Nesta fase tardia do capitalismo a sociedade do controle assume um caráter difuso, já não tem mais necessariamente um centro irradiador que determina e estabelece padrões de conduta. A novidade é que aquilo que antes era prescrito por um poder normatizador, passa a ser assumido pelo conjunto da sociedade, é internalizado. Se na sociedade disciplinar (Foucault, 1999), o modelo do panóptico é hegemônico, e significa que todos estão sendo

²²⁸ A former crime hotspot, now the inner city precinct has been transformed into a community of creatives – think South Africa’s answer to Williamsburg of New York and you will get the idea.

²²⁹ You will look at this building and think that it is in some other city, and then you will realise its in Johannesburg; it’s in Africa

vigiada, na sociedade do controle (Deleuze e Guattari, 1990) esta vigilância torna-se difusa e voluntária. É nesse sentido que atua a *colonialidad do ser*.

O que está a venda nesses territórios criativos não é apenas um lugar de trabalho ou de residência, mas um estilo de vida que mais se adapte aos padrões internacionais do mercado global. O que está sendo adquirido é a subjetividade da pessoa, numa etapa sucessiva àquilo que Harvey (2003, 2004) chamou de “acumulação por despossessão”, que não só converte direitos de propriedade comum em direitos de propriedade privada, como também atinge a esfera da subjetividade e da cultura local, destituída do seu significado antropológico para se tornar exclusivamente uma mercadoria. Criam-se, assim, novas formas de expropriação, que seguem a necessidade do capital de encontrar continuamente novas fronteiras de acumulação; não mais restritas à acumulação econômica direta, elas atingem também, de forma biopolítica, as subjetividades dos indivíduos, tornando-se expressão do agir contemporâneo da *colonialidad do ser*, em relação a essas pessoas. Estas expropriações subjetivas acabam funcionando em dois níveis, na exploração vindo de fora (internacional) que atinge os criativos, e na exploração interna (local) que se manifesta na expropriação das culturais originais, dos quais esses criativos podem se tornar responsáveis.

E’ o caso, por exemplo, da ‘Amazônia, o lugar dos lugares, natural como cultural’ (Viveiros de Castro, 2007 em Cocco 2009: 61) tratado no capítulo anterior. Assim o Sul continua a ser uma fonte de recursos e de novidade (Comaroffs, 2012:18), dando uma revisitação contemporânea à afirmação de Coronil (2005:52) “As colônias da Europa, primeiro na América e mais tarde na África, forneceram-lhe mão-de-obra, produtos agrícolas e recursos minerais. Igualmente, apresentaram à Europa uma variedade de culturas em contraposição às quais a Europa concebeu a si mesma como o padrão da humanidade - como portadora de uma religião, uma razão e uma civilização superiores encarnadas pelos europeus” só que agora, a velha Europa, não mais precisa se auto definir como padrão de humanidade - já que esta ideia foi incorporada pelas suas elites- mas o que ainda precisa são novas fronteiras de consumo imaterial para explorar.

No Rio de Janeiro o site do Porto Maravilha declara:

“Brasil vem apresentando um crescimento consistente nos últimos anos. O Rio de Janeiro dá claros sinais de uma nova dinâmica econômica, impulsionada pelos grandes eventos que vão ocorrer na cidade nos próximos anos. A Operação Urbana Porto Maravilha está preparando a Região Portuária, há muitos anos relegada a segundo plano, para integrar este processo de desenvolvimento.”²³⁰

E’ importante analisar qual é a ideia de desenvolvimento que esta atrás destas transformações - no Rio de Janeiro assim como em Johannesburg - e quais são os atores e agentes deste desenvolvimento. No hemisfério Sul, onde a cultura da modernidade é estritamente ligada à cultura da metrópole, a introdução da economia criativa assume um valor simbólico, tonando-se sinônimo de um desenvolvimento relacionado a um tipo específico de consumo (e de produção) considerado ‘urbano’ e, portanto, cosmopolita, inovador e moderno (Mbembe and Nuttel, 2008, Appadurai:1996). Progresso e desenvolvimento tornam-se como ‘duas faces de uma mesma modernidade ocidental’ (Cocco, 2009:84). Mas, se “a modernização foi considerada unicamente como o acumulo de riquezas, sendo desprestigiadas todas as outras formas de experiência. Nela se expressava a convicção de que a pluralidade de civilizações, e o próprio destino do homem, podia se reduzir a um único modelo – a sociedade industrial. Seu uso era ainda mais abusivo quando transportado para a explicação da situação cultural dos países da América Latina, da Ásia e da África” (Paz, citado em Jardin, 2007:18). Na fase pós-industrial, “o esgotamento industrial como mecanismo fundamental do desenvolvimento (e integração social e/ou de ‘progresso’) implica a própria crise da noção de desenvolvimento e, mais em geral, da relação entre homem e natureza à qual ela está atrelada”. (Cocco,2009:61).

Para concluir sobre os efeitos em relação à dificuldade nos processos de definição de identidades próprias, vale a pena remarcar a peculiaridade histórica temporal que caracteriza a África do Sul:

‘África do Sul há muito tempo não está sincronizada com o tempo do resto do mundo. Foi colonizada no século 17, mais de dois séculos antes, em relação à história da colonização europeia no resto do continente [africano]. Em 1948, quando o resto do mundo estava abandonando as divisões raciais, o governo do apartheid da África do Sul declarou a cor a própria base da sua sociedade e estabeleceu um esforço concertado para segregar, ao invés de integrar, a sociedade em termos raciais. Enquanto a maior parte do resto da África ganhou independência no início da década

²³⁰ <http://www.portomaravilha.com.br/portomaravilha>

de 1960, a África do Sul teve seu momento de descolonização apenas em 1994 e passou por uma espécie de política pós-independência na década de 1990²³¹ (Ferguson, 2012:14)

Esta incongruência temporal, junto com o feito de ser um território aonde primeiro e terceiro mundo convivem²³², contribui para que :

“Os sul africanos [brancos – minha nota] nunca tiveram certeza se são africanos (e, em caso afirmativo, o que isso pode significar) – a mesma supremacia branca que criou instalações públicas separadas e pátrias nacionais para a categoria desprezada, "africanos", orgulhosamente se chamaram ‘Afrikaners’ (que obviamente simplesmente significa ‘africanos’ na língua deles) enquanto hoje os xenófobos negros da África do Sul desprezam os imigrantes do norte do Limpopo como inúteis e indesejados (você adivinhou) ‘Africanos’”²³³ Ferguson (2012:15)

O questionamento sobre processos de definição de identidade, por sua vez, remanda à relação de pertencimento aos territórios, do Distrito e do *Maboneng precinct* que os criativos têm (ou não tem), e a forma dos dois projetos tratar a história.

No Rio de Janeiro os entrevistados não demonstram algum apego com a região portuária. Durante as minhas entrevistas emergiu uma falta de interesse em se mudar pelo Porto por uso residencial: “a região ainda não está pronta por poder pensar de morar aqui. Existe uma expectativa que “as melhorias trazidas pela revitalização” permitam em futuro a criação das condições necessárias “para o movimento de aproximação se realizar”. Daniel Kraichete, um dos diretores do Distrito, no dia da inauguração do Distrito no MAR chega até afirmar: “Essa região vai receber os filhos da Zona Sul, que não vão conseguir se manter por lá. Essa geração já nasce com mentalidade de negócios totalmente diferenciado. É uma geração mais empreendedora que a anterior” declaração retomada num artigo no dia seguinte (RIOetc,

²³¹ South Africa has long been out of step with the rest of the world’s time. It was colonized in the 17th century, more than two centuries too soon, in relation to the history of European colonization of the rest of the continent. In 1948, when the rest of the world was giving up on the color bar, South Africa’s apartheid government declared color the very basis of their society, and set about a concerted effort to segregate, rather than integrate, the society in racial terms. While most of the rest of Africa gained independence in the early 1960s, South Africa had its decolonization moment only in 1994, and went through a kind of post-independence politics in the 1990s.

²³² Veja-se também nota 215 deste mesmo capítulo.

²³³ South Africans have never even been sure if they are Africans (and if so, what that might mean)—the same white supremacists who created separate public facilities and national homelands for the disparaged category, “Africans”, proudly called themselves Afrikaners (which of course simply meant “Africans” in their own language), while today black South African xenophobes disparage immigrants from north of the Limpopo as useless and unwanted (you guessed it) ‘Africans’.

2015). Não existe algum vínculo com o local. Demonstrado pelo facto que o único lugar ‘afetivo’ a ser lembrado para eles é a Pedra do Sal, um samba tradicional que ao longo dos últimos deis anos se tornou um sempre mais famoso ponto turístico da região, mudando o tipo de publico, e perdendo as próprias características originarias. Tampouco, como os criativos sul africano, tem obsessão pela ‘vida urbana’, já que esta experiência é espontaneamente oferecida pela cidade do Rio de Janeiro no seu tudo. Os criativos de Johannesburg pretendem morar no centro da cidade, atraídos pelo simbolismo moderno de ‘vida urbana fora dos muros’ dos subúrbios residências aonde – como varias entrevista reportam - foram ‘forçados’ a viver por causa da violência da cidade de Johannesburg post apartheid. Também se evidencia uma peculiar ideia do significado de ‘vida urbana’ sendo que a maioria deles indica o facto de ‘se conhecer um com o outro’ como um dos elementos atrativos da ‘*Maboneng Community*’, desconsiderando que, um dos caracteres principais da vida urbana, é o seu anonimato (Simmel, 1973). Fundamentalmente o que esses criativos perseguem é o alcance de um ‘status moderno’.

Em relação à historia, confirmando Debord (1992:78) “o interesse em fazer desaparecer um passado sombroso atende à venda de um produto (a cidade) apresentado com um espetáculo de enorme positividade, indiscutível e intocável”, em ambos os locais age um evidente apagamento dela. A região portuária do Rio de Janeiro chamada de Pequena África tem uma historia particularmente sofrida relacionada à escravidão no Brasil, e no mundo. Nas palavras de Ronildo Pacheco “Afeta minha historia, e minha consciência histórica, saber que um passado negro é deliberadamente ignorado e destruído, para que um futuro branco classe media seja erigido no lugar, com festa e pompa”²³⁴ A negação da memoria do lugar reflete a necessidade de cobrir um passado que se prefere ocultar em nome de um presente (e um futuro) de prosperidade e de civilização. Assim a historia é negada e ridiculizada em Johannesburg através de um enorme grafite representante Jan van Riebeeck, vestindo uma roupa com estampas de telefones celulares e relógios (talvez uma alusão ao tempo e ao trabalho) juntos com antílopes (símbolo do pais) encomendado pela *Propertuity* para embelezar o ambiente urbano do *precinct*. Contribui-se assim para outra forma de violência

²³⁴ Postagem em *Facebook* do qual o autor autoriza o uso.

espacial alinhada com o tema da gentrificação²³⁵ que, como observa Chandra Frank (2015), confirma como “As raízes coloniais da gentrificação, bem como a poética do lugar, são representadas ao espectador em suas imagens”²³⁶.



Figura 32 - Imagem publicitaria do website de Maboneng e detalhe do grafite, Johannesburg, 2016
foto: LB

Colonialidad do poder

Como já dito, os contemporâneos processos de exploração neoliberal traduzem os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais (comparando os excluídos do sistema aos selvagens do mundo industrial) dentro de ‘dominações racistas e classistas em funcionamento interseccionado’ (Mbembe, 2016). Assim se “O conceito de *colonialidad do poder* remanda à invenção/criação de novas identidades geo-culturais, novas relaciones materiais, e intersubjetividades de dominação definidas a partir da imposição da raça, um conceito que traz origem desde os violentos processos de conquista e colonização” (Quijano, 2000) o sistema neoliberal post industrial inventa novas identidades geo-culturais, como aquelas antes analisadas, a partir da imposição de raça e de classe.

²³⁵ Jan van Riebeeck ficou conhecido por ter sido o fundador da Cidade do Cabo. Membro da Companhia das Índias Holandesa, ele chegou em 1652 na África do Sul. Quando em 1662 deixou o país, 250 pessoas europeias viviam no que começava a parecer uma colônia em desenvolvimento que mostrava uma clara exclusão dos nativos. Em apenas oito anos no Cabo, ele planteou as sementes por uma historia de divisão que ainda persiste na sociedade Sul Africana contemporânea (Jaffer, 2015).

²³⁶ Colonial roots of gentrification, as well as the poetics of place are represented to the viewer in their imagery

Com o advento da globalização, a transformação do sistema de produção que origina o capitalismo cognitivo (Vercellone 2005; Fumagalli, 2007) a concentração de fluxos informativos, transações financeiras, migração populacional (de um tipo específico de profissional altamente qualificado) conecta pessoas (elites), instituições e estados, tornando-se locais como os dois analisados nesse estudo, enclaves de concentração de relações de poder e contatos. Em sociedades como como a Brasileira e a Sul Africana, que “não estão baseadas em relações de igualdade, tampouco em padrões de colaboração da organização social. Pelo contrário, estão fundadas em assimetrias sociais e em tipos de exploração da organização social” (Cardoso e Faletto, 2008:7) esta realidade facilita a perpetuação de um sistema onde o capital se concentra, e reproduz, dentro de circuitos de privilégios de origem familiares e clientelistas. Assim, como Mignolo (2000) refere a "geopolítica do conhecimento" à geopolítica da própria economia, territórios como Maboneng e o Distrito do Porto, vinculam a geopolítica local da produção (da economia criativa) à geopolítica de um novo capitalismo global (cognitivo) denunciando a continuidade de formas de dominação coloniais. O caso de Maboneng oferece uma evidencia desta observação na relação propriedade/locação. De acordo com o Censo elaborado por Propertuity²³⁷, demonstra-se que, embora os residentes sejam principalmente negros, os proprietários dos imóveis são prioritariamente brancos, confirmando as denúncias da permanência do monopólio do capitalismo branco (*White Monopoly Capital*). Enquanto a maioria dos proprietários são solteiros e brancos, entre 25 e 34 anos que gastaram um máximo de meio milhão de Rand / 35.2065 USD comprando suas propriedades. Informação questionável quando os anúncios que encontrei durante o período de observação participativo em Maboneng anunciavam estúdios (entre 31/48 m²) por setecentos mil Rand/49.2423 USD.

²³⁷ A estratégia de marketing da empresa é extraordinariamente proliferante e produz muitas publicações como: The Maboneng Census: Analytics behind community building; MABONENG: Developing a Neighbourhood Economy; Maboneng 2020 Vision: The Unfinished City. Olhando para o conteúdo dessas publicações, no entanto, torna-se evidente que é, sempre o mesmo, apresentado através de um design diferente. Censo disponível online: <http://propertuity.co.za/downloads/Maboneng-Developing-a-Neighbourhood-Economy.pdf>



Figura 33 - Gráfico da situação da propriedade em Maboneng
Elaborado pela autora através dos dados do Census Maboneng, 2010

Os inquilinos que alugam apartamentos são principalmente solteiros, negros, entre 25 e 34 anos, que gastam até 2000 Rand/140,69 USD por mês em aluguel. Novamente uma informação questionável, uma vez que o apartamento estúdio mais pequeno (32m²) e mais barato disponível para alugar na página Maboneng Airbnb custa 9000 Rand/ 633,66 USD por mês (os custos da imposição mensal são 600 Rand/42,24 USD). Mesmo reconhecendo que os preços da Airbnb são maiores do que o contrato de longo prazo, parece improvável que o valor de um aluguel ordinário seja 70% menor que o preço da Airbnb. Em geral, os dados disponíveis da *Propertyuity* nos dizem que, em termos de uso residencial, enquanto 47% dos proprietários são jovens e brancos (27% são negros e 14% indianos); 66% dos locatários são jovens e negros (22% brancos e 8% indianos)²³⁸.

²³⁸ A propriedade nos desenvolvimentos da *Propertyuity* é mantida em grande parte nas mãos de Sul Africanos (95%), com apenas 5% de propriedade de estrangeiros. Da mesma forma, o perfil demográfico dos inquilinos mostra que os 77% são representados por alugueiros sul-africanos e 22% apenas por estrangeiros.



Figura 34 - Gráfico da situação de locação em Maboneng
Elaborado pela autora através dos dados do Census Maboneng, 2010

Perpetua-se, assim, uma diferenciação entre quem tem e quem não tem recursos, seja econômico que humano, que foi instaurada pelo colonialismo e reproduzida pelo regime do apartheid, e que segue visivelmente presente na desigualdade da sociedade sul-africana (Mbembe, 2001, Bond, 2000). A propriedade continua principalmente nas mãos de investidores privados brancos que entendem suas propriedades como um investimento imobiliário, ao invés de uma nova escolha de habitação, que lhe oferece a "experiência urbana" que sempre está associada a Maboneng (Burocco, 2018). A mudança do valor de uso para o valor de troca (Lefebvre, 1991; Brenner N., Theodore N., 2005) e a predominância de uma visão de lucro é evidente no "uso" limitado do *precinct* para consumo ou extração de lucro.

Porque a biopolítica do apartheid, negando a existência do negro (Posel, 1991), tornou a riqueza e a propriedade uma reivindicação necessária para sanar a '*black despossession*' do regime. O conceito de propriedade torna-se central na África do Sul, em termos de reconhecimento como ser humano, evidenciando como o fim do apartheid não mudou a questão da diferença, simplesmente a levou por um outro patamar: não mais de ser, mas de

ter (Mbembe)²³⁹. McBride (2015) explica este sentimento no artigo *Maboneng on fire* quando, ao descrever o seu desconforto em relação às vendas de luxuosas propriedades em Hallmark House, no meio de uma situação de extrema pobreza, remarca como: “Meu pai provavelmente vai me contar sobre isso [Hallmark House], suplicando implorando-me pensar que é bom olhar para comprar uma dessas propriedades. Ele vai me vender sonhos da academia da Hallmark House, da SPA, do café, da piscina e do cinema ao ar livre (parte da marca de cinema Bioscope atualmente em Maboneng). Minha mãe mencionará: “As unidades já estão à venda a partir de R495 000 que poderia ser totalmente um investimento para você. Você assistiu o *Budget Speech*? Você sabe que as novas taxas de habitação eliminam o direito de transferência sobre propriedades abaixo de R750 000?”²⁴⁰.

Segundo Mbembe (2016:135) “a ocupação colonial em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais” tornando o espaço um elemento central da soberania e da violência que sustentava a colônia (Fanon, 2001). Assim estes ‘recintos’ (distrito ou *precinct*) claramente demarcam um princípio de exclusão e de sítio aonde, em acordo com Schmitt, a soberania faz que poucos detém o poder de decidir o estado de exceção²⁴¹. Os princípios que garantem a eficácia da colônia são: o princípio do poder de morte; a territorialização do estado soberano; “a determinação de suas fronteiras no contexto de uma ordem global recentemente imposta; e uma distinção entre, por um lado, as partes do mundo disponíveis à apropriação colonial e, de outro, a Europa em si (onde o *Jus publicum* foi imperativo)” (Balibar 2000 em Mbembe, 2016:133).

²³⁹ Aula de Achille Mbembe na ‘VANSÁ Winter School: In Common’, Johannesburg, 3 Agosto 2017.

²⁴⁰ My Dad is probably going to tell me about this, surreptitiously imploring me to think it’s cool to look at buying one of these properties. He will sell me dreams of Hallmark House’s gym, onsite spa, café, swimming pool and outdoor cinema (part of the Bioscope brand of cinema currently running in Maboneng.) My Mom will chime in: “Units are already on sale from R495 000 which could totally be an investment for you. Did you watch the budget speech? Do you know the new housing rates eliminate transfer duty on properties below R750 000?”

²⁴¹ Definem se assim, ‘biopoder’ como controle sobre a vida (Foucault,1990), o ‘estado de exceção’ como um momento aonde o poder subverte as regras (Agambem,2003); ‘estado de sítio’ quando poder de decidir sobre exceção se torna regra (Schmitt, 2000).



Figura 35 - Imagem do Projeto de mapeamento fotográfico do VLT [Apêndice E] – LB

O princípio parece ainda encontrar aplicação na dupla regra pública: de um lado o desrespeito pela vida e o trabalho dos moradores e trabalhadores do Porto do Rio explicitada pela forma como foram conduzidas as obras do Veículo Leve sobre Trilhos - VLT na área portuária²⁴²; do outro lado o cuidado, a organização, e limpeza das obras do Metro conduzida na mesma época nos bairros nobres de Ipanema e Leblon. O porto torna-se assim ‘disponíveis à apropriação colonial’. Como nas colônias, estes recintos urbanos são zonas em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização”.

²⁴² As obras fizeram que muitas atividades comerciais originárias da área portuária não sobrevivessem a elas. Veja-se APENDICE D.

Conclusões

Introdução - A transformação do mercado de trabalho faz com que novos processos de acumulação capitalista concentrem, por meio da conectividade, a criação do valor econômico na produção de conhecimento (capital cognitivo), conferindo maior importância ao trabalho intelectual. Se na sociedade fordista existia uma divisão entre os operários e os donos da fábrica, no pós-fordismo o trabalho, ao sair da fábrica e se renomear de “projeto”, faz que o antigo trabalhador se torne – pelo menos nas aparências - ao mesmo tempo, operário e empreendedor (de si). São esses novos sujeitos econômicos que tornam-se motores da assim chamada “economia criativa”, organizada em torno de enclaves urbanos, onde o conhecimento, as relações e a informação (competências cognitivas e relacionais) tornam-se as principais fontes de geração de valor (Lazzarato e Negri, 2001, Castells, 2004).

No dois casos que este estudo analisou, o Distrito Criativo do Rio de Janeiro o *Maboneng Precinct* de Johannesburg, encontramos dinâmicas parecidas com aquelas que caracterizaram a manutenção de poderes coloniais; por isso, falamos de ‘polos criativos de *colonialidad*’ porque parecem dar continuidade a “elos estruturais [que] não se baseiam em simples formas externas de exploração e coerção, mas estão enraizados em coincidências de interesses das classes dominantes locais e internacionais” (Cardoso e Faletto, 2008:11), encontrando, em megaeventos e parcerias culturais internacionais, uma das formas de reproduzir em escala global os próprios interesses de classe. John Howkins, autor do livro *The Creative Economy* (2001), declarou em uma entrevista:

“A Economia Criativa não é sobre informação e sociedade da informação. Trata-se de assuntos mais básicos, o que nós humanos queremos e em que somos bons. Gerenciar pessoas criativas será fundamental para o sucesso comercial no próximo século” ²⁴³

Torna-se importante refletir no significado recôndito atrás da afirmação “gerenciar pessoas criativas”.

243 The Creative Economy is not about information and the information society. It is about more basic matters, what we humans want and what we are good at. Managing creative people will be fundamental to business success in the next century.

Ao requerer o engajamento do trabalhador, o comprometimento da sua subjetividade no processo produtivo, a organização do trabalho pós fordista, de um lado procura colocá-lo sob sua dinâmica (biopoder), mas de outro lado pode produzir também uma resposta biopolítica, ou seja, a subjetividade prescrita transforma-se também em produção de subjetividade oposta (resistência).

A exploração do capitalismo cognitivo não apenas nega à maioria das pessoas os meios de produção, mas também saqueia o que de mais importante existe: a própria subjetividade e identidade cultural. A acumulação não mais apenas baseia-se na “relação dialética entre força trabalho humana e mecânica, mas é também ligada a formas de expropriação (*dispossession*) das riquezas (em todos os sentidos) da vida humana” (Fumagalli, 2015:21). A passagem ao capitalismo cognitivo define a passagem a um estado de precariedade que se torna antes subjetiva e depois existencial.

A precariedade é uma condição existencial porque é penetrante e está presente em todas as atividades dos indivíduos e não apenas no tempo formalizado do trabalho, em um contexto em que é cada vez mais difícil separar o trabalho do não-trabalho. Além disso, devido à incerteza que cria as condições de precariedade, não há seguro social, independente do comportamento desses mesmos indivíduos, devido ao desmantelamento gradual do estado de bem-estar social (Fumagalli,2015:23)

São estas formas de precariedades da vida que assim estão se difundindo no mundo que levam a dizer que o mundo está se tornando cada vez menor. Da mesma forma que o Sul está se tornando Norte, na evidencia desses enclaves de privilégios no meio das cidades, o Norte está se tornando Sul, na difusão de formas de precarização da vida. Os paradoxos da mobilidade e do fechamento, da conexão e separação, das continuidades e descontinuidades entre o interior e o exterior, o local e o global, ou de temporalidade e permanência, colocam novos desafios ao pensamento crítico sobre o devir do mundo (Balibar, 2004).

“A economia criativa está, na realidade, reduzindo a criatividade social através da expropriação das habilidades das pessoas e da produção de uma determinada composição de classe, baseada na existência de uma classe criativa individualizada e expandindo o espaço de dominação para as cidades como *clusters* para produzir valor mais eficiente” (Augustin, 2015:65)

Dominação esta que aparece visível no território físico da cidade. Como no colonialismo, criam-se barreiras, sejam simbólicas ou físicas, e estabelecem-se diferenças entre quem tem

“direito à vida” e quem não, como Mbembe (2003) afirma “um dos efeitos do neoliberalismo é o de ‘universalizar’ a condição negra” fazendo que hoje em dia o negro venha definindo toda a humanidade subalterna.

Do ponto de vista cultural “a inserção da criatividade como nova interpretação da economia do conhecimento é uma tentativa resoluta de golpear a criatividade artística no quadro econômico maior. Ao ver a criatividade em termos puramente industriais, eliminam-se os seus vínculos consagrados à cultura e à identidade local, transformando-a em apenas mais um negócio” (Polak, 2009). Desta forma não podemos deixar de refletir a recente redescoberta do continente Africano, ou no Brasil da identidade negra, como mais um “negócio” a ser explorado. Lembrando Césaire (1971:26) “o grande drama histórico da África foi menos o ter sido tardiamente posta em contato com o resto do mundo, do que a maneira como o contato foi feito, que foi no momento quando a Europa caiu nas mãos dos financeiros e dos capitais da indústria com menos escrúpulos que a Europa se propagou (fez o contato)”. Assim, não quer se negar o devir do mundo e as transformações dos sistemas produtivos e das economias globais, entende-se, porém, colocar um olhar crítico sobre – como Césaire sugere – os momentos e as formas que estas relações vem criando ao fim de fortalecer um sistema-mundo que venha a se desenvolver de forma mais justa, menos assimétrica. Nesse sentido torna-se importante frisar como a lógica do capitalismo cognitivo se organiza pela construção de novas barreiras (novas *enclosures*) à livre circulação do conhecimento (como condição-chave para o seu desenvolvimento), assim como na aplicação funcional aos interesses do mercado da propriedade intelectual levando os direitos de propriedade intelectual no centro da luta distributiva em nível nacional e internacional.

Quando falamos das economias em transformação do Sul, é preciso sempre manter um olhar atento as diferenças históricas, econômicas e sociais das realidades. Assim como observado no capítulo II existem relevantes diferenças na formação social entre as economias do Norte (onde as teorias sobre capitalismo cognitivo se originaram) e aquelas do Brasil, ou da África do Sul que não podem ser desconsideradas e que indicam diferentes caminhos. Se atualmente na Europa formas de resistência estão surgindo, como por exemplo, as reivindicações por renda básica, ou a volta da demanda de tutela de direitos trabalhistas, especialmente por parte das mulheres, algo de parecido não pode ser ainda observado nas

sociedades onde se encontram os dois casos estudados. À base dessa capacidade de resposta biopolítica (resistência) encontra-se o que Negri e Hardt (2005:195) definem como comum “aquilo que pode ser identificado em cada trabalhador, mas também no conjunto deles, aquilo que é partilhado”. No trabalho imaterial os trabalhadores são individualizados e o *plus* que cada um disponibiliza, somado aos dos outros, cria uma base produtiva comum.

“É esse *comum* que é explorado pelo capital, que se manifesta como “expropriação por parte do capital do excedente expressivo e da cooperação do trabalho vivo” (Negri, 2003: 256). Esse mesmo *comum*, entretanto, acionado pelo capital, pode ser a base de outra lógica: o *comum* não apenas como fundamento do capital, mas como sustentáculo de um projeto de emancipação dos trabalhadores naquilo que diz respeito aos seus interesses. É no *comum* que se encontra a base de exploração, mas ao mesmo tempo, a subjetividade de resistência que se configura na *multidão*” (Sanson, 2009:211)

É nesse sentido que Hardt e Negri defendem que “a multidão é um conceito de classe” (2005: 143). A transferência deste conceito ao sul precisa ser acompanhada por um sério e aprofundado questionamento sobre, desigualdade racial, divisão de classe e as origens dessas divisões e desigualdades, dentro de sociedades aonde esses elementos ainda fortemente caracterizam o dia a dia da maioria das pessoas pobres e, pela maioria, negras. Precisa-se questionar a forma que esses novos arranjos produtivos podem favorecer a criação daquele que chamamos de ‘colonialismo interno’ ou seja, uma exploração interna movida pela coincidência dos interesses das elites locais com aqueles das elites estrangeiras (Cardoso e Faletto, 1971). O pressuposto deste questionamento exige, por sua vez, questionar a própria identidade brasileira e sul africana como passagem fundamental para desmontar a máquina do colonialismo interno que faz a ‘colonialidad do poder’ permanecer apesar do colonialismo ter acabado (Cocco, 2009:79). Da mesma forma é também preciso desafiar uma visão distorcida do desenvolvimento e da modernidade que parece levar a uma assimilação normativa de conceitos estéticos e de subjetividades, que beneficia exclusivamente o capitalismo cognitivo.

Se a resposta biopolítica à exploração subjetiva do trabalhador imaterial requer a união do *plus* do trabalho vivo (comum), em sociedades marcadas por uma ainda tão forte divisão de classe e raça como a brasileira e sul-africana, resulta por mim difícil imaginar uma resposta

“comum” como “projeto de emancipação dos trabalhadores”. Nesse sentido concordo com a afirmação de Lojkine (1995, p. 272, em Kurk 2005) que, ao se referir à superação da divisão de classe consequente à “Terceira Revolução Industrial” afirma: “a enorme complexidade da função de direção e gestão na ‘Revolução Informacional’ transformou uma pequena elite, pertencente à classe dirigente, numa vasta categoria social multiforme, em grande expansão há trinta anos”. Precisa ter mais atenções às passagens que levaram o último país da América Latina a abolir a escravidão (Brasil) e o único país do mundo, em época moderna, a ter um regime de racismo legalizado (África do Sul) de um sistema escravista e racista, a um sistema de precariedade freelance. O fenômeno que observei é aquele do reforço de formações de redes independentes que se instauram entre pequenos coletivos informacionais de “autovalorização”. Duvido que uma pessoa que mora numa cidade do Sul nunca teve a experiência de ir à abertura de uma exposição, um festival de música, ao lançamento de um novo empreendimento criativo, ou que seja, sem ter visto (a não ser que não quer ver) a dualidade das economias presentes: tem pessoas vendendo arte, criatividade, inovações sociais (assim fazendo alimentando à própria visibilidade “na rede”) e tem outras continuando sendo exploradas (às vezes até sendo “vendidas”) para alimentar esta visibilidade que está na base do “fazer rede” do “clustering” dos *networkings* locais e globais das economias do conhecimento e criatividade. A ideia (e em parte realidade) difundida na Europa ou nos Estados Unidos que os beneficiários e motores destas economias sejam representantes da classe media-baixa não se aplica no traslado destas economias no Sul. Se nas economias em transformação, o valor não mais se acumula através da produção, mas na circulação e especialização, o acesso à reprodução do valor é limitado exclusivamente a quem tem recursos econômicos, educacionais e sociais para investir na “própria” empresa. As pessoas gostam falar do valor simbólico do compartilhamento, da redescoberta de novos valores de horizontalidade e produção de novos laços sociais, mas esta visão não dá conta que o trabalho cognitivo se baseia na coordenação paradoxal entre cooperação social e organização hierárquica. A gerência do conhecimento compartilhado depende do tipo de interação existente entre os indivíduos, simultaneamente criando estruturas de colaboração ou de hierarquia definidas por nome, por família, por círculos sociais de reprodução.

No nível local, dentro deste novo contexto não apenas produtivo, mas de formas de vida, esses novos criativos parecem se tornar evangélicos da onda colaborativa e do compartilhamento, promotores de uma versão contemporânea dos ajustes estruturais que marcaram as economias da América Latina e da África no final dos anos 80. Receituários de novidades produtivas funcionando sem se preocupar em questionar as sociedades onde se aplicam. No nível global estas conexões de indivíduos evidenciam a existência de redes de colaborações internacionais em busca contínua de oportunidades e recursos. Redes que, contrariamente a quanto se declara, tornam-se sempre mais fechadas para poder manter vivas e reproduzir as próprias iniciativas de pares agravando a desigualdade nos acessos aos recursos econômicos, culturais e espaciais. Dentro dos enclaves de pertencimento, objeto desse estudo, o panorama é que “os donos do capital” – sejam privados (como em Johannesburg) ou públicos (como no Rio) – são os beneficiados por estas economias em transformação. Os que não tem capital suficiente para investir, mas começam a ter um pouco mais de poder aquisitivo, a nova classe-média surgindo no Sul, rapidamente se tornam “precários existenciais”. Tudo isso em sociedades onde a informalidade ainda tem um valor significativo dentro da economia nacional. Estamos, portanto, assistindo à expansão da “brasilianização” (Lind, 1995) em direção à sectores “formais da economia” uns deles ligados à indústria criativa. Sempre mais comuns são contratos *freelance* que desrespeitam qualquer proteção ao trabalhador; no Brasil até “trabalhadores concursados”, como se definem os professores dentro de universidades públicas, estão perdendo as seguranças e os “benefícios” que lhe estavam garantidos por lei. A informalidade que caracteriza as economias, especialmente urbanas do Sul, está, portanto, se expandindo à precariedade do profissional cognitivo do Sul. Se no fim dos anos 80 na França define-se como “brasilianização a fragmentação social e perda dos direitos trabalhistas que a flexibilização do fordismo e de seu sistema de *welfare* acarretava e acarreta” (Cocco, 2009:27), no fim da primeira década de 2000 estamos assistindo a uma “brasilianização” interna de volta.

O sentido do desenvolvimento

Para concluir não podemos dizer que Maboneng ou o Distrito Criativo não contribuam para a inserção das cidades de Johannesburg e do Rio de Janeiro no circuito econômico global criativo, mas o benefício dessa conquista permanece nas mãos de poucos, o que é

problemático em um país já marcado por profunda desigualdade socioeconômica. O que nos resta é questionar qual a ideia de desenvolvimento que está atrás destas transformações no Rio de Janeiro, assim como em Johannesburg. “As características gerais da pós modernidade: desigualdade econômica, fragmentação social, segregação espacial e violência, levam os críticos da teoria da dependência a definir o desenvolvimento como desenvolvimento do subdesenvolvimento” (Cocco, 2009:26). Se até os anos 70 o termo progresso se associava a interesses exclusivamente do capital e, por sua vez, ao termo desenvolvimento o interesse do povo, atualmente os dois termos não são mais antagônicos, mas as duas faces da mesma modernidade ocidental (Cocco, 2009:84). Na hora que está se afirmando

“As indústrias criativas influenciam cada aspecto de nossas vidas. E sobre a nossa qualidade de vida. Em geral, as indústrias criativas enriquecem a vida das pessoas na medida em que definem as características distintivas de diferentes sociedades, bem como oferecem os meios através dos quais as culturas e as comunidades se comunicam entre elas; geram prazer, cor e interpretação, tornam a vida mais fácil e, de uma maneira muito ampla, são uma expressão da elevação de nosso padrão de vida. Quanto mais pessoas sejam capazes de elevar suas ambições econômicas para além das necessidades básicas de alimentação e moradia, tanto mais desejarão consumir bens criativos”

Evidencia-se o impulso a um maior consumo, como caminho a ser trilhado pela melhoria da própria qualidade de vida. A aceleração do tempo de produção, o aumento da troca de consumo, a ênfase na obsolescência instantânea, fomenta o que Sennet (2007:27) definiu como “a corrosão do caráter” como uma incapacidade de criar laços, a desintegração do senso de identidade e a precarização da existência de qual antes se falava.

“É preciso colocar em crise não apenas a modernidade, mas também a condição pós-moderna (do regime de acumulação global) em uma perspectiva radicalmente anti ou alter-moderna” (Cocco, 2009:69) e assumir como projeto fundamental do “devir mundo” a assunção da “obrigação de restaurar a humanidade roubada daqueles que historicamente foram submetidos a processos de abstração e objetivação” (Mbembe, 2017). Esse processo deve partir do interno das duas sociedades estudadas através de um questionamento sobre a própria ‘dependência’ e a perspectiva terceiro-mundista, que não mais explicam o impasse do desenvolvimento (Cocco, 2009:79). Assumir o próprio colonialismo interno como algo a ser decostruído, e não reforçar a criação de explorações modernas que, não mais agindo através

da força, mas através de poderes suaves, voltam a justificar a violência do estado de exceção a serviço da “civilização”.

Ao dar ênfase as peculiaridades das histórias e da formação das sociedades brasileira e sul-africana na abordagem da análise do fenômeno da gentrificação nos dois territórios estudados, localizados em duas cidades pós-coloniais, Rio de Janeiro e Johannesburg, entende-se colaborar com uma literatura do Sul, e no Sul sobre um fenômeno urbano, prevalentemente analisado através do olhar moldado em casos de cidades do Norte, contribuindo na tentativa de descolonização do conhecimento que este estudo declara desde o começo. Igualmente entende-se contribuir a uma análise do fenômeno que vai além de explicações exclusivamente econômicas, mas que abrange questões de identidade, significado e valor da modernidade e do progresso, a partir de uma perspectiva do Sul. Abre-se então um campo de diálogo acadêmico e de crítica que não pode ser desprezado, no qual os representantes da produção independente de conteúdos, os trabalhadores culturais e “criativos” de diferentes setores podem se reunir. Este papel de crítica e de revisão torna-se ainda mais importante ao se constatar a carência de pesquisa acadêmica e análise econômica sobre a introdução da economia do conhecimento nas realidades do Sul.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, J., 1975, The legitimacy of comparisons in comparative urban studies: A theoretical position and an application to North African cities. *Urban Affairs Review*, Vol. 11, 13–35;
- ADORNO, T e Horkheimer, M., 2002. A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002;
- AGAMBEN, G., 2003. *Lo stato di eccezione*, Bollati Boringhieri;
- _____, 2005. *O que é um dispositivo*, fala proferida em uma das conferencias que realizou no Brasil, em setembro de 2005. Disponível online em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/download/12576/11743> , acessado Março 2018;
- AGUSTÍN, O., 2015. The Common and Its Potential Creativity Post-Crisis Perspectives, em *Creative Capitalism, Multitudinous Creativity, Radicalities and Alterities*, Giuseppe Cocco e Barbara Szaniecki (eds.), págs. 65-77. Lexington Books;
- APPADURAI, A., 1996. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press;
- APPADURAI, A., 2004. The capacity to aspire: culture and the terms of recognition. In Rao, V. and Walton, M. (eds), *Culture and Public Action*. pp 59-84, Stanford University Sciences, Stanford;
- ARENDT, A., 1989. Vita activa. *La condizione umana*, Milano, Bompiani, 1989;
- ATKINSON, R., AND BRIDGE, G., 2005. *Gentrification in a Global Context The new urban colonialism*, Introduction, págs. 1-18, Routledge London and New York;
- BHABHA, H.K., 1994. *The Location of Culture*, London, New York, Routledge. Em português traduzido por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves disponível online em <http://www.pgcult.ufma.br/wp-content/uploads/2017/06/BHABHA-Homi.pdf> ;
- BALIBAR, E., 2000. Prolégomènes à la souveraineté: la frontière, l'Etat, le peuple. *Les temps modernes*, n. 610, nov. 2000: 54-55;
- _____, 2004. *We, the People of Europe? : Reflections on Transnational Citizenship*, Princeton University Press;
- BALLESTRIN, L., 2013. América Latina e o giro decolonial, em *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 11. Brasília, maio - agosto de 2013, págs. 89-117;

- BANG SHIN, H., LÓPEZ-MORALES, E., 2017. Beyond Anglo-American Gentrification Theory, em *The Handbook of Gentrification Studies* (Edward Elgar), edited by Loretta Lees and Martin Phillips;
- BEAVON, K., 2004. *Johannesburg the Making and Shaping of the City*, published by Unisa Press, University of South Africa;
- BELL, D. 1974. *The coming of the post industrial society: a venture in social forecasting*. New York: Basic Books;
- BENJAMIN W., 2002. *The Arcades Project*, Belknap Press;
- BOAVENTURA de SOUSA, S., 2003. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e interidentidade, *Novos Estudos* n° 66, 23-52;
- BOAVENTURA de SOUSA, S., MENESES M.P., (org)., 2009. Epistemologias do Sul, Edições Almedina, Coimbra, disponível online em <http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/noticias/quijano-anibal%20colonialidade%20do%20poder%20e%20classificacao%20social.pdf> acessado Março 2018;
- BOATCĂ, M., 2015. Not Having Neutral Terms Does Not Equal Having No Terms At All em em (Wolvers, A; Tappe, O; Salverda, T., Schwarz,T - ORG) *Concepts of the Global South – Voices from around the world*, Global South Study Center, University of Cologne;
- BOLAÑO, C., 2011. Indústria e criatividade: uma perspectiva latino-americana, em *Cadernos do Desenvolvimento. Desenvolvimento no Mundo Contemporâneo, refletindo sobre a Realidade Latino-Americana*, Rio de Janeiro Junho-Dezembro 2011, v.6, n.9, Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento;
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È., 2002. Introducción general del espíritu del capitalismo y del papel de la crítica. Em, *El nuevo espíritu del capitalismo*, Madri: Akal, 2002. p.33-93;
- BOND, P., 2000. *Elite Transition*, University of KwaZulu-Natal Press;
- BOOYENS, I., 2012. Creative industries, inequality and social development: Developments, impacts and challenges in Cape Town. *Urban Forum* 23: 43–60;
- BORSANI, M. 2014. Reconstrucciones Metodológicas y / o Metodologías a posteriori. *Astrolabio*, [S.l.], n. 13, dic. 2014. Disponível em: <http://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/9028> ;
- BOURDIEU, P., 1994. *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1994, pp 69;
- BRIDGE, G. 2007. A global gentrifier class?, *Environment and Planning* , volume 39 : 32- 46;

BUROCCO, 2018. 'The Darker Side of Modernity' in an Illuminated Precinct downtown Johannesburg, em *Reversing Urban Inequality? Debating Spatial Transformation in Globalizing Johannesburg*, (Myambo org) New York, Routledge;

_____, 2017. Designing Politics: Designing Respect - poder e alteridades dentro de parcerias culturais internacionais/Designing Politics: Designing Respect - Power and alterities within international cultural partnerships, *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 53, N. 3, p. 400-412, set/dez, disponível online em http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2017.53.3.01 acessado março 2018;

_____, 2017. Economias de Comuns Privilégios, em *Economias Subversivas* , Adriano Bellisario (eds.), Rio de Janeiro: Ed. Imotirõ, disponível online em <http://www.centroruraldearte.org.ar/site.new/wp-content/uploads/2017/10/LivroES-WEB.pdf> acessado março 2018;

_____, 2015. Il controllo Creativo nel Sud Globale: Porto Maravilha, Rio de Janeiro (BR) – Maboneng Precinct, Johannesburg (SA) em *Sicurezza in città. Pratiche di controllo dello spazio urbano*. A cura di Sebastian Saborio, Milano Ledizioni LediPublishing, págs. 45-67;

_____, 2014. A cultura e a cidade como bem comum: os casos italianos do Teatro Valle Occupato em Roma e M[^]C[^]O em Milão, Lugar Comum No43, pp. 129- 147 disponível online em http://uninomade.net/wp-content/files_mf/142646181900A%20cultura%20e%20a%20cidade%20como%20bem%20comum,%20os%20casos%20italianos%20-%20Laura%20Burocco.pdf acessado março 2018;

_____, 2014b. Caso de Estudo: África do Sul em *Copa para quem e para quê? Um olhar sobre os legados dos mundiais de futebol no Brasil, África do Sul e Alemanha*. Marilene de Paula, Dawid Danilo Bartelt (organizadores). – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, p.60-106 disponível online em https://br.boell.org/sites/default/files/copa_para_quem2_web_boll_brasil.pdf acessado março 2018;

BUROCCO, L., BRANDÃO P.V., 2017. Herança futurística da Cidade Olímpica, *Arquitetismo*, volume 11, edição 121 disponível online em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/11.121/6499>, acessado março 2018;

BUROCCO L., TAVARES, R., 2011. Maravilha para quem?, em *Democracia Viva* n. 46. Disponível em: <https://pelamoradia.wordpress.com/2011/04/22/maravilha-para-quem-rj/> acessado março 2018;

BUTLER, T., 2007. For gentrification? , *Environment and Planning*, volume 39, pages 162- 181;

CANCLINI, GARCIA N., (1995). *Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*. México: Grijalbo;

CARDOSO, F.H. E FALETTO, E., 1970. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, Rio de Janeiro, Zahar Editores;

CARDOSO, F.H.; FALETTO, E., 2008. Repensando dependência e desenvolvimento na América Latina. In Sorj, B., Cardoso, F.H., e Font, M., orgs. *Economia e movimentos sociais na América Latina*, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. disponível online: em <http://static.scielo.org/scielobooks/rjfv9/pdf/sorj-9788599662595.pdf>, acessado em Março 2018;

CASTELLS, M., *The Rise of the Network Society. The Information Age* (1996), second edition Blackwell Publishing, London 2010;

CASTELLS, M., 2004. *La città delle reti*, Marsilio Editore;

CASTORIADIS, C., 1987. *The Imaginary Institution of Society*, The MIT Press Cambridge, Massachusetts, disponível online em <http://base.mayfirst.org/wp-content/uploads/2013/03/cornelius-castoriadis-the-imaginary-institution.pdf> ;

CAVES, R., 2000. *Creative Industries: Contracts between Art and Commerce*. Cambridge: Harvard University Press;

CÉSAIRE, A., 1971. *Discurso sobre o colonialismo*, Cadernos para o Dialogo, Porto Editora Poveira;

CEDRIC, V., 2013. *Mining the Biennale, Chimurenga Chronic*, Capetown;

CHIPKIN C.M., 1993. *Johannesburg Style: Architecture & Society, 1880s-1960s*. David Philip Publisher;

CHIPKIN, I., 2005. The Political Stakes of Academic Research: Perspectives on Johannesburg, *African Studies Review*, Volume 48, Number 2 (September 2005), pp. 87-109;

COCCO, G., 2014. *Korpo Braz: por uma política dos corpos*, MAUAD Editora, Rio de Janeiro;

_____, 2009. *Mundo Braz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*, Rio de Janeiro, Editora Record;

COCCO, G., VILARIM, G., 2009. O capitalismo cognitivo em debate - Cognitive Capitalism in debate, *Liinc em Revista*, v.5, n.2, setembro, 2009, Rio de Janeiro, p. 148-151;

COMAROFF, J., COMAROFF J.L., 2012. Theory from the South: Or, how Euro-America is Evolving Toward Africa, *Anthropological Forum: A Journal of Social Anthropology and Comparative Sociology*, 22:2, 113-131;

COMAROFF, J., COMAROFF J.L., 2015. *Theory from the South: Or, how Euro-America is Evolving Toward Africa*, Reutledge Ed.;

- CONNEL R., 2012. “A iminente revolução na teoria social”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 80, págs. 9-20;
- CORONIL, F., 2005 Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo, em *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas*, Edgardo Lander (Organizador), p50-63;
- CORSANI, A., 2003. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo, em *Capitalismo Cognitivo, trabalho, redes e inovação*, Giuseppe Cocco, Alexander Patez Galvão, Gerardo Silva (orgs.), Rio de Janeiro, DP&A Editora, pp 1-33;
- COSTA DE LIMA E SILVA, A.M., 2017. Um Rio de Janeiro do século XXI nas páginas do jornal O Globo, Anais Do XIV Seminário De Alunos De Pós-graduação Em Comunicação Póscom 2017 Vol. 8 disponível online em <http://poscom.com.puc-rio.br/arquivos/anais2017/anais-poscom-gt4-sessao3-final.pdf> ;
- DA MATTA, R., 1988. Brasil: Uma Nação em mudança e uma sociedade imutável? Considerações sobre o dilema brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 1 n.2;
- DEBORD, G., 1992. *A sociedade do Espetáculo*, Contraponto Editora;
- _____, 1956. Theory of the Dérive, *Les Lèvres Nues* #9 impresso no *Internationale Situationniste* #2, 1958, disponível online em <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html> acessado em fevereiro 2018;
- DELEUZE G., E GUATTARI, F., 1987. *Tratado De Nomadologia: A Máquina De Guerra*, em MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5;
- _____, 1995. *Introdução Rizoma*, em MIL PLATÔS, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 1;
- DELEUZE, G., 1990. Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle, in *L'Autre Journal*, no 1, maio de 1990, e publicado em *Conversações*, 1972 – 1990;
- DIAS PEREIRA J.M., 2011. Uma breve história do desenvolvimentismo no Brasil em *Cadernos do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, Junho -Dezembro 2011, v.6 n.9, p121-143;
- DIRLIK, A., 2000. Place-based Imagination: Globalism and the Politics of Places in Prazniak, Roxann and Dirlik, Arif (eds.) *Places and Politics in an Age of Globalization*, New York: Rowman and Littlefield;
- DIRSUWEIT, T., 1999. From fortress city to creative city: Developing culture and the information based sectors in the regeneration and reconstruction of the Greater Johannesburg area. *Urban Forum* 10: 183–213;
- DOUST, D., 2010. Rentier capitalism and the Iranian puzzle, *Radical Philosophy* (159): 45–49;

DRUCKER, P., 1969. *The Age of Discontinuity: Guidelines to Our Changing Society*, Heinemann London;

DUSSEL, E., 2000. "Europa, modernidad y eurocentrismo", em LANDER, Edgardo (coord.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso;

ETZKOWITZ, H., LEYDESDORFF; L.; 1998. "Emergence of a triple helix of university-industry-government relations. *Science and Public Policy*, v. 23, n. 5, p. 279-286.

ESCOBAR, A., 2005. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?, em *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, Lander (org), CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires;

FANON, F., 1986. *Black Skin, White Masks*, Pluto Press;

_____, 2001. *The wretched of the Earth*. London Penguin Books;

FERGUSON, N., 2011. *Civilization: The West and the Rest*. London Penguin Books;

FERGUSON, J., 2012. Theory From The Comaroffs, Or How To Know The World Up, Down, Backwards And Forwards, *The Johannesburg Saloon, volume5*, Johannesburg Workshop in Theory and Criticism (JWTC);

FERNANDES, F., 1975. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores;

FERREIRA, A., 2014. Metropolização do Espaço, Tensões e resistências: entre espaços de controle e controle do Espaço. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*, no 493(55);

FESSLER VAZ, L., 2004. A "culturalização" do planejamento e da cidade: novos modelos? em *Cadernos PPG AU/UFBA vol.3, Território Urbano e Políticas Culturais*. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1685> acessado março 2018;

FIX, M., 2000. "Fórmula mágica" da parceria público-privada: Operações Urbanas em São Paulo, disponível online em http://fau.usp.br/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/fix_formulamagicaparceria.pdf acessado março 2018;

FLORIDA, R., 2000. *The Rise of the Creative Class*. New York: Basic Book;

_____, 2005. *Cities and the Creative Class*. New York: Routledge;

_____, 2008. *Who's your city? How the creative economy is making where to live the most important decision of your life*, New York: Basic Book;

FOORD, J. 2008 Strategies for creative industries: An international review. *Creative Industries Journal* 1(2): 91–113;

FOUCAULT, M., 2016. *Le parole e le cose. Un'archeologia delle scienze umane*, (1966), BUR Biblioteca Univ. Rizzoli;

_____, 2008. *Nascimento da Biopolítica*, Martins Fontes, São Paulo;

_____, 2003. *Society Must Be Defended. Lecture at the College de France 1975/76*, Picador Edition, NY;

_____, 1999. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, ed. Petrópolis: Vozes;

FUMAGALLI, A., 2016. Precarietà. Capitalismo bio-cognitivo, trappola della precarietà, reddito di base incondizionato: la crisi della governance istituzionale em S. Cingari, A. Simoncini (organizado por), *Lessico Postdemocratico*, Perugia Stranieri University Press, Perugia, pp. 55-80;

_____, 2017. *Economia politica del comune. Sussunzione e sfruttamento nel capitalismo bio-cognitivo*, DeriveApprodi, Roma;

_____, 2015. Cognitive, Relational (Creative) Labor and the Precarious Movement for “Commonfare” “San Precario” and EuroMayDay, em Barbara Szaniecki and Giuseppe Cocco (org) *Creative Capitalism, Multitudinous Creativity Radicalities and Alterities*, Lexington Books London;

_____, 2007. *Bioeconomia e capitalismo cognitivo. Verso un nuovo paradigma di accumulazione?*, Carocci, Roma;

GARNER G., 2011. *Johannesburg Ten Ahead: A Decade of Inner City Regeneration*. Johannesburg: Double G Media;

GARSIDE, J., 1993. Inner City Gentrification in South Africa: The Case of Woodstock, Cape Town, *GeoJournal Vol. 30*, No. 1, South African Geography and Post-Apartheid Reconstruction (May 1993), pp. 29-35;

GHERTNER A., 2015. Why gentrification theory fails in ‘much of the world’, *City*, 19:4, 552-563;

GLASS, R., 1964. *Introduction: aspects of change*. In *London: Aspects of Change*, ed. Centre for Urban Studies, London: MacKibbon and Kee, xiii–xlii;

GLISSANT, E., 1997. *Poetics of Relation* (Ann Arbor: The University of Michigan Press).

GONZÁLEZ CASANOVA, P., 2007. Colonialismo interno (uma redefinição), em *A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas*, Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina (org);

GORZ, A., 2005. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume;

- GREGORY, D., 1994. *Geographical Imagination*, Blackwell Cambridge;
- GREGORY, JJ., 2015. Creative industries and urban regeneration – The Maboneng precinct, Johannesburg, *Local Economy* 0(0), pp.1–14;
- GROSFUGUEL, R., 2008. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, Coimbra, p. 115-147;
- GUILE, D., 2008. O que distingue a economia do conhecimento? Implicações para a educação, *Cad. Pesqui.* vol.38 no.135 São Paulo Sept./Dec. Disponível online em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000300004 acessado Março de 2018;
- GURNEY, K., 2015. *The Art of Public Space: Curating and Re-imagining the Ephemeral City*, Basingstoke: Palgrave Macmillan;
- HALL, S., 1996. *The West and the rest: discourse and power em Formations of modernity* (Hall, Gieben, Open University org.), pp 275-331;
- HALL, S., GAY, *Questions of Cultural Identity*, Sage Publication London, disponível online em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.456.9523&rep=rep1&type=pdf> acessado Março de 2018 ;
- HALL, S; HELD, D; HUBERT, D., THOMPSON K., 1996. *Modernity: An Introduction to Modern Societies*, London Blackwell, disponível online em <https://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Hall-Identity-Modernity-1.pdf> acessado Março de 2018;
- HAM van, P., 2005. Power, Public Diplomacy, and the Pax Americana em, *The New Public Diplomacy Soft Power in International Relations*, Edited by Jan Melissen, p47-67;
- HAN BC., 2015. *A sociedade do cansaço*, Editora Vozes, Petropolis;
- HARDT, M., NEGRI A., 2003. *Impero*. Bur Universale Rizzoli, Milano;
- HARNEY H., AND SEALY, T., 2015. Creative Industries as Underdevelopment, *The Chimurenga Chronic*, disponível online em <http://chimurengachronic.co.za/the-creative-industries-as-underdevelopment/> acessado Março de 2018;
- HARNEY, S., MOTEN, F., 2013. Love and Learning Under the World Bank, *The Chimurenga Chronic*, April;
- HARVEY, D. 2004. The 'new' imperialism: accumulation by dispossession. *Socialist Register*, n40: 63-87;
- HARVEY, D., 2003. *The New Imperialism*, Oxford University Press;

- HARVEY, D. 1992. *A condição pós-moderna*, São Paulo, Loyola;
- HICKEL, J., 2017. *The Divide: A Brief Guide to Global Inequality and its Solution*, William Heinemann, London;
- HOFFMANN, B., 2015. Latin America and Beyond: The Case for Comparative Area Studies. *ERLACS 100*: 111–20;
- HOWKINS, J. 2001. *The creative economy: how people make money from ideas*. Penguin;
- HYLLAND ERIKSEN, T., 2005. What's Wrong With The Global North And The Global South?, em Wolvers, A., Tappe, O., Salverda, T., Schwarz, T., (org.), *Concepts of the Global South – Voices from around the world*, Global South Study Center, University of Cologne;
- IBARRA-COLADO, E., 2006. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from margins. *Organization*, v. 13, n. 4, p. 463-488;
- IS, Situacionistas, 2003. *Teoria e Prática da Revolução*, Coletivo Baderna, Conrad Editora, São Paulo;
- JARDIM, E., 2007. *A Duas Vozes Hannah Arendt e Octavio Paz*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- JACOBS, J.M., 2012. Commentary – Comparative Urbanisms, *Urban Geography*, 33:6, 904-914;
- JOFFE A., NEWTON M., 2012. *Creative Industries*. Cape Town: Human Sciences Research Council;
- KEANE, M., 2009. Great adaptations: China's creative clusters and the new social contract. *Continuum: Journal of Media and Cultural Studies* 23(2): 221–230;
- KIPLING, R., 1891. The English Flag, first publication in the *St. James's Gazette* of April 3rd 1891, disponível online em http://www.kiplingsociety.co.uk/poems_englishflag.htm ;
- VISSER G., KOTZE N., 2008. The State and New-build Gentrification in Central Cape Town, South Africa, *Urban Studies* 45(12), 2565-2593;
- LA CECLA, F., *Contro l'architettura*, Bollati Boringhieri, Torino 2008
- LANDRY D., MACLEAN, G., 1996. *The Spivak Reader*, New York and London, Routledge;
- LAZZARATO, M., 2003. Trabalho e capital na produção dos conhecimentos: uma leitura através da obra de Gabriel Tarde, em *Capitalismo Cognitivo, trabalho, redes e inovação*, Giuseppe Cocco, Alexander Patez Galvão, Gerardo Silva (orgs.), Rio de Janeiro, DP&A Editora, p61-82;

_____, 2017. O Governo do Homem Endividado, Edição n-1. Disponível online em https://issuu.com/n-1publications/docs/livro_o_governo_do_homem_endividado acessado em Março de 2018;

LAZZARATO, M; NEGRI A., 2001. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A;

LEFEBVRE, H., 1991. *The production of space*. New York: Blackwell;

LIND, M., 1995. *The Next American Nation*, Free Press Paperbacks, New York;

LÓPEZ-MORALES, E., 2015. Gentrification in the global South, *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, 19:4, 564-573

LÓPEZ-MORALES, E., SHIN, H.B. AND LEES, L., 2016. Introduction: Latin American gentrifications. *Urban Geography* July;

LOPES, R.S.; FRAGALLE, N.P., 2016. Rio criativo: o projeto Porto Maravilha em questão. *Emetropolis, Rio de Janeiro*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 7, n. 26, p. 15-24, Disponível online em <http://emetropolis.net/artigo/195?name=rio-criativo> acessado em Março de 2018;

MAGALLANES, R., 2015. On The Global South em Wolvers, A; Tappe, O; Salverda, T., Schwarz, T (ORG) *Concepts of the Global South – Voices from around the world*, Global South Study Center, University of Cologne;

MALDONATO TORRES, N., 2007. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar;

MALECKI, E. J. (1984) High technology and local economic development. *Journal of the American Planning Association*, 50(3): 262–269;

MARZ, M., 2015. The institue, *The Chimurenga Chronic, Cape Town*;

MBAYE, J., 2012. Conference report: African Creative Economy – A New Priority for the Continent, LSE in Africa disponível online em <http://eprints.lse.ac.uk/74409/1/Africa%20at%20LSE%20-%20Conference%20report%20African%20Creative%20Economy%20-%20A%20New%20Priority%20for%20the%20Continent.pdf> , Acessado Março 2018;

MBEMBE, A., 2001. *On the postcolony*, University of California Press Berkeley and Los Angeles, California;

_____, 2009. Achille Mbembe in conversation with Vivian Paulissen, *African Contemporary Art*, The Chimurenga Chronic, disponível online em <http://www.chimurenga.co.za/archives/545> acessado em Março de 2018;

_____, 2011. "Democracy as a Community Life." *The Salon*, Johannesburg Workshop in Theory and Criticism 4;

_____, 2003. Necropolitics, *Public Culture*, Volume 15, Number 1, Winter, Duke University Press, pp. 11-40; <https://read.dukeupress.edu/public-culture/article-pdf/15/1/11/510260/pc15.1-02mbembe.pdf> acessado em Março de 2018;

_____, 2016. Necropolítica, *Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ* | n. 32 | dezembro, disponível online em <https://revistas.ufRJ.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> acessado em Março de 2018;

_____, 2008. Aesthetic and Superfluity. In *World Cities in a World System*, (eds) P Know and P Taylor, Cambridge University Press, Cambridge, pp.37-68

MCFARLANE C (2010) The comparative city: Knowledge, learning, urbanism. *International Journal of Urban and Regional Research* 34(4): 725–742.

MENDES, L., 2010. O contributo de Neil Smith para uma geografia crítica da gentrificação, *Revista Metropolis*, ano 01;

MEZZADRA, S., 2009. O que é operaísmo italiano, Publicado na *International encyclopedia of revolution and protest*. Oxford: Blackwell, traduzido por Bruno Cava e disponível online em <http://uninomade.net/tenda/o-que-e-operaismo-italiano/>. Acessado Março 2018;

MGINA, E., 2016 *Methods Used By Neo-Colonialism To Exploit Developing Countries*.(Third World Country, disponível online em <http://top5resources.blogspot.com.br/2014/04/methods-used-by-neo-colonialism-to.html> :

MIGNOLO, W., 2007. "El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUÉL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar;

_____, 2011. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke UP

_____, 2000. *Local Histories/Global Design. Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*, Princeton University Press;

_____ 2002. "The geopolitics of knowledge and the colonial difference". *The South Atlantic Quarterly*, v. 101, n. 1, p. 57-95;

MOMBIOT, G., 2016. Para compreender o neoliberalismo além dos clichês, *Outras palavras*, disponível online em <https://outraspalavras.net/posts/para-compreender-o-neoliberalismo-alem-dos-cliches/> acessado em Janeiro 2018;

MOMMAAS, H., 2004. Cultural clusters and the post-industrial city: Towards the remapping of urban cultural policy. *Urban Studies* 41(3): 507–532.

MOULIER BOUTANG, Y., 2003. *O território e as políticas de controle do trabalho cognitivo*, em *Capitalismo Cognitivo, trabalho, redes e inovação*, Giuseppe Cocco, Alexander Patez Galvão, Gerardo Silva (orgs.), Rio de Janeiro, DP&A Editora, pp33-60;

MURRAY, M., 2011. *City of Extremes: The Spatial Politics of Johannesburg*, Duke University Press;

_____, 2008. *Taming the Disorderly City: The Spatial Landscape of Johannesburg After Apartheid* de Cornell University Press; 2nd edition;

NEGRI, A; HARDT, M. *Multidão*. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2005;

NIJMAN, J., 2007. Introduction: Comparative urbanism. *Urban Geography* 28: 1–6;

NKRUMAH, K., 1965. *Neo-Colonialism, the Last Stage of Imperialism*, by Thomas Nelson & Sons, Ltd., London;

NUTTAL S., AND MBEMBE, A., 2008. *Introduction: Afropolis, in Johannesburg the Elusive Metropolis*, Nuttall S., Mbembe A.(eds). pp. 1D33. WITS University Press;

NIGHTINGALE, C., 2012. *Segregation: A Global History of Divided Cities*. University of Chicago Press;

NUNES DE AZEVEDO, A. 2003. A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana, *Revista Rio de Janeiro n.10*;

NYE, J., 2004. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs;

O'CONNOR, J., GU, X. 2010. Developing a creative cluster in a post-industrial city: CIDS and Manchester. *The Information Society* 26(2): 124–136;

OLIVEIRA E VASQUEZ, 2010.

ÖZKAZANÇ-PAN, B., 2008. International management meets 'the rest of the world'. *Academy of Management Review*, v. 33, n.4, p. 964-974;

PARNELL, S., ROBINSON, J., 2013. (Re) Theorizing Cities From The Global South: Looking Beyond Neoliberalism, *Urban Geography*, 2012, 33, 2, pp. 1–XXX;

PECK J., THEODORE, N., E BRENNER, N., 2009. Neoliberal urbanism: Models, moments, mutations. *SAIS Review* XXIX (1): 49–66;

PHILIP, L., 1998. Combining quantitative and qualitative approaches to social research in human geography – an impossible mixture? *Environment and Planning A.*, 30, 261-276;

PIRES, V., Idéias-força no pós-fordismo e a emergência da economia criativa, *Liinc em Revista*, v.5, n.2, setembro, 2009, Rio de Janeiro;

POCHMANN, M., 2013. Mobilidade social no capitalismo e redivisão internacional da classe media, em *A 'Nova Classe Média' No Brasil Como Conceito E Projeto Político*, Heinrich Boll Brasil, p156-171;

POLLIN, R., 2007. Resurrection of the Rentier, in *New Left Review* 46, pp. 140–153;

PORTER, M., 1998. Clusters and the New Economics of Competition, *Harvard Business Review*, November/Dezember 1998, disponível online em <https://hbr.org/1998/11/clusters-and-the-new-economics-of-competition> acessado em Janeiro 2018;

POSEL, D., 1991. *The Apartheid Project, 1948-1970*. Cambridge University Press, (2011);

QUIJANO, A., 2000. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386;

_____, 2005. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina em *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, Buenos Aires CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales;

RANCIÉRE, J., 2014. *O Espectador Emancipado*, Martinsfontes SP;

RAUNIG, G., RAY G., WUGGENIG U., 2011. Critique of Creativity Precarity, Subjectivity and Resistance in the Creative Industrie, London MayFlyBooks;

REASON P., e BRADBURY, H., 2001. *Handbook of action research: participative inquiry and practice*. Reason, Hilary Bradbury-Huang (Editor). London: SAGE;

REIS, A. C. F. *Cidades Criativas*. São Paulo: Editora SESI-SP, 2012. 236p.

ROBINSON, J., 2006. *Ordinary Cities: Between Modernity and Development*. London, UK, and New York, NY: Routledge;

_____, 2011. Cities in a world of cities: The comparative gesture. *International Journal of Urban and Regional Research* 35: 1–23;

_____, 2015. Thinking cities through elsewhere: Comparative tactics for a more global urban studies, *Progress in Human Geography* 1–27

ROFE M, 2003. I want to be global: theorising the gentrifying class as an emergent elite global community, *Urban Studies* 40, pp 2511 -2526;

ROGERSON CM, ROGERSON JM, 1995. The decline of manufacturing in inner-city Johannesburg, 1980–1994. *Urban Forum* 6(1): 17–42.

_____, 1997. The changing post-apartheid city: Emergent black-owned small enterprises in Johannesburg. *Urban Studies* 34(1): 85–103;

_____, 2015. The economic contours of a linking global city. *American Behavioral Scientist* 59(3): 347–368.

Rullani, E., 2000. Le capitalismo cognitif: du déjà vu? *Multitudes*, n2, p.87-97;

SAID, E., 1983. *Traveling Theory*, in *The World, the Text, and the Critic*, Harvard University Press;

_____, 1996. *Representations of the Intellectual*, Vintage Books Edition, New York, disponível online em <https://cbs.asu.edu/sites/default/files/PDFS/Said%20Representations%20of%20the%20Intellectual.pdf> acessado em Janeiro 2018;

SANSON, C., 2009. A produção biopolítica é constitutiva ao capitalismo cognitivo *Liinc em Revista*, v.5, n.2, setembro 2009, Rio de Janeiro, p.206-214;

SANTAGATA, W., 2002. Cultural districts, property rights and sustainable economic growth. *International Journal of Urban and Regional Research* 26 (1): 9-23;

SANTOS VIEIRA DE JESUS, D., 2017. Economia criativa e resistência: o artesanato indígena no Estado do Rio de Janeiro, *Revista de Ciências Sociais Unisinos* 53(2):349-362, maio/agosto;

SARDINHA LOPES, R; PAULETTO FRAGALLE N., 2016. Rio Criativo O projeto Porto Maravilha em questão, *e-metropolis*, no 26 • ano 7 | setembro;

SASSEN, S., 1998. *Globalisation and its Discontents*, New York: New Press.

_____, 2000a. *The Global City: New York, London, Tokyo*, 2nd edn, Princeton, NJ: Princeton University Press.

_____, 2000b. *Cities in a World Economy*, 2nd edn, Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press;

SCHMITT, C., 2000. *La dictature*. Paris: Seuil;

SCHWARZ, R., 2014. *As Ideia Fora do Lugar*, Penguin-Companhia das Letras, São Paulo;

SCOTT, A. J., 2000. *The Cultural Economy of Cities*. London: Sage;

SENNETT, R. 2007. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 12.ed. Rio de Janeiro: Record;

SIBILA, P., 2002. *O Homem Pos-Organico. Corpo, Subjetividade e tecnologias digitais*, Relume Dumara, Rio de Janeiro pp23D41;

- SIBYLLA PIRES, V., 2012. Metr pole Cultura e breves reflexões sobre os novos museus cariocas, *Lugar Comum* n.35-36 pp.196. Disponível em <http://uninomade.net/lugarcomum/35-36-2/> acessado em Janeiro 2018;
- SIDAWAY, J. D., E. L. HO, J. D. RIGG, AND C. Y. WOON. 2016. Area Studies and Geography: Trajectories and Manifesto. *Environment and Planning D: Society and Space* 34 (5): 777–90;
- SIMMEL, G., 1973. A metrópole e a vida mental (1903). Em: VELHO, Ot vio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SIMONE, A., 2004, *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*. Durham, NC: Duke University Press.
- SKLAIR L, 2001 *The Transnational Capitalist Class*, Blackwell, Oxford;
- SMITH, N., 1979. Towards a theory of gentrification: a back to the city movement by capital not people, *Journal of the American Planning Association*, 45, p gs. 538-548;
- _____, 1996. The new urban frontier: gentrification and the revanchist city, London and New York, Routledge
- SMITH, D.M., 1992. *The Apartheid City And Beyond, Urbanization and Social Change in South Africa* London and New York Routledge, Witwatersrand University Press;
- SOARES, S., MEDEIROS, M., OS RIO, G., 2006. Cash transfer programmes in Brazil: Impacts on inequality and poverty, International Policy Centre for Inclusive Growth *working Paper No. 21*, International Poverty Centre Brasília;
- SPIVAK, G.C, 1988. Can the Subaltern Speak?, publicado originariamente em *Marxism and the Interpretation of Culture* de Cary Nelson and Lawrence Grossberg's (1988) disponível online em http://abahlali.org/files/Can_the_subaltern_speak.pdf acessado em Janeiro 2018;
- SZANIECKI, B., 2014. *Disforme contemporâneo e design encarnado: outros monstros possíveis*. São Paulo: Annablume;
- SZANIECKI, B., SILVA, G., 2010. Megaeventos, pontos de cultura e novos direitos (culturais) no Rio de Janeiro, *Lugar Comum* N. 31, pp. 11- 22;
- TRAVERSO, E., 2002. *La violence nazie: une g n alogie européenne*. Paris: La Fabrique Editions;
- VAINER, C., 2000. "Pátria empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano ", in Arantes *A Cidade do Pensamento  nico: desmanchando consensos*. São Paulo: Vozes;
- VERCELLONE, C., 2005. Um panorama sobre a nova divisão cognitiva do trabalho. *IHU ONLINE*, São Leopoldo, ano IV, n. 161, p.17-21.
- VIRILIO, P., 2000. *La Velocit  di Liberazione*, Milano, Mimesis Eterotopia;

_____, 1998. *Estética da desapareição*, Contraponto;

VISSER, G., 2002. Gentrification and South African cities, *Cities*, Vol. 19, No. 6, p. 419–423, 2002

_____, 2014. The film industry and South African urban change. *Urban Forum* 25: 13–34;

VIVEIROS DE CASTRO, E., 1986. Entrevista por Pedro Cesarino e Sérgio Cohn, *Revista Azougue-Saque/Dádiva*, n.11, Rio de Janeiro, Programa Cultural e Pensamento, MinC;

_____, 2006. “‘Une figure humaine peut cacher une affection-jaguar’, reponse à une question de Didier Muguet”, *Multitudes* n.24, p41-52, Paris;

WACQUANT, L. Ressituando a gentrificação: a classe popular, a ciência e o Estado na pesquisa urbana recente. *Caderno CRH*, v. 23, n. 58. Salvador. Jan/Abr 2010;

WHARTON, J., 2008. Gentrification: The New Colonialism in the Modern Era, *Forum on Public Policy*, 0-11; disponível online em <http://dingo.care2.com/pictures/causes/uploads/2016/08/Oxford-Journal.pdf> acessado em Janeiro 2018;

WIDNERSON III, F. HARTMAN, S., MARTINOT, S., SEXTON, J, SPILLERS, H.J., *Afro-Pessimism: An Introduction racked & dispatched minneapolis*, september 2017, disponível online em https://rackedanddispatched.noblogs.org/files/2017/01/Afro-pessimism2_imposed.pdf acessado março 2018;

YUDICE, G., 2013. *A Conveniência da Cultura. Usos da Cultura na Era Global*. Belo Horizonte Editora;

ZHENG J., CHAN, R., 2013. A property-led approach to cluster development: Creative industry clusters and creative industry net- works in Shanghai. *Town Planning Review* 84(5): 605–632.

Teses de Doutorado e Dissertações de mestrado

BUROCCO, L., 2013. *People's Place In The World Class City: The Case Of Braamfontein's Inner City Regeneration Project*. A Research report submitted to the Faculty of Engineering and the Built Environment, University of the Witwatersrand, Johannesburg degree of Masters of Built Environment in Housing, disponível online em <http://wiredspace.wits.ac.za/bitstream/handle/10539/13738/Intro.pdf?sequence=4> acessado março 2018;

WALKER, D., 2008. *Gentrification Moves To The Global South: An Analysis Of The Programa De Rescate, A Neoliberal Urban Policy In México City's Centro Histórico*, University of Kentucky Doctoral Dissertations;

WERNECK, M., 2016. *Porto Maravilha: agentes, coalizões de poder e neoliberalização no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Dissertação Mestrado- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, UFRJ;

TEIXEIRA, A., 2013. *Cidades Criativas: A Construção De Um Ideário E Sua Influência Na Cidade Do Rio De Janeiro*. Rio de Janeiro, Dissertação Mestrado- Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo;

Jornais online

AFRICA21, 2016, *O que é o africapitalismo?*, disponível online em <http://www.africa21online.com/artigo.php?a=18980&e=Economia> acessado em Janeiro 2018;

BARBOSA, C., 2015. *Zona Portuária recebe negócios de Economia Criativa*. Disponível online em: <http://vejario.abril.com.br/materia/cidade/zo:na-portuaria-recebe-negocios-da-economia-criativa> Acesso em 14/06/2016.

BELÍSARIO, A., 2016. *A outra história do Porto Maravilha*, disponível online em <https://apublica.org/2016/08/a-outra-historia-do-porto-maravilha/> acessado em Fevereiro 2018;

_____, 2014. *As quatro irmãs*, Agencia Publica, disponível online em <https://apublica.org/2014/06/as-quatro-irmas/> acessado em Fevereiro 2018;

BELLUSCI, F., 2017 *A cinquant'anni da Le parole e le cose di Foucault* disponível online em <http://www.doppiozero.com/materiali/cinquantanni-da-le-parole-e-le-cose-di-foucault> acessado em março 2018;

BIRD, H., 2017. *Cultural appropriation: Make it illegal worldwide, Indigenous advocates say*, disponível online em <http://www.cbc.ca/news/canada/north/cultural-appropriation-make-it-illegal-worldwide-indigenous-advocates-say-1.4157943> acessado em março 2018;

BOECKEL C., 2015. *Distrito Criativo do Porto é criado para buscar negócios após Rio 2016*, disponível online em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2015/08/distrito-criativo-do-porto-e-criado-para-buscar-negocios-apos-rio-2016.html> acessado em março 2018;

BRODIE N., AND LUKEWARM L., 2016. *The alternative city guide to Johannesburg, South Africa*, disponível online em <https://www.theguardian.com/travel/2016/feb/11/alternative-city-guide-johannesburg-south-africa-holidays> acessado em Janeiro 2018;

BRITTEN, S., 2012. *Can Creativity fix South Africa?*, disponível online em <https://mg.co.za/article/2012-03-26-can-creativity-fix-south-africa> acessado em Janeiro 2018;

CORRIGAL, M., 2017. *Fab or cultural faux pas? Louis Vuitton's Basotho blanket-inspired collection*, disponível online em <https://www.timeslive.co.za/sunday-times/lifestyle/fashion-and-beauty/2017-07-13-the-evolution-of-the-basotho-blanket/> acessado em Março 2018;

CRONJE, M., 2013; *Arts and Culture, Mashatile: Arts and culture are SA's new gold*. Mail and Guardian, disponível online em <https://mg.co.za/article/2013-09-03-mashatile-arts-and-culture-is-sas-new-goldd> acessado em Janeiro 2018;

CARVEL, N., 2015. *Get Yourself To Johannesburg, New Cool Capital Of The Southern Hemisphere*, disponível online em <http://www.gq-magazine.co.uk/article/best-things-to-do-in-johannesburg-south-africa> acessado em Janeiro 2018;

DAFLON, R., 2011. *Escavações de obra de drenagem da Zona Portuária encontram restos dos cais da Imperatriz e do..* Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/escavacoes-de-obra-de-drenagem-da-zona-portuaria-encontram-restos-dos-cais-da-imperatriz-do-2816387> acessado em Janeiro 2018;

_____, 2016. *O Porto Maravilha è Negro*. Disponível em <http://apublica.org/2016/07/o-porto-maravilha-e-negro/> acessado em Janeiro 2018;

DOYLE, R., 2012. *36 Hours in Johannesburg*, disponível online em <http://www.nytimes.com/2012/08/19/travel/36-hours-in-johannesburg.html> , acessado em Janeiro 2018;

FARGEAU, A., 2013. *Achille Mbembe: «L'Europe ne constitue plus le centre de gravité du monde»*, traduzida por Maria José Cartaxo, disponível online em Buala, <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-europa-ja-nao-e-o-centro-de-gravidade-do-mundo> acessado em fevereiro 2018;

FRANK, C., 2015. Policy Briefing: Towards A Decolonial Curatorial Practice disponível online em <https://burningmuseum.wordpress.com/2015/06/19/towards-a-decolonial-curatorial-practice-an-article-by-chandra-frank-of-goldsmiths-university-of-london/> acessado em Março 2018;

FREARSON, A., 2015. *David Adjaye to turn Johannesburg high-rise into plant-covered apartment block*, disponível online em <https://www.dezeen.com/2015/03/16/david-adjaye-johannesburg-hallmark-house-high-rise-plant-covered-apartment-block/> acessado fevereiro 2018;

GALLAS, L. E MACHADO, R., 2013. *Para transcender a colonialidade*, disponível online em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5258&secao=431 acessado em fevereiro 2018;

GARCIA NAVARRO, L., 2015. *For Brazil's 1 Percenters, The Land Stays In The Family Forever*, disponível online em <http://www.npr.org/sections/parallels/2015/08/25/434360144/for-brazils-1-percenters-the-land-stays-in-the-family-forever> acessado em fevereiro 2018;

GEDYE, L., 2015. *The Art of Public Space*, disponível online em <http://www.theconmag.co.za/2015/09/25/the-art-of-public-space/> acessado Fevereiro 2018;

HARNEY H., AND SEALY, T., 2015. *Creative Industries as Underdevelopment*, disponível online em <http://chimurengachronic.co.za/the-creative-industries-as-underdevelopment/> acessado em fevereiro 2018;

HICKEL, J., 2016. *Global inequality may be much worse than we think*, disponível online em <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/apr/08/global-inequality-may-be-much-worse-than-we-think>, acessado Março de 2018;

LAZZARATO, M., 2012. A era do homem endividado, *Le Monde Diplomatique Brasil*, Edição 55, fevereiro. Disponível online em <http://diplomatie.org.br/a-era-do-homem-endividado/> acessado em Março de 2018;

REDAÇÃO, CULTURA E MERCADO, 2006. Economia Criativa Para O Desenvolvimento, disponível online em <http://www.culturaemercado.com.br/site/noticias/economia-criativa-para-o-desenvolvimento/> acessado em fevereiro 2018;

HICKEL, J., 2016. *Global inequality may be much worse than we think*, disponível online em <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/apr/08/global-inequality-may-be-much-worse-than-we-think> acessado em Janeiro 2018;

JAFFER, Z., 2015. If you're googling "Jan van Riebeeck" now, this is for you, disponível online em <https://africasacountry.com/2015/04/the-eight-years-of-jan-van-riebeeck/> acessado em Fevereiro 2018;

JASON, S., 2014. *City limits: Studio-X comes to Jo'burg*, disponível online em <https://mg.co.za/article/2014-03-13-city-limit-studio-x-comes-to-joburg> acessado em Janeiro 2018;

WINES, M., 2006. *Johannesburg Rises Above Its Apartheid Past*, disponível online em <http://www.nytimes.com/2006/07/16/travel/16next.html> acessado em Janeiro 2018;

KAUFMAN, D., 2010. *SoHo Style in Johannesburg*, disponível online em <http://www.nytimes.com/2010/03/14/travel/14surfacing1.html> acessado em Janeiro 2018;

KHAN, S., 2013. *Restaurant Report: The Blackanese Sushi & Wine Bar in Johannesburg*, disponível online em <http://www.nytimes.com/2013/10/13/travel/restaurant-report-the-blackanese-sushi-wine-bar-in-johannesburg.html> acessado em Janeiro 2018;

KOHN, A., 2012. *The Sartorialist goes to Johannesburg, and likes what he see*, disponível online em <http://africasacountry.com/2012/11/the-sartorialist-goes-to-johannesburg-and-likes-what-he-sees/> acessado em Janeiro 2018;

KUGEL, S., 2014. *In Soweto, History From Those Who Live It*, disponível online em <https://www.nytimes.com/2014/02/19/travel/in-soweto-history-from-those-who-live-it.html> acessado em Janeiro 2018;

KURZ, R., 2005. A máquina universal de Harry Potter. O conceito de trabalho imaterial e o neoutopismo reduzido à tecnologia. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz208.htm> Acessado em: janeiro 2018

LE ROUX, H., 2013. *Marlboro South*, disponível online em https://www.domusweb.it/en/architecture/2013/05/20/marlboro_south.html acessado em Janeiro 2018;

LYN, M., 2016. *The Urban Renaissance Of The Maboneng Precinct*, disponível online em <http://www.globaltravelerusa.com/johannesburg-urban-renaissance/> acessado em Janeiro 2018;

MAGALHÃES, V., 2015. *Após deixar prefeitura, Paes trocará o Rio por Nova York*, disponível online em <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/eleicoes-2016/apos-deixar-prefeitura-paes-trocara-o-rio-por-nova-york/> acessado fevereiro 2018;

MBEMBE, A., 2016b. *The age of humanism is ending*, disponível online em <https://mg.co.za/article/2016-12-22-00-the-age-of-humanism-is-ending/>, acessado fevereiro 2018;

_____, 2017. *There Is Only One Word*. The Con Magazine, disponível online em <http://www.theconmag.co.za/2017/07/19/there-is-only-one-world/>, acessado março 2018;

MBAYE, J., 2012. Conference report: African Creative Economy – A New Priority for the Continent, LSE in Africa disponível online em <http://eprints.lse.ac.uk/74409/1/Africa%20at%20LSE%20-%20Conference%20report%20African%20Creative%20Economy%20-%20A%20New%20Priority%20for%20the%20Continent.pdf>, Acessado Março 2018;

MCBRIDE, S., 2015. *Maboneng on fire*, disponível online em <http://africasacountry.com/2015/04/maboneng-on-fire/> acessado fevereiro 2018;

MIGNOLO, W., 2013. *Decolonialidade como o caminho para a cooperação*, disponível online em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5253-walter-mignolo> ;

_____, 2010. *Só descolonização da subjetividade trará mudança à América Latina*. Entrevista disponível online em <http://www.dw.com/pt-br/s%C3%B3-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-da-subjetividade-trar%C3%A1-mudan%C3%A7a-%C3%A0-am%C3%A9rica-latina-diz-walter-mignolo/a-5285265>;

MUNRO, P., 2015. *Maboneng Project, South Africa: Johannesburg's neighbourhood of cool*, disponível online em <http://www.traveller.com.au/maboneng-project-south-africa-johannesburgs-neighbourhood-of-cool-ghguz8> acessado em Janeiro 2018;

O GLOBO, 2013. *Coletivo do Porto: cinco empresas da indústria criativa se unem*, disponível online em <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/coletivo-do-porto-cinco-empresas-da-industria-criativa-se-unem-9346573#ixzz56wAZBxT> acessado Fevereiro 2018;

O GLOBO, 2017. *Rio é uma das grandes cidades do mundo com pior qualidade de vida*, disponível online em <https://oglobo.globo.com/economia/rio-uma-das-grandes-cidades-do-mundo-com-pior-qualidade-de-vida-21394388#ixzz57OmLa7kv> acessado em fevereiro 2018;

ONGLEY H., 2017. *The united nations may finally make cultural appropriation illegal* , disponível online em https://i-d.vice.com/en_us/article/ywvv5w/the-united-nations-may-finally-make-cultural-appropriation-illegal acessado em Janeiro 2018;

OSBORN, C., *Brazilian Business Goes Global — Here Comes the Culture Shock | Fast Forward*, em OZY, disponível online em <http://www.ozy.com/fast-forward/brazilian-business-goes-global-here-comes-the-culture-shock/78856> acessado em fevereiro 2018;

KUPER, S., 2013 *Priced out of Paris*, disponível online em <https://www.ft.com/content/a096d1d0-d2ec-11e2-aac2-00144feab7de> acessado em fevereiro 2018;

YOUNG, R., 2014. *In South Africa, More Evolution than Revolution*, disponível online em <https://www.businessoffashion.com/articles/market-gps/south-africa-more-evolution-than-revolution> acessado em Janeiro 2018;

PATTEL, Z., 2016. *How to appreciate a culture without appropriating*, disponível online em https://i-d.vice.com/en_us/article/zmx5dx/how-to-appreciate-a-culture-without-appropriating-it acessado em Janeiro 2018;

PECHMAN, A., 2016. *Meet Artist Ayana V. Jackson in Johannesburg*, disponível online em <https://www.wmagazine.com/story/meet-artist-ayana-v-jackson-in-johannesburg> , acessado em Janeiro 2018;

PEDROTTI, G., 2017. *Studio-X se despede do Rio de Janeiro*, disponível online em <https://www.archdaily.com.br/br/880361/studio-x-rio-se-despede-do-rio-de-janeiro> acessado em fevereiro 2018;

PEREIRA GUIMARAES, 2016. *Para Richard Sennett, a globalização está matando o respeito*. Disponível em: <http://vozerio.org.br/Para-Richard-Sennett-a-globalizacao-esta-matando-o-respeito>. Acesso em fevereiro 2018;

PHALA M., 2016. *Poor People Can't Afford Regeneration In Jeppestown*, disponível online em <https://www.thedailyvox.co.za/poor-people-cant-afford-regeneration-jeppestown-maboneng- eviction/> acessado em fevereiro 2018;

PINTO, H., 2006. *A Descoberta do Pré-Sal e as Mudanças do Marco Regulatório na Indústria Brasileira do Petróleo*, disponível online em <http://encyclopedie-energie.org/articles/descoberta-do-pré-sal-e-mudanças-do-marco-regulatório-na-indústria-brasileira-do-petróleo>, acessado em Fevereiro 2018;

PITMAN, J., 2013. *Entrepreneur Profiles- Maboneng Precinct: Jonathan Liebmann. An entrepreneurial spirit revitalises downtown Joburg*, disponível online em <https://www.entrepreneurmag.co.za/advice/success-stories/entrepreneur-profiles/maboneng-precinct-jonathan-liebmann/> acessado em fevereiro 2018;

PITOCK, T., 2014. *Seeing Johannesburg Through Artists' Eyes*, disponível online em <https://www.nytimes.com/2014/07/13/travel/seeing-johannesburg-through-artists-eyes.html> acessado em Janeiro 2018;

PLOT, O., 2017. *Encontro com os pioneiros do 'africapitalismo'*, Le Monde Diplomatique, edição 124, Novembro; acessado em março 2018, disponível online em <http://diplomatie.org.br/encontro-com-os-pioneiros-do-africapitalismo/> acessado em março 2018;

POLAK, R., 2009. But what, exactly, has knowledge economy come to mean? , Daily Maverick

REUTERS, 2003. *Arquiteto do Guggenheim responde a críticas sobre filial no Rio*, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u27952.shtml> acessado em fevereiro 2018;

REDAÇÃO Carta Capital, 2014. Prefeitura do Rio retrata escola como linha de produção, disponível online em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/prefeitura-do-rio-retrata-escola-como-linha-de-producao-7482.html> acessado em fevereiro 2018;

RIOETC, 2015. *Muito prazer, Distrito Criativo do Porto - Rio de Janeiro*, <http://www.rioetc.com.br/muito-prazer/muito-prazer-distrito-criativo-do-porto/> acessado em fevereiro 2018;

ROUVENAT, F., 2015. *Mais da metade dos cariocas tem vontade de sair do Rio, diz pesquisa*, <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/mais-da-metade-dos-cariocas-tem-vontade-de-sair-do-rio-diz-pesquisa.html> acessado em fevereiro 2018;

ROSA, B., 2012. Economia criativa, a cara do carioca, disponível online em <https://oglobo.globo.com/economia/economia-criativa-cara-do-carioca-6875939> acessado em fevereiro 2018;

RUIZ, C., 2017. *Kentridge opens Johannesburg space for artists to learn by failing*, The Art Newspaper, disponível online em <https://www.theartnewspaper.com/news/kentridge-opens-johannesburg-space-for-artists-to-learn-by-failing> acessado em fevereiro 2018;

SAPA, 2014. *SA creative industry gets government boost*, disponível online em <https://mg.co.za/article/2014-03-21-sa-creative-industry-gets-government-boost> acessado em Janeiro 2018;

SEMI, G., 2016. *Sharing economy. Il ritorno dei rentiers?*, disponível online em <https://www.che-fare.com/sharing-economy-ritorno-rentiers/> acessado em fevereiro 2018;

SEJAKE, M., 2016. *The second coming of the colonial power*, disponível online em <http://www.jhblive.com/Stories-in-Johannesburg/article/the-second-coming-of-the-colonial-powers/64915> acessado fevereiro 2018;

SMART, T., 2016. *Bringing central Johannesburg back to life*, disponível online em <http://www.bbc.com/news/business-35830583> acessado fevereiro 2018;

TABAK, F., *Em Campanha Paes tenta vincular sua imagem as transformações feitas por Pereira Passos*, disponível on line em <https://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676> acessado em fevereiro 2018;

TAITZ, L., 2013. Putting the 'new' back in historic Newtown. Mail and Guardian, 1 November. VERER ++ ver online <https://mg.co.za/article/2013-10-31-newtown> acessado março 2018;

VASCONCELLOS, F., TABAK, F., NATANAEL D. E DE MELLO, P., 2013. *Cidade em transe: novo retrato metropolitano*, disponível online em http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=55775 , acessado em fevereiro 2018;

VENEMA, V., 2015. *Johannesburg: From no-go to gotta-go*, disponível online em <http://www.bbc.com/news/world-africa-31973326> acessado em Janeiro 2018;

VOURLIANS, C., 2018. *Bizzers Like 'Sound' of South-South Co-Productions*, em Variety, disponível online em <http://variety.com/2018/film/global/bizzers-like-sound-of-south-south-co-prods-1202708744/> acessado Março 2018;

Outros [Atos de Conferencias, Relatórios, Estudos]

ARTERIAL NETWORK, 2015. *The African Creative Economy Conference 2015 – 5th Year*, disponível online em http://www.arterialnetwork.org/ckeditor_assets/attachments/469/an_ar_2015_eng_web_highres.pdf acessado em fevereiro 2018;

BORGUES A., 2017. Notas da palestra '*Did Someone say Decolonisation? Did Someone say Freedom?*', FADA, University of Johannesburg;

CALDERON, P.A., 2017. Abordagem Metodológica Em Estudos Decoloniais: Possível Diálogo Entre A Análise Crítica do Discurso e As Epistemologias Do Sul, *Atos do XX SemeAd, Seminario em Administração*, novembro; <http://login.semead.com.br/20semead/arquivos/2018.pdf> acessado em fevereiro 2018;

FUMAGALLI, A., 2015. Notas da palestra *Capitalismo Criativo e Criatividade Multitudinária*, IBICT, UFRJ;

GARCIA, A., 2017. *The political economy of South- South relations: BRICS in Africa and Latin America*, apresentação da palestra na University of Witwatersrand, 18 Sept. 2017;

GOLDESTEIN, L., ROSSELLO, P., 2010. *Investigando políticas: Diálogos de economia criativa entre Brasil e Reino Unido*, in London, British Council Edition [versão portuguesa];

LOPES PINTO, JR, NASRA L., SANTOS DOS S., 2016. *Quem são os donos da educação e cultura no Rio de Janeiro?*, publicado por ECOPOL-UNIRIO, PEIC-UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.coronelismoeletronico.com.br/wp-content/uploads/2016/02/relatórioFRMFINAL-8.pdf>, acessado em fevereiro 2018;

MABONENG CENSUS, <http://propertiuty.co.za/downloads/Maboneng-Developing-a-Neighbourhood-Economy.pdf>

MABONENG DEVELOPING A NEIGHBORURHOOD ECONOMY <http://propertiuty.co.za/downloads/Maboneng-Developing-a-Neighbourhood-Economy.pdf>;

NEWBIGIN, J., 2010. *British Council Creative Economy Unit, Policy Investigation Series UK/Brazil creative economy dialogues*, London, British Council Edition [versão inglesa];

O RIO DO AMANHÃ - Visão Rio 500 e Planejamento Estratégico 2017 – 2020 disponível online em <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4108948/4171016/VisaoRio500.pdf> acessado em março 2018. Nota-se que o plano manteve o mesmo título mas mudou de capa entre o que tinha acessado em março de 2016;

PÓS 2016 – O RIO MAIS INTEGRADO E COMPETITIVO - Plano Estratégico Da Prefeitura Do Rio De Janeiro 2013 – 2016, disponível online em http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5957645/4155950/planejamento_estrategico_1316.pdf acessado março 2018;

REID, B., ALBERT, A., HOPKINS, L., 2010. *A Creative Block? The Future of the UK Creative Industries A Knowledge Economy & Creative Industries Report*, disponível online em http://blueprintfiles.s3.amazonaws.com/1321209169-277_A-creative-block.pdf , acessado em fevereiro 2018;

SACP (South African Communist Party) 1970 *The Road to South African Freedom* (Moscou: Nanka Publishing House).

SISTEMA FIRJAN, 2016. Mapeamento Da Indústria Criativa No Brasil, disponível online em <http://www.firjan.com.br/economicriativa/download/mapeamento-industria-criativa-sistema-firjan-2016.pdf> acessado março 2018;

SILVA, A., 2014. PORTO MARAVILHA CULTURA E INDÚSTRIA CRIATIVA, disponível online em <http://www.portomaravilha.com.br/conteudo/portomaravilha/cultura.pdf> acessado em março 2018;

THE CREATIVE INDUSTRIES IN SOUTH AFRICA REPORT, disponível online em http://www.labour.gov.za/DOL/downloads/documents/researchdocuments/Creative%20Industries_DoL_Report.pdf acessado janeiro 2018;

UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENTS PROGRAMME (UN-HABITAT), *State of the World's Cities 2012/2013, Prosperity of Cities*, Chapter 2.4: Equity and the Prosperity of Cities, 2013 Routledge;

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT UNCTAD, 2008. *Creative economy report*. Available at: [http://unctad.org/en/ Docs/ditc20082cer_en.pdf](http://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer_en.pdf) acessado em janeiro 2018;

WOLVERS, A; TAPPE, O; SALVERDA, T., SCHWARZ, T. 2015. *Concept of the Global South, Voices from around the world Global South Studies Center*, University of Cologne, Germany – disponível online em <http://gssc.uni-koeln.de/node/451> acessado em fevereiro 2018;

Websites

Intro

<http://www.brics.utoronto.ca/docs/120329-delhi-declaration.html>
<http://www.anc.org.za/show.php?id=234>
<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_do_Grande_ABC
<http://propertuity.co.za>
<http://www.mabonengprecinct.com/>
<http://portomaravilha.com.br>
<http://www.distritocriativo.com.br>
<https://en.wikipedia.org/wiki/FeesMustFall>

Cap.I

<http://www.museudeartedorio.org.br>
<https://museudoamanha.org.br>
<https://www.facebook.com/MOAJHB/>
<http://www.portomaravilha.com.br/cdurp>
<https://pt-br.facebook.com/ipn.museumemorial>
http://www.coletivodoporto.com.br/nos_somos.php
<http://portomaravilha.com.br/materias/ponto-em-comum/p-e-c.aspx>
<http://www.firjan.com.br>
<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>
<http://www.light.com.br>
<http://www.portonovosa.com>
<https://pt-br.facebook.com/Filhosdegandirjoficial>
https://en.wikipedia.org/wiki/Pass_laws
http://joburg.org.za/index.php?option=com_content&task=view&id=178&Itemid=168
<https://www.broll.com/results/mixed-use/for-sale/johannesburg/maboneng/building/18896/>
<http://www.ibg.com.br>
<http://www.souzacruz.com.br>
<http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/educacao/escola-do-olhar/cursos>
<http://www.frm.org.br/a-fundacao/>
<https://www.artsy.net/show/museum-of-african-design-moad-unfinished-city>
<http://museudeartedorio.org.br/pt-br/exposicoes/o-abrigo-e-o-terreno>
<http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/node/2263>

Cap. II

<http://encyclopedie-energie.org/articles/descoberta-do-pré-sal-e-mudanças-do-marco-regulatório-na-indústria-brasileira-do-petróleo>
www.unctad.org
<http://www.crab.sebrae.com.br/o-crab#sobre>
<http://creativeindustriesafrica.com/>
<http://www.arterialnetwork.org/>
http://www.dacst.gov.za/arts_culture/culture/industries/index.htm
https://www.impulscentrum.be/south_africa/mod3_city/theo3.asp

<https://www.constitutionhill.org.za>
<http://www.fashiondistrict.co.za>
<http://www.joburgplaces.com/tours/>
<https://www.dlalanje.org>
<http://www.dac.gov.za/content/what-mzansi-golden-economy-mge#>
<https://vansa.co.za/>
<https://en.wikipedia.org/wiki/Coloureds>
https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Economic_Empowerment

Cap.III

<https://tucumbrasil.com>
<https://www.facebook.com/entremeios.lada/photos/a.305550929603440.1073741828.292958654196001/684608711697658/?type=3&theater>
<https://conversationsingondwana.tumblr.com>
<http://site.videobrasil.org.br/news/1776673>
<http://portomaravilha.com.br/circuito>
<http://afropunk.com>
<http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16280030.htm>
<http://www.viviancaccuri.net/TabomBass>
<https://lessgoodidea.com>
<http://www.kulturstiftung-des-bundes.de/cms/en/stiftung/>
<http://theatrum-mundi.org>
<http://www.spectaculu.org.br/a-escola/>
<http://www.casario.rj.gov.br/pt/quem-somos/>
<http://www.fmsh.fr/en>
<http://www.college-etudesmondiales.org/>
<https://www.facebook.com/studioxrio>
<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1619784>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>
https://en.wikipedia.org/wiki/Leitch_Review
<http://marikana.mg.co.za>

Vídeos

<https://www.youtube.com/watch?v=bxJMBJOXOZ4> - "Are Artists Used As Vacuum Cleaners?"
<https://vimeo.com/61605524> - Jeppes on a Friday' de Arya Laloo e Shannon Walsh, 2013;
<http://vimeo.com/65599513> - Reymond Mapakata 'Into The Shadows', 2014;
https://www.youtube.com/watch?v=WrlZ1_TMhzw - Place of Light - Maboneng Precinct, 2014.

APÊNDICE A - TRILOGIA DA GENTRIFICAÇÃO: JOHANNESBURG | MILANO | RIO DE JANEIRO

2013 | 2018

<https://gentrily.wordpress.com/pg/>



A Trilogia da Gentrificação: Johannesburg|Milano|Rio começou em Johannesburg com a exposição individual "Braamopoly" realizada em junho de 2013 e trabalha o conceito de controle criativo através de uma pesquisa transdisciplinar entre urbanismo, arte e ativismo. É um projeto em andamento de pesquisa acadêmica e de prática artística que visa desenvolver uma viagem pessoal da autora entre estes 3 países e 3 cidades. A pesquisa teórica se dá de forma integrada com a produção de conteúdo artístico que sempre prevê um desenvolvimento colaborativo com pessoas convidadas a participar do projeto.



O projeto se divide em 3 episódios de pesquisa acadêmica e de prática artística local. Cada episódio inspira-se no anterior, e enriquece-se de novos componentes e novas colaborações, até chegar a uma exposição final que reunirá as três experiências e os três resultados (prevista por 2018 coincidindo com o termine do meu doutorado).

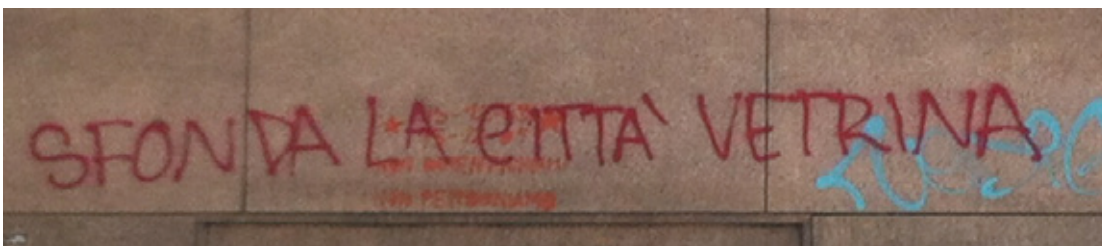
O primeiro episodio, foi em Johannesburg (SA) em 2013 com a realização da exposição Braamopoly na Room Gallery e teve como colaboradores: School of Architecture and Planning, WITS University, Room Gallery, Maria Fidel Regueros, Steffen Fisher, Shelley Barradas, Dwayne Innocent Kapula.



O segundo episódio, foi realizado no bairro Isola em Milano 2015 durante um período de intercâmbio acadêmico no Dipartimento di Architettura e Studi Urbani DASTU, Politecnico di Milano. Teve como colaboradores: Isola Art Center/Emergenze, Antonio Cipriani, Valentina Montisci, Twenty14 Contemporary; Piano Terra, Salvatore Peluso.



O terceiro episódio no Rio de Janeiro, se desenvolveu paralelo ao doutorado na na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ e teve a participação de Pedro Victor Brandão, Maurício Hora, Daniel Murgel.



A trilogia combina estas três perspectivas (pesquisa, ativismo e arte) de forma transdisciplinar, equilibrando a subjetividade da autora que se identifica à cidade e seus moradores, com a objetividade crítica que permite analisar o processo de gentrificação, inclusive como fenômeno global associado à um sistema econômico unificado de que nós mesmos somos parte.

A questão da habitação de um espaço e do que é público são vistos de dentro para fora. Esta abordagem pessoal se torna universal ao transcender fronteiras geográficas, justapondo vivências em

três continentes diferentes. Este encontro de subjetividades põe em cheque a normatividade de um progresso que ignora a experiência humana.

O projeto entende propor ações que estimulem uma posição crítica em relação às transformações urbanas de bairros escolhidos nas três cidades, tornando a pesquisa acadêmica uma *active research*, ou seja uma pesquisa volta a estimular uma posição crítica nos entrevistados.

Uma das ações do projeto que se repete igual no formato é o convite a participar de um debate público – com gravação de áudio – direcionado a artistas e operadores da área cultural cujo trabalho lide com espaço público e questões urbanas [seja pela localização que pelo conteúdo].

O debate quer ser um convite a assumir uma posição autocrítica sobre o papel que ‘nos’ criativos temos dentro de processos urbanos que, através do reforço de centros criativos, podem utilizar a arte e a criatividade como dispositivo de controle e de apaziguamento.

Gravações aconteceram: Rio de Janeiro, Indisciplinas 2016 | Johannesburg, Room Gallery, Creative Control Round Table, 2016 | Lisboa, Conferencia Arte e Política Reloaded, 2016 | Milano, Piano Terra, La Trilogia della Gentrificazione, seconda tappa, 2015 | Johannesburg, Room Gallery, The Carpet Series, 2013 |



Como resultado final do projeto entende-se realizar um documentário sonoro de cerca de 30 minutos de duração, em 3 idiomas recolhendo trechos dos debates realizados nas 3 cidades ao longo do processo, criando um único diálogo.

O áudio será acompanhado por uma sequência de imagens das três cidades que convergem em uma.

APÊNDICE B - BRAAMOPOLY, JULHO 2013



You are invited to the Opening Reception of

BRAAMOPOLY

A project by Laura Burocco

The presentation examines Laura Burocco's findings from her research titled "People's Place in the World Class City: The case of Braamfontein's Inner city Regeneration Project". Included are a series of maps, photographs of iconic buildings and posters alongside a game of Braamfontein based Monopoly, enabling the broader public to engage with the project, the area and its developments. More specifically the presentation aims to develop a relationship with the neighbourhood supporting a physical and personal experimentation, encouraging the visitors to interact with Braamfontein, and consider the area in its complex territoriality. Key issues addressed include: gentrification, social mix, public space, creative cities, global cities, urban regeneration and African identity.

Opening Reception: Thursday 11 July 2013 at 18h00

Workshop at GIFA followed by a Walkthrough Braamfontein: Saturday 13 July 2013 at 10h00 - 13h00
Carpet Series: Episode 1: Thursday 25 July 2013 at 18h00 at ROOM

Exhibition runs from 11 - 27 July 2013

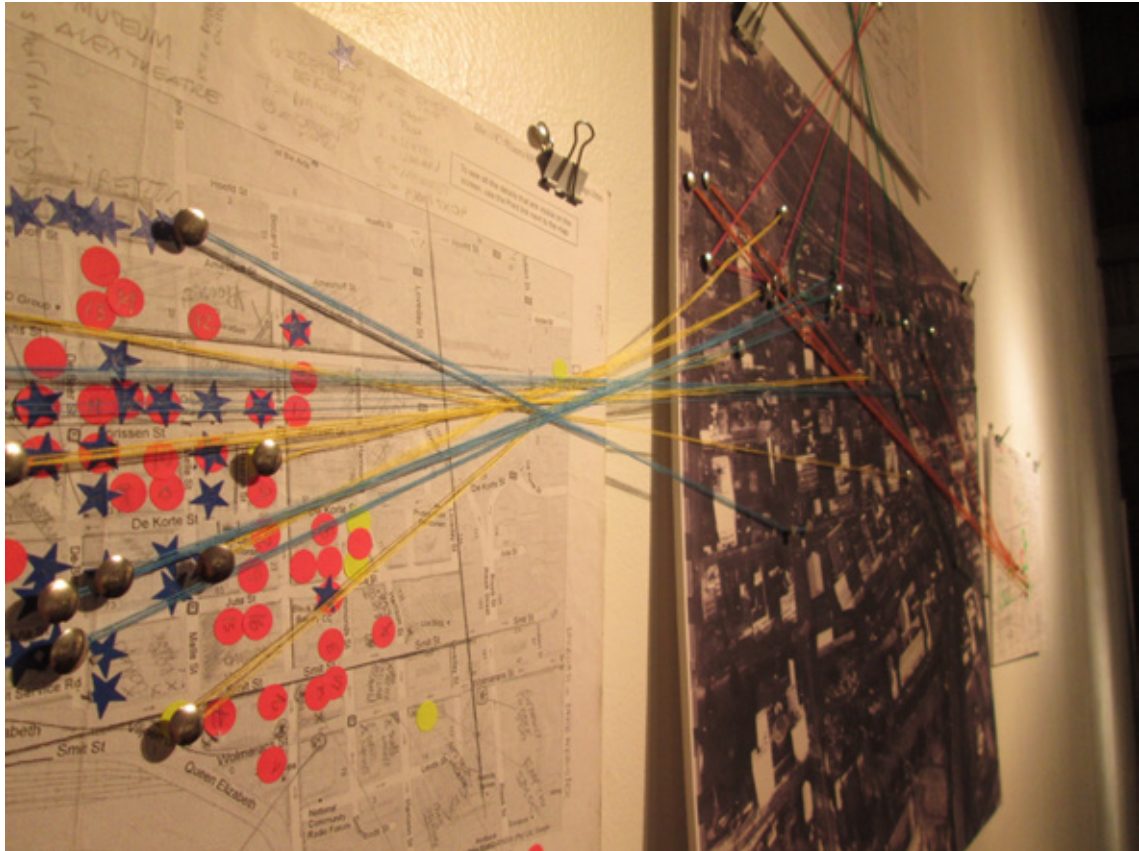
ROOM

ROOM
70 Juta Street
Braamfontein
Johannesburg

Maria Fidel Regueros
ROOM by Urbanart Project
082 373 6127 / 011 074 4944
room@urbanartprojects.org
www.urbanartprojects.org/ROOM.html









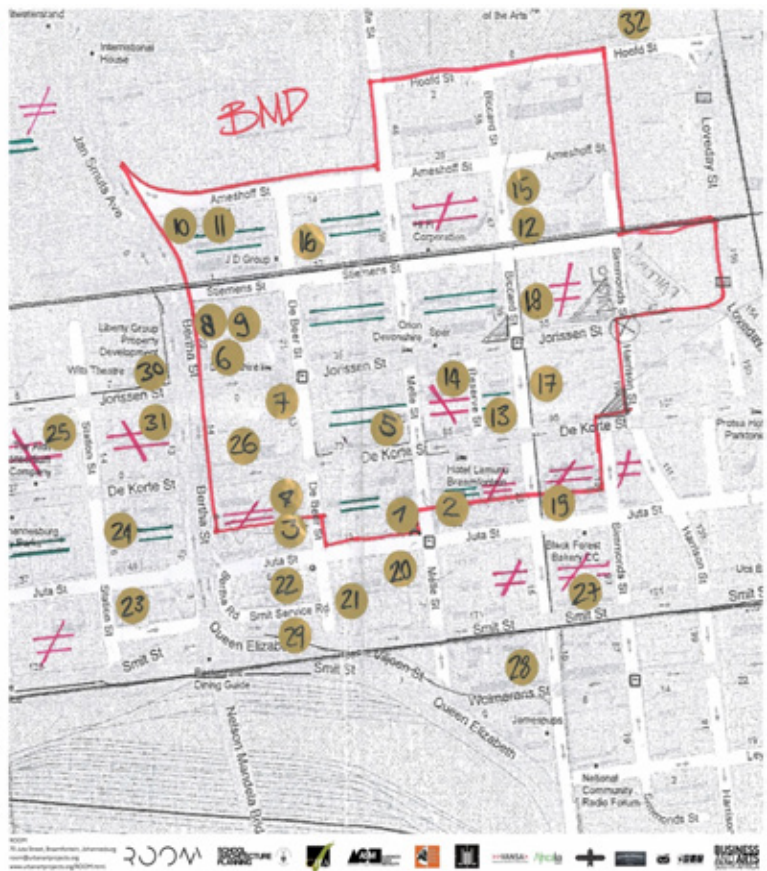
BRAAMOPOLY

A project by Laura Burocco

- 01 - Double Shot, Melie Street
- 02 - Vela, Melie Street
- 03 - Kitchiner's Bar, De Beer Street
- 04 - The Bannister Hotel, De Beer Street
- 05 - Studio 88, Jorissen Street
- 06 - Pick & Pay, Jorissen Street
- 07 - Clicks, Jorissen Street
- 08 - Braamfontein Street Pharmacy, Braamfontein Center
- 09 - Eddie music shop, Braamfontein Center
- 10 - Fish & Chips, Bertha Street
- 11 - Love Food, Siemans Street
- 12 - Heart and Flowers shop, Biccard Street
- 13 - HOLA Super Stores, Biccard Street
- 14 - Mitchiko Feed the Nation, Reserve Street
- 15 - Easy Snack, Biccard Street
- 16 - Glasy Unisex Hairdress, De Beer Street
- 17 - Five Star Dry cleaners, Biccard Street
- 18 - Ramblers 2nd Hand Clothes, Biccard Street
- 19 - Beauty by definition, Biccard Street
- 20 - Toms Music Shop, Juta Street
- 21 - Dahlia, De Beer Street
- 22 - Post, Juta Street
- 23 - Nelly's Hairdress, De Korte Street
- 24 - Blue Spaza Shop, Station Street
- 25 - Gasolina station, Jorissen Street
- 26 - Narina Trogon, De Korte Street
- 27 - Theresa Sport Bar, Smit Street
- 28 - Modjo, Biccard Street
- 29 - Rosebank Collage, Smit Street
- 30 - WAM, Jorissen Street
- 31 - Generale Hairdress, De Korte Street
- 32 - Constitution Hill, Kotze Street

This map aims to guide the viewer around the places where posters are located within Braamfontein. The aim is to encourage a relationship between the audience and the neighborhood promoting a physical and personal experimentation, supporting an active interaction of the visitors with Braamfontein, considering the area in its complex territoriality. Key issues addressed include gentrification, social mix, public space, creative cities, global cities, urban-regeneration and African identity.

Workshop at GIRA followed by a Walkthrough Braamfontein Saturday 0 July 2008 @ 10h00 - 12h00
 Carpet Series - Episode 1 at KOOP Thursday 25 July 2008 @ 10h00



POSTERS







University of Johannesburg | FADA Department of Architecture

PRINCIPLES OF DESIGN 3

Project 04_JULY 2013

HISTORY MEANING - DECODING CONSTRUCTS

INTRODUCTION

The 4th project of this series investigates a series of urban enclaves [44 Stanley, Maboneng, Juta street Braamfontein] in the aim of generating an understanding and expression of a particular history (or story). Through a critical investigation of history and meaning, past and present you will be tasked to uncover apparent and disconnected linkages - connections to the surrounding fabric and meta-narratives within the broader tales of Johannesburg. This project engages with perceived and actual communities and their related definitive landscapes/nodes in and around the city with a critical lens.

The interfaces between these nodes and surrounding fabric (urban+suburban, formal+informal, permanent +ephemeral) spawns interesting and unexpected outcomes – unique and sometimes contradictory relationships – urban fringes, suburbs, residences, development, re-development, thoroughfare, informal, permanence, transience, belonging and disillusion are all realities experienced in-and-between these contexts.

In some instances these urban and sub-urban enclaves have become exclusive villages, semi-detached from the surrounding fabric. The intent of this brief is to unpack and restitch these places with a narrative that begins to tie back to legacies and stories of Johannesburg - notions of belonging and place-making.

The conflicting scars of history and reality (actual and constructed) begin to tell the story of both the city and the people, a clashing consequence of Johannesburg – as a city of invention&industry, struggle&segregation, wealth&wasteland, re-invention&reality. These historical, current and emerging conditions - complex architectural, urban, historical and socio-political clues and undertones - are what you are called to investigate for this project.

Incorporating the previous design drivers:

[topography|topology . networks|connections . fabric|observations . perceptions|fringes] as influences to critical analysis and design, you must engage with the complex nature of your chosen

site with an end focus to uncover and communicate history and meaning to (and through) the social and political conditions of your chosen context.

PROJECT BRIEF

Your process must begin with a rapid mapping of the site. Making us of supporting documentation; **RENEGOTIATING SPACE: Arts on Main, 44 Stanley + Johannesburg** by D Bahmann and J Frenkel, and current exhibition **BRAAMOPOLY: People's Place in the World Class City. The case of Braamfontein's Inner city Regeneration Project** by Laura Burocco.) This critical analysis should uncover and communicate the embodied meaning and memory of the neighborhood, through its development and reinvention. The outcomes of this mapping must be clearly communicated and design tools/informers should be extracted through the process and translated into workable concepts.

Task one

Identify a site. The eventual user of your design must become less of a collected urban public, considered as more of a community identity and the individual. Your choice of site should be influenced by this community identity and respond to the particular history of Johannesburg relevant to the site and community/user you have identified.

HISTORY|MEANING

Task two

Design a building on this site - a museum, a kiosk of collected information. Your building and surrounding components should respond to the socio-political reality in the area as well as the incongruencies and dormant informers of the surrounding fabric. The architecture should communicate the complex and diverse nature of this in some legible way (expressed spatially, tectonically or through information). Your building and site extent should become a place and space that communicates through its experience at varying scales – the building should be responsive to the site in placement and scale, becoming as compact or vast as necessary. Likewise your building programme can range from diverse to singular - refining the programmatic requirements below to a more relevant and contextual response.

Process components and by products

- Manual visual montage - a “first-impression” touchstone collecting your initial observations. Blog - To document and reflect on each step in the process.
- Films and photographs - Critically focussed and annotated where needed.
- Theoretical writing - A realtime journal of thoughts, reflections, intentions and critique.

Design requirements

- Your design scheme must deal with the site as a considered extent – address the idea of edges and separation, connectivity, sub-urban amenity, etc. The architectural programme should incorporate;
- A museum and archive (information point)
- A communal gathering space
- A NEW PUBLIC function A route
- A café
- A trade fringe
- The building footprint must not exceed 300m2 in total, you may stack vertically up to a maximum of 3 storeys.

CONTEXT

Students must select one of the following sites to work within.



PROJECT SPECIFIC REQUIREMENTS

- Investigate the social-political history and meaning of the site through intensive, visually driven architecturally focused mapping.
- Document observations and distill data into visual communication of findings.
- Translate observations into workable concepts and tools for design.
- Through identifying and analyzing design generating information begin conceptual design.
- Develop a consistent visual language (brand/identity) for the project that will be used for the blog and final presentation boards.
- Design a building – an expression of history, meaning and comment. A conversation with context, community and user – cultural, infrastructural, social, public and personal.
- Develop a critique of “urban-enclaving” and communicate this through architectural response.

DESIGN TOOLKIT

- Through your own analysis of the brief you should extract a series of words (in addition to the following) as themes for analysis and design drivers.
- Exclusivity conscience community meaning awareness simulacrum patterns the everyday ordinary catalytic

RECOMMENDED READING

Bremner. Writing the City into Being: Essays on Johannesburg 1998-2008

Jimenez Lai. Citizens of No Place: An Architectural Graphic Novel. 2012

Bacon E. Design of Cities (1976) Penguin

Jacobs J. The Death and Life of Great American Cities. New York: Random House. 1993 [1961]

PRESCRIBED READING

RENEGOTIATING SPACE: Arts on Main, 44 Stanley + Johannesburg by D Bahmann and J Frenkel

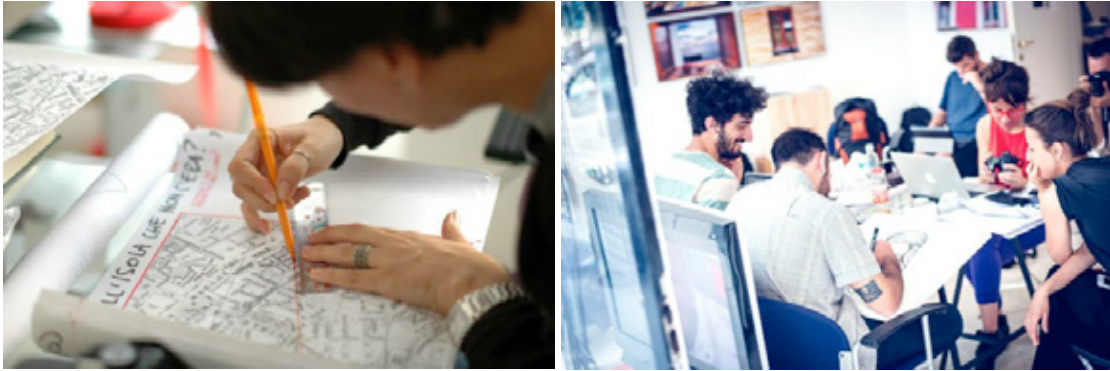
BRAAMOPOLY: People’s Place in the World Class City. The case of Braamfontein’s Inner city Regeneration Project by Laura Burocco.

APÊNDICE D- Dipartimento di Architettura e Studi Urbani DASTU, Politecnico Milano | Isola
Pepe Verde – EMERGENZE, Isola Art Center, Milano 2015



DASTU - Utilizzando il momento della realizzazione della Fiera Internazionale EXPO2015 mi interessa osservare le trasformazioni urbane in corso nella città di Milano durante il processo preparatorio e la realizzazione della EXPO2015 [Maggio|Ottobre 2015], particolarmente nel quartiere Isola, cui trasformazione / gentrificazione risale agli anni '70 quando il quartiere cominciò a perdere le sue caratteristiche di quartiere di classe operaia. Sono interessata a analizzare come e se tale megaevento abbia influenzato/accelerato processi preesistenti nel quartiere. Sono aperta a possibilità d'interazione o collaborazione con progetti in corso nel dipartimento che lavorino su temi legati a megaeventi e trasformazioni del tessuto urbano, sia da un punto di vista fisico territoriale che socio economico. Il mio ambito di ricerca riguarda la rigenerazione urbana come un elemento di controllo e di ordine dell'utilizzo dello spazio urbano così come di trasformazione delle abitudini quotidiane dei residenti in città o in aree soggette a ingenti cambiamenti strutturali dovuti a megaeventi. È di mio interesse il fenomeno di "beautification" delle città e di trasformazione al fine di renderle competitive dal punto di vista creativo; quindi la capacità di attrarre la classe creativa e le implicazioni dovute al cambiamento del mercato de lavoro e conseguentemente ai modelli di consumo di queste città.

ISOLA ART CENTER | EMERGENZE

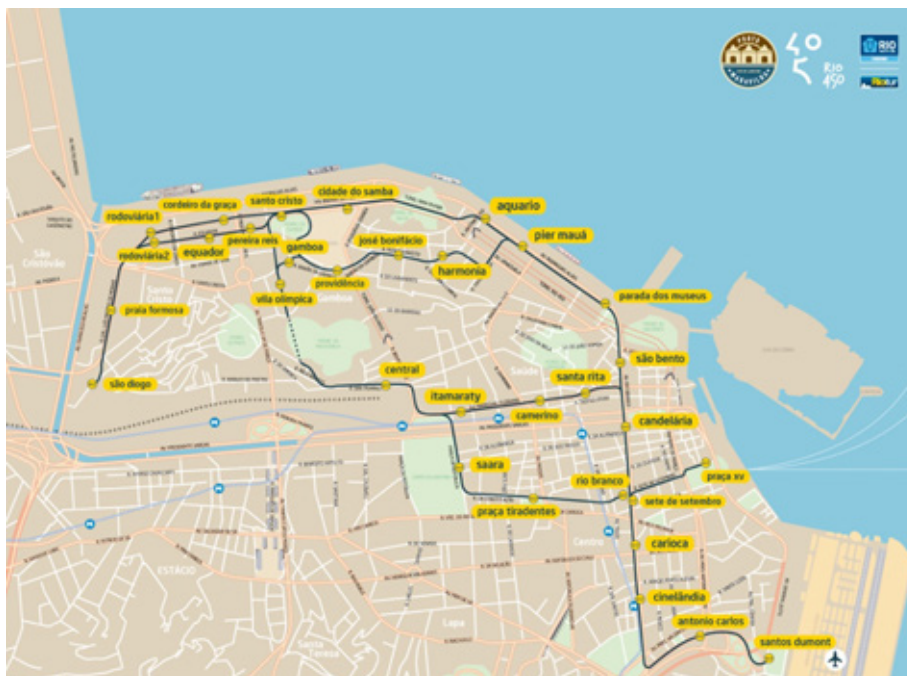


PIANO TERRA | Ira-C Social



APÊNDICE E | PROJETO DE MAPEAMENTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO DO VLT
(VEICULO LENTO SOBRE TRILHOS)

<https://capacetando.wordpress.com/2016/01/31/veiculo-leve-sobre-trilhos/>



Capacetando – Rio de Janeiro, Janeiro 2016 | Dias: 12-13-14-15 Janeiro 2016

Duração de 16 – 19 hs

Projeto de mapeamento fotografico do percurso do VLT (Veiculo Leve Sobre Trilhos) previsto para ser inaugurado em Abril 2016.

Metodologia: Foram divididos 4 trechos por 4 dias. Maquina(s) Canon + Lomo + ? Telefone Cellular

Primeiro dia grupo de 3 pessoas [Cinelândia. Santos Dumont. Rio Branco. Praça XV]

Segundo dia grupo de 3 pessoas [Marechal Floriano. Rio Branco. Tiradentes. Presidente Vargas]

Terço dia grupo de 3 pessoas [Central. Vila Olímpica. Gamboa. Harmonia. Praça Mauá]

Quarto dia grupo de 2 pessoas [Central. Vila Olímpica. Rodoviária. Santo Cristo. Harmonia]

Primeiro Dia 12 Janeiro 2016
[Cinelandia, Santos Dumont, Rio Branco, Praça XV]
Participantes: Emilia Estrada, Foteini Foteiki
Maquina Canon + Telefone Cellular



Circulação

Bens Publicos – Biblioteca Nacional

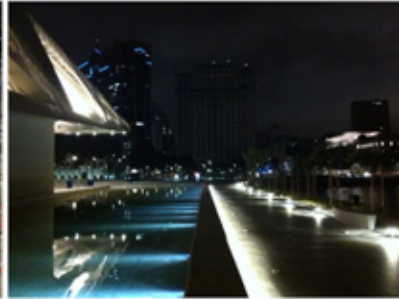


Segundo dia 13 Janeiro 2016
[Marechal Floriano. Rio Branco. Tiradentes. Presidente Vargas]
Participantes: Emilia Estrada, Foteini Foteiki, Amanda Costa
Maquina Canon + Telefone Cellular

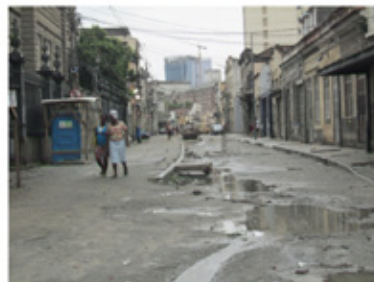


Comercio | Trabalho

Terceiro dia 14 Janeiro 2016
[Central. Vila Olimpica. Gamboa. Harmonia. Praça Maua]
Participantes: Foteini Foteiki, Inês Nin
Camera: Canon + Lomo



vida nua natural - Arrendt



Circulação

Comercio | Moradia



Inequality & The City



Quarto dia 15 Janeiro 2016
Central, Vila Olimpica, Rodoviaria, Santo Cristo, Harmonia
Participantes: Miriane Peregrino
Camera: Canon + Telefone Cellular



Armazens das Escolas do Carnaval



Condições Trabalhistas

As Veias Abertas da América Latina – Galeano



APÊNDICE F – SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIDADE EM TRANSE
MUSEU DE ARTE MODERNA MAM RIO DE JANEIRO, ABRIL 2016



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro
Av Infante Dom Henrique 85
Parque do Flamengo
mamrio.org.br
facebook/museudeartemodernarj
twitter/mam_rio
instagram.com/euvocecomam
youtube.com/mamriodejaneiro

Mantenedores
Petrobras
Bradesco Seguros
Light
Organização Techint

Parceiros
Bolsa de Arte do Rio de Janeiro
Credit Suisse Hedging-Griffo
IP Capital Partners
Revista Piauí
Salta Elevadores

Lei de Incentivo à Cultura
Ministério da Cultura

foto Luiz Baltar

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro
Superintendência de Museus convidam
para o Seminário Internacional

cidade em transe

6 e 7 de abril de 2016, 14h

organização **Laura Burocco**
participação **Álvaro Ferreira, Beatriz Lemos,
Brigida Campbell, Claudio de Paula Honorato,
Coletivo Projetação/Ernesto Fuentes Brito,
Evelyn Parente, ICONOCLASISTAS/Pablo Ares,
Guga Ferraz, Mario Band's, Mauricio Hora,
Pedro Victor Brandão, Raphael Soifer,
Stanley Vinicius**

inscrições e informações T 98526 3801
consulte programação completa
mamrio.org.br | facebook/museudeartemodernarj

patrocínio



**Seminário Internacional Cidade em Transe Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM-RIO 6 e
7 de Abril (das 14 às 18h) Salão de exposições 2.3**

Perspectivas desafiadoras sobre a questão urbana, para além da esfera acadêmica, têm surgido nos últimos anos em trabalhos de numerosos artistas. Essas práticas, que acabam se envolvendo na concepção e na espacialidade da vida urbana, criam um diálogo entre o material e o imaterial, o objetivo e o subjetivo, o sujeito e o objeto, as ideologias e as representações, procurando formas diferentes de comunicar a experiência urbana. Milton Santos afirma:

*O espaço representa uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam.
(A natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 1996).*

O seminário Cidade em Transe pretende situar o tema da cidade, sempre mais presente no nosso dia a dia, em plano teórico assim como apresentar diferentes “diálogos” estabelecidos por alguns artistas em diferentes cidades onde tiveram ocasião de trabalhar, com uma atenção especial à cidade do Rio de Janeiro.

A partir do entendimento do espaço que incorpora o quadro físico, e também o mental e o social, os trabalhos apresentam as próprias práticas de ocupação. Nesse sentido, interessa revelar a mútua interferência entre a cidade e o artista; o trabalho e o espectador; entre a realidade e sua representação.

Laura Burocco

PROGRAMA

Quarta 06 de Abril - CIDADE MUNDO

14h - 14h20 – Mesa de abertura

Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand – Presidente do MAM-RIO

Mariana Várzea – Superintendente de Museus – Secretaria de Estado de Cultura – SEC-RJ

Elizabeth Catoia Varela – Curadora do Departamento de Documentação e Pesquisa do MAM-RIO –
lançamento do livro “Trajetória: cursos e eventos MAM Rio”

Luiz Pizarro – Artista plástico e curador de Educação do MAM-RIO

14h20 - 16h – MESA 1 – O território da cidade: um convite à ação

14h20 – 14h40 – A cidade e suas transformações: Produção alienadora e indícios de insurgência

Álvaro Ferreira

14h40 - 15h20 – Mapeamento coletivo: o uso de dispositivos gráficos para ativação de práticas
colaborativas e relatos críticos sobre os territórios, ICONOCLASISTAS / Pablo Ares

15h20- 16h – DEBATE

16 - 16h30 – Intervalo

16h30 - 18h – MESA 2 – Diálogos entre Espaços Outros

16h30 – 16h50 – A garantia de direitos das pessoas em situação de rua, Evelyn Parente / Secretaria do
Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro

16h50 - 17h10 – Cidade e estéticas marginais Stanley Vinicius

17h10 - 17h30 – Apologia à bagunça: Rastros de contramemória na metrópole especulada, Raphael

Soifer

17h30 - 18h – DEBATE

Quinta 7 de Abril - CIDADE RIO

14h - 16h – MESA 1 – Práticas de Ocupação da Cidade

14h - 14h20 – Arte e esfera pública. Arte como gatilho sensível para a produção de novos imaginários, Brigida Campbell

14h20 - 14h35 – Projeto Pedregulho: uma experiência de residência, Beatriz Lemos

14h35 - 14h50 – O projetor como ferramenta de ação direta, Coletivo Projetação / Ernesto Fuentes Brito

14h50 - 15h05 – Imagem e desvios na paisagem, Pedro Víctor Brandão

15h05 - 15h20 – Arte intervenção, suportes inusitados, diálogo com equipamentos urbanos e a gentrificação do grafite, Mario Band's

15h20 - 16h – DEBATE

16h10 - 16h40 – Intervalo

16h40 - 18h15 – MESA 2 – Entre realidade e representação: a região portuária do Rio de Janeiro

16h40 - 17h – História, memória, patrimônio, escravidão e reparação na pequena África: O caso do cemitério dos Pretos Novos, Claudio de Paula Honorato

17 - 17h15 – Zona Imaginária, Mauricio Hora

17h15 - 17h30 – O Corpo do Processo, Guga Ferraz

17h30 – 18h - DEBATE

18h - 18h15 - Encerramento, Fernando Cocchiarale

APÊNDICE G - CREATIVE CONTROL ROUND TABLE

JUNE 2016, JOHANNESBURG

“To challenge institutions, we need to look outside of them.” -Isaac Kaplan

Dear ALL,

I would like to invite you to be part of a conversation amongst artists living in Johannesburg. I imagine this to be an informal setting, with people having a drink at a table whilst chatting around the topic that I will introduce in this following short text.

The conversation will take place on the 26th of May, 2016 at 18h30 at ROOM GALLERY

23 Voorhout Street, (Cnr 4th Street) New Doornfontein.

I will briefly explain my Trilogy Project and introduce the aim of the talk, which is to invite artists to question their role and their actions in the urban space with which they interact through their works.

The city of Johannesburg is taking on a new fresh position as a popular destination for travel from around the World. In December 2015, an article in GQ Magazine titled [“Get Yourself To Johannesburg, New Cool Capital Of The Southern Hemisphere”](#) describes Joburg as the best place to go south of the equator. Obviously the article has a partial look to the city but the fact that Johannesburg is intensively busy changing its imaginary in the last few years is undeniable. There exists a trend to invest in creativity, culture and art as a way to recover or re-launch the cities in the Global South from a certain decline.

Who are the motors of this trend?

John Howkins first published his ideas on creativity and innovation in his book ‘The Creative Economy’ in 2001 when he realized that Britain makes more money from music than from its car industry. In an interview he declares, “The Creative Economy is not about information and the information society. It is about more basic matters, what we humans want and what we are good at. Managing creative people will be fundamental to business success in the next century.”

The link between creative economy and creative city has been reinforced over the years. To push creative economy it is necessary to invest in the creation of a proper environment for this economy to be able to grow. Since it becomes more and more common for cities to be managed as “private factories”, representatives from public bodies, together with private developers, have started to look at creativity and culture as an area to invest.

Depending on the city we are talking about funds addressed to creativity might be driven by municipal or state interventions, using public funds on culture and arts (not so often); private investment through the intervention of some big investors who instrumentalize the power of art and culture to change the urban environment (more often); Public Private Partnership PPP which mix public and private intentions and funds (often); or - especially in Africa - cultural institutions (mainly foreigners).

But watching the topic from a more internal point of view, as a creative class that also creates cognitive capital, it is important to questioning our own position. All these agents depend on the work of artists and creative to develop the creative economy and the creative city they envision. It becomes

crucial to think of what it means to state: “Managing creative people will be fundamental to business success in the next century.”

Collaboration among cultural institutions, artists, urban planners, developers and investors in creating a new territory is a relatively common practice worldwide. These interventions deal with different levels of problems. It is not just the realization of the classic gentrification model, where the community of artists are – unhappily - the cause of physical removal of low-income people. It goes more deeply to how cultural policies, and in particular public art, intersects with the processes of urban restructuring and how these are not only contributors, but also antidotes to the conflict that typically surrounds the restructuring of urban space. It engages deeply with the meaning of participation in performance within deprived spaces and communities; with the understanding of reasons that inform the decision for artists to intervene in these spaces. It questions the reason why public art can be perceived as an aspect of cultural domination and become critical to the successful development of inclusion, or at least denounce itself.

In recent years it is always more common to have challenging perspectives on the urban question coming from the work of artists and cultural practitioners. But they “seem to be concerned less with representing political issues than with intervening in urban spaces so as to question, re-function and contest prevailing norms and ideologies, and to create new meanings, experiences, understandings, relationships and situations” (Pinder)

Finally it is important to challenge the idea that art and art institutions have been used or are already complicit (wittingly or unwittingly) in the renegotiation of urban meaning for elites and in the redefinition of urban identity spaces. As Martha Rosler says “Liberals are happy to celebrate artists, or even better, “creative” – that amorphous group of brewers, bakers, urban farmers, and baristas – as long as their festivals and celebrations can be sponsored by banks, corporations, and foundations and their efforts civically branded. Architectural institutes hold meetings and publish newsletters touting “liveable” cities. Art institutions benefit from the attention of governmental agencies and foundations, but the costs are also worth considering.”

Coming back to Joburg, in an article titled [The Art of Public Space](#), book review of “The Art of Public Space: Curating and Re-imagining the Ephemeral City (Palgrave Macmillan) by Kim Gurney, Loyd Gedye quotes Molemo Moiloa who said:

“The South African art sector needed to explore the extent to which economic forces have captured it. To claim that public art is available to all is to deny the elitism of the practice and to deny the fact that artists are complicit in this vision of a world-class African city, referring to a line that is all too often hauled out by city officials in describing ambitions for South Africa’s largest city.”

Even if “This is not the picture of ourselves that most of us artists, curators, critics, wish to recognize. Artists tend to want to lend themselves and their energy and abilities to social betterment and utopian dreaming, but not necessarily as participants within the sanctioned institutionalized frames” (Rosler)

The intention of this talk is to questioning what we all actually do.

Art can be an urban activator, but it also can be used as an embourgeoisement device of control for cities. In a city such as Johannesburg, which deals with the urgency of repairing social and spatial

historical injustice on a daily basis, the issue on creativity makes clear that we are talking about forms of life, aspirations, decisions and power. It may offer the possibility of understanding an expanded field of creative practices that not only look at art as an object but – in a decolonial intention - as an important tool of resistance to the homogenization and pacification of the urban experience imposed by the capitalistic model around the globalized world.

I would like to invite you to engage with me and the other participants that I've invited (amongst which there are artists, thinkers, academics that live in Johannesburg, and most of whom I define as friends), in an informal talk on these issues.

The talk will be audio recorded and it will become part of the collected data during my Phd field work in Joburg/May 2016. Elements of the recordings may be used for my project The Gentrification Trilogy, conducted around Johannesburg, Milan, and Rio de Janeiro.

References:

- BOJANA CVEJIĆ AND MARKO KOSTANIC (eds) Art And The Public Good, Tkh Journal for Performing Arts Theory No. 20, Printing: Akademija, Belgrade, June 2012;
- DAVID PINDER, Urban Interventions: Art, Politics and Pedagogy International Journal of Urban and Regional Research, Volume 32, Issue 3, pages 730–736, September 2008;
- DONNA GHELFI, Understanding the Engine of Creativity in a Creative Economy: An Interview with John Howkins, available online <http://www.artsmanagement.net/>
- GERALD RAUNIG, GENE RAY AND ULF WUGGENIG (eds) - Critique of Creativity: Precarity, Subjectivity and Resistance in the 'Creative Industries' , Mayflybooks, London, 2011;
- ISAAC KAPLAN, The Most Relevant Art Today Is Taking Place Outside the Art World, Artsynet, December 2015, available online <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-the-most-relevant-art-today-is-taking-place-outside-the-art-world>
- JAVIER MONTERO, The Illusion of Choice - Una crítica de la creatividad, available online <http://redessecretas.blogspot.co.za/2014/07/the-illusion-of-choice-una-critica-de.html>;
- JOANNE SHARP, VENDA POLLOCK, RONAN PADDISON, Just Art for a Just City: Public Art and Social Inclusion in Urban Regeneration, Urban Stud May 2005 vol. 42 no. 5-6 1001-1023;
- JOHN HOWKINS, 'The Creative Economy. How people makes Money from ideias' Berkley, 2001;
- JOSEPHINE BERRY SLATER & ANTHONY ILES, No Room To Move: Radical Art And The Regenerate City. Mute Books, 2009;
- LOYD GEDYE The Art of Public Space, The Con, September 2015 available online <http://www.theconmag.co.za/2015/09/25/the-art-of-public-space/>
- MARTHA ROSLER, The Artistic Mode of Revolution: From Gentrification to Occupation, e-flux 2012 available online <http://www.e-flux.com/journal/the-artistic-mode-of-revolution-from-gentrification-to-occupation/> ;
- NÉSTOR GARCÍA CANCLINI, Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos;
- NICK CARVELL, Get Yourself To Johannesburg, New Cool Capital Of The Southern Hemisphere, GQ Magazine in December 2015;
- TIQQUN, This is not a program. Los Angeles: Semiotext(e), 2011

APÊNDICE H - ARTE E POLÍTICA RELOADED? O DIREITO À CIDADE
LISBOA, 5-8 DE JUNHO 2016



Conferências, Debates, Performances Filmes, Oficinas

Uma iniciativa do

CRIA-Centro em Rede de Investigação em Antropologia

Com apoio de: Rumo de Fumo/Espaço da Penha*, Fórum Dança*, e Hangar - Centro de Investigação Artística* e Cine Festival Tornado e ainda NaRua-UFF, LISA-USP, ISCTE-IUL, Pátio Ambulante, LeftHandRotation, Stress.fm, e Laboratório de Culturas Visuais CRIA-IUL || Financiamento Fundação para a Ciência e Tecnologia * financiados pelo Ministério da Cultura/DGArtes

Oficina #3 – Como fazer junto? Auto-organização e dissidências criativas

O debate busca abordar o papel de intervenções de arte pública em processos de renovação urbana, assim como a forma como artistas e instituições de cultura e de arte (públicas e privadas), interagem dentro de processos de renovação urbana, objetivando-se definir o papel das instituições culturais e do artista nestes processos.

Proponente: Laura Burocco (estudos urbanos, ECO/UFRJ e LabTec)
<http://www.escavador.com/sobre/586437/laura-burocco>

Participantes: Alex Frechette (artista plástico, ativista) <http://coletivocarranca.cc/author/alex/> Ana Bigotte Vieira (historiadora, dramaturgista, JSF, Baldio) <https://unl-pt.academia.edu/AnaBigotteVieira> António B. Guterres (sociólogo, ativista, Stress.Fm) <https://iscte.academia.edu/AntónioBritoGuterres> Bruno Caracol (ativista, artista visual) <https://caracol.carbonmade.com/about> Colectivo LeftHandRotation <http://lefthandrotation.blogspot.pt/> Colectivo Pátio Ambulante <http://patioambulante.pt/> ColectivoHabita <http://www.habita.info/> Festival Condomínio <https://condominiofestival.wordpress.com/>

Convite:

A colaboração entre instituições culturais, artistas, urbanistas, e investidores particulares na criação de um novo território é uma prática relativamente comum em todo o mundo. Estas intervenções

lidam com diferentes questões. Trata-se não apenas do modelo clássico de gentrificação, onde a comunidade de artistas são a causa da remoção física de pessoas de baixa renda.

Atinge-se mais profundamente as formas como as políticas culturais, e em particular a arte pública, cruza-se com os processos de reestruturação urbana e de como se tornam não apenas colaboradores, mas também antidotos para o conflito que normalmente envolve a reestruturação do espaço urbano.

Envolve-se profundamente com o significado da participação em performance dentro de territórios e comunidades desfavorecidas; através do entendimento das razões que movem a decisão dos artistas de intervir nestes espaços.

Questiona a razão pela qual arte pública pode ser percebido como um aspecto da dominação cultural e pode se tornar um elemento problemático seja em relação à criação de instrumentos de inclusão, seja em relação à uma suposta função de denúncia.

Em anos recentes é sempre mais comum ter perspectivas desafiadoras sobre a questão urbana proveniente do trabalho de artistas e profissionais da cultura. Mas os artistas "parecem menos preocupados com a representação de questões políticas do que com a intervenção nos espaços urbanos- perdendo assim a oportunidade de questionar, redefinir e contestar a função de normas e ideologias predominantes, para criar novos significados, experiências, entendimentos, relacionamentos e situações" PINDER.

E' importante questionar – desafiar a ideia de que artistas e instituições de arte têm sido usados - ou já são cúmplices (intencionalmente ou não) - na renegociação do significado do espaço urbano e na redefinição da identidade urbana principalmente por parte das elites.

Citando Martha Rosler "Os liberais são felizes de celebrar os artistas, ou ainda melhor," os criativo " esse grupo amorfo de cervejeiros, padeiros, agricultores urbanos e baristas - desde que suas festas e celebrações podem ser patrocinadas por bancos, empresas e fundações e os seus esforços possam ser civicamente publicitados- branded. Institutos de arquitetura realizam reuniões e publicam boletins divulgando cidades "habitáveis". Instituições de arte beneficiam da atenção dos órgãos governamentais e das fundações, mas os custos são também vale a pena considerar. "

Sempre Rosler "Esta não é a imagem que a maioria de nós artistas, curadores, críticos, deseja reconhecer. MAS Artistas tendem a CONCORDAR EM SE EMPRESTAR eles mesmos, emprestar AS próprias energia e habilidades para UMA melhoria social, UM sonho utópico, mas SEM necessariamente SE COLOCAR como participantes dentro dos quadros institucionalizados sancionados".

A intenção desta palestra é questionar o que todos nós realmente fazemos.

A arte pode ser um ativador urbano, mas também pode ser utilizado como um dispositivo de EMBOURGUESIMENTO - e de controle urbano.

A questão sobre a criatividade deixa claro que estamos falando de formas de vida, aspirações, decisões e poder. Pode oferecer a possibilidade de compreender um campo expandido de práticas criativas que não olham à arte EXCLUSIVAMENTE como um objeto, mas - em uma intenção descolonizadora - como uma importante ferramenta de resistência à homogeneização e pacificação da experiência urbana imposta pelo modelo capitalista em torno do mundo globalizado.

Milton Santos afirma

“ O espaço representa uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à

ação; um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam
” A Natureza do Espaço, 1996

A partir do entendimento do espaço que incorpora o quadro físico, mas também o mental e o social, as formas que os nossos trabalhos tomam mostram as nossas próprias práticas de ocupação.

Neste sentido interessa se relevar a mutua interferência entre a cidade e o artista, o trabalho e o espectador, entre a realidade e a representação dela.



APÊNDICE I – O CIRCUITO FUTURÍSTICO E ESPECULATIVO DO DESRESPEITO
DA HERANÇA AFRICANA, DO ESQUECIMENTO URBANO E DO APODRECIMENTO
DA SOCIEDADE

<https://circuitofuturistico.tumblr.com/>

O Circuito Futurístico e Especulativo do Desrespeito da Herança Africana, do Esquecimento Urbano e do Apodrecimento da Sociedade foi pensado a partir do Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana desenhado pela Prefeitura do Rio de Janeiro. (Foto 1)



O objetivo foi denunciar como o interesse da Prefeitura – e dos seus investidores privados – em fazer desaparecer um passado assombroso, ligado à história da escravidão no Brasil, atende à venda de um produto (a cidade e, em específico, o Porto Maravilha) apresentado como um espetáculo de enorme positividade, indiscutível e intocável. O percurso deu visibilidade a lugares que, apesar do grande valor na história e identidade africana da região, foram esquecidos (ou voluntariamente omitidos). Também quis evidenciar a existência – dentro do Circuito oficial – de lugares que, apesar de não ter valor e desrespeitarem a história africana, foram impostos pela Prefeitura. Para cada “estação” foram convidados representantes de associações culturais tradicionais da região – os Afoxé Filhos de Gandhi e o Instituto Pretos Novos – junto a um representante do movimento de luta pela moradia atualmente envolvido no reconhecimento de um projeto de moradia popular localizado na região, o Quilombo da Gamboa. Saindo da hiper-celebrada Praça Mauá, na tarde de um sábado de outubro 2016 cerca de trinta pessoas se deslocaram através da Rua Venezuela, passando pela ex-ocupação Zumbi dos Palmares, o Galpão Ação Cidadania, o Jardim do Valongo para concluir, o Galpão da Gamboa. (Foto 2)



Rio de Janeiro, Ex Ocupação Zumbi dos Palmares, Av. Venezuela, 53, Outubro 2016. Foto Daniel Santos

Cada estação levanta uma questão: a praça Mauá vem representando a revitalização e o desastre “museificado” do capitalismo especulativo/ espetacular carioca; a ex Zumbi dos Palmares evoca o tema da moradia e da desapropriação da dignidade das pessoas que originariamente ocupavam o porto; o galpão da Ação Cidadania mostra a falta de um verdadeiro compromisso com a memória e a identidade; no Jardim do Valongo há e denuncia à imposição por parte da Prefeitura de um espaço que, além de não ter ligações com a herança africana da região, marca uma linha de continuidade com um processo civilizatório higienista que começou com Pereira Passos no início do século XX e que encontra a sua continuidade durante o mandato do ex-prefeito Eduardo Paes (2004-2016). O Circuito se encerra no Galpão da Gamboa apontando a pergunta sobre o destino dos achados das escavações; seja pelo valor histórico-cultural seja pelo valor econômico; repropõe a pergunta que já tinha sido levantada em relação as vigas do elevador da Perimetral que, em 2013, misteriosamente sumiram. Em cada estação tivemos uma longa pausa, abrindo conversas nos temas citados acima, a partir da fala espontânea de todos os presentes. A caminhada acabou no Bar do Seu Candinho, cuja sobrevivência é gravemente ameaçada (fisicamente e emocionalmente) por causa das obras da revitalização. Algo de comum no rastro das assim chamadas obras de revitalização. (Foto 3)



Bar do Seu Candinho, Rua Pedro Ernesto 43, Gamboa - Rio de Janeiro, Outubro 2016. Foto Laura Burroci

Mas quais são as problemáticas que a proposta entende levantar?

O Rio de Janeiro, em particular o perímetro do Porto do Rio definido pela Operação Urbana Porto Maravilha, esta passando por um intenso processo de transformação urbana. Surge o alcance de um

“patamar global” feito de modernidade e desenvolvimento (leia-se acesso ao consumo e melhoria dos indexes de produção) às custas de outros, que sofrem esquecimento e negação.

A Praça Mauá torna-se o símbolo não apenas do Porto Maravilha, mas da perpetuação de desigualdade e especulação econômica da cidade olímpica. A criação em 2009 da Operação Urbana Consorciada do projeto Porto Maravilha, maior parceria público-privada (PPP) do país, marcou o fim de uma proposta de transformação da região com foco na participação social e moradia popular que vinha sendo discutida a seis anos pelo Ministério das Cidades junto a um grupo de trabalho local. Pelo contrário, a operação mantém o regime fundiário já existente mudando apenas a propriedade da terra que passa da União para a Prefeitura que, por sua vez, contrata a Concessionária Porto Novo (37.5% OAS, 37.5% Odebrecht, 25% Carioca Christian Nielsen) para fazer a incorporação imobiliária (e a própria especulação econômica). Em troca de Certificados do Potencial Adicional de Construção, os CEPACS, que autorizam a construção além dos limites definidos pelo zoneamento da cidade, a Caixa Econômica Federal – através do uso do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço FGTS (ou seja, fundos públicos) - assumiu todos os gastos da PPP. A intenção é aumentar a moradia na área, mas é evidente que o Porto Maravilha não tem um foco em habitação social, mas é num modelo rentável para o mercado imobiliário privado que essa operação garante o seu lugar mais estável. Na obrigação de incluir um Plano Habitacional de Interesse Social (PHIS Porto) o mesmo teve pouca divulgação e o processo de elaboração foi conduzido de forma rápida e pouco transparente. O resultado é um plano que ignora a presença de cerca de mil pessoas que vivem nos cortiços da região, com graves lacunas na identificação de potenciais por moradia social e falta de utilização para habitação popular de parte dos imóveis públicos existentes na área. Também inexistem dados numéricos que não apenas enumerem o percentual de moradia social, tampouco que considerem a demanda atual ou futura, e muito menos o percentual dos recursos financeiros da operação destinados a este uso. Denuncia-se, assim, um retrocesso em relação às antigas propostas de aproveitamento do estoque habitacional existente no centro e um alto potencial de aumento da desigualdade sócio-espacial existente. Escolhemos como exemplo deste retrocesso a ex-ocupação Zumbi dos Palmares, localizada atrás do Muser de Arte do Rio (MAR), na avenida Venezuela. O prédio de propriedade do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) ficou desde os anos 70 em estado de abandono. Foi ocupado em 2005 e garantiu, até o seu despejo forçado em 2009, um mais simples acesso ao emprego, comércio e escolas para as moradoras e moradores da ocupação. Desde 2009 nada foi feito e voltou a encontrar-se em estado de abandono. O mesmo aconteceu com a ocupação Quilombo das Guerreiras, localizada perto da Rodoviária Novo Rio; cujo moradores foram despejados em 2014 e continuam na espera de um novo imóvel (o projeto Quilombo da Gamboa) onde podem ser realocados enquanto o prédio esta caindo em ruínas.

Analisando o processo de gentrificação como um processo visual capaz de encher a paisagem de significados simbólicos, temos no caso carioca a praça Mauá, onde se encontram o MAR, com os seus muros transparentes que separam o museu da rua; e o Museu do Amanhã, com o seu candor. Estes dois empreendimentos culturais tornam clara a existência de um conflito de raças e classes em relação ao pertencimento do território do porto. Este espaço higienizado e pacificado tem um papel central na operação de venda de um ambiente de aparente efervescência cultural e modernidade, o Porto Maravilha (originalmente “Porto Mar e Villa”, contrastante com a paisagem originária, semi-abandonada, ligada a economia portuária e a identidade negra que, junto com este tecido sócio-econômico, vem se apagando na medida que as manifestações culturais e religiosas que a região guarda consigo tornam-se atrativo turístico. A Prefeitura Olímpica, não satisfeita com a especulação imobiliária, direciona o próprio interesse mercadológico para a cultura e identidade negra: explica-se assim a criação do Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana, cuja celebração vem se definindo em acordo com os interesses econômicos da cidade. As razões que levam a duvidar

sobre o genuíno interesse da Prefeitura em valorizar e prestigiar este importante componente da cultura e da identidade local podem ser vistos nas formas paternalística dela de tratar as instituições mais tradicionais da região. Aproveitando do estado de necessidade econômica delas – e fazendo uso de relações de poder desequilibrado – se impõem práticas que satisfazem os interesses da prefeitura muito mais do que àqueles que vivem as pequenas realidades originárias do local. O Instituto Pretos Novos e o Centro Cultural José Bonifácio, o Afoxé Filhos de Gandhi, a Casa da Tia Ciata podem ser trazidos como exemplo: eles recebem um apoio irrisório comparado com o investimento dado aos dois Museus. A Tia Ciata recebeu como própria sede os ex-banheiros públicos do Jardim Suspenso do Valongo: uma forma questionável de prestigiar uma das referências mais importantes da cultura afro da região. O Instituto Pretos Novos e o Centro Cultural José Bonifácio estão há anos prejudicados nas próprias atividades pelas formas bárbaras que as obras do VLT estão sendo conduzidas. O Centro Cultural, depois de ter sido reformado, encontra-se quase inoperante; o IPN recebe um repasse para realizar as próprias atividades que, quando atraem um público maior, são hospedadas no MAR. Em vez que empoderar estes espaços através do reforço das atividades, as mesmas são levadas para o museu para legitimar a presença dessas novas instituições. Por último, precisa-se lembrar que o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã – ambos administrados pela Fundação Roberto Marinho com financiamento público – começaram a ser construídos no mesmo período da redescoberta do Cais do Valongo e já estão em pleno funcionamento enquanto os milhares de objetos de matriz africana encontrados nas obras de escavação ainda não estão disponíveis ao público. Apesar do movimento negro há tempo indicar o galpão da Ação Cidadania como sede do Memorial da Diáspora Africana – o galpão foi construído por André Rebouças, engenheiro e negro, em 1871 – a prefeitura alega de não ter dinheiro. Porém não faltou dinheiro pela recuperação do Jardim Suspenso do Valongo. De fato, as únicas importantes intervenções da Prefeitura foram: as obras de recuperação do Cais do Valongo e do Cais da Imperatriz; e a reforma do Jardim Suspenso do Valongo. Os dois Cais foram transformados num mirante turístico, com pequenas placas informativas que atribuem pouca ênfase ao fato que “ao se construir o Cais da Imperatriz sobre o Cais do Valongo, os escravos foram esquecidos e – mais que isso – foram deliberadamente apagados em um processo de superposição e de oposição fortemente simbólicos”. O Porto Maravilha do Eduardo Paes completa o que foi começado por Pereira Passos aplicando uma terceira camada de esquecimento em cima da história da região. O Jardim Suspenso do Valongo, por sua vez, foi erroneamente incluído nas comemorações da herança africana. Inaugurado por Pereira Passos em 1906, no último ano de seu mandato, na parte mais baixa do morro da Conceição, a cerca de cem metros do antigo cais, o Jardim Suspenso do Valongo – assim como reportado pela historiadora Martha Abreu num artigo de Rogerio Daflon pela *Publica*²⁴⁴ – “foi algo feito sob inspiração europeia justamente para ajudar a ocultar a importância do Cais do Valongo. Isso deveria ser explicado ao visitante”. Assim deveria ser explicado ao visitante o que o Porto Maravilha está ocultando. Para concluir, falando sobre ocultamento, vale a pena lembrar que as obras nestes dois sítios arqueológicos levantam perguntas que não encontram respostas. Aonde estão sendo guardados e em quais cuidados sem encontram os achados arqueológicos das escavações? Num artigo anteriormente citado, Mãe Celina de Xangô, presidente do Centro Cultural Pequena África, questiona: “A coleta desses artigos foi feita em 2011 e cinco anos depois ninguém sabe como e onde eles ficarão”. Segundo a opinião pública os achados estão guardados no Galpão da Gamboa, e menos informações ainda se tem sobre o acervo da biblioteca especializada em temáticas africanas e afro-brasileiras do Centro Cultural José Bonifácio. Segundo a assessoria de imprensa da prefeitura, os achados arqueológicos já foram todos catalogados e estão embalados em contêineres (sobre o acervo ninguém responde), todavia não existe nenhuma proposta de criação de um espaço que possa reunir estas peças e atribuir a elas a importância (e o respeito) que elas merecem. (Foto 3)

²⁴⁴ Daflon, R., 2016 O Porto Maravilha è Negro. Disponível em <http://apublica.org/2016/07/o-porto-maravilha-e-negro/> ;



Artigo Disponível em

BUROCCO, L., BRANDÃO P.V., 2017. Herança futurística da Cidade Olímpica, Arquitetismo, volume 11, edição 121 disponível online em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/11.121/6499>, acessado Junho 2017;

APÊNDICE J - CONTROLE CRIATIVO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE AS NOSSAS PRÁTICAS, RIO DE JANEIRO, 2016

Laura Burocco

Resumo: A mesa “Controle criativo: um olhar crítico sobre as nossas práticas” faz parte do projeto “Trilogia da Gentrificação: Johannesburg, Milano, Rio de Janeiro” que desenvolvo paralelamente e complementarmente ao meu doutorado. Artistas e operadores da área cultural cujo trabalho lide com espaço público e questões urbanas são convidados a discutir o papel deles dentro dos processos que estão transformando o centro das três cidades. O convite do Indisciplina em propor “modos alternativos de construir a realização de um encontro acadêmico” assim como o ponto de partida relativo à “arte frente ao urgente” tornaram-se uma ocasião ideal para questionar o que todos nós fazemos no dia-a-dia dos nossos trabalhos na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: transformações urbanas; práticas artísticas; território; conflito.

Controle Criativo: Um olhar crítico sobre as nossas práticas

Introdução

A colaboração entre instituições culturais, artistas, urbanistas, promotores e investidores privados na criação de um novo território é uma prática relativamente comum em todo o mundo. Estas intervenções lidam com diferentes questões. Trata-se não apenas do modelo clássico de gentrificação, onde a comunidade de artistas é a causa da remoção física de pessoas de baixa renda. Atinge-se mais profundamente as formas como as políticas culturais, em particular a arte pública, cruza-se com os processos de reestruturação urbana e de como se tornam não apenas colaboradores, mas também antídotos para o conflito que normalmente envolvem a reestruturação do espaço urbano. Este artigo aprofunda-se no significado da participação em performance dentro de territórios e comunidades desfavorecidas; através do entendimento das razões que movem a decisão dos artistas de intervir nestes espaços. Há também o questionamento da razão pela qual arte pública pode ser percebida como um aspecto da dominação cultural e pode se tornar um elemento problemático seja em relação à criação de instrumentos de inclusão, seja em relação a uma suposta função de denúncia. Em anos recentes é sempre mais comum ter perspectivas desafiadoras sobre a questão urbana proveniente do trabalho de artistas e profissionais da cultura.

"Mas os artistas parecem menos preocupados com a representação de questões políticas do que com a intervenção nos espaços urbanos- perdendo assim a oportunidade de questionar, redefinir e contestar a função de normas e ideologias predominantes, para criar novos significados, experiências, entendimentos, relacionamentos e situações" (Pinder, em tradução livre)

É importante questionar a ideia de que artistas e instituições de arte têm sido usados – ou já são cúmplices (intencionalmente ou não) – na renegociação do significado do espaço urbano e na redefinição da identidade urbana principalmente por parte das elites.

Citando Martha Rosler:

"Os liberais são felizes de celebrar os artistas, ou ainda melhor, "os criativos" esse grupo amorfo deERVEJEIROS, padeiros, agricultores urbanos e barristas – desde que suas festas e celebrações podem ser patrocinadas por bancos, empresas e fundações e os seus esforços possam ser civicamente publicitados – branded. Institutos de arquitetura realizam reuniões e publicam boletins divulgando cidades "habitáveis". Instituições de arte beneficiam da atenção dos órgãos governamentais e das fundações, mas vale a pena também considerar a que custos." [...] "Esta não é a imagem que a maioria de nós artistas, curadores, críticos, deseja reconhecer. mas artistas tendem a concordar em se emprestar eles mesmos, emprestar as próprias energia e habilidades para uma melhoria social, um sonho utópico, mas sem necessariamente se colocar como participantes dentro dos quadros institucionalizados e sancionados "(Rosler – em tradução livre)

A intenção desta mesa é questionar o que todos nós fazemos no dia-a-dia dos nossos trabalhos

Um olhar crítico sobre as nossas práticas

Desde 2013 desenvolvo paralelo ao meu doutorado um projeto chamado A Trilogia da Gentrificação: Johannesburg|Milano|Rio de Janeiro [<https://gentrilogy.wordpress.com/>].

Em cada cidade são propostas ações que estimulem uma posição crítica em relação às transformações urbanas de bairros escolhidos nas três cidades. Uma das ações do projeto que se repete em cada cidade seguindo o mesmo formato é o convite a participar de um debate público – com gravação de áudio – direcionado a artistas e operadores da área cultural cujo trabalho lide com espaço publico e questões urbanas [seja pela localização ou pelo conteúdo].

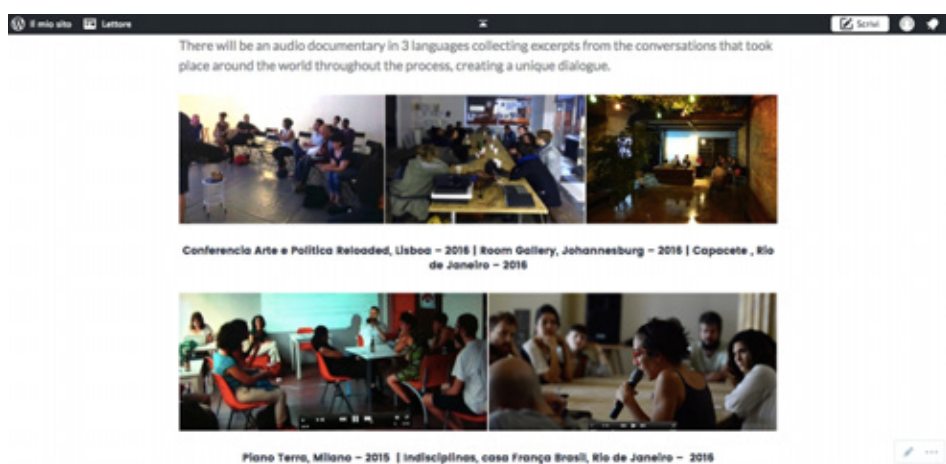


Figura 36 Site do Projeto Trilogia da Gentrificação: Johannesburg|Milano|Rio de Janeiro

O resultado final será um áudio em três línguas – português, inglês e italiano – que relata um debate ao redor do mundo sobre este mesmo tema: o nosso agir como artistas, curadores, acadêmicos, criativos dentro da realidade urbana onde vivemos. Gravações já aconteceram em Johannesburg, Room Gallery (2013-2016); Milano, Piano Terra (2015); Lisboa, Conferencia Arte e Política Reloaded

(2016); Rio de Janeiro, Capacete (2015) e agora Casa França Brasil (2016). Aproveitando do convite do Indisciplinas em

“Experimentarem modos alternativos de construir a realização de um encontro acadêmico, tendo como ponto de partida, por um lado, o tema proposto – Indisciplinas: a arte frente ao urgente – e, por outro, a situação espacial fluida em que essas pesquisas estarão inseridas – a partir da arquitetura da Casa França Brasil.”

Pensei de utilizar o dispositivo “mesa” para propor uma intervenção chamada “Controle criativo : um olhar crítico sobre as nossas praticas” e realizar um destes debates públicos convidando representantes de galerias e ateliês independentes recém-abertos na área do Porto e do Centro da cidade do Rio de Janeiro, assim como uns artistas que trabalham o tema urbano. A intenção foi de discutir o papel deles dentro dos processos urbanos que estão transformando o centro da cidade através da formulação de três perguntas revoltas a cada um dos participantes.

Cada convidado/a à mesa do Indisciplinas tinha uma razão específica que o/a levou a ser convidado/a. Bianca Bernardo, gestora cultural, representou o espaço Saracura, uma galeria de arte aberta recentemente no porto – área da minha pesquisa – na rua Sacadura Cabral, quase um divisor de águas entre a área “revitalizada” do Porto Maravilha e “o resto.” Anton Steenbock²⁴⁵, artista alemão radicado no Rio de Janeiro desde 2012 cujo convite foi feito a partir do trabalho dele chamado “Da Silva Brokers imobiliária fictícia” instalado por seis meses no Shopping Sorocaba em São Paulo, assim como os projetos “Hotel Tropical”, “POP Tower” e “Anexo Parque Lage.” O artista carioca Jeferson Andrade chamou a minha atenção pela posição crítica sobre capitalismo, racismo, colonialismo levantada nos seus trabalhos e o fato de ter sido assistente do artista mexicano José Miguel Casanova na realização do “Congresso dos Irreais, como viver no capitalismo sem dinheiro” que aconteceu no Museu de Arte do Rio MAR²⁴⁶, em julho de 2016. Daniel Murgel²⁴⁷ artista há muito tempo residente no morro da Conceição, área portuária do Rio, foi convidado pensando na recém-aberta, junto com um outro parceiro, do Atelier Sanitário, numa das ruas do porto mais atingidas pelas obras da construção do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), na Rua Pedro Ernesto, onde também se localiza o cemitério dos Pretos Novos e o Centro Cultural José Bonifácio, referências na história e estudos africanos da região chamada de pequena África. Para concluir Antoine Guerreiro do Divino Amor artista franco-brasileiro que teve um dos seus últimos trabalhos, o vídeo “Super Rio” cuja definição dada pelo autor “Super Rio é o gêmeo super-ficcional do Rio de Janeiro; um ecossistema de superfícies que interferem na construção da cidade e do imaginário coletivo”²⁴⁸ e o fato do trabalho ter sido recentemente adquirido pelo acervo do Museu do Arte do Rio MAR²⁴⁹ despertaram a minha atenção.

Diferentemente que nos outros debates, para atender a proposta lançada na convocatória do Indisciplinas de “combater a separação muitas vezes reducionista das pesquisas entre “teoria” e “prática”, estimular o trânsito, o intercâmbio, a fluidez” pensei de acrescentar um componente mais

245

www.antonsteenbock.net

246

O MAR se localiza no Porto Maravilha, minha área de pesquisa

247

<http://dmurgel.blogspot.com.br/>

248

<https://vimeo.com/131345711>

249

Ibidem nota3

performático à forma do debate acontecer: uma ampulheta. Os cinco convidados sentaram-se ao redor da grande mesa retangular de aproximadamente 8x1,6x0,76m, dividindo-a com o público e também comigo, quebrando assim qualquer distância. Na frente de cada convidado tinha um papel com as opções sem S (Sim) no anverso e N (Não) no verso; e na minha frente, uma ampulheta. As perguntas se organizavam de forma dupla: abrindo com uma pergunta fechada (sim/não) que continuava com uma segunda parte de pergunta aberta; a partir desta resposta aberta se virava a ampulheta. Cada pergunta, se repetia da mesma forma a todos os participantes. A resposta podia ter uma duração máxima de um minuto, calculada com o auxílio da ampulheta, com o objetivo de fechar a mesa/performance no tempo total máximo dado de trinta minutos. Não era previsto nenhum tipo de comentário, seja por minha parte que por parte do público ou dos convidados. Para garantir que cada um dos convidados/as passasse pelo efeito surpresa, as perguntas começaram com o convidado na minha frente e se moveram no sentido horário para o segundo convidado, terceiro, quarto, quinto até concluir. A gravação em vídeo foi realizada por Pedro Victor Brandão. Bete Esteves artista e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro introduziu a mesa.



As perguntas foram:

1. Você acha que tem um papel / que o seu trabalho tem um impacto no território onde se propõe agir? S/N
Que papel tem o território [físico/local - contexto/tecido social] no seu trabalho?
2. Você está ciente de que os efeitos [do seu agir / do seu trabalho] no território podem ser independentes - ou até contrários – à sua intenção inicial? S/N
Sente-se preocupado ou desafiado por isso?
3. Você pensa de ser facilitado no seu trabalho pelas transformações urbanas que estão caracterizando o Porto|Centro do Rio? S/N
Como?
4. Você já frequentava o Centro e o Porto do Rio antes de 2010? S/N
Me diga um lugar afetivo que você tem aqui.

Apesar de algumas falhas na forma de dirigir a metodologia – a primeira pergunta se transformou em duas perguntas abertas e inverteu-se a ordem; às vezes o tempo passou um pouco do máximo de um

minuto e por esta razão faltaram os cinco minutos finais programados para serem de comentários livres – as respostas dadas permitiram levantar algumas interessantes observações.

Cada convidado percebe o território através de diferentes camadas: físicas e espaciais (em frente ao morro do Pinto onde nasceu Machado de Assis, em frente ao Morro da Providência umas das primeiras favelas do Rio, do lado do Cemitério dos Pretos Novos) de deslocamento (território é este nosso contexto de deslocamento na cidade; meu lugar favorito na verdade é o deslocamento; fico andando mas não tenho um lugar específico); políticas (recortes de raça, de classe, de gênero; especulação seja economia seja social e subjetiva); de subjetividade e identidade (território como a sua casa ou como a construção de uma identidade). Mas também o território vai além da fisicalidade dele para entrar em uma área mais simbólica (as ficções interferem na construção do território) e midiática, que oferece novas fronteiras para se explorar no trabalho de arte (o território virtual está se abrindo muito e na verdade é um espaço infinito [...]especulação do físico através do virtual e vice-versa).

As diferentes formas dos convidados de lidar com as questões que o meu projeto trata e que obviamente não representaram nenhuma novidade para pessoas experientes no mundo das artes e politicamente comprometidos com o próprio trabalho me intrigaram. De um lado algumas respostas tornam clara a existência de um discurso que já se alimentou de uma série de reflexões e teorias (eu acho que não gostaria de vestir esta roupa de um agenciador social; não é alguma coisa inata, alguma coisa do dom do artista de ter um papel social); outras respostas, sem querer dizer ser levianas, aparecem todavia mais marcadas pelo gesto da criação mais que pelas reflexões que o anteciparam (nem precisou criar uma ficção porque já estava tudo pronto; descobrir um pouco antes dos outros o que está acontecendo dentro da cidade e no mundo; e assim que acho que ele influencia e é influenciado). No final esta é uma das diferenças entre o artista (quero focar em cima do problema e depois o mundo em si vai trabalhar em cima dele; provoque reflexões [...] mas não como uma ação direta no território) e gerenciadores e teóricos das artes e da cultura (eu até tinha forma estratégicas de levantamentos de dados para chegar a conclusão de como esta ação gerou este impacto; criar o meu próprio benefício disto)

Apesar de todos os convidados expressarem uma forte consciência e reconhecimento da importância do território dentro dos próprios trabalhos e práticas (o território dentro do meu trabalho acaba se tornando um espaço de criação política e ativista; o trabalho nasce do território; impossível pensar qualquer processo de criação ou desenvolvimento de um processo em arte e vida sem pensar o território) menos forte aparece a problematização das transformações que nele acontecem (estas obras estão sendo muito boas para o atelier porque é uma profusão de materiais inacreditável; serviu como um campo de observação no meu trabalho; o que eu posso fazer e tenho tentado fazer com as transformações desta área é criar o meu próprio benefício disto).

A pergunta conclusiva sobre o lugar afetivo (apesar de ter evidenciado uma possível distorção no entendimento do significado do adjetivo “afetivo” por mim usada para entender algo que remete ao lado emocional e que parece ter sido ligado mais às memórias da infância pelos convidados) parece transformar a afetividade em uma certa conveniência (estava descobrindo algumas coisas que

ninguém conhecia; ter um espaço de atuação [...] que fosse um espaço aonde tivesse uma conexão extensão e ativismo dentro da nossa formação como artista).

A percepção dada através das respostas dos diferentes níveis de pertencimento ao território chamou a minha atenção (começou com uma análise do território da forma acadêmica; eu vou bastante para lá para ver o que está acontecendo, realmente para estudar esta mudança; fico andando mas não tenho um lugar específico; nos erávamos sempre olhados como os estranhos, os estrangeiros).

Para concluir, eu diria que apesar de os convidados sentirem-se quase em obrigação de atender, cada um da própria forma, a um certo “imperativo social do desempenho”²⁵⁰ (se não, não serviria de nada fazer o trabalho; é inevitável estar em um lugar e não exercer nenhum tipo de influência no entorno e também não ser influenciado por este entorno; a gente está com a missão de informantes sobre estas coisas) na minha opinião um discurso mais poderoso de resistência poderia ser criado. Não é suficiente se assumir (o artista [...] ele tem um papel ambíguo [...] mesmo o próprio corpo do artista ser usado; é importante na verdade ter esta consciência de uma experimentalidade do seu campo de ação e também do seu campo de intenções; eu sou insignificante perto do impacto de outras situações muito maiores; para mim é muito bom apesar que eu acho uma coisa terrível o que está acontecendo) ou de alguma forma legitimamente se justificar (é parte do exercício artístico lidar com esta adversidade) ou distanciar (eu acho que não gostaria de vestir esta roupa de um agenciador social). Assim como já aconteceu nos debates organizados em outras cidades onde o projeto da Trilogia se desenvolve (Milão e Johannesburgo) e em uma roda de conversa que tive possibilidade de organizar em Lisboa, na mesa apresentada no encontro ndisciplinas a análise das perguntas e respostas dos convidados não se distancia muito das anteriores. Parece-me que há uma falha na tomada de posição mais contundente e crítica sobre si mesmo, por isto também a escolha do titulo “Um Olhar Critico Sobre As Nossas Praticas” incluindo as minhas praticas, como por exemplo este projeto que venho desenvolvendo dentro de territórios objetos de graves conflitos sociais. A palavra “conflito” foi pronunciada quatro vezes em vinte e cinco respostas dadas no arco de meia hora. Chega-se a definir de “ocupa” o espaço Saracura que, seja por infraestrutura que para a situação imobiliária, é longe do imaginário e da realidade de um espaço ocupado. Sem querer desmerecer a sua programação, fica difícil para quem conhece o entorno ver a conexão entre o dentro e fora marcado por aquela pequena porta de metal que dá acesso a ele. O espaço, cujo potencial não quer aqui ser negado, dificilmente se conecta com o entorno que – pelo contrário – continua sendo reproduzido da mesma forma (clandestino mais soturno). Em algum momento parece até se reproduzir discursos utilizados para a implementação do projeto de renovação urbana Porto Maravilha, este responsável pela expulsão de muitas pessoas originarias da área portuária do Rio de Janeiro (as pessoas tinham medo, elas não frequentavam aquela parte da cidade; ele de repente começa a se tornar um espaço de circulação, um espaço habitado). O mesmo poderia se dizer do Atelier Sanitário que, apesar de ter um histórico de presença no bairro de maior duração (no sentido do Daniel Murgel morar no bairro e de ter há anos um atelier próximo) mesmo assim abre um dialogo muito reduzido com o entorno. São escolhas pessoais que acabam por manter estes espaços reservados apenas por alguns e que dificilmente se conectam com o entorno. Os artistas também utilizam a palavra “politica” em referência aos próprios trabalhos apenas três vezes (trabalho acaba se

²⁵⁰

Yudice , 2013

tornando um espaço de criação política e ativista; forma de ser política; na minha concepção política) e “ativismo” apenas uma vez (um espaço onde tivesse uma conexão extensão e ativismo). Resistência ou o contrário, nunca foram usadas. Sem querer discordar da afirmação de uma das respostas “acredito que a melhor forma de ser política hoje em dia seja exatamente de atuar em acordo com as suas ideologias e exatamente aonde o seu braço alcança” sobrou a pergunta sobre o reconhecimento pessoal do artista do que está no alcance dos próprios trabalhos, da potência deles. Senti falta de referências às formas como as políticas culturais, e em particular a arte pública, cruza-se com os processos de reestruturação urbana, e pode influenciar/desviar eles assim como – talvez o mais grave sintoma da dificuldade de autocrítica - não teve menção das razões que movem a decisão dos artistas de intervir nestes espaços, a não ser por um interesse próprio que raramente vem sendo relacionado com um interesse coletivo.

Bibliografia

- PINDER, David. Urban Interventions: Art, Politics and Pedagogy, *International Journal of Urban and Regional Research*, Volume 32, Issue 3, pages 730–736, September 2008;
- ROSLER, Martha. The Artistic Mode of Revolution: From Gentrification to Occupation, 2012 e-flux available online <http://www.e-flux.com/journal/33/68311/the-artistic-mode-of-revolution-from-gentrification-to-occupation/> Acesso em 11/03/2017
- YUDICE, George. *A Conveniência da Cultura. Usos da Cultura na Era Global*. Belo Horizonte Editora, 2013.

Artigo disponível em:

<http://indisciplinas2016.wixsite.com/seminario>

https://drive.google.com/file/d/1Imfvub8_VO21Xnt4g7Fs16XfT7-F1_QU/view?ts=5a47cd0c

Burocco, L., 2018. Controle Criativo, um olhar crítico sobre as nossas práticas, *Indisciplinas: a arte frente ao urgente*, Anais do 4o Encontro de Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro (4: 2016: Rio de Janeiro, RJ), organização: Ivair Reinaldim e Ana Chaves. - Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes/UFRJ, 2017, pp.97,106

APPENDICE K – INVISIBLE BORDERS, JOHANNESBURG 2016



INVITATION

You are cordially invited to the opening of an art and photo exhibiton entetled:
INVISIBLE BORDERS:
Cultural Time Zones in Johannesburg and New Delhi

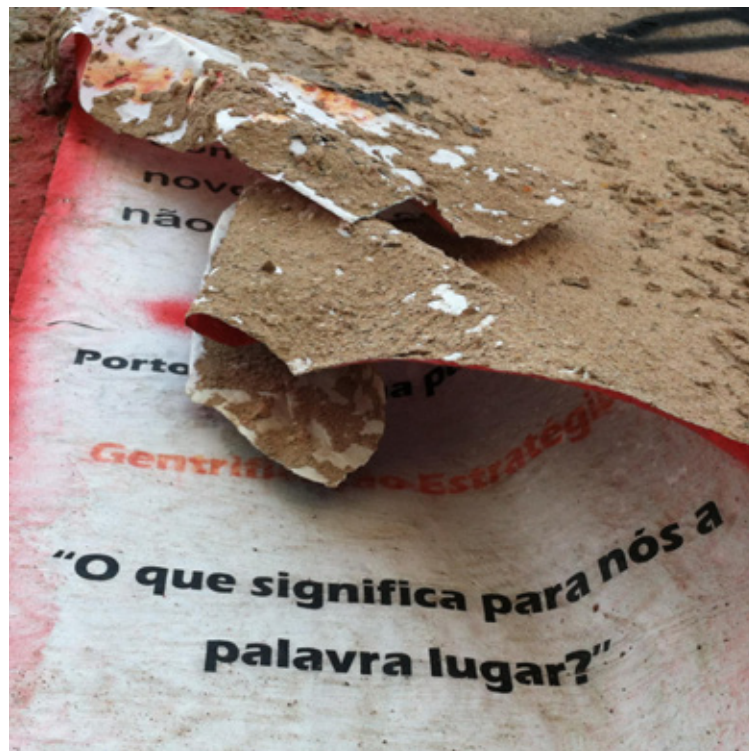
DATE AND TIME: Thursday 1 June 2017, 5-7 pm

VENUE: Centre for Indian Studies in Africa (CISA) Wits University,
36 Jorissen Street, Braamfontein

The exhibi on explores specific areas in both ci es in terms of the no on of Cultural Time Zones (CTZs), a theory of microspaces conceptualised by Dr Melissa Tandiwe Myambo, a former Fulbright-Nehru Scholar at the Centre for the Study of Developing Socie es in New Delhi, a research associate at CISA, and a 2017 Wri ng Fellow at the Johannesburg Intitute for Advanced Study (JIAS). According to Myambo, one of the objec ves of CTZ theory is to illuminate invisible barriers that enable or prevent different constituencies from accessing certain city spaces. To this end, the exhibition examines two adjacent areas in each city, one 'gentrified' and one 'ungentrified' – Maboneng and Jeppetown in Jo'burg's CBD; and Select Citywalk Mall and Khirkee Village in South Delhi. It reveals how the 'development' policies of globalising cities are creating radically different microspaces – some privileged, and some very precarious.

The artists and photographers include Nocebo Bucibo, Laura Burocco, Malini Kochupillai, Leon Krige, Mwezi Macingwane, Melissa Tandiwe Myambo, Juan Orran and Ruzza Wazzi. The image above is by Nocebo Bucibo.

Sponsored by the Johannesburg Institute for Advanced Study and the Wits City Institute.



Rio de Janeiro
Atelier Sanitario

Março 2018